"Achei que seria impossível superar o primeiro livro protagonizado por Jonathan Ransom. Estava enganado. Christopher Reich conseguiu. Esta série está decolando como um foguete."
Lee Child

Christopher Reich

autor de A TAREFA

A VINGANÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA
DO EXILADO

Christopher Reich

A VINGANÇA





O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *Rules of Vengeance*
Copyright © 2009 por Christopher Reich
Copyright da tradução © 2009 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados.
Publicado originalmente pela Doubleday, uma divisão da Random House, Inc., Nova York.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

tradução
Fernanda Abreu

preparo de originais
Cláudia Pessoa

revisão
Joana Faro, Luis Américo Costa e Tereza da Rocha
projeto gráfico e diagramação
Valéria Teixeira

capa
Raul Fernandes

Geração de ePub
Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R276v
Reich, Christopher, 1961-
A vingança [recurso digital] / Christopher Reich [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2011.
recurso digital

Tradução de: Rules of vengeance
Formato: ePUB
Requisitos do sistema: Multiplataforma
ISBN 978-85-8041-023-5

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

11-4839 CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa
05042-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para James F. Sloan,
vice-diretor assistente do Serviço Secreto dos Estados Unidos,
diretor da Rede de Combate a Crimes Financeiros,
comandante assistente para a Inteligência da
Guarda Costeira dos Estados Unidos.

Com respeito e admiração por uma vida dedicada
a servir aos Estados Unidos da América.

<REUTERS> Boletim de notícias Londres 11h38
Horário Oficial de Greenwich

Um potente carro-bomba explodiu esta manhã às 11h16, Horário Oficial de Greenwich, no distrito londrino de Westminster. As vítimas até o momento são estimadas em quatro mortos e mais de 30 feridos. Presume-se que o alvo tenha sido o ministro do Interior russo, Ivanov, que viajava em comitiva depois de uma reunião não divulgada com executivos britânicos. Ainda não se sabe se Ivanov está entre os feridos. Mais informações a qualquer momento…

Londres
Storey's Gate, Westminster
11h18, Horário Oficial de Greenwich

O MUNDO ESTAVA pegando fogo.

As chamas consumiam os carros destruídos espalhados na pista. Espirais de fumaça preta tornavam o ar irrespirável. Havia corpos por toda parte na calçada e na rua. Destroços choviam do céu.

Jonathan Ransom estava deitado sobre o capô de um carro, metade para dentro e metade para fora do para-brisa. Ao erguer a cabeça, fez uma chuva de estilhaços de vidro descer pelo seu rosto. Levou uma das mãos à bochecha e retirou-a molhada de sangue. Não conseguia ouvir nada a não ser um assobio agudo e doloroso.

Emma, pensou ele. *Você está bem?*

Sem tomar nenhum cuidado, afastou-se do para-brisa e deslizou para fora do capô. Cambaleou, com uma das mãos apoiada no carro, até conseguir equilibrar-se. Quando respirou fundo e clareou a mente, lembrou-se de tudo. A comitiva de carros pretos, a bandeira tricolor tremulando nas antenas e, então, a luz intensa, a súbita e inesperada onda de calor e a sensação libertadora de ser lançado no ar.

Foi abrindo caminho lentamente, por entre os corpos e os destroços, em direção ao cruzamento onde a vira pela última vez. Estava procurando uma mulher de cabelos ruivos e olhos verdes.

– Emma! – chamou, examinando os rostos atônitos e aterrorizados.

Havia uma cratera onde o BMW que ela dirigira através da cidade e estacionara com precisão explodira. O veículo estava a 5 metros de distância, ardendo em chamas, praticamente irreconhecível. Em frente a ele estava um dos Mercedes, ou o que restava dele. Não havia sobreviventes ali. A explosão estilhaçara as vidraças de todos os prédios, do início ao fim da rua. Através da fumaça ele pôde ver cortinas ondulando como bandeiras brancas.

Um pouco mais acima, uma loura magra emergiu do meio da fumaça, caminhando decidida em sua direção. Em uma das mãos segurava um telefone ou rádio. Na outra trazia uma pistola, apontada para ele. Ao vê-lo, a mulher gritou. Ele não conseguiu ouvir o que ela disse. Havia fumaça e confusão demais para saber se estava sozinha ou não. Pouco importava. Ela era da Polícia e estava

vindo atrás dele.

Jonathan se virou e saiu correndo.

Foi então que ouviu o grito.

Na mesma hora, parou.

Bem no meio da rua, um homem saiu cambaleando dos destroços de um sedã preto e rastejou para longe do carro em chamas. Era um dos Mercedes da comitiva. As labaredas tinham queimado o tecido que cobria suas costas, assim como a maior parte da pele. Seus cabelos estavam em chamas, que formavam um curioso halo cor de laranja em volta da cabeça.

Jonathan correu até o homem que gritava, arrancando o próprio blazer e jogando-o sobre a cabeça dele para apagar o fogo.

– Deite aí – disse com firmeza. – Não se mexa. Vou chamar uma ambulância.

– Por favor, me ajude – disse o homem enquanto se deitava na calçada.

– O senhor vai ficar bem – disse Jonathan. – Mas tem que ficar parado. – Em seguida, levantou-se procurando ajuda. Mais abaixo, viu a luz giratória de um carro da Polícia, acenou e começou a gritar. – Aqui! Preciso de ajuda médica!

Nesse exato instante, alguém o derrubou no chão. Mãos fortes puxaram seus braços para trás e o algemaram.

– Polícia! – bradou um homem junto ao seu ouvido. – Se você se mexer, está morto.

– Não toquem nele! – gritou Jonathan, debatendo-se para tentar se livrar das algemas. – Ele está com queimaduras de terceiro grau pelo corpo todo. Arrumem um poncho para cobri-lo. O ar está cheio de detritos da explosão. É preciso proteger as queimaduras, senão ele vai morrer de infecção.

– Cale essa boca! – gritou o policial, empurrando o rosto de Jonathan contra o chão.

– Qual é o seu nome? – perguntou a mulher loura ajoelhando-se ao seu lado.

– Ransom. Jonathan Ransom. Eu sou médico.

– Por que o senhor fez isso? – ela quis saber.

– Isso o quê?

– Isso. A bomba – respondeu a mulher. – Eu vi o senhor gritar com alguém lá atrás. Quem era?

– Eu não… – ele engoliu as palavras.

– Não o quê?

Jonathan não respondeu. Quase no final do quarteirão, tinha acabado de ver

uma mulher de cabelos ruivos revoltos esquivando-se da multidão. Viu-a apenas por um instante – menos, até –, porque havia policiais por toda parte e, além disso, o ar estava muito enfumaçado. Mesmo assim, ele soube.

Era Emma.

Sua mulher estava viva.

1

OS IMÓVEIS MAIS CAROS DO MUNDO ficam no distrito de Mayfair, no centro de Londres. Com pouco mais de 5 quilômetros quadrados, Mayfair faz divisa com o Hyde Park a oeste e com o Green Park ao sul. O Hotel Claridge, a sede mundial da Shell e a casa de veraneio do sultão de Brunei são separados por uma distância que pode ser percorrida a pé. Entre eles é possível encontrar muitas das marcas de luxo mais conhecidas do mundo, o único restaurante londrino com três estrelas no Guia Michelin *e um punhado de galerias de arte cujos clientes têm contas bancárias ilimitadas. No entanto, mesmo nesse enclave de riqueza e privilégio, um endereço se destaca dos demais.*

O número 1 da Park Lane, ou "One Park", como é mais conhecido, é um arranha-céu residencial de luxo localizado na esquina sudeste do Hyde Park. Inaugurado um século atrás como um modesto hotel de 10 andares, já foi, ao longo dos anos, um banco, uma revendedora de automóveis e, segundo boatos, um bordel de alta categoria para dignitários do Oriente Médio em visita. Quando o preço dos imóveis começou a subir vertiginosamente, o mesmo aconteceu com as ambições do edifício.

Hoje em dia, o One Park tem cerca de 20 andares e abriga 19 residências particulares. Cada uma delas ocupa um andar inteiro, sem contar a cobertura, que é duplex. Os preços começam em 5 mil libras, ou pouco menos de 8 mil dólares, por metro quadrado. A residência mais barata sai por 15 milhões de libras; a cobertura vale quatro vezes isso: 60 milhões de libras, ou quase 100 milhões de dólares. Os proprietários incluem um ex-primeiro-ministro britânico, um gerente de fundos de investimento americano e o suposto chefe da máfia búlgara. A piada no prédio é tentar adivinhar qual dos três é mais ladrão.

Com tanto dinheiro reunido debaixo de um mesmo teto, a segurança é uma preocupação 24 horas por dia. Em qualquer horário, dois porteiros uniformizados vigiam a portaria, uma equipe de três seguranças à paisana patrulha o terreno e dois outros ficam na sala de comando, onde passam o tempo inteiro de olho nos diversos monitores de vídeo que transmitem imagens ao vivo das 44 câmeras de circuito interno de TV do prédio.

As imponentes portas do One Park são feitas de vidro duplo blindado,

protegidas por uma grade de ferro e trancadas por uma fechadura magnética. O fabricante alemão da porta, Siegfried & Stein, garante que ela seria capaz de resistir ao impacto direto de uma granada lançada por um morteiro. As portas da frente podem até ser arrancadas das dobradiças e ir parar do outro lado da espaçosa portaria de mármore, mas, com a ajuda de Deus e de Bismarck, continuarão trancadas. Os visitantes só podem entrar depois de terem tido seus rostos examinados via circuito interno de TV e suas identidades confirmadas por um morador.

Para todos os efeitos, o One Park é impenetrável.

♦♦♦

Entrar era a parte fácil.

O intruso, codinome operacional "Alfa", estava em pé dentro do closet da suíte master do apartamento 5A, na Park Lane, número 1. Alfa conhecia o sistema de segurança do apartamento. Uma expedição prévia de reconhecimento havia revelado a presença de sensores de pressão debaixo do tapete ao longo das janelas de cada cômodo e da porta da frente, mas nada no closet. Havia outros dispositivos mais sofisticados, mas estes também podiam ser burlados.

O intruso passou direto ao closet e acendeu o interruptor. Parecia um palácio. Uma sapateira ocupava a parede do fundo, e ao lado havia uma bandeira enrolada com a cruz de São Jorge e duas espingardas Holland & Holland. As roupas do proprietário estavam penduradas em uma das paredes laterais. Não havia roupas de mulher à vista. O apartamento pertencia a um homem solteiro.

À esquerda viam-se pilhas de revistas amareladas, jornais amarrados com barbante e envelopes de papel pardo: o bricabraque meticulosamente acumulado de um acadêmico dedicado. À direita, uma cômoda de mogno exibia várias fotografias em porta-retratos de prata de lei. Uma delas mostrava um homem atlético, de cabelos castanho-claros, roupa de caça e uma espingarda debaixo do braço, conversando com a rainha Elizabeth II, em trajes igualmente esportivos. O intruso reconheceu na foto o dono do apartamento. Era lorde Robert Russell, filho único do duque de Suffolk, o nobre mais rico da Inglaterra, com uma fortuna avaliada em 5 bilhões de libras.

Alfa não tinha ido até ali roubar o dinheiro de Russell, e sim retirar algo infinitamente mais valioso.

O intruso se ajoelhou e retirou um pacote fino de dentro de uma bolsa. Usando a unha do polegar, rasgou o invólucro de plástico. Com habilidade, Alfa desdobrou um macacão de cor metálica e o vestiu. Teve o cuidado de fazer com

que o macacão cobrisse cada centímetro quadrado de pele exposta. Um capuz descia por cima das sobrancelhas e subia pela mandíbula para cobrir o nariz e a boca. O macacão era feito de um material chamado Mylar, muitas vezes usado para cobertores de emergência. Tinha sido fabricado com uma única finalidade: impedir a perda de calor do corpo.

Depois de se certificar de que o macacão de Mylar estava bem colocado, o intruso tirou da bolsa um par de óculos de visão noturna e os posicionou em frente ao rosto de forma confortável, novamente tendo o cuidado de cobrir o máximo de pele possível. Por último, calçou um par de luvas.

Alfa abriu uma fresta da porta do closet. A suíte master estava às escuras. Uma olhada em volta revelou um sensor térmico preso ao teto ao lado da porta. Do tamanho de um maço de cigarros, o sensor emitia raios infravermelhos passivos, capazes de detectar ínfimas oscilações na temperatura do cômodo devidas à passagem de corpos humanos pelo espaço protegido. A sensibilidade do alarme podia ser calibrada para permitir que um gato ou um cão pequeno circulasse livremente pelo local sem dispará-lo, mas Robert Russell não tinha animais de estimação. Além disso, por causa de sua profissão, era um homem naturalmente cauteloso e paranoico. Sabia muito bem que o trabalho que vinha fazendo o havia tornado impopular em determinados círculos. Sabia também que, se o passado podia servir de indicação, sua vida estava correndo perigo. Os sensores deviam estar calibrados para detectar o mais ínfimo sinal de qualquer intruso.

Mesmo com o macacão térmico, ainda não era seguro entrar no quarto. Robert Russell havia equipado seu apartamento com um sistema de segurança duplo. O sensor térmico era o primeiro mecanismo. O segundo era um transmissor de micro-ondas que utilizava o princípio de um radar Doppler para fazer as ondas sonoras repercutirem nas paredes. Qualquer perturbação no padrão das ondas sonoras ativaria o alarme.

Um exame do quarto não foi capaz de detectar o transmissor.

Nesse exato instante, uma voz soou no fone de ouvido de Alfa.

– Ele está deixando o alvo. Você tem oito minutos.

– Correto.

Alfa saiu do closet e andou rapidamente até a porta do quarto. Nenhum alarme disparou. Nenhuma sirene. Nenhuma campainha. Não havia transmissor de micro-ondas dentro da suíte. A porta do quarto estava entreaberta, deixando ver claramente um corredor e a área social. Dedos protegidos por luvas aumentaram quatro vezes a potência dos óculos de visão noturna. Estes

precisaram de 15 segundos para localizar o diodo vermelho feito um rubi, bem no alto da parede do hall, que indicava a localização do transmissor. Não havia como desativá-lo. A solução era enganá-lo e fazê-lo achar que estava operando normalmente.

Tirando de dentro do macacão uma pistola em miniatura, Alfa mirou com cuidado no diodo e atirou. A pistola não disparava balas – pelo menos não no sentido convencional da palavra. Em vez disso, disparava um projétil subsônico que continha um composto de epóxi cristalino. Fabricado para se achatar com o impacto, o epóxi bloquearia com eficácia as ondas sonoras e as refletiria de volta para o transmissor. Ainda assim, durante menos de um segundo, as ondas sonoras seriam perturbadas. O alarme iria disparar.

Mas seria só isso.

O aspecto mais incrível e mais arrogante daquele alarme duplo era a necessidade de os dois mecanismos dispararem ao mesmo tempo para acioná-lo. Se o sensor térmico detectasse um aumento da temperatura, iria checar se o sensor de movimento havia registrado uma perturbação similar nas ondas Doppler. Da mesma forma, caso o sensor de movimento Doppler fosse perturbado, checaria se o sensor térmico acusara um aumento da temperatura do cômodo. Se em qualquer um dos casos a resposta fosse negativa, o alarme não seria acionado. O objetivo dessa redundância não era tornar o cômodo mais seguro, e sim impedir a possibilidade de um alarme falso. Ninguém jamais havia considerado possível enganar os dois sistemas ao mesmo tempo.

O projétil atingiu o alvo em cheio. O diodo cor de rubi desapareceu. O cômodo estava liberado.

Alfa verificou o tempo. Seis minutos e 30 segundos.

Dentro da sala, foi preciso dobrar o tapete junto às paredes. Os sensores de pressão estavam localizados conforme a indicação do diagrama. Um na frente de cada janela de pé-direito alto com vista para o Hyde Park e o terceiro em frente à porta de correr que abria para a varanda. Cada um deles levou um minuto para ser desativado. Havia outro sensor junto à porta do quarto, mas Alfa não deu atenção a isso. Suas rotas de entrada e de fuga eram as mesmas.

Quatro minutos.

Agora livre para andar pelo apartamento, o intruso foi direto para o escritório de Russell. Alfa já tinha visitado o apartamento antes e fizera questão de decorar a planta. Uma elegante escrivaninha de aço inox ocupava o centro do cômodo. Sobre ela havia três monitores de cristal líquido dispostos lado a lado. Um

monitor bem maior, com cerca de 96 polegadas, estava pendurado na parede logo à sua frente.

Alfa direcionou uma lâmpada halógena para o espaço debaixo da escrivaninha. A unidade central de processamento do computador estava no chão, bem lá no fundo. Não havia tempo para analisar o conteúdo, apenas para destruí-lo. Alfa retirou da bolsa um pequeno aparelho eletrônico e passou-o várias vezes por cima da CPU de Russell. O aparelho emitia uma pulsação magnética muito forte, apagando todos os dados.

Infelizmente, as informações também estavam armazenadas em um local mais permanente: o inestimável cérebro de Robert Russell.

– Ele está entrando na garagem – anunciou a voz no fone de ouvido.

Eram 2h18.

– Está tudo certo – disse Alfa. – Sumam daqui.

– Nos vemos no lugar combinado.

Sobre a escrivaninha havia um monitor integrado sensível ao toque que controlava as funções automáticas do apartamento. Com um toque, Russell podia ligar a TV, abrir e fechar as cortinas ou ajustar a temperatura. Havia uma outra função mais interessante. Se você tocasse o botão de segurança, a tela se dividia em quatro partes, cada qual com a imagem de uma das câmeras do circuito interno do prédio. O quadrante superior esquerdo mostrou Robert Russell descendo do carro, um Aston Martin DB12. Um instante depois, Russell apareceu entrando no saguão do subsolo. Alguns segundos se passaram e ele adentrou o quadrante inferior esquerdo, dessa vez dentro do elevador. Aos 30 anos, era alto e esbelto, com uma basta cabeleira loura muito clara que atraía olhares aonde quer que fosse. Vestia uma calça jeans, uma camisa de colarinho aberto e um blazer. Em algum momento, no passado, havia obtido a faixa preta no jiu-jítsu. Era um homem perigoso sob todos os aspectos.

Ele saiu do elevador e, no instante seguinte, apareceu no último quadrante, em pé no vão privativo de seu apartamento, pressionando a chave eletrônica e o polegar contra a fechadura biométrica.

Alfa foi até a cozinha e abriu o congelador. Na prateleira de cima havia duas garrafas de vodca envoltas em cilindros de gelo. "Żubrówka", dizia o rótulo, uma vodca polonesa feita com uma erva aromática. O sabor da vodca era quente e aveludado.

Os trincos da porta da frente se abriram. Os saltos dos sapatos de Robert Russell estalaram no piso de mármore. O intruso tirou o gorro, abriu o zíper do

macacão e aguardou. O disfarce não era mais necessário. Era fundamental que Russell não ficasse assustado. Seu chaveiro continha um botão de pânico que acionava o alarme.

Russell entrou na cozinha.

– Nossa, que susto você me deu! – exclamou ele.

– Oi, Robbie. Quer uma bebida?

O sorriso de Russell sumiu rapidamente quando os fatos se organizaram em sua mente afiada feito uma navalha.

– Espere aí, como foi que você entrou aqui?

Ele mal havia terminado de pronunciar as palavras quando o intruso cujo codinome operacional era Alfa golpeou-lhe o crânio com a garrafa de vodca envolta em sua capa de gelo. Russell caiu de quatro e o chaveiro saiu deslizando pelo chão. O golpe o deixou tonto, mas não inconsciente. Antes que ele pudesse pedir ajuda, Alfa montou em cima dele com uma perna de cada lado do corpo, segurou seu maxilar com uma das mãos, os cabelos com a outra e torceu sua cabeça para a esquerda com violência.

O pescoço de Russell se partiu feito um galho podre. Ele caiu no chão, flácido.

Alfa precisou usar toda a sua força para arrastar o corpo pelo chão da sala até a varanda. Passou os braços de Russell por cima do parapeito, depois segurou as pernas dele, ergueu o peso morto até o outro lado e o soltou.

Ela não esperou para ver lorde Robert Henley Russell estatelar-se nos degraus de granito 35 metros abaixo.

2

O VOO 99 DA KENYA AIRWAYS, VINDO DE NAIRÓBI, no Quênia, pousou no Aeroporto de Heathrow, em Londres, às 6h11, horário de verão na Grã-Bretanha. Oficialmente, havia 280 passageiros e 16 tripulantes a bordo do Airbus A340. Na verdade, o número era bem superior a 300, com uma dúzia de crianças empilhadas no colo das mães e um punhado de passageiros acomodados nos assentos dobráveis reservados aos atendentes.

Sentado na fileira 43, Jonathan Ransom verificou o relógio e mudou de posição, sentindo-se desconfortável. O tempo de voo havia sido de exatas nove horas, 30 minutos mais curto do que o previsto. A maioria dos passageiros achava ótimo chegar antes. Isso significava que iriam escapar do horário do rush para entrar na cidade ou conseguir começar mais cedo o dia de passeios turísticos. Jonathan não era um deles. Durante a semana toda, as decolagens do Aeroporto Internacional Jomo Kenyatta haviam atrasado muito por causa da greve dos controladores de voo locais. O voo da véspera pousara em Londres com seis horas de atraso. No dia anterior, fora cancelado. No entanto, aquele avião estava chegando antes do horário previsto. Ele não tinha certeza se aquilo era sorte ou outra coisa; uma coisa à qual não queria dar nome.

Eu não deveria ter vindo, disse a si mesmo. *Estava seguro onde estava. Deveria ter sido esperto e permanecido fora de vista.*

Mas Jonathan nunca havia se esquivado de uma responsabilidade na vida e não estava disposto a começar agora. Além do mais, bem lá no fundo ele sabia que, se quisessem encontrá-lo, não havia lugar suficientemente distante, não havia um ponto no globo terrestre remoto o bastante onde ele pudesse se esconder.

Jonathan Ransom tinha quase 1,90m de altura. Vestido com calça jeans, camisa de cambraia e um par de botinas, tinha uma aparência esbelta e atlética. Seu rosto estava muito bronzeado depois de meses trabalhando sob o sol do equador. O mesmo sol havia feito seus lábios racharem e coberto seu nariz de sardas cor-de-rosa. Seus cabelos estavam cortados bem curtos, como os de um soldado, e os fios eram entremeados de cinza. Tinha um nariz forte, bem desenhado, que chamava atenção para os olhos escuros. Com a barba por fazer havia dois dias, poderia passar por italiano ou grego. Um palpite mais ousado

poderia identificá-lo como um sul-americano de ascendência europeia. Ele não era nenhuma dessas opções. Era americano, nascido 38 anos antes em Annapolis, Maryland, em uma tradicional família sulista. Mesmo naquela cadeira estreita, parecia controlar o espaço que ocupava em vez de deixar que este o controlasse.

Para acalmar os nervos, Jonathan juntou os vários artigos e revistas que trouxera para se preparar para o congresso de medicina e guardou-os na pasta. A maioria tinha títulos como "Diagnóstico e prevenção de infecção tropical" ou "Hepatite C na África subsaariana: um estudo clínico", e havia sido escrita por médicos renomados em universidades de prestígio. O último estava impresso em papel branco simples e trazia seu próprio nome sob o título. "Tratamento de doenças parasitárias em pacientes pediátricos", escrito pelo Dr. Jonathan Ransom, membro do Colégio Norte-Americano de Medicina e da Médicos sem Fronteiras. Em vez do endereço de um hospital, citava o local de seu trabalho atual: Campo de Refugiados da ONU número 18, Lago Turkana, Quênia.

Fazia oito anos que Jonathan trabalhava para a Médicos sem Fronteiras, a organização de ajuda humanitária que se dedica a fornecer auxílio médico a regiões em crise. Já havia exercido suas habilidades na Libéria e em Darfur, no Kosovo e no Iraque, além de meia dúzia de outros lugares. Nos últimos seis meses, vinha ocupando o cargo de médico responsável no campo de Turkana, fronteira da Etiópia com o Quênia. A população atual do campo ultrapassava 100 mil pessoas. A maioria vinha do chamado Chifre da África, famílias refugiadas de regiões castigadas pela guerra na Somália e Etiópia. Sendo um dos seis médicos do campo, e o único cirurgião certificado, ele passava seu tempo cuidando de tudo, desde tornozelos quebrados até ferimentos a bala. Nesse ano, porém, sua maior glória estava em outra área da medicina: ele havia realizado o parto de 100 bebês em 140 dias, sem perder nenhum.

Em algum ponto desse caminho, Jonathan havia se especializado em doenças parasitárias. Com a comunidade internacional cada vez mais atenta aos problemas de doenças e pobreza nos países em desenvolvimento, os médicos com experiência "na linha de frente" estavam subitamente em voga. No início da primavera, ele havia sido convidado pela Associação Internacional de Medicina Interna (AIMI) para apresentar um artigo sobre o assunto em seu congresso anual. Não gostava de falar em público, mas mesmo assim havia aceitado. O tema merecia ser mais bem explorado, e a oportunidade de falar diante de uma plateia tão influente era rara. Tratava-se de uma obrigação da qual ele não podia se esquivar. A AIMI tinha pagado sua passagem, marcado o voo e providenciado a hospedagem. Durante alguns dias, ele teria uma cama de verdade para dormir,

com lençóis limpos e colchão firme. Sorriu. Naquele momento, essa perspectiva tinha lá o seu charme.

Foi então que Jonathan viu a escolta policial e seu coração fez o que qualquer coração faz quando não se consegue respirar e se fica paralisado do pescoço para baixo.

Dois Land Rovers nas cores azul e branca pertencentes à Autoridade Aeroportuária Britânica encostaram ao lado da aeronave, com as luzes giratórias acesas. Em pouco tempo, dois outros veículos se juntaram a eles. Jonathan pressionou as costas no assento. Já tinha visto o bastante.

Emma, chamou em silêncio, com o coração cada vez mais acelerado. *Eles vieram me buscar.*

◆◆◆

– Eles estarão vigiando você. Você não vai ver. Se forem bons, nunca vai sequer perceber. Mas não se engane: eles estarão lá. Não baixe a guarda. Jamais.

Emma Ransom olhou para Jonathan do outro lado da mesa. Seus cabelos ruivos despenteados caíam sobre os ombros, e as chamas da lareira faiscavam em seus olhos verdes. Ela estava usando um cardigã creme. Uma tipoia prendia seu braço esquerdo ao tronco para imobilizar o ombro e permitir que o ferimento a bala cicatrizasse.

Era final de fevereiro – cinco meses antes da viagem de Jonathan a Londres –, e os dois haviam passado três dias escondidos em uma cabana que servia de abrigo de escalada, bem no alto da montanha acima da cidadezinha de Grimentz, no cantão suíço de Wallis. A cabana era o esconderijo de Emma, sua saída de emergência para quando as coisas ficavam perigosas demais.

– Quem são "eles"? – perguntou Jonathan.

– A Divisão. Eles têm gente por toda parte. Pode ser um médico com quem você trabalha há algum tempo ou alguém que está só de passagem. Um inspetor da ONU ou um chefe da Organização Mundial de Saúde. Você sabe. Gente como eu.

A Divisão era uma agência secreta, administrada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, onde Emma trabalhara. A Divisão era responsável pelas mais secretas das operações secretas. Clandestinas. Passíveis de serem negadas. E, o melhor de tudo, sem a supervisão do Congresso. Não era uma agência coletora de informa ções de inteligência per se. Seus membros não eram espiões, mas agentes infiltrados em países estrangeiros para realizar objetivos considerados fundamentais para a segurança norte-americana ou para a proteção de seus

interesses pelo mundo afora. Esses objetivos podiam envolver a manipulação de um processo político por meio de extorsão, suborno ou adulteração de resultados, a destruição de alguma organização geopolítica sensível ou simplesmente o assassinato de uma pessoa importante.

Todos os agentes da Divisão trabalhavam altamente disfarçados. Todos assumiam identidades falsas. Todos tinham passaportes internacionais. As operações mais curtas duravam seis meses. As mais complexas podiam durar dois anos ou mais. Antes de os agentes serem mandados para fora do país, todos os cuidados eram tomados para construir uma lenda meticulosamente documentada. Caso um agente fosse pego ou desmascarado, os Estados Unidos negavam qualquer vínculo com esse indivíduo e não tomavam qualquer medida para garantir sua liberação.

– E o que eu faço, então? – perguntou Jonathan. – Passo os próximos 20 anos aqui nas montanhas?

– Vá tocando a sua vida. Finja que eu morri. Me esqueça.

Jonathan pousou a xícara de chá.

– Não vai dar – disse ele.

– Você não tem escolha.

Ele segurou a mão dela.

– Você está errada. Eu tenho escolha, sim, e você também. Podemos ir embora daqui juntos. Voltar para a África, ou então ir para a Indonésia, ou… Ah, sei lá… Mas podemos ir para algum lugar. Algum lugar bem longe onde eles não vão pensar em procurar.

– Esse lugar não existe – sussurrou Emma. – O mundo ficou pequeno demais. Não existem mais cantinhos isolados onde alguém possa simplesmente fechar a cortina e desaparecer. Todos esses lugares já foram descobertos, possuem webcams e alguém na fila para construir um resort cinco estrelas. Será que você não entende, Jonathan? Se houvesse algum jeito de nós ficarmos juntos, eu me jogaria para pegá-lo. Também não quero deixar você. Na semana passada, quando sumi naquela fenda na montanha, não foi só você que me perdeu. Eu também perdi você. Não sabia se um dia iria tornar a vê-lo. Você tem que acreditar em mim. Se quisermos continuar vivos, não temos alternativa a não ser nos separarmos.

– Mas…

– Nada de "mas". É assim que tem de ser e pronto.

Jonathan começou a protestar e Emma levou um dedo aos seus lábios.

– Escute. Aconteça o que acontecer, você não pode entrar em contato comigo

até eu dizer que está tudo bem. Por mais que sinta saudades de mim, por mais que tenha certeza de que ninguém está vigiando você e de que a situação é segura, não pode nem pensar em fazer isso. Sei que vai ser difícil, mas você precisa confiar em mim.

– E se eu tentar?

– Eles vão saber. E vão me encontrar primeiro.

Dez dias antes, Jonathan e Emma tinham chegado à Suíça para umas merecidas férias. Alpinistas experientes, tinham decidido escalar o Furka, um pico situado a meio caminho entre as cidadezinhas de Arosa e Davos. A escalada terminou em tragédia quando uma violenta tempestade os surpreendeu na montanha e Emma caiu ao descer uma encosta íngreme. Jonathan descera da montanha pensando que sua mulher tinha morrido. No dia seguinte, recebeu uma carta endereçada a ela. O conteúdo da carta destrancava uma porta para o seu passado secreto. Ele poderia tê-la ignorado, mas não teria sido uma atitude típica dele. Por princípio, ele sempre evitava o caminho mais fácil. Em vez disso, partiu para explorar o mundo oculto de Emma, ansioso para descobrir a verdade que ela mantinha escondida desde o dia em que os dois haviam se conhecido.

Sua busca terminara no alto de uma colina nos arredores de Zurique, com quatro homens mortos e Emma ferida.

Isso acontecera três dias atrás.

Jonathan apertou a mão da mulher e ela retribuiu o aperto. Ele não pôde negar o afeto naquele toque. Mas seria amor? Ou seria hábito?

De repente, ela se levantou e deu uma volta pelo interior da cabana.

– Você tem comida suficiente para uma semana. Aguente firme aqui. Ninguém sabe que este lugar existe. Quando for embora, aja como se eu tivesse morrido. É assim e pronto. Enfie isso na sua cabeça. Use o seu passaporte americano. Volte ao trabalho. Aceite qualquer missão que eles lhe derem.

– E a Divisão? Você não acha que eles vão se importar?

– Como eu disse, eles vão estar de olho. Mas não precisa se preocupar. Você é amador. Eles não vão perturbá-lo.

– E se perturbarem?

Emma parou de andar e seus ombros se tensionaram. A resposta era óbvia.

– É a mim que eles querem.

– Mas quando vou vê-la de novo?

– Difícil dizer. Tenho que ver se consigo ajeitar as coisas.

– E se não conseguir?

Emma o encarou, com um sorriso triste curvando seus lábios para baixo. Era o seu código para "não me faça mais perguntas".

– Você tem que me dizer algo mais que isso – disse ele.

– Eu queria poder dizer, Jonathan. Queria mesmo.

Com um suspiro, ela jogou a mochila em cima da cama e começou a enfiar suas coisas lá dentro. Aquela visão o deixou em pânico. Jonathan se levantou e caminhou na sua direção.

– Você não pode ir embora ainda – disse ele, tentando assumir sua voz profissional. O médico aconselhando a paciente, em vez de o marido lamentando a morte da mulher. – Não deveria nem estar mexendo esse ombro. Pode reabrir a ferida.

– Você não estava ligando tanto para isso aproximadamente uma hora atrás.

– Aquilo foi… – Jonathan não completou a frase. Sua mulher estava sorrindo, mas era só fachada. Pela primeira vez ele foi capaz de ver através da máscara. – Emma – disse ele. – Faz só três dias.

– Pois é – disse ela. – Foi besteira minha esperar tanto.

♦♦♦

Ele ficou olhando enquanto ela arrumava a mochila. Estava escuro do lado de fora. Havia começado a nevar. Sob o luar niquelado, os flocos de neve pareciam frágeis como vidro.

Emma suspendeu a mochila sobre o ombro são e andou até a porta. Não haveria beijo nem despedida demorada. Ela segurou a maçaneta da porta e falou sem olhar para trás.

– Quero que você se lembre de uma coisa – disse.

– De quê?

– De que eu voltei por sua causa.

♦♦♦

O avião taxiou até o portão de desembarque. As luzes da cabine piscaram quando a aeronave passou a usar a energia auxiliar. Os passageiros se levantaram e abriram os compartimentos de bagagem junto ao teto. Em poucos segundos, a cabine se transformou em um torvelinho de atividades. Jonathan permaneceu sentado, de olho nos carros da Polícia estacionados perpendicularmente ao aparelho. Ninguém podia ir a lugar nenhum ainda, disse ele a si mesmo. Desafivelou o cinto, enfiou a bolsa debaixo do assento à sua frente e posicionou

os pés para poder se levantar depressa. Seus olhos corriam de um lado para o outro dos corredores, buscando em vão uma rota de fuga.

– Senhoras e senhores, aqui é o comandante. Por favor, queiram retornar aos seus assentos. Agentes da Polícia vão subir a bordo para tratar de assuntos referentes ao governo de Sua Majestade. Os corredores devem ser totalmente desobstruídos.

Com um gemido coletivo, os passageiros tornaram a se sentar.

Em seu assento na fileira 43, Jonathan se inclinou para a frente, com os músculos tensos. Viu o primeiro dos policiais poucos segundos depois. Estava à paisana e era seguido por três agentes uniformizados usando coletes à prova de balas e pistolas em coldres bem em cima do quadril, muito aparentes. Foram avançando agressivamente pelo corredor, direto na sua direção. Nenhum sorriso ou pedido de desculpas. Jonathan se perguntou o que pretendiam fazer com ele; se seria interrogado por autoridades britânicas ou se os americanos haviam feito algum acordo para que ele lhes fosse entregue. De toda forma, o desfecho era previsível. Ele seria "desaparecido".

Decidiu protestar, nem que fosse apenas para que as outras pessoas vissem. Precisava deixar algum indício de que havia resistido.

Quando o agente à paisana se aproximou, Jonathan ficou em pé.

– Você aí – rugiu o policial, apontando para Jonathan com o walkie-talkie. – Sentado! Agora!

Jonathan começou a avançar em direção ao corredor. Não iria se sentar. Iria brigar. Sabia que iria perder, mas isso não tinha a menor importância.

– Eu disse para sentar – repetiu o policial. – Por favor, senhor – acrescentou ele com uma voz educada. – Nós já vamos descer da aeronave e o senhor vai poder sair.

Jonathan tornou a afundar em seu assento enquanto a fila de policiais passava por ele. Virando a cabeça, viu-os interpelar um africano com a barba recém-feita, sentado na última fileira da classe econômica. O suspeito protestou, balançando a cabeça e gesticulando muito. Ouviu-se um berro, uma confusão, um grito agudo de mulher e, então, tudo terminou. O homem se levantou com as mãos erguidas acima da cabeça, fazendo o gesto de quem se rende.

Jonathan viu que era um indivíduo baixinho, curvado como um tronco de árvore velha, usando um pesado suéter de lã quente demais para o verão da Inglaterra. O suspeito falava suaíli, ou então algum dialeto do Kikuyu. Jonathan não precisava entender a língua para saber que estava dizendo que aquilo era um

erro. Ele não era o homem que procuravam. De repente, o acusado esticou o braço para pegar suas malas no compartimento junto ao teto. Um agente uniformizado gritou e derrubou-o no chão.

Num instante o africano foi algemado e conduzido para fora do avião.

– Aposto que ele é terrorista – disse a senhora idosa sentada ao lado de Jonathan. – Basta olhar para ele. É óbvio.

– Eu não saberia dizer.

– Hoje em dia todo cuidado é pouco – acrescentou a mulher, enfática, em uma preleção para seu ingênuo colega de assento. – Temos todos que ficar de olho. Nunca se sabe ao lado de quem vamos sentar.

Jonathan meneou a cabeça, concordando.

3

AQUILO SE CHAMAVA O QUARTO NEGRO, e era um dos centros de operações especiais administrados pelo Serviço de Imigração de Sua Majestade no Aeroporto de Heathrow, em Londres. O QN4 – Quarto Negro do Terminal 4 – ficava em um escritório abafado, de pé-direito baixo, logo acima do saguão de desembarque do Terminal 4. Agentes da Imigração estavam sentados diante de um painel de controle que ocupava todo o comprimento do aposento. Uma infinidade de monitores de vídeo estava disposta na parede à frente deles. Câmeras de circuito interno posicionadas no teto e escondidas atrás de espelhos falsos filmavam os passageiros que aguardavam o controle de passaportes. Uma conexão wireless ligava o QN4 aos oficiais que verificavam os passaportes.

O aeroporto mais movimentado do mundo, Heathrow recebia 68 milhões de viajantes através de seus portões a cada ano, chegando ou partindo para 180 destinos na Grã-Bretanha e no exterior. Dez milhões eram chegadas internacionais, o equivalente em média a 27 mil pessoas ingressando no país diariamente. O trabalho do Serviço de Imigração era processar essas chegadas, prestando atenção para detectar aqueles com inclinação para o crime e negar-lhes o acesso ao Reino Unido.

Sentados diante do painel de controle, homens e mulheres manipulavam as câmeras de circuito interno, percorrendo meticulosamente cada qual a sua fila, tirando fotos de cada passageiro que chegava. A fotografia era inserida no software especial de identificação facial do Serviço de Imigração e comparada com uma base de dados de infratores conhecidos. Em caso de resposta positiva, o suspeito – ou a suspeita – era abordado por algum dos cerca de 12 agentes da Imigração à paisana espalhados pelo saguão e conduzido a uma sala reservada, onde era submetido a um interrogatório e onde as autoridades tomavam uma decisão quanto a seu status.

As mesmas câmeras eram equipadas com uma série de scanners invasivos que mediam a temperatura corporal das pessoas, seus batimentos cardíacos e ritmo respiratório, assim como um programa de imagens ainda confidencial, capaz de detectar tiques faciais para identificar sinais característicos invisíveis a olho nu. Todas essas informações eram inseridas em um programa chamado MALINTENT, "má intenção", que avaliava com uma taxa de acerto de 94% se o

indivíduo tinha ou não intenções criminosas.

– Tem um aqui que parece quente – disse o agente que ocupava o posto três do painel.

Um supervisor se aproximou.

– Quem?

O agente lhe mostrou a imagem de um homem branco de pele bronzeada e cabelos curtos em pé diante do guichê de verificação de passaportes.

– Jonathan Ransom. Americano. Veio de Nairóbi, pela Kenya Airways.

– Quente até que ponto?

– A temperatura dele está em 37,5ºC. Respiração alterada, com um ritmo cardíaco de 84 batidas por minuto. Os indicadores faciais acusam seis sobre dez. Está limítrofe.

– Algum registro dele?

A leitura do código de barras do passaporte de Ransom havia transmitido as informações contidas na faixa de segurança biométrica do documento para a base de dados nacional de segurança pública da Grã-Bretanha, que continha criminosos procurados e "pessoas dignas de interesse", bem como para bases de dados semelhantes da Interpol, dos países membros da União Europeia, dos Estados Unidos, da Austrália, do Canadá e de uma dúzia de outros países simpatizantes da causa.

– Nenhum no Reino Unido.

– E nos Estados Unidos?

– Ainda aguardando.

O nome de Ransom e o número de seu passaporte foram enviados para a base de dados nacional de criminosos do FBI, onde foram comparados a uma lista contendo os nomes de suspeitos de terrorismo, pessoas procuradas pela Polícia e qualquer um com ficha criminal.

– Parece um cara decente – comentou o supervisor, estudando a imagem de Ransom no monitor. – Provavelmente está estressado por causa daquela prisão a bordo. Quem era aquele sujeito que os caras da CT levaram, aliás?

CT era a sigla para contraterrorismo, ultimamente o componente mais importante da London Metropolitan Police, a Polícia londrina, cujo efetivo incluía cerca de 5 mil pessoas, entre agentes e pessoal de apoio.

– Um chefão da Al-Qaeda, parece. Comandante regional ou algo do tipo. – O agente demonstrou surpresa à medida que a informação solicitada começava a chegar. – Chegou alguma coisa da Interpol. Ransom teve um mandado de prisão

emitido contra ele seis meses atrás pela Polícia Federal da Suíça.

– Por que motivo?

– Assassinato de dois policiais. Mas é meio esquisito. Aqui diz que o mandado foi anulado seis dias depois.

– Só isso?

– "Sem mais informações" – leu o agente, girando na cadeira e olhando para seu superior à espera de novas instruções.

– Me conecte – disse o supervisor, colocando um fone de ouvido. – Vamos escutar um pouco.

O agente ativou um microfone na lapela do oficial encarregado de verificar o passaporte e o áudio começou a ser emitido pelo fone de ouvido do supervisor.

– Dr. Ransom, não é? – disse o inspetor com aparente desinteresse. – Está no Reino Unido a trabalho ou a lazer?

– Vou participar de uma conferência de medicina no Hotel Dorchester. Não sei se isso é trabalho ou lazer.

– Eu diria que entra na categoria trabalho. Vai ficar muito tempo?

– Três dias.

– Não vai aproveitar para fazer turismo?

– Quem sabe da próxima vez?

– E vai ficar o tempo todo em Londres?

– Sim, no Dorchester.

– Qual é o seu próximo destino?

– Vou voltar para o Quênia.

– É lá que o senhor mora, então?

– Atualmente, sim.

O inspetor folheou o passaporte.

– Serra Leoa, Líbano, Sudão, Bósnia, Suíça. – Encarou Jonathan. – Visitou muitos lugares, hein?

– Vou aonde o meu trabalho me leva.

– O que o senhor disse mesmo que faz?

– Sou médico.

– O último que atende em casa, pelo visto. Só mais algumas perguntas e vai poder ir embora. Tem sentido algum mal-estar ultimamente?

◆◆◆

Dentro do Quarto Negro 4, o supervisor tirou o fone de ouvido.

– Alguma coisa dos americanos?

– Ransom faz parte de algum tipo de lista diplomática. Se ele embarcar em algum avião para os Estados Unidos, temos que notificar uma agência em Washington. Aqui tem um telefone.

– E o mandado de prisão suíço?

– Nada. O que acha? Ele é algum tipo de espião?

– Não sei, mas está na hora de nós mesmos descobrirmos. Vamos chamar o doutor para um "E aí, como vai?". A sala 7 está livre?

– Deixem ele em paz.

Era uma voz nova. Um barítono firme, com um sotaque norte-americano do Meio-Atlântico, que não admitia ser contrariado. Todas as cabeças se viraram para os fundos da sala.

– Deixem ele ir – disse o americano. Seu nome era Paul Gordon e ele fora para o Reino Unido como parte do Programa de Assistência à Imigração, chefiado pela Agência de Proteção Alfandegária de Fronteiras do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos.

– Deixar ele ir? – indagou o supervisor. – Por quê? O senhor conhece esse homem?

– Deixem ele ir e pronto. – Gordon deu um sorriso forçado. – Por favor.

– Tem certeza?

– Tenho, sim.

– Tudo bem, então. – O supervisor chamou o inspetor no saguão pelo rádio. – Nenhum interesse por aqui. Pode deixar ele ir.

Paul Gordon ficou olhando para o monitor enquanto Ransom pegava sua bolsa e se encaminhava para o saguão das esteiras de bagagem. Aguardou um tempo razoável, depois saiu da sala, desceu um lance de escadas e abriu uma porta sem nada escrito que dava para o lado de fora. Verificou que estava com o celular e que havia sinal, então acionou a discagem rápida e apertou a tecla 1. Uma voz de homem grogue de sono atendeu.

– Alô.

– Desculpe acordá-lo, mas um velho amigo seu acabou de aterrissar em Londres – disse Paul Gordon.

– Quem?

– Dr. Jonathan Ransom.

– Meu Deus.
– Pois é, achei que você fosse querer saber.

4

– Divisão de homicídios.

A inspetora-chefe Kate Ford, da London Metropolitan Police, mostrou sua credencial para o agente uniformizado de guarda na entrada do número 1 da Park Lane.

– Estou procurando o inspetor Laxton.

– Bom dia, chefe – respondeu o agente. – Ele está lá dentro falando com o porteiro do prédio. Vou chamá-lo para a senhora.

– Faça isso. – Enquanto entrava com o carro no acesso circular, Kate fez uma rápida avaliação visual da cena do crime. Meia dúzia de agentes uniformizados cercavam o perímetro, impedindo que pedestres e corredores se demorassem. Uma fita de segurança azul e branca isolava a extremidade norte do acesso e a escada que conduzia ao prédio. Um lençol cobria o cadáver, mas nada fora feito para limpar o sangue. Era assim que devia ser, pensou ela enquanto parava o carro e desligava o motor. Tudo parecia estar sob controle.

Pelo relógio do painel, eram 5h45. Kate virou o retrovisor em direção ao próprio rosto e efetuou um diagnóstico de cinco segundos. Maquiagem o.k., cabelo no lugar, olhar alerta. *Seu primeiro dia de volta*, disse ela a si mesma. *Faça com que seja importante.*

Ela abriu a porta e desceu do carro. Havia uma ambulância estacionada alguns metros adiante. Seus ocupantes estavam recostados na lataria, fumando e rindo.

– Isto aqui é uma cena de crime, não um pub na sexta-feira à noite – disse ela. – Um homem morreu aqui. Tenham mais respeito. – Ela arrancou um cigarro da boca do mais gordo e jogou-o no chão. – Entrem na ambulância e aguardem o nosso chamado.

O motorista encolheu o queixo junto ao pescoço.

– Sim, senhora.

Katherine Elizabeth Ford tinha 37 anos, era alta, loura e magérrima. Usava blazer azul-marinho, blusa branca e uma calça com o vinco bem marcado. Ao atravessar a área de acesso, pareceu ganhar não apenas velocidade, mas também decisão. *Parece um tubarão se aproximando da presa*, dissera alguém certa vez no escritório da Divisão. *É, mas um tubarão tem senso de humor*, fora a resposta. Seu

rosto era cheio de ângulos, nariz reto feito uma régua, maxilar contraído aguardando as provações do dia que tinha pela frente, olhos azuis estreitos como seteiras. Ela sabia que tinha a postura ereta demais, que andava depressa demais e que não ria alto o suficiente das piadas dos rapazes. Mas aquele era o seu jeito e os outros que se danassem se não entendessem.

– Oi, Katie!

Um homem esbelto de cabelos cor de prata saiu do prédio. Com um elegante terno cinza e uma gravata cor de pérola, estava vestido de forma excessivamente elegante para um inspetor de Polícia de plantão no turno da noite. Ao descer rapidamente a escada, manteve uma das mãos junto à cabeça para proteger os cabelos da agitada brisa matinal. *Senhor, dai-me forças*, pensou Kate ao levantar a mão para cumprimentá-lo. *Está cedo demais para Kenny Galã.*

– Oi, Ken – disse ela, forçando um sorriso. – Que situação, hein?

O inspetor Ken Laxton, da Equipe de Avaliação de Homicídios, apertou a mão de Kate e meneou a cabeça em direção ao cadáver.

– O infeliz precisava cair bem na escada, não é? Errou por apenas 3 metros um trecho de grama que teria sido perfeito. – Ele riu bem alto da própria piada.

– De onde ele caiu? – perguntou Kate sem achar graça.

Laxton apontou para uma varanda a meia altura do prédio.

– Quinto andar. Acho que ele pulou, simples assim. O apartamento estava trancado. O alarme estava ligado. É uma fechadura biométrica. Precisa da impressão digital do polegar e de um código. O lugar é do tamanho do Palácio de Buckingham.

– Algum parente? Mulher? Filhos?

– Ele era solteiro. Parece que cansou de ficar sozinho e resolveu dar um fim nos próprios dias.

– Então você acha que foi suicídio – disse Kate. – Muito bem. Ele deixou algum bilhete?

– Não encontramos nada. – Laxton deu de ombros. – Como eu disse, ele era solteiro. Não tinha mulher. Nem filhos. Só mesmo os pais.

Kate pensou sobre isso. A grande maioria dos suicidas deixava algum tipo de mensagem. Ela havia aprendido que não importava muito para quem escreviam, o importante era se despedir.

– Você comentou que o pai dele é o duque de Suffolk? Aquele ricaço?

– É, o ricaço de 5 bilhões de libras. Metade do Covent Garden e metade do West End pertencem a ele. Nosso lorde Russell aqui era o único herdeiro.

Desculpe acordar você, mas com esse título eu não queria que nada saísse errado.

Como agente responsável pela Equipe de Avaliação de Homicídios, Laxton era o primeiro inspetor convocado à cena de uma morte ou de um suicídio suspeito. Seu trabalho era conduzir uma investigação preliminar e decidir convocar ou não a Divisão de Homicídios.

– Sem problemas. Você fez a coisa certa.

Laxton começou a dizer alguma coisa, mas engoliu as palavras.

– Então você ficou boa? – perguntou depois de alguns instantes.

– Melhor do que nova.

– Está com uma cara ótima – disse ele, com uma sinceridade superficial como uma camada de tinta. – Fiquei triste com o que aconteceu com Billy. Nós todos ficamos.

Billy era o tenente William Donovan, noivo de Kate, e também seu superior hierárquico na Met. Um mês antes, uma prisão importante tinha saído errado quando o suspeito abrira fogo contra os policiais. Billy fora baleado no peito e morrera antes de cair no chão. Kate levara dois tiros no baixo ventre. Era isso e pronto, mas ela não queria pensar nesse assunto agora.

– Pelo menos foi rápido – continuou Laxton. – Quer dizer, ele não sofreu. Mesmo assim deve ter sido um susto. Lá está você batendo na porta, certa de que já pegou o sujeito. De que já está com a cara dele grudada na parede. E um segundo depois o cara começa a atirar como em um filme de bangue-bangue. Não se culpe, Kate. Ninguém sabia que ele tinha antecedentes. Como é que você iria saber?

Kate encarou Laxton. *Você quer que eu chore, seu pavão exibido*?, disse ela a si mesma. *Bom, eu sinto muito, mas vou desapontá-lo.*

– O que é que este daqui fazia? – perguntou ela, apontando para o corpo a seus pés.

Ken Laxton franziu o cenho.

– Ninguém por aqui sabe. Ele entrava e saía em qualquer horário. Aparentemente era um cara sério. Não era um daqueles fanfarrões que passa a vida gastando os milhões que tem.

– Leia o protocolo para mim.

Laxton consultou o bloco de anotações.

– A ligação foi feita às 2h45. Um dos moradores ouviu o impacto do corpo. Uma senhora do segundo andar. Uma daquelas princesas sauditas. Disse que pensou que fosse uma bomba. A Al-Qaeda chegando ao Hyde Park. A delegacia

de Mayfair mandou uma viatura. O carro chegou à cena às 2h55. Encontraram o corpo. O porteiro identificou.

– Mais alguma coisa?

– O porteiro disse que Russell entrou no prédio pela garagem e subiu direto para o apartamento. Não se passaram mais de 10 minutos antes de ele cair. Ele estivera na casa dos pais para o jantar de domingo.

– Ele jantava lá sempre?

– Religiosamente, segundo o porteiro. Saía todo domingo às 18h30.

– Tinha alguém com ele quando voltou?

– Segundo o porteiro, não. Ele acompanhou Russell pelo circuito interno de TV enquanto entrava no elevador e depois subia para o apartamento. Tem certeza de que Russell estava sozinho.

Kate fez uma anotação mental para entrevistar o porteiro pessoalmente.

– Meio tarde para chegar da casa dos pais, não?

– Vai ver que o duque gosta de jantar à meia-noite.

– Pode ser – disse Kate. – O porteiro reparou se Russell estava agindo de algum jeito estranho? Bêbado? Alegre? Desanimado?

– O porteiro não falou com ele.

– É, não falou. Mas você disse que quem avisou foi outra moradora. E o porteiro? Ele não viu nada? Enfim, Russell praticamente aterrissou na frente do nariz dele.

– Estava escuro demais. Você sabe que não dá para ver nada do lado de fora de um quarto iluminado. É a mesma coisa.

– E o barulho?

– O porteiro estava com um iPod – disse Laxton. – Na minha opinião, ele disse a verdade, apesar de eu ter sentido um cheiro estranho no hálito dele.

– Imagino que não tenha sido de Plax.

– Não, estava mais para uns golinhos de uísque.

Kate encarou Laxton.

– Não seria a primeira vez que alguém toma um drinque durante o expediente.

Laxton corou, mas não fez nenhum comentário. Dois anos antes, tinha sido suspenso por beber no trabalho depois que o carro que dirigia subiu na calçada e quase atropelou duas pedestres, mãe e filha. O incidente havia custado a Laxton uma promoção a inspetor-chefe e impedido qualquer outro avanço na

corporação. Kate conhecia todos os detalhes. O agente responsável pela arbitragem do caso tinha sido o tenente William Donovan.

– Então é isso? – perguntou ela.

– O caso é todo seu – disse Laxton. – Pode dar uma olhada, mas tenho certeza de que é só uma formalidade. Russell tem algum tipo de sistema de segurança no apartamento. Sensores de movimento, de pressão, de temperatura. Não há a menor hipótese de alguém ter entrado lá para agredir o cara. Pode acreditar em mim, Katie. Eu sei reconhecer um suicida.

– Entendido, Ken. Obrigada.

– Vou ficar mais um tempinho por aqui, caso você precise de mim – disse Laxton, girando nos calcanhares.

– Você não termina o plantão às 7?

– Não tem problema. Fico feliz em ajudar.

De repente, Kate se deu conta do motivo pelo qual ele estava ainda mais bem vestido do que de costume. A morte de Russell com certeza iria atrair grande atenção da mídia, e Kenny Galã queria seus 15 minutos de fama. Provavelmente já tinha calculado como o fato de sair no jornal lhe permitiria cair novamente nas graças da Met e ter outra chance de ser promovido.

– Não vai ser necessário – disse Kate.

– Sério, eu posso ficar. Você pode precisar de alguma ajuda.

– Posso cuidar de tudo daqui em diante. Vejo você na delegacia.

Laxton franziu o cenho, então se afastou contrariado.

– Ei, Ken! – chamou ela. – De quem é aquele Rover azul? – Ela apontou para um Land Rover azul-marinho, quatro portas, estacionado ao lado da ambulância. Não havia nenhum outro carro particular do lado de dentro do cordão policial.

– Não sei. Já estava aí quando chegamos.

Laxton voltou para seu carro pisando duro. O vento aumentou, bagunçando seus cabelos. Dessa vez, Kenny Galã não tentou contê-los.

Kate voltou para o próprio carro e pegou uma caixa de luvas de látex no banco de trás.

– Investigador Cleak – chamou ela enquanto calçava as luvas. – São 6h07 agora. Por favor, anote que, a partir deste horário, nós assumimos oficialmente a investigação.

– Sim, chefe.

Reginald Cleak seguiu em seu encalço. Meio careca, atarracado e dono de um senso de humor sem limites, Cleak, 35 anos, era um veterano da Met e braço

direito de Kate. Ao longo dos anos, os dois haviam trabalhado juntos em casos de fraude, crime cibernético e, mais recentemente, na Flying Squad, a força-tarefa de elite encarregada de caçar e capturar assaltantes à mão armada.

Cleak segurava um bloco de notas em uma das mãos e uma caneta na outra. O bloco era oficialmente conhecido como "registro de decisões". Era tarefa do investigador Cleak acompanhar Kate na cena do crime e registrar todas as ordens, observações e instruções que ela desse. Havia dois motivos para isso: em primeiro lugar, por menos provável que fosse, se lorde Russell tivesse sido assassinado, e se um dia esse assassinato fosse levado aos tribunais, o registro de decisões serviria para acompanhar, minuto a minuto, cada passo da investigação. Em segundo lugar, depois de concluídos a investigação e o julgamento, o registro seria submetido a uma análise cuidadosa pelo Comitê de Verificação de Homicídios.

– A vítima é Robert Russell. Uns 30 anos de idade. Causa da morte: traumatismo violento ocasionado por uma queda do quinto andar de seu prédio na Park Lane, número 1, em Londres. – Kate se ajoelhou. – Vamos olhar mais de perto, então – disse. – Pode fazer as honras, investigador Cleak.

Cleak retirou o lençol.

Russell estava deitado de bruços, com o pescoço obviamente quebrado, a cabeça virada de forma grotesca para um dos lados. Parecia ter aterrissado de cabeça. Havia muito sangue, mas isso não incomodou Kate. Ela já vira coisa pior.

O homem morto vestia blazer azul, calça jeans e camisa de colarinho. A força do impacto havia feito seus sapatos e objetos pessoais voarem até o outro lado da área de acesso. Kate observou que os braços dele estavam ao longo do tronco, com as palmas viradas para cima. Levantou seu pulso esquerdo. O cristal do Rolex estava estilhaçado.

Que estranho, pensou ela.

Por mais decididos que estivessem, os suicidas quase sempre erguiam as mãos para aparar a queda. O instinto de sobrevivência era difícil de controlar. Para o relógio de Russell ter batido no degrau daquele jeito, seus braços teriam de estar relaxados, possivelmente pendendo junto ao corpo. Passou-lhe pela cabeça que Russell talvez estivesse sentado no parapeito da varanda e por algum motivo tivesse pegado no sono. Nos alojamentos universitários, os casos de alunos bêbados que adormeciam e caíam das janelas eram bastante frequentes.

Kate sugeriu essa hipótese a Cleak. Este balançou a cabeça como se ela fosse idiota.

– Olhe para o parapeito. Mal tem largura suficiente para alguém apoiar o cotovelo.

– É, você provavelmente tem razão.

Kate tornou a prestar atenção no corpo. Foi então que reparou em um galo proeminente bem no cocuruto de Russell. Afastou os grossos cabelos louros. O couro cabeludo estava inchado, como se alguém tivesse enfiado uma bola de golfe debaixo da pele. Em poucos instantes, seus olhos passaram do Rolex estilhaçado de Russell para a varanda e voltaram a examinar o grotesco calombo no couro cabeludo do morto. Era evidente que em algum momento, fosse durante ou antes da queda, Robert Russell havia sido golpeado na cabeça.

– Que interessante – sussurrou ela quase para si mesma.

– O que disse, chefe? – perguntou Cleak.

– Não tem nada abaixo da varanda de Russell. Quer dizer, nenhum terraço, nenhuma jardineira, nada.

– E daí?

– Recolha os pertences de lorde Russell – disse Kate, não com um sussurro, mas com a voz clara e competente de um investigador sênior da Divisão de Homicídios. – Vamos precisar da carteira e do celular dele. E não se esqueça de esvaziar todos os bolsos. Liste tudo. Mesmo que seja um lenço de papel sujo. Depois descubra onde estão todas as câmeras de TV de circuito interno em um raio de 50 metros. Tenho certeza de que alguma delas estava apontada para a escada. E passe um pente fino no parque também. Sei que estava escuro, mas quem sabe os rapazes do laboratório conseguem descobrir alguma coisa. Ponha os porteiros em salas separadas. Quero falar com os dois. Ah, e ligue para a empresa do alarme. Descubra a que horas Russell entrou em casa ontem à noite. Quero o minuto exato.

– Sim, chefe.

Kate se levantou e tirou as luvas.

– Declaro oficialmente este local a cena de um crime.

5

– Mãos nos bolsos, senhoras e senhores.

Kate Ford abriu a porta do apartamento de lorde Robert Russell, seguida pelo investigador Cleak e por vários agentes da Divisão de Criminalística. Deu uma olhada no pé-direito alto e nos amplos cômodos com vista para o Hyde Park e assobiou.

– Nada mal para um apê de solteiro.

– Só um tiquinho mais bacana do que Lambeth Walk – comentou Cleak, sarcástico.

– Se tocarem em alguma coisa, é para lá que vou mandar vocês. – Kate examinou os trincos encaixados no batente da porta. Um deles funcionava na vertical, o outro na horizontal. Havia um sensor biométrico embutido na parede, abaixo de um teclado alfanumérico e de um monitor de vídeo onde eram exibidos os rostos de todos os visitantes. – Quem será que ele estava tentando manter afastado? – perguntou ela a Cleak. – Eu imaginava que três porteiros de plantão dia e noite e aquele portão medieval lá embaixo seriam suficientes.

Cleak apontou para o sensor de infravermelho posicionado bem no alto de uma das paredes.

– E não é só isso. Ele tem um sistema sofisticadíssimo dentro do apartamento, também. – Nesse exato instante, seu celular tocou e ele se afastou para atender. – Era a empresa de segurança – disse depois de desligar. – O alarme foi acionado às 18h30. Não há nenhum registro de atividade até a hora que Russell chegou da casa dos pais. Ele desarmou o sistema às 2h41min39s e tornou a armar às 2h41min48s.

– E caiu antes das 2h45 – disse Kate. – O que quer que tenha acontecido, aconteceu rápido.

Entraram na sala. Kate abriu a porta de correr de vidro e saiu para a varanda. Observou que o parapeito era fino e feito de metal, certamente estreito demais para que um homem do tamanho de Russell conseguisse sentar nele. Olhando para baixo, ela confirmou que nada se destacava na fachada do prédio em que ele pudesse ter esbarrado ao despencar em direção à morte. De onde ela olhava, parecia que o corpo na verdade havia se aproximado um pouco do prédio ao

cair.

Kate tornou a entrar na sala. Além do dinheiro, Robert Russell também compartilhava o gosto dos pais. O apartamento parecia ter sido mobiliado em 1909, não em 2009. Muito chintz e móveis de estofado florido, muitos tapetes orientais, muitas cadeiras Luís XV. Havia um tapete de pele de zebra sob a mesa da sala de jantar, uma presa de elefante esculpida vinda do Raj e até mesmo um quadro a óleo mostrando o navio *HMS Victory* à espera da armada francesa e espanhola na costa do cabo Trafalgar. Ela havia voltado no tempo. Aquilo ali era a Inglaterra no auge do Império.

Entrou na cozinha, que era moderna, bem equipada e continha o fogão Viking com o qual ela sonhava e uma geladeira da marca Sub-Zero grande o suficiente para comportar metade de um boi. Uma porta de vaivém conduzia a uma sala de jantar formal, que por sua vez dava para um corredor. No meio dele ficava a porta do quarto de Russell. O estilo era o mesmo: piso de madeira, cama de baldaquino, cortinas fechadas, um óleo de Russell adolescente vestido com um uniforme de rúgbi, com as bochechas coradas por causa do exercício. A cama estava feita com esmero, e um buquê de flores frescas despontava de um vaso sobre a mesa lateral. Ela abriu o closet e deu uma olhada lá dentro: uma fileira de ternos escuros pendurados em ordem perfeita, com 2,5 centímetros entre cada um; uma pilha de camisas lavadas e passadas em cima da cômoda; cerca de 20 pares de sapatos engraxados organizados em uma sapateira feita sob medida.

– Olhe só, Reg, ele tem um lugar especial para os sapatos. Você tem uma estante dessas assim em casa?

Cleak enfiou a cabeça dentro do closet.

– Um legítimo Imelda Marcos. Eu? Eu tenho meu sapato de trabalho, um par de tênis e um sapato de festa. Cabem todos muito bem debaixo da minha cama, obrigado.

Kate pegou um dos pares. Uma etiqueta no interior dizia: "Fabricado por John Lobb, Ltd. para R. H. Russell, marquês de Henley". Ela emitiu um assobio baixo.

– Nosso lorde tem título de nobreza. Marquês de Henley.

Nesse instante, um membro da equipe de criminalística entrou apressado no quarto.

– Venham até o final do corredor – disse ele. – Encontramos o centro de comando de Russell.

– Como assim, centro de comando? – indagou Kate.

– A senhora vai ver – foi a resposta.

◆◆◆

Era um cômodo futurista. Se o resto do apartamento vivia no século XIX, o escritório de Russell, ou seu "centro de comando", como havia sido apropriadamente apelidado, vinha diretamente do século XXI. O piso era de travertino. As paredes, revestidas de painéis feitos de algum tipo de madeira clara e reluzente. Uma comprida escrivaninha de aço inox ocupava o centro do aposento, e sobre ela havia três monitores finos. Mais impressionante era a imensa tela de vídeo embutida na parede da frente. A tela media pelo menos 2 metros na diagonal. A iluminação vinha de lâmpadas halógenas embutidas no teto. Assim como o resto do apartamento de Russell, o escritório estava meticulosamente limpo, obsessivamente, até.

De cada lado da escrivaninha havia pilhas de papéis muito bem arrumadas.

– Horários dos trens da Victoria Station – disse Cleak, apontando para um folheto. – Este outro é uma "Previsão da produção mundial de petróleo".

Kate folheou várias das pilhas. Alguns papéis eram documentos baixados de sites internacionais de notícias, outros eram relatórios de empresas impressos em papel cuchê, e outros ainda pareciam ter sido digitados pelo próprio Russell. Os temas iam de padrões climáticos na Antártida a alguma coisa sobre um novo quartel-general das forças armadas em Moscou, passando por algum tipo de baboseira matemática sobre taxas de decomposição subatômica. Ela chegou até a encontrar um exemplar da *Constabulary*, a revista mensal "escrita por policiais para policiais". Perguntou-se quem haveria dado aquilo a Russell.

– Alguém sabe qual era a profissão dele? – perguntou Kate.

– Na minha opinião, algum tipo de analista ou pesquisador – respondeu Cleak.

– Sim, mas que tipo? – Ela se sentou à escrivaninha de Russell e abriu a gaveta. – Reg – disse, com a voz agora dura feito sílex. – É melhor você ver isto aqui.

Cleak espiou por cima do seu ombro.

– Que beleza. E do último modelo.

Dentro da gaveta havia uma pistola semiautomática de aço cinza e ao seu lado uma caixa de munição.

– Beretta? – perguntou Kate.

– Browning – respondeu Cleak, que anos antes havia servido na Guarda da Rainha. – Modelo padrão do Exército. Dez balas no pente, uma na câmara. Não

tem muito alcance, é verdade, mas é bem potente quando usada de perto. – Ele pegou a pistola pelo cano e cheirou o interior. – Faz algum tempo que não é disparada.

– Por que você imagina que Russell precisava de uma arma assim?

– Pelo mesmo motivo que precisava dos trincos na porta e do sistema de alarme digno de *Guerra nas estrelas*. O homem tinha inimigos.

– Quero repassar os vídeos de segurança do apartamento nas últimas 72 horas. Externos e internos. Alguém estava esperando Russell dentro do apartamento quando ele chegou em casa ontem à noite. Ele não arrumou aquele galo batendo com a cabeça no batente da porta. Com certeza tem alguma imagem do assassino em algum lugar dentro do prédio.

– Sim, chefe.

– Mande transferir o corpo para o laboratório do legista. Diga a eles que quero um exame preliminar concluído antes do almoço. Quero saber exatamente até que ponto aquele golpe na cabeça afetou Russell.

Cleak aquiesceu, listando cada uma das instruções no bloquinho. Enquanto escrevia, emitiu um ruído de sucção não muito discreto. Parou de repente, consciente de que Kate o estava observando.

– Dois sisos inclusos. Posso esperar seis meses para ser atendido por um dentista do governo ou então gastar mil libras para ir a um dentista particular em Harley Street. – Ele sacudiu a cabeça. – Minha mulher está decidida a passar o Natal em Belém, Palestina. Então vou ter que esperar, certo?

– Eu posso emprestar o dinheiro para você. Tenho bastante. O seguro do Billy saiu. Tenho que gastar com alguma coisa.

– Não quero nem ouvir falar nisso – disse Cleak em um tom que significava que era o fim daquela conversa. Ele abriu um pacote de chicletes e pôs dois na boca. – Isso vai me aliviar por algum tempo.

Kate aquiesceu, depois tornou a se virar para a escrivaninha de Russell e puxou o teclado mais para perto de si. Apertou a tecla "Enter" pensando que o PC estivesse em stand-by. Hoje em dia ninguém mais desliga os computadores. A tela continuou preta. Ela tentou de novo, depois reiniciou a CPU. Por fim, o monitor ganhou vida. Dúzias de ícones apareceram indicando vários arquivos, mas os títulos estavam todos embaralhados: letras, símbolos, arabescos.

– O que é isso? – perguntou.

– O disco rígido foi desfragmentado – disse um dos peritos. – A senhora se importa se eu tentar?

O especialista tomou o lugar de Kate e começou a teclar.

– Está tudo corrompido. Vocês vão ter que mandar a máquina para o laboratório, mas mesmo assim não acho que vão ter muita sorte.

– E o backup? – perguntou Kate.

– Estragado também. Alguém fez isso de propósito. Dois sistemas independentes não falham sozinhos. O HD, tudo bem, mas o backup, não. Na minha opinião, alguém passou um ímã bem forte por cima dos dois drives. É como passar todos os seus documentos por um triturador de papel ao mesmo tempo, só que pior. Não estraga só os dados armazenados: estraga também o disco rígido que contém os dados. É mais ou menos como enfiar uma granada dentro do computador e detonar.

Nesse exato instante, a grande TV de tela plana embutida na parede ganhou vida. Kate olhou para o teclado, imaginando se de alguma forma poderia tê-la ativado digitando.

– Pensei que você tivesse dito que o computador estava quebrado.

– Sshh! – disse Cleak.

A atividade no escritório cessou enquanto todos os olhos se concentravam na tela, onde uma mulher jovem estava sentada em um quarto mal iluminado olhando para a câmera. Não era muito bonita e estava mal-ajambrada, com os cabelos castanhos na altura dos ombros embaraçados e despenteados, e usava óculos de armação de metal e um suéter preto de gola em V.

– Que porcari…? – Kate olhou por cima do ombro.

– É um *feed* em tempo real – disse o perito em informática. – Está chegando por uma conexão DSL. Deve ser independente do equipamento do Russell.

– Ela está nos vendo?

– Não sei. O resto do computador do Russell está quebrado. Imagino que a câmera também esteja.

– Rob, você está aí? – perguntou a mulher. – São sete horas. Sei que estou adiantada, mas eu tinha que falar com você. Por que não está atendendo o telefone? – Ela olhou para o lado, depois tornou a olhar para a câmera. – Você está aí? Não estou vendo nada. Sua câmera não está ligada? – Em seguida fez uma pausa, esperando a resposta, e por alguns instantes todos dentro do escritório, Kate, Reg Cleak e os peritos, prenderam a respiração rezando para ela não interromper a conexão.

– Me digam que estamos com o celular do Russell – sussurrou Kate.

Cleak fez que não com a cabeça, sem tirar os olhos da TV.

– Ainda não. Ele não estava com o telefone quando caiu. Ninguém viu o celular no prédio.

– Droga.

Na tela, a mulher inspirou e sua atitude se tornou mais dura.

– Mischa está em Londres – disse ela, aproximando-se da câmera como quem confia um segredo. – Está todo mundo indo para aí. Tudo muito sigiloso. Algum tipo de visita secreta para combinar um novo protocolo de segurança. É só uma reunião, depois todo mundo volta para casa. Desculpe, mas não consegui descobrir onde vai ser. Não sei o que você disse, mas eles devem ter ficado mesmo com medo. Só Deus sabe que você já esteve certo sobre esse tipo de coisa antes. Robbie, eu estou com medo. Os upgrades de que você falou levam meses para ser implementados. Sete dias não dão nem para descobrir por onde começar. Tem certeza de que vai ser tão cedo assim?

De fora da imagem da câmera ouviu-se um grito de fazer gelar o sangue. A mulher lançou um olhar para a direita.

– Que diabo foi isso? – perguntou Cleak. – Acha que ela está correndo algum tipo de perigo?

O grito ficou mais alto. Kate chegou mais perto da tela.

– Não faço ideia.

A mulher se levantou da cadeira e desapareceu da tela. Voltou 10 segundos depois trazendo no colo um bebê aos prantos.

– Olhe aí qual é o perigo – disse Kate.

Na tela, a mulher continuou?

– Me ligue para dizer se você conseguiu entender aquela história de Victoria Bear. Não faço ideia do que seu amigo estava falando. Perguntei para todo mundo que conheço e continuei sem saber. Diga a ele que já está na hora de ele aprender a falar inglês direito. Já faz tempo suficiente que está aqui. Victoria Bear. Ele provavelmente deu um jeito de estragar a história toda. Enfim, não estou conseguindo entender nada.

O bebê continuava chorando e a mulher o embalou delicadamente.

– Me ligue se souber de mais alguma coisa – disse ela. – Quer dizer, será que eu tenho que ir embora ou alguma coisa assim? Só me prometa que vai tomar cuidado. E me ligue. Não esqueça!

A tela ficou preta.

– Que diabo foi isso? – perguntou Cleak, cruzando os braços. – Por acaso a Mary Poppins acabou de nos avisar sobre um ataque iminente?

– Não tenho certeza – disse Kate.

– Bom, ela certamente tem. Sete dias, disse ela, e parecia apavorada.

Kate se virou para o perito em informática.

– Consegue descobrir onde ela está? Não ligo para quem tiver de atropelar. Só me diga se é possível.

– Possível é – respondeu o técnico. – Mas não é certo. Primeiro precisamos saber qual o provedor da conexão a cabo do Russell. Depois é uma questão de rastrear a transmissão de trás para a frente até a origem. Tudo deixa rastro. Feito João e Maria com as migalhas de pão. O problema é que, se alguém não quiser que você siga o rastro, existem várias maneiras de engolir as migalhas.

Kate chamou Cleak.

– Encontre os pais do Russell e pergunte a eles sobre a profissão do filho e se ele por acaso tem namorada, ou se eles por acaso têm algum neto, aliás. Mas vá com calma. Eles acabaram de receber a notícia. Ah, e Reg, pergunte a que horas o Russell saiu da casa deles depois do jantar.

Enquanto esperava, Kate folheou alguns outros documentos que estavam sobre a mesa de Russell. Havia títulos como "Democracia na Estônia", "Código aberto para as forças armadas" e uma pilha inteira dedicada ao time de futebol do Arsenal, baseado no norte de Londres. *Ele é um espião*, pensou insanamente ela. *Um espião fã de futebol*. Mas que tipo de espião se comunicava com donas de casa de cabelos sem graça com filhos recém-nascidos?

Dez minutos depois, Reg Cleak tornou a entrar no escritório.

– Russell saiu da casa dos pais em Windsor às 23h30. Logo depois dos melhores momentos do futebol na BBC2.

– Às 23h30? – Kate passou a mão pela nuca. – São quase três horas sem explicação, portanto. Talvez ele tenha ido a uma boate, daquelas que abrem no domingo à noite, ou quem sabe foi visitar algum amigo. De toda forma, eu quero saber. O carro dele está na garagem. Mande a placa para a VVA. Peça a eles que ponham a placa no sistema para ver se encontram alguma coisa.

VVA era a sigla da Vigilância Visual de Automóveis, uma divisão da London Metropolitan Police responsável por monitorar milhares de câmeras de circuito interno posicionadas dentro de Londres e nos arredores da cidade. Um software avançado escaneava o fluxo de imagens a cada três segundos, identificando as placas de cada carro que passava e armazenando-as em uma base de dados temporária por cinco dias. Pesquisando uma placa específica em um determinado intervalo de tempo, era possível rastrear os movimentos de um

carro, de câmera em câmera, durante seu trajeto pela cidade.

– Vou pedir que alguns dos rapazes cuidem disso lá na delegacia – disse Cleak.

– Alguma coisa sobre a mulher?

– Nada. Russell é solteiro. Os pais não sabem nada sobre namorada alguma.

– Temos que encontrar essa mulher, Reg. Ela é nossa prioridade máxima.

Cleak aquiesceu, sem parar de anotar no bloquinho.

– E o que foi que o duque de Suffolk falou sobre o trabalho do filho? – perguntou Kate.

– Ele é professor – disse Cleak. – Leciona no Christ Church College, em Oxford.

– Um professor universitário com uma Browning semiautomática dentro da gaveta? Ele leciona o quê? Tiro ao alvo?

– História. O duque fez questão de me dizer que o filho se graduou em Oxford.

– Com certeza estamos todos devidamente impressionados. O duque disse em que o filho se especializou?

– Ah, disse, sim. – Cleak pegou a pistola e a admirou. – O tema dele era a Rússia.

6

– Como foi que ele chegou a Londres sem a gente saber, droga? – perguntou Frank Connor, o diretor interino recém-nomeado da Divisão, enquanto estudava a fotografia de Jonathan Ransom tirada no Terminal 4 de desembarque do Aeroporto de Heathrow, exatamente três horas antes. – Pelas últimas informações que você me deu, ele ainda estava naquele campo perdido no meio do Quênia.

– Isso. Campo de Refugiados de Turkana.

– Ele não está com uma cara muito boa, não é? Não sei como alguém consegue sobreviver naquele inferno. Quanto tempo faz que ele está lá? Cinco meses?

– Ele chegou ao Quênia no final de fevereiro – respondeu Peter Erskine, subordinado imediato de Connor. – Desde então não saiu de lá. Teve malária dois meses atrás. Perdeu 10 quilos.

– Qual foi a última notícia que tivemos dele?

– Faz uma semana. Um dos nossos contatos na Save the Children disse que o viu no campo.

– Save the Children? "Salvem as Crianças"? – Connor enrubesceu de raiva. – Quem é que vamos usar daqui a pouco? A Fundação Faça um Pedido?

Ele jogou a foto em cima do dossiê Ransom, uma pasta lotada com 10 centímetros de espessura. O material dentro dela cobria oito anos, desde a primeira missão de Ransom na Libéria. Mas Jonathan Ransom não tinha nenhuma relação com a Divisão. Jamais tinha recebido um contracheque do governo norte-americano. Na verdade, até cinco meses antes, ele não fazia ideia de que estava trabalhando para o governo dos Estados Unidos. Ransom era o que os profissionais do ramo chamam de marionete, um indivíduo manipulado para trabalhar para o governo sem ter consciência disso. Frank Connor tinha outro nome para eles: *patetas*.

Com um suspiro, Connor tirou os óculos de lentes bifocais e levantou-se da cadeira. Faria 58 anos dali a um mês, e às 4h38 daquela bela manhã de verão, horário da costa leste dos Estados Unidos, estava sentindo todo o peso da sua idade. Quatro meses haviam transcorrido desde que ele fora nomeado diretor

interino da Divisão, e esses meses tinham sido os mais difíceis e os mais frustrantes de sua vida.

A Divisão havia sido criada antes do 11 de Setembro, depois do fracasso da CIA em encontrar e punir os responsáveis pelos atentados às Torres Khobar na Arábia Saudita e às embaixadas norte-americanas em Nairóbi e Dar-es-Salaam, bem como por vários outros ataques a interesses norte-americanos no exterior. Os membros mais exaltados do Pentágono ficaram incomodados e ávidos por vingança. Argumentavam que a CIA havia amolecido, que havia se transformado em uma organização de burocratas que se contentavam em se esconder atrás das escrivaninhas. Em vez de trabalhar para obter fontes de informação de carne e osso dentro de territórios hostis, eles ficavam satisfeitos em esperar o próximo download de imagens de satélite para estudar sob o microscópio. A CIA não tinha um só espião de verdade que valesse qualquer coisa em nenhum dos lugares perigosos do mundo e fazia mais de 10 anos que não montava uma operação clandestina bem-sucedida.

Em suma, o trabalho de coletar dados de inteligência não podia mais ficar exclusivamente a cargo dos agentes secretos de Langley.

Era a vez do Pentágono.

As forças armadas norte-americanas tinham a experiência e os recursos necessários para colocar em campo homens capazes de assumir a ofensiva na guerra mundial contra o terrorismo, conhecidos nas diretrizes e documentos de fachada como GWOT – *global war on terror* –, nome tão feio quanto a praga que pretendiam erradicar. "Proativo" era a palavra de ordem, e o ex-presidente gostava de seu som. Depois disso, bastou uma única Diretriz Presidencial de Segurança Nacional para a Divisão ser criada. Um animal tão secreto quanto furtivo, para obedecer às suas ordens, e apenas às suas ordens.

Os primeiros sucessos da Divisão não demoraram a surgir. O assassinato de um general bósnio procurado por genocídio. A morte calculada de um chefe das drogas colombiano e o desmantelamento de suas redes. O rapto, interrogatório e posterior execução de vários chefões da Al-Qaeda no Iraque e no Paquistão. Eram todas vitórias importantes e a reputação da Divisão colheu seus frutos. O vulto de suas operações aumentou. Mais dinheiro. Mais agentes. Mais liberdade para navegar as correntes movediças do submundo. Os objetivos deixaram de ser apenas táticos para se tornar também políticos. Tirar um ator ruim do palco já não bastava. Era preciso levar em conta fatores ideológicos. A promoção da democracia no Líbano e o pontapé inicial da Revolução Laranja na Ucrânia eram apenas dois exemplos.

Mas sucesso gerava arrogância. Não mais contente em implementar políticas, a Divisão começou a criá-las. "Proativo" adquiriu um novo significado. Era uma repetição do teorema de Acton: o poder corrompe; o poder absoluto corrompe de forma absoluta. Foi inevitável: a Divisão deu um passo além do que devia.

Seis meses antes, na Suíça, um plano para fomentar a guerra entre Irã e Israel foi frustrado na última hora por um agente da Divisão que havia se rebelado, e um incidente internacional foi evitado por pouco. Por trás de portas fechadas, o presidente foi obrigado a admitir o envolvimento dos Estados Unidos. Parte de sua penitência foi a redução drástica das atribuições da Divisão. Seus agentes foram chamados de volta, seus escritórios foram retirados de dentro do Pentágono. O orçamento da Divisão foi cortado pela metade e seus funcionários foram demitidos. O golpe de misericórdia foi quando se decidiu que, dali em diante, seria preciso uma autorização do Congresso para montar qualquer operação.

Aos olhos da comunidade de inteligência, a Divisão havia sido castrada. Espalhou-se o boato de que era apenas uma questão de tempo para que fosse totalmente fechada. Enquanto isso, a Divisão precisava de um diretor temporário. E, dessa vez, ele não seria um membro das forças armadas.

Frank Connor se encaixava como uma luva no cargo. Ele não era um soldado profissional. Na verdade, nunca havia usado o uniforme de seu país. O mais perto que chegara de disparar uma arma fora ao soltar bombinhas no 4 de Julho quando era adolescente. Mas não havia engano possível: ele era um guerreiro. Após 30 anos frequentando os cantos mais escuros da burocracia de Washington, desenvolvera habilidades de sobrevivência que causariam inveja em um veterano de muitas guerras. Ele já havia trabalhado nos departamentos de Estado e do Tesouro e no Escritório de Administração e Orçamento. Sabia onde estavam enterrados os esqueletos em cada prédio da capital. Mas durante os 10 anos anteriores ele fora um rosto conhecido nos corredores mais importantes do Pentágono. Fazia parte da Divisão desde o começo.

Connor era o sujeito mal-ajambrado sentado no canto da sala com a camisa amarrotada e marcas de suor debaixo dos braços que verificava se todos os pingos dos is e todas as barras dos tês estavam no lugar certo. Quando a Divisão precisava de um avião para levar uma equipe do aliado Cazaquistão até a não aliada Chechênia, Connor sabia que apenas um Pilatus P-3 iria servir, e imediatamente tomava as providências necessárias. Se um agente em Seul precisava de passaporte falso para entrar na China, Connor conseguia um em 24 horas. (E você podia ter certeza de que era quente, ou seja, que o número estava

devidamente registrado no país de origem e nunca iria despertar suspeitas.) Alguém precisava subornar um alto funcionário corrupto? Connor ligava para um banqueiro prestativo em algum da meia dúzia de paraísos fiscais espalhados pelo mundo e a transação era feita. Um carregamento de *kalachnikovs* para forças simpáticas à causa na Colômbia? Connor sabia de cor o telefone de todos os traficantes de armas dos dois hemisférios, e provavelmente sabia também o dia do aniversário deles. O que se dizia era que Frank Connor fazia as coisas acontecerem. Com rapidez. Eficiência. E, melhor de tudo, discrição.

Mas igualmente importante para seus supervisores no Pentágono era que Connor não fazia planos. Não maquinava. Não fazia intrigas. E não sonhava. Bastava um olhar para suas bochechas flácidas, para as bolsas em suas pálpebras e para seu andar meio manco para saber que ele era prata da casa. E era exatamente isso que todos queriam. Uma prata da casa para manter a Divisão ativa até ela poder ter uma morte secreta e clandestina.

E Frank Connor não teria discordado. Pelo menos não em voz alta. Mas ele tinha as suas próprias ideias sobre o futuro da agência caída em desgraça, e em momento algum estas incluíam morte prematura. Apesar do desastre na Suíça, ele ainda acreditava. E, ao contrário do que pensavam seus chefes mais bem vestidos, mais bem penteados e mais bem informados, Frank Connor sonhava, *sim*. Fazia intrigas, *sim*. E fazia planos, *sim*. Na sua opinião, a Divisão não havia morrido. Estava apenas descansando. Reunindo forças enquanto aguardava uma chance de recuperar sua antiga glória.

A chance de Frank Connor.

Os seus dias de prata da casa haviam chegado ao fim.

– Você recebeu as informações sobre a conferência de medicina da qual ele supostamente está participando? – perguntou Connor.

– Eles fizeram um site na internet – disse Erskine. – Baixei o essencial. Dê uma olhada.

Connor examinou a capa do documento: "Associação Internacional de Medicina Interna – XXI Congresso Anual".

– O que uma conferência tem de tão importante para fazer o Ransom sair de seu querido hospital de campanha?

– Ele é um dos principais palestrantes. Vai falar amanhã de manhã.

Connor encontrou a grade de eventos do congresso.

– "Tratamento de doenças parasitárias em pacientes pediátricos". Acho que vou passar lá. Onde disseram que ele está hospedado?

– No Dorchester.

– Nada mal – disse Connor, arqueando uma das sobrancelhas enquanto folheava as páginas. – Quantos homens temos por lá?

– Em Londres? Quatro, mas um está de licença.

– Quatro? Você está de brincadeira comigo. – Connor balançou a cabeça. Londres era a capital europeia da inteligência. Um ano antes, a Divisão podia se gabar de ter um escritório chique ao lado da embaixada norte-americana em Grosvenor Square, com uma equipe de 20 profissionais trabalhando em tempo integral e mais 20 prestadores de serviço. – Chame de volta agora esse filho da puta que está de licença. Monte um rodízio de 12 horas no hotel do Ransom. Dois homens de cada vez. Quero eles no local assim que possível e quero receber um relatório dentro de uma hora no máximo. E veja o que consegue fazer para arrumar mais gente. Entre em contato com Berlim ou Milão. Eles têm que ter alguém.

– Claro.

Peter Erskine tinha 30 anos, era pálido e tinha um corpo magro de corredor, cabelos penteados com gel e olhos azuis fugidios que não perdiam nada. Era um espião de terceira geração: Deerfield, Yale, bolsista da Fulbright e, ainda por cima, membro da Skull and Bones. Seu avô havia trabalhado com Allen Dulles na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, e seu pai era vice-diretor de operações de George H. W. Bush quando o "41" ocupava o cargo de diretor em Langley, em meados da década de 1970. Se Connor era uma lixa, Erskine era seda. Um toque de arminho para garantir aos dignitários do Capitólio em visita que a Divisão era digna de confiança.

Connor largou os documentos sobre a mesa.

– Então ele veio lá dos cafundós mais distantes da África só para dar uma palestra sobre parasitas tropicais para um bando de médicos ricos? Não acredito. Ele deve saber que estamos de olho nele. Ela deve ter avisado. Por que ele iria se arriscar? Ele está aqui por outro motivo.

– Eu verifiquei com os organizadores da conferência – disse Erskine. – Ransom foi convidado três meses atrás. Eles estão pagando a passagem e as despesas de hotel dele.

– Não – disse Connor, cruzando os braços na frente do peito largo e olhando para seu vice com os olhos em brasa. – É ela.

Não havia necessidade de citar nenhum nome. "Ela" era Emma Ransom.

Connor andou até a janela. Os escritórios da Divisão haviam sido transferidos

para um prédio comercial sem graça em Tysons Corner, um complexo "de subúrbio", 25 quilômetros a sudeste de Washington. O prédio era compartilhado com o Departamento da Receita Federal e com o Escritório de Pesos e Medidas. De onde estavam, no segundo andar, ele olhou para a rua e viu um trecho abandonado de asfalto da Virgínia e uma oficina de automóveis. Aquilo não era exatamente o monumento em homenagem a Lincoln e o espelho d'água.

– Ela está lá, Pete. Não foi ideia do Ransom ir a essa conferência empolada em Londres. Ele detesta esse tipo de coisa. Foi ideia da Emma.

– Com todo o respeito, senhor, eu consigo até entender que ela queira ver o marido, mas por que ela iria escolher Londres? É a cidade mais vigiada do mundo. Eles lá têm mais de 50 mil câmeras de TV espalhadas pela cidade, e isso contando só as do governo. Em média, só andando pela Oxford Street um cidadão comum é fotografado 50 vezes. Seria como mergulhar em um tanque de tubarões com o nariz sangrando.

– Parece bem o estilo dela.

Fora Emma Ransom quem havia estragado a operação na Suíça e praticamente destruído a Divisão. Ela era o primeiro nome da lista VIP de Connor. Nem a Divisão nem Frank Connor iriam avançar um milímetro antes de alguém dar um jeito nela.

– E o telefone do Ransom? – perguntou ele.

– O celular? O número que temos em arquivo está registrado na Vodafone.

Vodafone era a maior empresa de telefonia celular da Europa.

– Conhecemos alguém no escritório deles em Londres?

– Não mais.

Connor mal conseguiu reprimir um palavrão. Ele era irlandês e católico, e ainda ia à missa duas vezes por semana. Mesmo sem ter mais muita fé, ainda rezava com o mesmo fervor de um recém-convertido.

– Quando é o voo de volta do Ransom?

– Daqui a três dias.

– Três dias? Então ele deixou um dia livre.

– Tecnicamente, sim, mas…

– Nada de "mas". Ela entrou em contato com ele. Quer marcar um encontro.

– Mas por quê? – insistiu Erskine. – Ela nunca correria o risco de se encontrar com ele. Não lá. Não agora. Não depois do que aconteceu na Itália em abril. Ela sabe que vamos ver o marido dela entrar no país. Ela é melhor do que isso.

– Talvez. Talvez não. – Connor apoiou os cotovelos na mesa e segurou com as

mãos o queixo carnudo. Seus olhos castanhos congestionados olharam pela janela e, quando ele falou, foi como se houvesse esquecido que Erskine estava na sala e estivesse falando sozinho. Preparando-se para o trabalho que tinha pela frente. – Tivemos uma chance de eliminar Emma Ransom em Roma. Preparamos a isca, puxamos a linha e acabamos não conseguindo. Agora, pela graça de Deus, ganhamos outra oportunidade. Ela está em Londres. Foi ver o marido. Tenho certeza. E desta vez nós vamos conseguir.

♦♦♦

Antes de ir embora, Connor deu dois telefonemas. O primeiro foi para uma série de salas no primeiro andar do Pentágono onde funcionava 24 horas por dia a Agência de Logística para a Defesa.

– Preciso de um jato.

– Desculpe, Frank. Não vai dar. Você não está mais na lista.

– Esqueça a lista. Esta situação não está prevista no manual. – Connor prendeu o telefone com o queixo enquanto vasculhava a escrivaninha em busca de um passaporte. Canadá. Austrália. Bélgica. Pegou um passaporte namíbio emitido com seu codinome Standish e verificou que os vistos estavam válidos. – Então?

– Tem a ver com ela?

– Só ida, para Londres – continuou Connor como se não tivesse escutado a pergunta. – Se não me engano, vocês têm um Lear parado para servir ao secretário. Ele não vai a lugar nenhum hoje. Os sauditas vão fazer pressão para uma reunião hoje. Eles querem muito aqueles F-22.

– Como é que você sabe que…

– Abastecido e pronto para decolar daqui a uma hora.

– Frank, você não está facilitando as coisas.

Connor parou o que estava fazendo e endireitou o corpo.

– Não me obrigue a tocar no assunto – disse ele com a mesma voz casual. – Dívidas são uma coisa muito embaraçosa.

O silêncio dominou a ligação por 10 segundos.

– Não posso lhe dar o avião do chefe, mas tem um Citation em Dulles abastecido com uma tripulação em stand-by. Só tem uma coisa: ele está no FlightAware, a lista de rastreamento da FAA. Você vai aparecer no radar. Tem problema?

Connor pensou a respeito por alguns segundos.

– Não – respondeu, largando o passaporte namíbio e pegando outro, americano, o único com seu nome verdadeiro. – Nenhum problema.

– Ah, e Frank…

– Sim?

– Posso incluir um comissário de bordo.

– Não vai ser necessário – disse Connor, vestindo o casaco. – Vou viajar sozinho.

◆◆◆

O segundo telefonema foi feito de uma linha confidencial para um telefone particular na Inglaterra. Código de área 207, centro de Londres.

– Sou eu – disse ele quando atenderam.

– Oi, Frank. Ainda distribuindo bilhetinho azul?

– Por enquanto, não mais. Na verdade, estou telefonando para lhe oferecer um jeito de voltar… se você tiver interesse.

– Você sabe que tenho.

– Fez planos para hoje à noite?

– Nada que não possa cancelar.

– Ótimo. Preciso que você vá a um coquetel. No Hotel Dorchester, às 6 da tarde. É um encontro de médicos, você vai se encaixar como uma luva. Então escute…

7

ERA FINAL DE TARDE. Na suíte do Hotel Dorchester, Jonathan Ransom estudou o horário que tinha recebido ao fazer o check-in. Haveria um coquetel de abertura do congresso às 6 da tarde. *Traje a rigor*. Uma nota manuscrita acrescentava: "Dr. Ransom, estou ansioso para vê-lo no coquetel e conversar sobre a palestra. Colin Blackburn." Blackburn era presidente da Associação Internacional de Medicina Interna, e fora ele quem havia convidado Jonathan.

Jonathan tomou banho e fez a barba. O banheiro parecia um cofre-forte de mármore de Carrara com imensos espelhos e produtos de toalete glamorosos arrumados sobre as bancadas. Ele passou o mínimo de tempo possível lá dentro.

Vestiu uma calça de flanela cinza, uma camisa branca de botões e um blazer azul de tecido que não amarrotava. Depois de certa relutância, pôs também uma gravata, e até passou os últimos segundos que lhe restavam caprichando no nó. *O resultado não ficou nada mau*, pensou achando graça, olhando para o desconhecido no espelho. Alguém poderia até confundi-lo com um médico.

Um cartaz na recepção indicava que o coquetel de abertura estava acontecendo no Salão de Baile Atheneum. Uma seta indicava o caminho. À entrada do salão, uma mulher estava sentada em frente a uma mesa distribuindo crachás. Os crachás estavam arrumados em ordem alfabética, mas Jonathan não conseguiu localizar o seu. Comentou com a mulher sobre o problema e deu-lhe o seu nome.

– Um dos nossos palestrantes – disse a mulher bem alto. – Seu crachá está em um lugar especial. Já volto.

Um homem magro e alto, de cabelos grisalhos, veio se postar ao lado de Jonathan.

– Com tantos graduados passeando por aí, seria de esperar que eles conseguissem organizar um pouco melhor as coisas.

– Em geral é o contrário, já reparei – disse Jonathan. – Algo como ter caciques demais.

– O senhor é o Dr. Ransom? – perguntou o desconhecido.

– Já nos conhecemos? – perguntou Jonathan, desconfiado.

– Não, mas eu o reconheci pelo programa. – O homem retirou um folheto do

paletó e abriu-o na página central. Jonathan estudou a própria imagem. A foto havia sido tirada em um estúdio de fotografias de passaporte em Amsterdã, quatro anos antes. Ele se perguntou como conseguiram obtê-la. Não se lembrava de tê-la mandado. – Meu nome é Blackburn – disse o homem mais velho.

– Dr. Blackburn. Prazer.

Apertaram-se as mãos.

– O voo foi bom? – Blackburn tinha quase 60 anos, olhar sombrio e firme e um comportamento direto. Jonathan gostou dele na mesma hora.

– Chegou adiantado, dá para acreditar? – disse Jonathan. – Hoje em dia, é mais do que se pode pedir.

– O hotel está cuidando bem do senhor?

– É um pouco excessivo, na verdade. Vocês não deveriam ter gastado tanto dinheiro. Só o banheiro…

– Parece um puteiro romano. Cá entre nós, minha mulher está adorando. Acho que o senhor não iria durar muito tempo na minha casa.

Nessa hora, a mulher voltou com o crachá de Jonathan e prendeu-o em seu blazer. Enquanto os outros crachás estavam impressos em pedaços de papel de 8 x 13cm cobertos por plástico, o dele parecia duas vezes maior e tinha uma fita azul.

– O senhor precisa ficar o tempo inteiro de crachá – instruiu a mulher. – Alguns dos nossos participantes não são muito bons para lembrar nomes.

– Obrigado. – Jonathan lançou um olhar horrorizado para o próprio peito. Estava etiquetado feito porco premiado em feira rural. Virou-se para falar com Blackburn, mas o homem já havia desaparecido na multidão.

O salão estava enchendo. Jonathan observou que os médicos presentes estavam divididos meio a meio entre homens e mulheres, a maioria acompanhada dos cônjuges. Estavam todos vestidos com grande elegância: as mulheres de vestido longo, os homens de terno escuro. Ele foi até o bar e pediu uma Stella.

– Não precisa de copo, obrigado – disse ele.

A cerveja estava bem gelada, do jeito que ele gostava, e Jonathan rapidamente esvaziou metade da garrafa. Um filete escorreu pelo canto de sua boca e ele enxugou-o com a manga.

– Existe uma coisa chamada guardanapo – disse uma voz britânica incisiva por cima do seu ombro.

– Desculpe, eu… – Jonathan se virou e deu de cara com um homem gorducho

de aspecto agradável, cabelos castanhos encaracolados e alegres olhos azuis. – Jamie. Que surpresa!

– Se você algum dia quiser vir trabalhar comigo em Harley Street, vai ter que melhorar as suas boas maneiras – disse Jamie Meadows. – Meus pacientes preferem que seus cirurgiões sejam impecáveis. Roupa branca, sapatos engraxados. Meu Deus, isso que você está calçando são botinas?

Jonathan envolveu Meadows em um abraço de urso. Os dois tinham estudado juntos em Oxford, ambos bolsistas de cirurgia reconstitutiva, e dividido um apartamento na High durante 12 meses.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Jonathan.

– Você acha que eu iria perder a oportunidade de jogar uns tomates no meu antigo colega de apartamento? – indagou Meadows, tirando do bolso a sua própria cópia do programa da conferência e batendo com o papel na palma da mão aberta. – Formação contínua. A sua palestra vai me render duas horas de crédito. Vou logo avisando. Já preparei várias perguntas interessantes que com certeza vão fazer você suar lá em cima do palanque.

Jonathan sorriu. Era o mesmo Jamie de antes.

– Como você está?

– Na verdade, nada mal – disse Meadows. – Agora já faz seis anos que tenho meu consultório particular. Estou fazendo plástica. Peito, bunda, cara. Chove paciente. Tenho uma sala de cirurgia no consultório.

– O que aconteceu com o Serviço Nacional de Saúde? Pensei que você fosse acabar trabalhando na emergência na zona rural do País de Gales.

– País de Gales, não; Cornualha – disse Meadows em tom ofendido. – Não durei nem seis meses. O governo é uma droga. Não paga nem por um rim novo, quanto mais por um par de peitos. O que é que um homem ambicioso pode fazer? – Ele pôs a mão no ombro de Jonathan e puxou-o mais para perto. – Eu não estava brincando quando falei do emprego. Tem muito lugar no meu consultório se você resolver passar para o nosso lado. Trabalha-se muito, mas ganha-se muito bem. Na verdade, mais do que muito bem. Pru e eu acabamos de comprar uma casinha em Saint-Tropez.

– Não sabia que existiam casinhas em Saint-Tropez.

– E não existem, mesmo. Elas custam 1 milhão de libras e se chamam *villas*.

Os dois ficaram em pé se entreolhando, calculando as mudanças causadas pela passagem do tempo. Com sua calça de flanela gasta e seu blazer, Jonathan se sentiu malvestido e, pela primeira vez, talvez até um pouquinho inseguro ali em

pé ao lado de Meadows, que usava roupas elegantíssimas compradas em Savile Row e calçava sapatos tão bem engraxados que Jonathan praticamente podia ver neles o próprio reflexo.

– Nossa, como detestávamos você – disse Meadows. – Melhor do que nós todos juntos, e ainda por cima americano. Para completar, você realmente ainda está fazendo o que todos nós prometemos fazer. Me diga a verdade: gosta do que faz?

Jonathan assentiu.

– Gosto.

– Eu acredito em você. – Meadows sorriu, mas foi um sorriso melancólico. – E aí, continua solteiro? – perguntou ele, animando-se. – Não vá me dizer que nunca se casou. Você era um verdadeiro monge em Oxford. Vivia no hospital, noite e dia.

– Não, estou casado – respondeu Jonathan. – Na verdade, conheci minha mulher poucos meses depois de terminar o curso. Infelizmente, ela não pôde vir.

– Ficou no Quênia?

Jonathan respondeu depressa, e sua falsidade o surpreendeu.

– Não, está visitando uns amigos. Acho que é a única pessoa que odeia este tipo de coisa mais do que eu. – Ele acrescentou um sorriso travesso para fazer a mentira passar com mais facilidade. – E você? Tem filhos?

– Três meninas. Oito, cinco e uma pequenininha de um, ainda de fraldas. Elas são a luz da minha vida. – De repente, Meadows ficou na ponta dos pés e acenou indicando o outro lado do salão. – Lá está ela. Prudence. Você a conheceu lá em Oxford? Ela estudava no St. Hilda's, se formou em química, e trabalhava no Butlers da High Street. Pru, venha cá!

Jonathan viu uma mulher esguia de cabelos escuros acenar de volta e começar a andar na sua direção.

– Pru, este é Jonathan – disse Meadows, recebendo a mulher com um beijo. – Diga a ele que está tão gordo e fora de forma quanto eu. Vamos. Não precisa ter dó. Ele é mais durão do que parece.

– Você está ótimo – disse Prudence Meadows apertando a mão de Jonathan. – Jamie estava ansioso para encontrá-lo.

– Na verdade, foi meio de última hora – disse Meadows. – Foi Pru quem viu seu nome no programa.

– Seu mentiroso – disse Prudence. – Faz meses que nos inscrevemos. Estamos esperando isso há séculos.

– É mesmo? Ah, é, tem razão. – Meadows baixou os ombros como alguém que acaba de ser desmascarado. – Me pegou de novo. Eu não queria que você ficasse convencido. – Ele se virou para a mulher. – Escute, Pru, estou aqui tentando convencer Jonathan a começar a vender sua mercadoria para quem paga melhor, ou seja, *moi*.

– Você trabalha com Jamie? – perguntou Jonathan a Prudence Meadows.

– Eu? Meu Deus, não. Mas quase. Na verdade, trabalho na indústria farmacêutica.

– Ela é a melhor representante de vendas da Inglaterra – gabou-se Meadows. – Vende Prozac suficiente para deixar o país inteiro doidão. Ganha mais dinheiro que eu.

– Que exagero – protestou Prudence. – Mas, sério mesmo, Jonathan, você precisa visitar o consultório do Jamie. Não existe médico melhor do que ele em toda a Harley Street.

– Continue, por favor – acrescentou Meadows.

– Ah, cale essa boca – disse Prudence, presenteando o marido com uma cutucada nas costelas. Ela tornou a voltar sua atenção para Jonathan. – Não é só cirurgia voluntária. O Jamie também faz muita reconstrução. Soube que essa é a sua especialidade.

– Quando tenho oportunidade – disse Jonathan. – Na maior parte do tempo, não temos o equipamento necessário. Obrigado pelo convite para visitar seu consultório. Só vou ficar três dias aqui, mas, se tiver tempo, adoraria.

Jonathan estudou Prudence Meadows. Ela era bonita de forma despretensiosa, com olhos castanhos estreitos e um viés levemente amargo nos lábios. Ele revirou a memória tentando se lembrar dela quando estava em Oxford tantos anos antes, mas não encontrou nada. Tinha certeza de que nunca haviam se encontrado.

– Podem me dar licença? Preciso correr – disse ele, gesticulando na direção oposta. – Preciso encontrar o cara que me convidou. Quem sabe conseguimos jantar juntos amanhã à noite?

– Jantar. Lá em casa – disse Jamie Meadows. – Não aceito "não" como resposta. Fica em Notting Hill. O telefone está no catálogo. – De repente ele se inclinou para a frente e, quando apertou a mão de Jonathan, seus olhos estavam úmidos. – Que bom ver você. Há quanto tempo. Não consigo acreditar.

– Também estou feliz, Jamie – respondeu Jonathan, tocado por aquela demonstração de emoção.

– Então até amanhã – disse Meadows, recompondo-se. – Mal posso esperar

para ouvir a grande palestra. Aí dou os detalhes sobre o jantar. Tchau!

– É, boa sorte com a sua palestra – disse Prudence com um sorriso caloroso. Jonathan tornou a ir até o bar e pediu mais uma cerveja. O salão estava lotado. As conversas, antes espaçadas, estavam ruidosas. Não havia médicos abstêmios no recinto. Ele passou os olhos pelos presentes à procura do Dr. Blackburn e, como não o viu, desceu o corredor até o banheiro. Já estava na hora de sair e arrumar alguma coisa para comer. Ninguém poderia dizer que ele não dera as caras.

A porta do banheiro se abriu. Instantes depois, ele viu Blackburn no espelho, obviamente agitado.

– Vamos indo, então – disse Blackburn. – Venha comigo.

– Como?

Blackburn meneou a cabeça em direção à porta.

– Temos que andar depressa antes de eles chegarem. Vamos indo.

Jonathan continuou onde estava.

– Eles quem?

– Você sabe. – Blackburn saiu do banheiro. Intrigado, Jonathan o seguiu. Blackburn foi andando na frente pelo corredor, dobrou a esquina e então abriu a porta de uma sala de conferências. – O que está esperando?

Jonathan entrou na sala depressa.

– Que história é essa? – perguntou ele depois de Blackburn fechar a porta atrás deles. – Como assim, "antes de eles chegarem"?

– Não temos tempo para perguntas. Faça o que eu disser e pronto. Você pode sair pela janela. Está destrancada. Vá até a estação Green Park e pegue o metrô até Marylebone. Vai ter de fazer baldeação em Piccadilly. Pelo que me disseram, você sabe se locomover em Londres.

– Mais ou menos.

– Então está certo. Desça em Marylebone e suba a Edgware Road na direção oeste. Procure o número 61. É um prédio, e o acesso aos apartamentos é por uma escada. Porta preta com números dourados. Você vai ver alguns nomes e interfones. Esqueça. A porta vai estar aberta. Suba até o segundo andar. Apartamento 2C.

Blackburn tirou do bolso um pé de coelho com uma única chave pendurada.

– Mas do que é que o senhor está falando? – perguntou Jonathan enquanto pegava a chave.

– Espere no apartamento até receber um telefonema – instruiu Blackburn,

mais calmo agora que Jonathan estava prestando atenção. – Vai receber novas instruções depois que tivermos certeza de que está limpo.

– Limpo?

– Havia dois deles de olho em você no coquetel.

– Dois o quê? Não reparei em ninguém.

Blackburn lançou-lhe um olhar que dizia que aquilo não o espantava.

– Vá indo. Uma pessoa quer ver você. E imagino que você queira ver essa pessoa também.

O coração de Jonathan pulou até a boca. *Ela está aqui. Ela está em Londres.*

Blackburn se aproximou da porta.

– Você tem que ir logo – disse ele.

8

De frente para o Meadow, um amplo gramado alto margeado pelas águas sinuosas do rio Isis, Christ Church College, em Oxford, era o retrato do ensino superior britânico. O colégio havia sido fundado em 1524 pelo cardeal Thomas Wolsey, que expropriara o terreno de um grupo de monges recalcitrantes. Henrique VIII, por sua vez, tomou-o de Wolsey e nomeou a igreja do monastério catedral da diocese de Oxford. Por isso, Christ Church era o único colégio de Oxford a ser ao mesmo tempo uma igreja e uma instituição de ensino superior. Mas esse tipo de história era contado apenas nos guias. Tudo o que qualquer pessoa sabia sobre o lugar hoje em dia, inclusive Kate Ford, era que o seu salão era o cenário do refeitório de Hogwarts nos filmes de Harry Potter. Ela ficou devidamente impressionada.

Kate enfiou a cabeça na penumbra do cubículo do porteiro e se anunciou.

– Estou procurando Anthony Dodd.

– Segundo andar. Primeira porta à direita.

Ela subiu a escadaria de madeira. Eram quase 6 da tarde e já estava exausta.

A culpa era dos vídeos. Havia passado o dia inteiro sentada na salinha de segurança do One Park assistindo às fitas do sistema de câmeras de circuito interno do prédio, na esperança de ver o assassino de Robert Russell. Mas ninguém – nem ela, nem Reg Cleak, nem qualquer um dos porteiros que haviam trabalhado na véspera – tinha visto nenhum desconhecido entrar no prédio, nem – *e era esse o ponto crucial* – entrar pela porta da frente do apartamento de Russell, no quinto andar. Oito horas haviam se passado e eles não tinham nenhuma pista.

Às 4 horas, o legista telefonara para confirmar que Russell havia sofrido uma concussão cerebral antes de cair. Na sua opinião, a arma era um instrumento rombudo, algo parecido com um martelo de cabeça redonda. E, embora ele não fosse capaz de dizer se o golpe havia matado Russell ou não, podia afirmar com certeza que o havia deixado inconsciente. A notícia confirmava a desconfiança de Kate de que Russell já estava morto, ou pelo menos incapacitado, ao cair da varanda, e intensificava sua crença de que o agressor estava esperando Russell quando ele chegou em casa. A pergunta que permanecia sem resposta era: como

o agressor conseguira entrar no apartamento?

Chegando ao segundo andar, Kate seguiu por um corredor sombrio. A primeira porta à direita estava entreaberta. Dentro de um escritório apertado, bem iluminado, um rapaz musculoso usando uma roupa de rúgbi estava curvado por cima de uma escrivaninha, folheando uma pilha de papéis. Kate passou a cabeça pela porta.

– É aqui a sala do professor Dodd?

– É – respondeu o aluno sem erguer os olhos.

– Ele está?

– Está, sim. – O rapaz largou os papéis e se levantou. Era mais alto do que ela imaginava que seria, com pelo menos 1,93m, e bonito. Tinha as faces coradas, a testa úmida de suor debaixo de uma cabeleira castanha despenteada. Mas foi nas pernas que ela não conseguiu deixar de reparar. Ele tinha as coxas grossas como troncos de árvore e estriadas de músculos.

– Onde?

– Está olhando para ele. – Dodd meneou a cabeça, aproximando-se e estendendo uma das mãos para cumprimentá-la. – Não fique constrangida. Estou acostumado. Faço 40 anos na semana que vem. Estou rezando pelo meu primeiro cabelo branco.

– Que sorte a sua – respondeu Kate. – Eu venho arrancando os meus desde os 30. Sou a inspetora-chefe Ford.

– Eu imaginei. – Dodd tirou a bola de rúgbi de cima de uma cadeira e gesticulou para Kate se sentar. – Aceita alguma coisa para beber? Água, cerveja, refrigerante diet?

– Água está bom.

Dodd pegou um celular e ligou para o porteiro pedindo a bebida.

– Desculpe os trajes – disse ele em seguida. – Estou chegando do treino. A temporada está quase começando. Eu sou só treinador, mas gosto de manter a forma. – Ele se acomodou, recostando-se na escrivaninha. – Mas vamos falar sobre Robert.

– O senhor o conhecia bem?

– Eu era orientador dele – disse Dodd. – Supervisionei seu trabalho de doutorado. Passamos três anos nos encontrando duas vezes por semana. Desde então, mantivemos contato. Eu diria que conhecia Robert bem o suficiente para saber que ele jamais iria cometer suicídio. Imagino que a senhora também não esteja convencida.

Nesse exato instante, o sino da Tom Tower bateu 6 horas. Os olhos de Dodd relancearam em direção à janela, e os dois ficaram sentados esperando o Grande Tom parar de badalar. Quando a última badalada silenciou, Dodd voltou o olhar para ela.

– Não, professor Dodd – respondeu Kate. – Não estamos convencidos.

– Pode me chamar de Tony. Como posso ajudar?

– Estou interessada em saber um pouco mais sobre lorde Russell.

– O que a senhora quer saber?

– Tudo – respondeu Kate. – Se importa se eu tomar notas?

Dodd lhe deu permissão com um aceno da mão. Kate tirou do casaco o bloco de anotações e uma caneta. Ela não carregava bolsa. Bolsas eram coisa de mulherzinha, e ela nunca fora uma dessas. Tudo de que precisava – distintivo e identidade, celular, carteira e arma – ela carregava junto ao corpo.

– Robbie chegou aqui em 1996 – começou Dodd. – Tinha estudado em Eton. Mas era um menino diferente. Humilde, sem arrogância. Era inteligente o bastante para ter consciência de que não sabia tudo. Isso não é frequente, não nesse tipo de família. Os Russell são uma linhagem tão antiga que remonta ao Domesday Book. Eles combateram em Hastings com Guilherme, o Conquistador. Mas Robbie não ligava para isso. Ele vivia o aqui e agora. Desde o primeiro dia, mergulhou de cabeça nos estudos. Tinha uma inteligência notável.

– Como assim?

– Ele via além dos fatos. Ah, sabia decorar tão bem quanto qualquer um. – Dodd bateu com um dedo na testa. – Tinha uma enciclopédia lá dentro. Mas ele ia mais longe. Onde os mortais só viam sombras, ele via padrões. Identificava tendências muito antes de elas passarem de meros acontecimentos fortuitos. Ele pressentia intenções. Chegava a se atrever a fazer previsões. E acertava sempre.

Kate meneou a cabeça com educação. *Padrões. Tendências. Intenções.* Aquele tipo de linguagem estava além da sua compreensão. *Bobajada*, era como ela chamava. Kate era uma garota que só tinha estudado até a oitava série, gostava de comer batata frita com maionese e de beber Guinness morna em copo de meio litro.

– O que exatamente Russell pesquisava?

– História russa do século XX. Principalmente o período pós-guerra. A dissertação dele se chamava "Em defesa de um novo Estado autoritário: déspota benevolente ou czar totalitarista?" Ele não era otimista em relação ao rumo que a Rússia anda tomando. Estudava a língua russa também, mas para isso tinha

outro orientador. Passou algum tempo em Moscou trabalhando em um banco. Depois voltou e nós o aceitamos como professor.

– E era isso que ele lecionava? História russa?

– No início, sim.

– E agora?

Dodd se levantou abruptamente e começou a andar de um lado para outro na sala, segurando a bola de rúgbi.

– Para ser sincero, não tenho certeza do que ele andava fazendo ultimamente.

– Mas não disse que vocês dois ainda eram amigos?

– E somos. Quer dizer, éramos. Não consigo acreditar que ele morreu.

– Vocês se viam com frequência?

– No último ano, não.

– O senhor se lembra da última vez que o viu?

– Um mês atrás, talvez três semanas.

– Ele parecia perturbado de alguma forma?

– Como é que eu vou saber? – Dodd se virou para ela com os olhos úmidos e zangados. Fez uma pausa e sua raiva passou. – Nós não éramos mais íntimos. Robbie tinha os projetos dele. Eu tinha os meus. Sou apaixonado pelo passado. Ele olhava para o futuro. Não falávamos de trabalho.

– E os alunos dele?

– Ele não tinha alunos. Não mais. Robbie parou de orientar um ano atrás.

– Então qual era exatamente o cargo dele na universidade?

Dodd parou de andar e largou a bola.

– A senhora está me dizendo que não sabe? – indagou ele, subitamente cauteloso, pego de surpresa. – Não foram eles que mandaram a senhora vir aqui?

– Eles quem? – perguntou Kate.

– Achei que a senhora tivesse sido informada sobre tudo isso. Quer dizer, vocês todos não se falam entre si?

– Não sei se estou entendendo muito bem o que o senhor está dizendo.

Dodd chegou mais perto de Kate e, quando ele falou, sua voz estava mais baixa e muito séria.

– Olhe aqui, inspetora-chefe Ford, o negócio é o seguinte: o trabalho do Robbie não era um assunto adequado para ser tratado abertamente. Pensei que a senhora soubesse disso.

– Ele estava fazendo alguma coisa que poderia ter posto a vida dele em risco?

– A senhora está me colocando em uma situação difícil.

– É mesmo? – indagou Kate.

Dodd não respondeu. Ficou parado olhando para ela, balançando a cabeça.

De perto, ela pôde ver as rugas despontando nos cantos de seus olhos. Não tinha mais dificuldade em acreditar que ele tivesse 40 anos.

– O senhor ficaria surpreso se eu dissesse que temos provas de que lorde Russell foi assassinado? – perguntou ela.

Dodd deu-lhe as costas e foi até a janela.

– Robbie sabia no que estava se metendo.

– E no que exatamente ele estava se metendo?

– No jogo.

– Que jogo?

– Só existe um, não é? – Dodd olhou de relance por cima do ombro. – Será que agora a senhora poderia ir embora? Não posso ajudar com esse assunto.

– Não vou conseguir descobrir quem matou lorde Robert Russell a menos que saiba por que alguém iria querer que ele morresse. Por favor. – Kate fez uma pausa e encarou-o com cautela. – Afinal de contas, ele era seu… *aluno*. Acho que gostaria que o senhor nos ajudasse a encontrar o responsável pela sua morte.

Dodd passou alguns instantes refletindo sobre isso, depois olhou para o outro lado.

– Alfred Street, número 5 – disse ele. – É lá que eles ficam. Mas não espere que falem com a senhora. Eles são cheios de segredos. É assim que o negócio funciona.

– Eles quem? De que negócio o senhor está falando?

– Da OA. Oxford Analytica.

Kate repetiu o nome mentalmente até ter certeza de que nunca o havia escutado antes.

– O que é que eles fazem?

– O que Robbie fazia melhor. – Os olhos de Dodd se afastaram dos dela em direção à janela aberta e à forma imponente da Tom Tower. – Adivinham o futuro.

9

EMMA ESTÁ EM LONDRES.

Jonathan pulou pela janela e pisou o asfalto já correndo. Ela estava na cidade. Tinha vindo vê-lo. Continuou pela Park Lane, depois virou à esquerda na Piccadilly. A calçada estava coalhada de pedestres, uma mistura de turistas e moradores, todos aparentemente tão apressados quanto ele. *Mais devagar*, disse para si mesmo. *Eles estão de olho*. Mas quem? Onde?

Segundo Blackburn, havia dois deles de olho em Jonathan no coquetel, mas era difícil imaginar que alguém fosse conseguir segui-lo no meio daquela multidão. Ele diminuiu o passo para uma caminhada acelerada e seguiu ziguezagueando entre as pessoas que vinham na direção contrária. A cada poucos passos, olhava de relance por cima do ombro. Se estavam lá, ele não conseguia vê-los.

Logo à frente, viu o símbolo da estação de metrô de Green Park. Desceu a escada sem tomar muito cuidado e, no saguão principal, comprou um passe ilimitado de um dia que lhe permitia fazer quantos trajetos de metrô quisesse durante 24 horas. Então recomeçou a correr, dessa vez sem se importar com quem o estivesse vendo. Não queria deixar mais nenhum trem passar sem embarcar nele. Foi seguindo as indicações pelos túneis ladrilhados de branco até chegar à plataforma da linha Bakerloo, direção norte.

Com uma rajada de vento e um rugido crescente, o trem se aproximou da plataforma. Jonathan embarcou no último vagão e ficou em pé junto à porta, suando apesar do forte ar condicionado. Foi contando o tempo da viagem junto com as batidas do próprio coração. *Por que não estou feliz*?, perguntou-se quando o trem começou a sair da estação. Fazia seis meses que não via Emma. Deveria estar animadíssimo. Afinal de contas, ela havia lhe dito que só entraria em contato quando chegasse a hora certa. Mas, se ele estava sentindo alguma coisa, era medo. O que ela estava fazendo em Londres no mesmo momento que ele? Por que estava se mostrando quando sabia estar sendo seguida? E ele percebeu então que não estava com medo por sua causa, mas sim por causa dela.

Em Piccadilly, trocou de linha. A espera pelo trem foi curta. Conforme havia sido instruído, desceu em Marylebone e percorreu apressado os longos corredores. Uma fila de passageiros esperava para subir pelas duas escadas

rolantes que conduziam à superfície. Ele se esquivou dos outros e subiu pela escada normal, pulando os degraus de dois e dois e de três em três. Levou um minuto para chegar à rua, ofegante, porém mais calmo.

Edgware Road era ocupada por quarteirões e mais quarteirões de hotéis baratos, com quartos que podiam ser alugados por hora, e prédios de apartamentos malconservados. A região sempre havia sido muito popular entre turistas de orçamento apertado, imigrantes recém-chegados e casais clandestinos. A onda de renovação que vinha salvando muitos dos bairros mais negligenciados de Londres ainda não chegara tão ao norte.

Encontrou o número 61 em uma esquina arborizada, em frente a uma tabacaria e um armazém árabe do outro lado da rua. Conforme prometido, a porta estava aberta. A entrada recendia a cordeiro assado e fumaça de charuto. Vozes estrangeiras brigavam atrás de paredes finas. Ele subiu a escada até o segundo andar. A chave que havia recebido se encaixou em uma fechadura bem lubrificada. Lá dentro, o apartamento estava malcuidado e quase não tinha móveis. Uma podridão úmida carcomia o piso de linóleo deformado. A janela da sala estava fechada por tábuas de madeira. Uma lâmpada nua pendia do teto. Ele tentou acendê-la, mas estava queimada.

Em 20 segundos, Jonathan já havia espiado todos os quartos e voltado à entrada. O apartamento estava vazio, com exceção de um colchão rasgado, algumas mesinhas e um velho telefone preto de disco no chão da sala, que devia datar dos anos 1960.

"Espere o telefonema", tinha dito Blackburn. "Precisamos ter certeza de que você está limpo."

Jonathan pegou o fone e ouviu um sinal de linha. Torceu para os métodos de vigilância deles serem mais modernos do que o aparelho. Passou a mão sobre a boca. *Liguem*, sussurrou para si mesmo. *Me digam onde devo encontrar Emma*. Olhou para o relógio de pulso. Eram quase 7 da noite. Os raios de sol penetravam pelas vidraças sujas de fuligem, dando ao apartamento uma luz de aspecto antiquado. Ele tentou abrir uma das janelas, mas descobriu que havia sido presa com pregos.

Esperou cinco minutos, depois mais cinco. Olhou para a rua lá embaixo. O tráfego noturno parecia uma procissão muito lenta, arrotando gás carbônico. Ficou andando de um lado para outro até não suportar mais andar, em seguida sentou-se, o que foi ainda pior. Com as costas apoiadas na parede e as pernas esticadas, manteve os olhos cravados no telefone.

A sala estava quente e abafada. A cerveja que ele tomara havia aberto seu apetite, e seu estômago clamava por alguma comida. De repente, ele não conseguiu mais suportar a espera. Levantou-se com um pulo e tornou a tentar a janela. Agora estava suando; tinha as costas molhadas e a testa coberta de gotas.

Finalmente, o telefone tocou.

Jonathan levou o fone ao ouvido.

– Alô.

– E eu que passei todos esses anos achando que você gostasse do calor.

Era ela.

Mas a voz de sotaque inglês compassado não tinha vindo do telefone. Tinha vindo logo de trás dele. Ele se virou e viu Emma em pé na soleira da porta, guardando o celular no bolso da calça jeans.

– Oi – disse ele.

– Oi pra você também.

– O que você está fazendo em Londres?

– Um conhecido meu está visitando a cidade. Pensei que talvez fosse bom me encontrar com ele. Pôr a conversa em dia. Você sabe.

– É, acho que sei, sim.

Emma ajeitou uma fina mecha de cabelos atrás da orelha e ele pôde ver que seus olhos estavam marejados. Andou lentamente em sua direção, querendo primeiro apenas olhar para ela. Estava vestida como ele sempre a imaginava: jeans justo, camiseta preta, sandálias, os cabelos ruivos caindo sobre os ombros em cachos desordenados. No pulso esquerdo usava uma pulseira de rabo de elefante, e em volta do pescoço a gargantilha de jade que ele lhe dera de presente em seu aniversário de 25 anos.

Ele levou uma das mãos ao rosto dela, encarando seus olhos verdes e firmes.

– Que bom ver…

Emma o beijou antes de ele conseguir terminar.

– Que saudade – disse ela, afastando-se apenas o suficiente para encostar o rosto no dele.

– Eu também. – Jonathan a abraçou, apertando-a bem junto a si. – Você está aqui há muito tempo?

– Em Londres? Alguns dias.

– Está com uma cara boa. Quer dizer, melhor do que da última vez que a vi.

– Da última vez, você tinha acabado de arrancar uma bala do meu ombro.

– Prefiro pensar que retirei a bala com destreza.

– Com destreza ou não, doeu à beça.

– Você tem boa memória.

– Bom, você sabe o que dizem por aí… a primeira bala a gente nunca esquece.

– Achei que dissessem isso sobre o primeiro beijo. – Jonathan a segurou com os braços esticados, encantado com o fato de poder vê-la, de poder tocá-la. – Como vai o ombro?

Emma deu um passo para trás e fez um movimento de alcance admirável.

– Novinho em folha.

Jonathan aquiesceu, aprovando. De repente, olhou em direção à porta.

– Isso quer dizer que ninguém me seguiu?

– Por enquanto. Caso esteja interessado, são dois.

– Dois o quê?

– Dois caras vigiando você. Um está de roupa esportiva azul, posando de guarda-costas oficial de um dos figurões hospedados no hotel. O outro estava em frente a um carro. Um Ford bege. A Divisão só usa carros americanos. Eles seguiram você até o metrô. Tive de interferir um pouco para tirá-los da sua cola.

– Bom, obrigado, então. – Ele olhou em volta do apartamento acabado, subitamente sem saber o que dizer. – Espero que você não esteja hospedada aqui.

– Meu Deus, não – disse Emma, mas seu olhar se desviou do de Jonathan e ela não deu mais detalhes.

– Então o que você está fazendo aqui, Em?

– Eu disse que iria aparecer quando fosse seguro. Fiz umas verificações e descobri que você estava vindo para Londres participar de uma conferência. Parecia o momento certo.

– E os caras do hotel que supostamente deveriam estar de olho em mim?

Emma deu de ombros.

– São os riscos da profissão. Avaliei que você compensava o risco.

Jonathan sorriu. Desconfiava que houvesse alguma outra coisa, algum motivo para ela estar em Londres que não se encontrar com ele. Emma não era de revelar as próprias emoções. Mas ele estava envolvido demais naquele momento para pensar nisso por mais de um segundo.

– Que bom que veio – disse ele. – Eu estava começando a me perguntar se algum dia iria ver você de novo.

– Como estão as coisas no campo?

– Pensando bem, não estão nada mal. Seria bom ter mais uma pessoa, mas pela primeira vez temos material adequado. E isso já é muito.

– Os antibióticos estão dando conta?

– A Cruz Vermelha nos manda um *pallet* de remédios por mês. Temos o suficiente para conter a malária e a dengue. Semana passada aconteceu uma coisa louca. Preciso contar para você. Uma menina estava brincando no rio e um crocodilo mordeu o braço dela. Arrancou o braço abaixo do cotovelo. O pai estava junto. Ficou tão transtornado que tirou o crocodilo da água e matou. Era um monstro, pelo menos uns 4 metros. Enfim, o homem abriu a barriga do crocodilo e lá estava o braço da filha, intacto, praticamente sem um arranhão. Conseguimos pôr a menina na mesa de operação menos de uma hora depois do acidente e reimplantar o braço. Se dermos um jeito de não infeccionar, acho que talvez ela consiga voltar a usar parcialmente os dedos.

– Você e suas mãos – comentou Emma. – Parece mágica.

– Como disse?

– As suas mãos. Você tem um dom. É o melhor cirurgião que eu já conheci.

– Eu não diria isso.

– Eu diria. E sei disso por experiência própria. – Emma segurou a mão direita de Jonathan e afastou os dedos um a um, beijando cada um deles de forma brincalhona, e depois não tão brincalhona assim. – E não é só na mesa de operações – sussurrou ela, chegando mais perto dele de modo que seus corpos ficaram colados e Jonathan pôde sentir seu cheiro. – Pelo que eu me lembro, essas mãos também eram bem talentosas em outro departamento.

– Sinto muito, senhora, mas elas estão destreinadas.

– Hum? É mesmo? Vamos ter que ver se estão mesmo, não é?

Ela tirou sua camisa de dentro da calça e acariciou-lhe o peito. Então suas mãos mudaram de direção e Jonathan fechou os olhos.

– Você não demora muito, não é, doutor? – comentou ela. – Ah, meu Deus, eu tinha quase esquecido.

Jonathan a envolveu com os braços e a levantou.

– Esqueça o colchão.

♦♦♦

Depois, Jonathan ficou deitado de costas, sentindo-se aquecido e saciado, ou talvez até feliz.

– Precisamos descobrir um jeito de você voltar comigo...

– Pode ir parando por aí.

Ele se apoiou sobre um dos cotovelos, ansioso para explicar.

– Não, não desse jeito… não estou dizendo voltar comigo no avião. Estou falando do jeito como você geralmente viaja. Por Paris, ou por Berlim, ou…

– Jonathan?

– Ou por Havana.

– Havana? – Emma soltou uma gargalhada. Chegou mais perto dele. – E de Havana nós vamos para onde? Ou será que eu deveria estar perguntando isso?

Jonathan pensou um pouco. Alguma coisa no tom de voz dela lhe deu esperanças de que talvez a pergunta não fosse totalmente retórica.

– Para a Venezuela – respondeu ele.

– Venezuela? Caracas ou Barranquilla? As duas têm um aeroporto decente.

– Você decide. Se nenhuma das duas servir, você pode ir para São Paulo. O Brasil não tem acordo de extradição com os Estados Unidos. Quando você estiver na América do Sul, vai ser muito mais fácil chegar ao Quênia.

– Em um daqueles cargueiros sem rota definida, dessa vez? Ou você tem alguma outra ideia?

– Estava pensando em um jato. Não consigo ficar mais seis meses sem ver você.

Emma meneava a cabeça enquanto ele falava, absorvendo aquilo tudo.

– E depois imagino que vamos nos encontrar no campo Turkana? – perguntou ela, com um tom de voz menos realista.

– É. Ficaríamos seguros lá.

– Então eu posso simplesmente me mudar para a sua casa, ou então você pode construir para mim uma cabaninha de telhado de palha no meio da selva, onde pode ir me visitar todos os dias depois do trabalho ou sempre que ficar entediado, e podemos transar sob as estrelas como antigamente? É isso que você quer, Jonathan? Manter a sua mulher bem guardadinha para o seu divertimento?

Ele não respondeu. Havia detectado o timbre irritado da voz dela. Bem lá no fundo, Emma era uma pessoa realista, e não suportava incursões pela Terra do Nunca.

– Tenho só uma pergunta – continuou ela. – E aquelas pessoas que estão vigiando você para ver se eu por acaso apareço?

– Você disse que elas só começaram a me seguir quando eu cheguei aqui em Londres. Não tem ninguém me vigiando no campo.

– Tem certeza?

Jonathan aquiesceu.

– Lá no campo somos só nove funcionários permanentes. E sete deles não saem de lá há mais de dois anos. Eu conheço essas pessoas, Emma. Elas não trabalham para nenhum governo. Além do mais, estou tomando cuidado. Nunca menciono o seu nome. Só tentei entrar em contato daquela única vez.

– E Hal Bates?

– Hal Bates? Está falando daquele Hal de olhar preguiçoso que trabalha para a Comissão de Refugiados da ONU? Você acha que ele está interessado em mim? Ah, deixe disso. O cara só aparece um ou dois dias por mês, faz a contagem dos refugiados do campo, pergunta se estamos precisando de alguns kits mofados, depois volta para Nairóbi. Eu nem falo com ele.

– Hal trabalha para a CIA há 20 anos. A ONU é só o emprego de fachada dele. Toda vez que ele vai ao campo, pergunta sobre você. Nada muito forçado, veja bem. Só uma perguntinha casual aqui, outra ali. "Falando nisso, amigão, você tem visto o Dr. Ransom com aquela mulher exuberante que ele tem? Você sabe, aquela *mwanamke* bonita com um par de peitos bem bonzinho?" Está parecido com Hal? Ele chega até a tirar algumas fotos suas e mandar para Langley, e a CIA depois passa as fotos para Connor, na Divisão. Tudo em nome da cooperação entre agências.

– Não pode ser – protestou Jonathan. – Quer dizer, alguém teria me avisado. Eu conheço todo mundo que trabalha no campo, inclusive os quenianos. Eles são meus amigos. Mesmo assim, sempre fico atento para ver se estão prestando atenção demais em mim. Estou tomando cuidado, Em. Se alguém estivesse me vigiando, eu saberia.

– Você não sabe como tomar cuidado – disse ela, em um tom de empatia que deixou Jonathan irritado. – Não seria capaz de detectar uma das nossas redes nem se ela fosse uma cobra subindo pela sua calça. Nós não iríamos deixar.

– Você está errada!

– E Betty? – perguntou Emma sem hesitação.

– Betty, a que prepara o café da manhã? – Jonathan ficou pasmo ao ouvir aquele nome. Como Emma podia saber qualquer coisa sobre ela? – Ela tem 14 anos. Está no campo há anos. Está me dizendo que ela é um contato?

– Absolutamente. Mas ela não precisa ser. Tudo o que precisa fazer é ficar de olhos abertos e avisar sem demora se algum dia vir você com uma mulher europeia que não trabalha no campo. Pela última informação que eu tive, a tarifa

atual por uma dica é de 100 dólares. O dobro se a dica render frutos. Isso equivale a metade de um salário anual nessa região do mundo. Quanto vocês estão pagando para Betty, a cozinheira?

– Nada – respondeu Jonathan. – Ela recebe comida, um lugar relativamente seguro para dormir, cuidados médicos e frequenta a escola do campo três vezes por semana.

– Ah, entendi. Ela é sua amiga. Uma pessoa a quem você confiaria a vida da própria mulher.

Caso encerrado, pensou Jonathan. Ele não tinha resposta. O veredicto seria rápido e certeiro. O réu Jonathan Ransom é considerado culpado por ter posto a mulher em risco com seu comportamento incauto. A pena para esse crime era a morte. Mas não a sua. A de Emma.

Ela se virou de lado e ele reparou em uma comprida cicatriz em suas costas, logo acima do rim. Percorreu-a com o dedo.

– Isto aqui é sério – disse ele, sentando-se para ver melhor. – O que houve?

– Ah, isso. Não é nada – disse Emma. – Eu caí e me cortei, só isso.

A cicatriz tinha 12,5 centímetros de comprimento, havia sido costurada com perícia e ainda estava um pouco inchada.

– Foi uma incisão profunda – disse ele. – Isto aqui foi trabalho de cirurgião. Que tipo de queda foi essa?

– Não foi nada. Uns cacos de vidro, eu acho. Não vá criar caso com isso.

Jonathan sabia que ela estava mentindo.

– Criar caso? – repetiu ele. – Eu penso em você todos os dias. Fico me perguntando onde você está, se está segura, ou se algum dia vou vê-la de novo. Aí você aparece do nada com uma cicatriz horrível nas costas, não quer me contar o que foi e fica agindo como se fôssemos dois adolescentes tentando não ser pegos pelos pais. Por quanto tempo você espera que isso continue? Por acaso devo viver feito um monge, me consumindo de desejo por você, até algum dia alguém que eu não conheço aparecer para me dizer que você morreu?

– Não – respondeu Emma, excessivamente controlada.

Jonathan tornou a cair deitado.

– E você não pode vir comigo?

– Não.

– E eu não posso ir com você?

– Não acho que isso iria funcionar.

– Então o que vamos fazer, Emma? Diga para mim o que vai funcionar.

– Não posso.

– Como assim?

Emma olhou para o relógio de pulso e se levantou com um pulo.

– Droga! Temos que levar você de volta para o hotel.

– Ainda não. Não antes de você me responder.

Mas Emma já estava em pé.

– Já faz tempo demais que estamos aqui. Tem um carro lá embaixo. Vista-se.

– Está bem, está bem. Um segundo.

Segurando sua mão, Emma o conduziu até o primeiro andar e a parte dos fundos do prédio. Uma vez na calçada, suas ações se tornaram ritmadas, disciplinadas. Ela virava a cabeça para a esquerda e para a direita. Estava exposta, o que significava que estava em perigo.

Andaram até um Audi preto estacionado dois quarteirões mais acima na rua. Usando a chave de controle remoto, ela desligou o alarme, depois sentou no banco do motorista. Jonathan deu a volta no carro e sentou-se no banco do carona. Nenhum dos dois disse nada durante o trajeto até o hotel. Ela o deixou a 100 metros da entrada. Ele pôs a cabeça pela janela aberta.

– Quando é que eu vou vê-la de novo?

– Amanhã – respondeu ela.

– Com certeza? Como é que vou encontrá-la? Devo perguntar ao Blackburn?

– Provavelmente não é uma boa ideia – disse Emma. – Nós encontraremos você. Agora vá. E boa sorte com a palestra. Não fique nervoso. Vai correr tudo bem.

Nesse momento, um carro buzinou. Emma engatou a marcha do Audi e acelerou, entrando no tráfego.

Jonathan ficou olhando o carro desaparecer, então andou até o hotel. Mal havia posto os pés dentro do lobby quando um homem rechonchudo e sério se aproximou dele apressado. Usava um terno cinza risca de giz com um cravo na lapela.

– Dr. Ransom, finalmente. Estamos esperando há horas para falar com o senhor. Onde estava?

– Dando um passeio no parque – respondeu Jonathan. – Eu precisava de um pouco de ar. Diferença de fuso.

– Claro. – O homem mais baixo pôs uma das mãos no cotovelo de Jonathan e conduziu-o até a recepção. Era careca, com um rosto afogueado e olhos escuros e

inteligentes. – Recebeu meu recado? – perguntou ele. – Eu rabisquei algumas palavras no nosso programa. Pensei que seria uma boa ideia coordenarmos as coisas antes da sua palestra amanhã cedo. O concierge me garantiu que tinha mandado entregar o recado no seu quarto.

– Recado? – Só então Jonathan se lembrou da caligrafia elegante. *Estou ansioso para cumprimentá-lo. Vou precisar de alguns minutos para conversar sobre a sua intervenção.* – Foi o senhor quem mandou o programa?

– Ora, fui eu, sim. Quem o senhor pensou que tivesse sido? – Quando Jonathan não respondeu, o homem prosseguiu. – Espero que as acomodações estejam do seu agrado. Alguns dos membros acham um pouco grandioso demais, mas eu acho que precisamos nos isolar em um ambiente discreto. Somos médicos, não encanadores. Não se pode esperar que nossa reunião seja em Earls Court. Mas chega dessa conversa. Como foi seu voo? Correu tudo bem?

Mas Jonathan não respondeu. Não estava mais ouvindo as palavras do homem. Finalmente tinha conseguido ler o crachá de seu anfitrião.

O crachá dizia “Dr. Colin Blackburn”.

10

–Não posso comentar sobre o trabalho de Robert Russell para nossa empresa – disse o homem arrogante e cheio de si sentado do outro lado da mesa em frente a Kate Ford. – Todos os nossos colaboradores são contratados com base em um sigilo absoluto. Isso não quer dizer que não queremos ajudar na sua investigação; mas não podemos. Regras são regras.

Aos 60 anos, com uma coroa de cabelos já ralos e óculos de lentes bifocais equilibrados na ponta de um nariz aquilino, Ian Cairncross, diretor da Oxford Analytica, encarava Kate com um olhar de tédio. Estavam ambos sentados na sala dele na Alfred Street, número 5. Do pub Coach and Arms, que ficava logo ao lado, o burburinho dos clientes subia pelos muros do beco de paralelepípedos e entrava pelas janelas abertas. Kate havia passado 10 minutos escutando uma longa história sobre a Oxford Analytica.

A empresa fora fundada 30 anos antes por um advogado americano que trabalhava como assistente de Henry Kissinger na Casa Branca da era Nixon. Durante o doutorado em Oxford, ele tivera a ideia de criar a empresa. Na sua opinião, o plantel de professores e estudiosos em Oxford representava uma incrível confluência de especialistas de nível mundial em todo tipo de assunto, de economia a geografia, passando pela ciência política. Se ele conseguisse canalizar esse conhecimento, poderia usá-lo para responder a perguntas cruciais para governos e empresas multinacionais pelo mundo afora. Queria que os professores analisassem problemas que iam de prever o futuro preço do petróleo a adivinhar quem sucederia ao próximo premiê soviético. Para todos os efeitos, a Oxford Analytica era a primeira "agência aberta de inteligência" do mundo e a sua competência estava disponível para qualquer interessado, contanto que este concordasse em pagar suas tarifas nada desprezíveis.

– A Met também tem regras – disse Kate. – Também estamos proibidos de revelar detalhes relacionados aos casos que investigamos. Por exemplo, eu estaria sendo relapsa se lhe dissesse que lorde Russell tinha uma pistola carregada na gaveta da escrivaninha na ocasião do seu assassinato, e que não pôde tentar usá-la contra seu agressor. Também estaria sendo relapsa se lhe dissesse que Russell levou um golpe bem feio na cabeça antes de cair da varanda, golpe este que poderia ou não ter fraturado seu crânio. E não tenho qualquer direito de lhe

revelar que a pessoa que o estava esperando quando ele chegou em casa às 2h40 da madrugada de ontem, quem quer que fosse, não apenas conseguiu passar por três porteiros e câmeras de monitoramento de segurança que cobriam cada centímetro quadrado das partes comuns do prédio, mas também despistou um sistema de alarme de última geração instalado pela melhor empresa de segurança de Londres. E o pior de tudo é o seguinte: não fazemos ideia de como o agressor saiu do apartamento, porque o alarme de Russell ainda estava ligado quando chegamos. Mas eu tenho liberdade para dar minha opinião – disse Kate. – O senhor gostaria de ouvir?

Ian Cairncross aquiesceu, com os olhos ligeiramente arregalados.

Kate seguiu falando.

– A pessoa que matou o Sr. Russell, quem quer que tenha sido, era profissional. E não estou falando de nenhum marginal de Brixton que já tenha feito isso uma ou duas vezes antes, mas sim de alguém que foi treinado pelos melhores do ramo. Não estou me referindo a nenhuma agência de inteligência *aberta*. Também estou convencida de que se, por qualquer motivo, essa pessoa achar que mais alguém… alguém como o senhor, por exemplo… sabia alguma coisa sobre o que Russell andava fazendo, mataria esse alguém também e estaria cagando e andando para isso.

Kate deixou as palavras surtirem efeito, observando a palidez funérea do rosto de Cairncross.

– Mais uma coisa – acrescentou. – Caso o senhor decida desrespeitar alguma das suas regras, eu estou autorizada a lhe oferecer proteção 24 horas para garantir que o senhor não sofra uma quedinha da varanda da sua casa… contanto que o senhor tenha uma. Uma varanda, quero dizer. Tenho certeza de que o endereço da sua casa é perfeitamente conhecido por todos os envolvidos. – Ela inclinou a cabeça e sorriu. – Então, se o senhor não se importar, vou perguntar mais uma vez, a última: em que Robert Russell estava trabalhando?

A resposta veio em um sussurro.

– GSPM.

Kate se recostou na cadeira e pegou o bloquinho.

– Continue.

– É a sigla em inglês para Matriz de Pontos de Estresse Globais, *Global Stress Points Matrix* – disse Cairncross, com um pouco mais de ênfase. – Faz parte do sistema de alerta inicial que oferecemos aos nossos clientes. O objetivo da GSPM é prever riscos futuros. Nós elaboramos uma lista de 20 indicadores principais

que nos permitem prever com alto grau de exatidão o curso dos acontecimentos na área em questão.

– Que tipo de acontecimentos?

– Quem vai ser o próximo primeiro-ministro do Japão. A taxa de inflação norte-americana a longo prazo. O número de poços de petróleo que vão entrar em funcionamento na Arábia Saudita e seu efeito no preço do petróleo.

– Não acho que lorde Russell tenha sido morto porque errou ao adivinhar o preço de um barril de petróleo – disse Kate.

– Não – concordou Cairncross. – Imagino que não. Robert levou nosso programa de GSPM um passo além. A senhora sabe o que é coleta de inteligência de código aberto?

Kate se lembrou vagamente de ter visto alguma coisa com um título parecido em cima da mesa de Russell, mas não fazia ideia do que se tratava. Foi o que respondeu.

– É nessa direção que todo mundo está indo ultimamente – disse Cairncross.

– Quem é todo mundo?

Cairncross lançou-lhe um olhar dissimulado.

– Digamos apenas que as empresas não são nossos únicos clientes. Existem pessoas neste governo, e em outros governos, que demonstraram interesse pelo nosso trabalho. Antigamente, para alguma informação ser considerada valiosa, precisava ter classificação confidencial ou mais. Quando alguma coisa era conhecida por todos, era considerada inú… – Cairncross parou de falar, em busca da palavra certa. – Como a senhora mesma já disse de forma tão eloquente, todo mundo "cagava e andava" para essa informação. Mas isso foi um engano. Na verdade, todas as informações de que alguém precisa para saber o que os amigos e inimigos estão fazendo já está disponível. O mundo está repleto de informações. O problema não é a falta, e sim o excesso. A internet diminuiu os seis graus de separação para três, no máximo. Olhe só para o mundo das celebridades. A senhora pode até não conhecer David Beckham pessoalmente, mas sabe quem são os seus melhores amigos, onde ele jantou ontem à noite, quanto deixou de gorjeta, e para onde vai viajar depois de amanhã. Em outra área isso seria chamado de inteligência acionável. Pode imaginar como seria se tivéssemos sabido tanto assim sobre Adolf Hitler ou Josef Stálin, ou mesmo Saddam Hussein? Quem precisa de uma câmera para espiões Minox quando um celular dá perfeitamente conta do recado? Hoje em dia, todo mundo é espião. As pessoas só não sabem disso. E as informações são em tempo real. Está tudo

acontecendo *agora*. Era isso que Robert estava fazendo. Ele estava montando uma rede confiável de informações, uma TIN, sigla em inglês para *trusted information network*: uma rede de indivíduos capazes de reunir essas informações.

– Está me dizendo que lorde Russell era um espião?

– Não estou dizendo nada disso. A Oxford Analytica não é uma agência de inteligência per se. Robert estava simplesmente desenvolvendo uma metodologia para recolher informações exatas e oportunas sobre diversos assuntos do interesse dos nossos clientes. Seu forte era criar essas redes de fontes muito bem localizadas que se reportavam a ele de forma confidencial, por assim dizer.

– Redes TIN?

– Exatamente.

– E quem eram essas fontes?

– Podia ser qualquer um. O ministro da Defesa do Brasil. O principal executivo financeiro de um conglomerado minerador na África do Sul. Um general russo encarregado do transporte rodoviário na Chechênia. Qualquer pessoa passível de ter informações de importância estratégica em tempo real. A questão é que, com a tecnologia no nível em que está hoje, qualquer pessoa com acesso a informações particulares pode transmitir essas informações de forma anônima e imediata.

– Especialmente sobre assuntos delicados.

– Em geral, sim.

– Informações vendidas a quem estiver pagando mais.

– Se estiver insinuando algum tipo de atividade envolvendo alta traição, está errando o alvo – disparou Cairncross em resposta. – O mundo mudou. Fronteiras são coisas do passado. As informações não têm passaporte. Elas pertencem a todo mundo.

– Mesmo assim, lorde Russell tinha uma pistola para o caso de surgir alguém com um ponto de vista menos democrático.

Pela primeira vez, Cairncross ficou sem resposta.

Kate continuou.

– Então, pelo que entendi, durante essa coleta de inteligência de código aberto que *não* estava fazendo em nome dos britânicos, lorde Russell descobriu alguma coisa que não deveria.

Cairncross retirou os óculos bifocais do nariz e limpou as lentes com um lenço.

– Os acontecimentos de hoje de manhã parecem corroborar a sua hipótese – disse ele com equanimidade, embora sem encará-la.

– Russell não deu ao senhor nenhuma indicação do tema atual de seu interesse?

– Só de forma tangencial.

– Tangencial?

– Sim… periférica, por assim dizer.

Kate expirou ruidosamente.

– Sr. Cairncross, eu não estou interessada em nada tangencial, nem periférico, nem em matrizes globais. Estou interessada em fatos. Lorde Russell compartilhou suas descobertas com o senhor, sim ou não?

Cairncross continuou a limpar os óculos.

– Robert chegou a mencionar ter descoberto alguma coisa que estava lhe tirando o sono. Disse que a questão era sensível do ponto de vista temporal, e que ele estava investigando assuntos nos quais o seu interesse não era bem-vindo. Mas foi só isso. Acho que, infelizmente, não serve para muita coisa.

– Ele mencionou algum tipo de ameaça? Um atentado em solo britânico? Alguma coisa relacionada à possibilidade de alguém perder a vida?

– Meu Deus, não – disse Cairncross, parecendo genuinamente surpreso. – Nada desse tipo. Alguns anos atrás, ele nos avisou sobre a tentativa de assassinato do primeiro-ministro libanês. Posso garantir à senhora que nós transmitimos essa informação às autoridades competentes em tempo recorde.

– Se bem me lembro, o primeiro-ministro libanês foi estraçalhado por uma bomba em Beirute – disse Kate.

– Infelizmente, sim – reconheceu Cairncross. – Nós não chegamos a tempo para salvar o coitado do homem. Tirando isso, o trabalho de Robert tem sido estritamente acadêmico.

– Ele alguma vez mencionou alguém chamado Mischa? Soube que é um apelido de Mikhail. Ambos os nomes são russos.

– Desculpe. Não conheço nenhum Mischa.

– E Victoria Bear?

Cairncross balançou a cabeça.

– Posso saber onde a senhora conseguiu essa informação?

Kate se recostou na cadeira e uniu as mãos.

– Infelizmente, não posso revelar isso. Mas tenho uma última pergunta:

Russell comentou alguma coisa sobre uma reunião amanhã de manhã… algo bastante importante?

Cairncross franziu os lábios, consultando algum banco de dados interno de informações.

– Não, não me recordo que tenha mencionado. Mas ele andava bem preocupado com um outro assunto. Era um assunto que vinha estudando há algum tempo, ao qual na verdade estava dedicando todos os seus recursos…

Nesse instante, alguém bateu na porta com firmeza e a porta da sala se abriu alguns centímetros. Kate pôde ver de relance uma cabeça loura e um maxilar quadrado esperando no corredor.

– Ian, uma palavrinha…

Cairncross olhou para Kate e em seguida afastou os olhos, mas não antes de ela perceber o brilho de pânico em seu olhar.

– Com licença um instante. – Ele se levantou e, quando chegou ao lado do homem no corredor, Kate viu a mão de alguém tocar seu ombro e guiá-lo para longe.

Cairncross voltou dali a poucos minutos.

– Sinto muito – desculpou-se. – Houve um imprevisto. Infelizmente, a nossa conversa vai ter de parar por aqui.

– O senhor estava dizendo que Russell andava preocupado com alguma coisa.

– Petróleo. Um choque de preços. O único motivo para isso seria um atentado a alguma grande estrutura de produção de petróleo em algum lugar, na Nigéria ou na Arábia Saudita, por exemplo. Mas eu posso garantir à senhora que ele nunca mencionou nenhum Mischa. Talvez a morte de Robert não tenha nada a ver com o trabalho dele. Quem pode saber quais eram as suas preferências pessoais?

– Talvez – disse Kate. Se ela não estava enganada, Cairncross havia acabado de tentar macular a reputação de Russell. Ela guardou o bloquinho no bolso do casaco e se levantou. – Nossa oferta de proteção continua de pé.

– Não, não – disse Cairncross, gaguejando de tanta ansiedade para acompanhá-la até fora da sala. – Não vai ser preciso. Acho que estamos todos um pouco perturbados com a morte de Robert. Só isso.

Kate não se deixou apressar.

– Tem certeza de que não tem mais nada a dizer? – perguntou, detendo-se na soleira da porta, perguntando-se quem era aquele outro homem que havia interrompido sua reunião e posto um fim violento à sua conversa.

– Nada mesmo.

Ela lhe entregou seu cartão de visita.

– Se pensar em mais alguma coisa, tangencial ou não, ligue para mim.

♦♦♦

Kate ficou parada do lado de fora do prédio, sentindo-se enganada e traída. Estava certa de que Cairncross tinha mais coisas a contar, e seu instinto lhe dizia que essas coisas talvez pudessem ser úteis para ajudar a encontrar o assassino de Russell. Além do mais, a tentativa tardia de insinuar que as atividades sexuais de Russell poderiam ter levado a seu assassinato a havia deixado com raiva. A morte de Russell não era um crime passional. Era calculada demais para isso. Engolindo a raiva, ela começou a andar de volta até o carro.

Seu telefone tocou. Era o toque de Cleak.

– Oi, Reg.

– Estou no apartamento do Russell. É melhor vir para cá assim que possível. Nós descobrimos.

Kate parou de andar e tapou a orelha com o dedo para ouvir melhor em meio ao barulho da rua.

– Descobriram o quê?

– Como o assassino entrou no apartamento do Russell.

– Como?

– A senhora vai ter que ver para crer.

– Estou a caminho.

Kate desligou. Quando recomeçou a subir a ruazinha, deu uma última olhada para trás. Seus olhos se ergueram para a janela de Cairncross, no segundo andar. A janela havia sido fechada e, embora estivesse refletindo o sol, ela pôde discernir o contorno de uma cabeça loura, com um maxilar bem quadrado, que a observava com atenção.

E quem diabos é você?, perguntou à silhueta silenciosa.

11

Os componentes estavam dispostos no chão da garagem, empilhados cuidadosamente contra a parede dos fundos.

Vinte barras de explosivo plástico embrulhadas quatro a quatro, cada pacote pesando 5 quilos e envolto em massa de modelar cor de laranja para manter a temperatura estável.

Dois sacos de 15 quilos de pregos de carpintaria de 10 centímetros.

Dois sacos de 10 quilos de parafusos de aço de 7,5 centímetros.

Cinco sacos de 5 quilos de munição de chumbo 00.

Quatro sacos de 25 quilos de cimento Portland.

Um rolo de fio elétrico de cobre.

Um pedaço de 1 metro de fio detonador fabricado pela Bofors sueca.

Uma caixa de cápsulas de detonação. Dez unidades.

Uma lata de gel inflamável, mais conhecido como *napalm*.

Um telefone celular (ainda na embalagem de fábrica) e um cartão com 20 libras de crédito.

Por último, mas não menos importante, o instrumento de entrega, recentemente lavado e reluzente sob uma sequência de lâmpadas fluorescentes, ocupava o centro da garagem.

Um BMW havia sido escolhido para o trabalho. Carros caros atraíam menos atenção do que os baratos, e aquele ali custava 120 mil libras esterlinas, quase 200 mil dólares americanos, incluindo os impostos. Era um modelo 2011 da série 7, cinza-escuro, com o interior de couro preto, a distância entre os eixos alongada e conservadores aros de 48 centímetros. Um carro que um diplomata poderia dirigir. Um carro que não chamaria atenção estacionado nas ruas de Whitehall, o bairro londrino onde ficavam muitos escritórios governamentais.

Um homem estava em pé dentro da garagem, examinando o carro. Era pálido e magro e vestia um macacão azul. Com exceção das mãos, nada nele se destacava. A mão esquerda tinha apenas três dedos: o mindinho e o anular haviam sido arrancados por um detonador defeituoso. A mão direita, embora intacta, era grotesca, coberta por queloides. Quando pega fogo, o fósforo branco se funde à pele humana e não pode ser apagado com água. Eram as mãos de um

fabricante de bombas.

Ele também havia sido contrabandeado para dentro do país, embora por um caminho menos sinuoso do que o do BMW roubado. Tinha vindo de Calais, na França, atravessado o Canal da Mancha em uma lancha Cigarette de alta velocidade e desembarcado em uma praia em Dover 24 horas antes. Depois de montar a bomba, voltaria à mesma praia para a viagem de volta, mas não se sabia se tornaria a passar por Calais ou não. Homens como ele não divulgavam seus itinerários.

Ele não tinha nome. Era conhecido apenas por seu ofício. *O Mecânico*.

O Mecânico deu a volta no carro, alisando com uma das mãos o capô, o teto e o porta-malas. Cada artefato explosivo era diferente, e tinha de ser montado de acordo com seu objetivo específico. Derrubar um prédio exigia 500 quilos de explosivos de alta potência, ou mais, e era preciso chegar muito perto do alvo. Para isso, o melhor era um caminhão ou uma van, bem como a disposição de sacrificar a própria vida. Para maximizar as perdas humanas, precisava-se de menos explosivos e mais material de detonação ou estilhaço. A proximidade era fundamental. Os explosivos plásticos produzidos para as forças armadas explodiam a uma velocidade de 8 mil metros por segundo. A detonação por si só era capaz de destruir um automóvel próximo. Nessa velocidade, um prego de carpintaria percorria uma distância longa e mortal.

O trabalho que lhe havia sido confiado para aquela noite se situava entre esses dois exemplos. Ele levou seis horas para completá-lo.

Quando terminou, examinou o BMW com os olhos de um ex-policial. O veículo não parecia nada diferente de antes, ou seja, não pendia para um dos lados nem estava afundado na suspensão. Os explosivos estavam distribuídos de forma equilibrada pelo lado esquerdo do carro, o lado do carona, e escondidos no porta-malas, nos painéis laterais inferiores, no teto e no motor.

O Mecânico montava suas cargas segundo um modelo em três camadas. Primeiro, revestia o chassi com gel napalm. Em seguida, inseria o material de detonação (pregos, parafusos, munição). Por último, moldava e fixava o explosivo plástico.

O cimento era usado como compactador. Ele pôs um saco de cimento do lado direito do porta-malas e depois dividiu o segundo saco em porções menores, as quais espalhou pela cavidade do motor. Assim, o cimento iria desviar a força da explosão na direção desejada.

Um celular comum preso a uma cápsula de detonação servia para detonar a

bomba. Quando o celular recebia uma chamada, transmitia uma carga elétrica que detonava a cápsula. A cápsula, por sua vez, acionava o fio detonador, detonando imediatamente os explosivos plásticos. A sequência de detonação completa levaria um centésimo de segundo.

Havia uma última coisa que ele precisava fazer. Espremendo-se debaixo do volante, instalou um aparelho antibloqueio. Os alvos haviam se tornado tão sofisticados para se proteger quanto os agressores que queriam matá-los. Não era raro os veículos transportarem um aparelho bloqueador sem fio que impedia o recebimento de todos os sinais de telefones, como defesa contra bombas pelo caminho. A caixa preta que ele conectou à bateria interna do carro bloquearia o bloqueador. Era uma questão de saber quem estava um passo à frente do outro.

Depois de terminar, ele saiu de baixo do carro e se levantou.

O Mecânico limpou as mãos com uma flanela. A mulher tinha olhos verde-garrafa e cabelos ruivos ondulados. Sua beleza era tão inesperada quanto a sua aparição silenciosa. Ele sabia que não deveria perguntar seu nome.

– Só ligue o celular depois de estacionar o carro. Hoje em dia eles têm scanners.

– Qual o número?

Ele recitou o número e a mulher o armazenou em seu próprio celular.

– Por que os pregos e parafusos? – perguntou ela.

O Mecânico relanceou os olhos para um canto da garagem, mas não respondeu.

– Por que os pregos? – repetiu ela. Havia passado uma semana reunindo o material necessário, e o acréscimo de última hora de pregos, munição e parafusos a incomodava. – A explosão vai ser mais do que suficiente para fazer o trabalho.

– Para garantir que o trabalho seja concluído de forma que eu considere satisfatória – respondeu um barítono fanhoso. Um homem baixo e atarracado surgiu das sombras da garagem e andou até o carro. Um cigarro sem filtro pendia do canto de sua boca. Como sempre, ele usava um terno cinza risca de giz de qualidade duvidosa. – Não se preocupe – disse. – A carga está moldada. A detonação vai se restringir ao alvo. Os danos colaterais vão ser mínimos.

– Oi, Papi – disse a mulher.

– Oi, menina.

– O que está fazendo aqui?

– Vim desejar boa sorte.

– Dois mil quilômetros para me dar um tapinha nas costas? Que gentileza.

– Pensei que a minha presença fosse fazer você entender melhor o nosso comprometimento com a missão.

– Estou impressionada.

Papi jogou o cigarro no chão e apagou-o com o calcanhar.

– Pregos, é? Estão incomodando você? Não me espanta. Você sempre foi mais sensível do que quis admitir.

– Cautelosa. É diferente.

Papi franziu o cenho. Não concordava com aquilo.

– Eu me arrisquei trazendo você de volta.

– Foi você quem me mandou embora.

– Não foi uma questão de escolha. Eu não podia mais pagar por você. O sistema estava quebrado. Foi uma necessidade financeira.

– Mas nós éramos parentes. Refresque a minha memória, eu era sua filha ou alguma outra coisa?

Papi levou uma das mãos ao rosto dela e acariciou seus lábios com os dedos ásperos.

– Estou vendo que o seu marido nunca ensinou você a ficar de boca fechada. *Americanos*. Tão fracos.

A mulher se virou bruscamente para o outro lado.

– Muitas pessoas estão confiando em você – continuou Papi, pondo a mão no bolso do paletó para pegar outro cigarro.

– Principalmente você.

– Principalmente eu. Reconheço. Queria me certificar de que você não ia ter nenhum escrúpulo de última hora.

– Por que deveria ter?

Papi retirou um pedaço de tabaco da língua.

– Você é quem vai me dizer – afirmou casualmente, acionando o isqueiro, um Zippo amassado que tinha desde que ela o conhecia.

– Está esquecendo o que aconteceu em Roma? – Emma Ransom tirou a camiseta de dentro da calça e mostrou a cicatriz. – Voltar não é uma alternativa.

– Só queria ter certeza de que nós dois sabemos disso. – O homem atarracado beijou Emma nas duas bochechas, depois entregou-lhe as chaves do carro. – Boa caça.

12

MAIS DE 12 HORAS DEPOIS de o apartamento de lorde Robert Russell na Park Lane, número 1 ser declarado cenário de um crime, o local estava zumbindo de atividade. Membros da equipe de criminalística percorriam os corredores segurando sacos de indícios, câmeras e equipamentos para mapear o local. A sua função era fotografar o apartamento, tirar impressões digitais e vasculhar tudo de cima a baixo em busca de qualquer coisa que se assemelhasse a uma pista. O trabalho iria entrar pelo dia seguinte até bem tarde antes de terminar.

Reg Cleak estava em pé junto à porta de entrada quando Kate chegou. Ofereceu-lhe um sorriso educado, mas ela podia ver que o trabalho do dia o deixara exausto. As rugas de seu rosto estavam tão fundas quanto um mapa de relevo, e as bochechas pendiam do maxilar feito as duas bolsas de uma sela de montaria.

– Oi, Reg – disse ela, apertando seu braço. – Está lutando por uma boa causa.

– Como sempre, chefe. – Cleak ensaiou um sorriso. – Queira me acompanhar.

Ele atravessou o hall de entrada e entrou na cozinha, segurando a porta para Kate passar.

– Mandei a equipe revirar o apartamento para tentar achar qualquer coisa que pudesse ter servido como arma do crime. A senhora sabe: algo duro e pesado. Eles examinaram as luminárias, um ou outro bibelô, ferramentas, utensílios de cozinha, para ver se tinham algum cabelo ou tecido. Quando alguém desfere um golpe violento assim, é muito provável levar uma pequena recordação.

– E encontraram alguma coisa?

Cleak deu um suspiro.

– Acha que eu a trouxe aqui para provar o pudim? Dê uma olhada. – Ele abriu a porta do freezer, revelando prateleiras cheias de carne congelada, refeições pré-cozidas e sorvete.

– Bateram nele com um saco de ervilha congelada, foi? – perguntou Kate.

– Quase acertou. – Cleak se ajoelhou para abrir uma gaveta na parte de baixo do freezer. Quando tornou a se levantar, estava segurando uma garrafa de vodca envolta em uma capa de gelo. – Já viu uma destas?

Kate fez que não com a cabeça.

– Eu bebo vodca quente, ou no máximo com um ou dois cubos de gelo.

– Tome, pode segurar. – Cleak lhe entregou a garrafa. – Eram duas. A Criminalística levou a arma.

– Arma? Está querendo dizer que bateram na cabeça do Russell com uma garrafa de vodca russa?

– Russa, não, polonesa. Enfim, nós encontramos nada menos que três fios de cabelo louro presos no gelo. Já foram enviados ao laboratório para o teste de DNA, mas imagino que vamos ter uma identificação positiva.

Kate tornou a guardar a garrafa no freezer e fechou a porta.

– Não é o primeiro lugar em que eu iria procurar uma arma – reconheceu ela. – Ele conhecia bem a casa, não é?

Aquiescendo, Cleak gesticulou para que ela o seguisse.

– Essa não é nem metade da história. A calha era usada para a roupa suja na época em que o prédio era um hotel – explicou ele. – É de aço de Manchester. Não enferrujou nadinha desde que foi construída, 100 anos atrás. Tem uma porta de acesso em cada andar. Quando os novos moradores reformaram o apartamento, fecharam a calha e esconderam as portas.

Os dois agentes da Polícia estavam ajoelhados do lado de dentro do closet de Robert Russell, olhando com a ajuda do facho de uma lanterna para um quadrado recortado na parede. O pedaço de parede que faltava estava a caminho do laboratório para busca de digitais e análise.

– Ele veio do subsolo – disse Cleak. – Consertou a parede bem direitinho lá embaixo também. Sem pressa.

– Está me dizendo que ele conseguiu subir cinco andares dentro desse caixão de aço?

– Um verdadeiro Homem-Aranha.

Kate espiou para dentro da calha, perguntando-se que tipo de pessoa tinha capacidade ou coragem para escalar algo tão estreito e escuro. O buraco parecia não ter fundo. De repente, ela perdeu o fôlego e ficou tonta. Sacudindo a cabeça para se recuperar, saiu do closet a passos largos.

– Tudo bem? – perguntou Cleak, seguindo-a logo atrás.

– Tudo – respondeu ela com esforço. – Não foi nada. Eu não gosto de espaços apertados. Só isso. – Ela mordeu o lábio até a dor obrigar seus medos a voltarem para o lugar de onde tinham saído, depois disse, com a voz mais forte:

– Então o assassino começou por aqui e foi até o escritório do Russell. Vamos ver como ele fez isso?

Metodicamente, eles reconstituíram os passos dados pelo assassino 18 horas antes. Em cada cômodo, Cleak apontava para a localização dos diversos dispositivos de segurança: sensores de movimento, detectores térmicos, sensores de pressão. Acabaram o percurso 10 minutos depois, no escritório agora vazio de Russell.

– Quanto tempo você acha que ele levou para neutralizar o sistema? – perguntou Kate.

– Não importa o tempo – disse Cleak. – Ainda estamos tentando descobrir como ele conseguiu. Supostamente, é impossível burlar esse sistema.

– Não são todos assim?

Uma vez dentro do escritório de Russell, os olhos de Kate saltaram até a tela de plasma.

– E ela? Alguma sorte em tentar identificar nossa mulher misteriosa?

– Infelizmente, não – respondeu Cleak. – Encontramos o provedor da conexão a cabo, mas eles exigem um mandado do Ministério do Interior antes de ao menos começar a busca do remetente daquela mensagem. Mesmo assim, é uma luta inglória. Se Russell tomou cuidado para apagar o próprio rastro, vai ser praticamente impossível encontrar a mulher. Pelo menos a curto prazo.

– Que droga – praguejou Kate. – Precisamos encontrá-la. Ela é tudo o que temos. Deus sabe que ela própria pode estar correndo perigo. Talvez Russell não seja o único na lista de alvos deles. São profissionais, Reg. Estamos enfrentando uns indivíduos muito desagradáveis. Assassinos treinados pelo governo.

– Indivíduos? Pensei que estivéssemos procurando só um.

– Acho pouco provável. – Kate saiu do escritório e desceu o corredor com seu costumeiro passo acelerado. Enquanto andava, foi explicando o que havia descoberto sobre o trabalho de Russell na Oxford Analytica. – O nosso pequeno lorde Russell estava enfiando o nariz onde não tinha sido chamado. Esta operação foi planejada nos mínimos detalhes. Eles tiveram acesso às plantas do prédio, a um diagrama do sistema de segurança do apartamento, a tudo. Eu não ficaria surpresa se houvesse pelo menos três homens envolvidos. Um para vigiar o prédio, outro para seguir Russell e o assassino propriamente dito. Profissionais, Reg.

Cleak parou na porta da frente, respirando com dificuldade.

– A senhora poderia andar mais devagar? Vai me fazer ter um enfarte. Para onde está indo com tanta pressa?

– Para a sala de segurança do prédio – disse Kate por cima do ombro.

– Mas nós já vimos as fitas – protestou Cleak. – Não encontramos nada.

Kate já estava esperando dentro do elevador quando Cleak conseguiu passer pelas portas que já iam se fechando.

– Não com a devida atenção – disse ela.

♦♦♦

A sala de segurança do prédio ficava no segundo andar do One Park. Era uma salinha apertada, dominada por uma infinidade de monitores de vídeo embutidos em uma das paredes e, apesar do aviso de não fumar, recendendo a tabaco. Kate ficou parada, encostada na parede dos fundos, passando os olhos pelas 16 imagens transmitidas em tempo real. De um de seus lados estava Reg Cleak. Do outro, o administrador do prédio e o chefe da segurança.

– A razão pela qual não o vimos antes foi porque ele já estava aqui dentro – disse Kate enquanto esperavam o primeiro dos discos ser inserido no aparelho e sincronizado.

– Infelizmente, não temos câmeras no subsolo – disse o chefe da segurança. Ele era um ex-oficial de infantaria com um bigode espetado e um andar ligeiramente manco, que fazia questão de que todos soubessem ter sido adquirido em Goose Green, nas Malvinas. – Nunca achamos que fosse necessário. Não existe acesso ao subsolo pela rua. A única forma de entrar é pelo elevador ou pela escada, onde já existem câmeras.

– Justamente – disse Kate. – Eu gostaria de começar pelo disco que monitora os elevadores e as escadas. Vamos dar uma olhada no período imediatamente anterior ao assassinato de Russell, começando à meia-noite de ontem.

O chefe da segurança encontrou os DVDs correspondentes e os inseriu no aparelho. Uma vista em grande-angular dos elevadores encheu o monitor principal. No canto inferior esquerdo, um *time code* mostrava a duração da gravação. Kate pediu para sincronizarem os discos com as câmeras da portaria e do estacionamento. Assim, poderiam ver se alguém havia entrado no elevador em algum andar alto e deixado de descer na portaria ou na garagem.

Naquela hora da noite, a maior parte da movimentação dizia respeito a moradores voltando para o prédio depois de uma saída noturna. Eles podiam ser vistos atravessando a garagem ou a portaria, depois aparecendo dentro de um dos elevadores. O administrador do prédio citava o nome de cada pessoa que aparecia. “Esse é *sir* Bernard”, ou “Esse é o Sr. Gupta”.

À 1 da manhã, o fluxo do tráfego diminuiu. Eles passaram a assistir ao DVD

em velocidade acelerada, fazendo uma pausa apenas quando alguém surgia no monitor. Quando o *time code* estava mostrando 02:25, hora da morte de Russell, e cada pessoa que havia aparecido já tinha sido identificada, o chefe da segurança perguntou se gostariam de fazer um intervalo.

– Deixe prosseguir – pediu Kate. – Se ele saiu pelo subsolo, deve ter tornado a subir depois.

Continuaram assistindo aos discos. Para consternação da inspetora-chefe, não havia nenhuma imagem de um homem entrando no elevador em qualquer andar, do subsolo ao décimo primeiro, entre 2h20 e o momento da chegada do inspetor Ken Laxton, às 3h15. Às 3h17, viram o inspetor bem penteado entrar no elevador e ficar em pé ao lado de uma mulher de cabelos ruivos. Kate precisou de alguns segundos para perceber que alguma coisa estava estranha.

– Esperem aí – disse ela, incisiva. – Quem é…?

– Está falando do Kenny Galã? – indagou Cleak, dando uma risadinha e esfregando os olhos.

– Estou falando da mulher que está com ele no elevador.

– Não sei – disse o chefe da segurança. – Não é moradora, isso eu posso dizer. Eu me lembraria.

Kate trocou olhares com Cleak.

– De onde diabos essa mulher surgiu às 3h17 da manhã?

– Imagino que tenha chegado de carro à garagem – disse o chefe da segurança.

– Não vi ninguém chegar de carro. Você viu, Reg? Volte o disco.

O chefe da segurança congelou todos os monitores, depois voltou o disco que exibia a garagem. Kate estava certa. Nenhum carro havia entrado lá.

– Volte para o elevador. Devemos ter perdido a hora em que ela entrou no elevador.

Eles voltaram o disco e viram Ken Laxton sair do elevador de trás para a frente. A desconhecida continuou lá dentro, o que significava que já estava no elevador quando Laxton entrou. A imagem recuou mais ainda. Onze segundos antes, às 3h16min45s, a porta tornou a se abrir e a mulher recuou.

– Ela entrou no elevador pelo subsolo – disse Kate.

Reg Cleak contraiu os lábios, como se estivesse relutando em aceitar tudo que decorria da conclusão de Kate. Ela enfiou as mãos nos bolsos e deu as costas para o monitor.

– Mas como foi que ela entrou no prédio?

O chefe da segurança balançou a cabeça.

– Nós verificamos o nosso registro e identificamos todos os visitantes dos últimos quatro dias.

Kate considerou essa informação.

– Me mostrem os discos da garagem.

◆◆◆

Precisaram de mais uma hora, porém encontraram o que estavam procurando. Às 2 da tarde da véspera, Russell tinha entrado com seu Aston Martin DB12 na garagem, estacionado em sua vaga reservada e andado até o elevador. Cinco minutos depois, as luzes da garagem diminuíram de intensidade. E cinco minutos depois disso o porta-malas do Aston Martin se abriu. De lá saiu uma mulher vestida com roupas elegantes, carregando uma bolsa de couro a tiracolo. A bolsa parecia ter o tamanho certo para conter as ferramentas necessárias para cortar um pedaço da parede do subsolo e depois tornar a consertá-la. Mas a luz estava fraca demais para permitir que dessem uma boa olhada na mulher, que atravessou a garagem depressa, mantendo o rosto virado para longe da câmera.

Kate a estudou enquanto ela entrava no elevador e subia um andar até o subsolo. A intrusa não ergueu o rosto nem uma vez para permitir à câmera captar uma boa imagem sua. *Uma profissional*, lembrou Kate a si mesma. Talvez mais do que isso.

– É ela o nosso homem.

13

FRANK CONNOR NÃO GOSTAVA DA INGLATERRA. A comida era péssima, o clima, deprimente e tudo custava os olhos da cara. Os ingleses gostavam de cerveja quente e de rosbife frio. Pior de tudo, insistiam em dirigir do lado errado. Ele quase havia sido atropelado duas vezes ao se esquecer de olhar para a direita antes de atravessar a rua. Tomando o último gole de sua Coca-Cola, pôs-se a mastigar um cubo de gelo e ficou vendo o tapete de pastos verdejantes e colinas baixas erguer-se em meio à luz cada vez mais fraca do crepúsculo, para recebê-lo. Foi só depois de as rodas tocarem o chão e de o jato parar que ele se lembrou por que tinha tanta antipatia por aquele país. Não era os Estados Unidos.

Um carro e um motorista do escritório estavam à sua espera na pista do Aeroporto de Stansted, 48 quilômetros a nordeste de Londres. Connor desembarcou do avião e entregou seu passaporte ao funcionário que estava à sua espera. O piloto já havia transmitido os detalhes de Connor pelo rádio. O funcionário verificou rapidamente o passaporte para confirmar a identidade, e ele recebeu autorização para passar. Ninguém inspecionou sua bagagem.

– Então? – perguntou Connor, acomodando-se no banco do carona.

– Ela está aqui – respondeu o motorista, um escocês de modos bruscos e ombros caídos, enquanto guiava o carro para a autoestrada.

– Vocês a viram?

– Não, mas o Sr. Ransom está aprontando alguma. Ele conseguiu nos despistar.

– Explique.

– Ele fez o check-in no hotel hoje de manhã, às 8 horas. Foi correr no parque na hora do almoço, depois passou a tarde no quarto. Às 6 da tarde, desceu para um coquetel de abertura no térreo. Conversou com algumas pessoas. Tomou umas cervejas. Ele é civil e isso é evidente. Não olhou nem uma vez para mim ou para Liam. Meia hora depois, foi correndo até o banheiro. Não podíamos chegar muito perto para não assustar o cara. Quando ele saiu de lá, estava junto com um dos médicos do congresso. Um senhor alto. Distinto. Os dois se esgueiraram para uma sala de conferências no final do corredor. Não desconfiamos imediatamente. Afinal de contas, Ransom estava agindo normalmente até então.

– E? – perguntou Connor.

– Depois de uns cinco minutos, o médico saiu da sala, mas Ransom, não.

A expressão de Connor se contraiu, mas então ele lembrou a si mesmo que era isso que queria. Um sinal, mesmo que não fosse capaz de fazer nada com ele.

– Para onde ele foi?

– O único jeito de sair daquela sala era por uma janela que dá para a Park Lane. Nós mandamos um homem lá para fora a tempo de ver Ransom descendo a Piccadilly. A essa altura, ele já estava bem longe. Nós o alcançamos descendo para o metrô três quarteirões mais adiante. Foi lá que o perdemos.

– Onde foi que ele se esquivou?

– Aquilo lá parece um zoológico – reclamou o escocês. – Estava na hora do rush. Nós só tínhamos dois homens para fazer o trabalho, não um esquadrão inteiro.

Connor soltou um grunhido. Mais um motivo para detestar aquele país. Ninguém ali era capaz de seguir uma pessoa.

– Tudo bem – disse ele em tom consolador, porque sua política era sempre incentivar seus homens. – Tenho certeza de que vocês fizeram o melhor possível.

Os agentes da Divisão vinham dos quatro cantos do mundo da inteligência. Alguns tinham feito parte do Comando de Operações Especiais do Exército e haviam sido treinados como soldados das forças de mar, ar e terra da Marinha norte-americana, boinas-verdes, Rangers e coisas assim. Outros foram transferidos da Agência de Inteligência da Defesa, do Escritório de Operações Consulares do Estado ou até do Serviço Secreto. Por fim, havia aqueles que vinham de lugares distantes. Um dos segredos mais bem guardados da Divisão era a contratação de agentes internacionais no mercado de free lancers: agentes de inteligência treinados no exterior que haviam perdido os cargos por causa de cortes de orçamento, desavenças ideológicas, falhas de comportamento ou qualquer combinação dessas três coisas.

– Onde ele está agora?

– Voltou para o lobby do hotel sem a menor cerimônia, às 8 da noite. Mas parecia que estávamos vendo um homem diferente. Ele antes estava calmo, descontraído mesmo. Mas esse Ransom que retornou estava bem nervoso. Não parava de olhar por cima do ombro como se alguém estivesse prestes a chegar de mansinho por trás dele e dar um tiro na sua nuca. Eu o ouvi dizer a outro médico que tinha ido dar uma volta no parque por causa da diferença de fuso horário. Uma volta de duas horas? Que nada. Alguma coisa o assustou.

Ou alguém.

Já eram mais de 10 da noite quando Frank Connor passou pelo Marble Arch e desceu a Park Lane. Quando passaram em frente ao Dorchester, ele esticou o pescoço.

– Encontraram o outro médico? – perguntou ele. – O que levou Ransom para a sala de conferências?

– Negativo. Ele desapareceu totalmente. Ele *não é* civil.

– Então ela está trabalhando em equipe.

– Parece que sim, chefe. – O motorista olhou de soslaio para Connor. – Mas para quem?

– É essa a questão, não é? – Connor ficou observando as luzes cintilantes da entrada do hotel, os porteiros de uniformes elegantes e a sucessão de gente bonita entrado e saindo pelas portas giratórias. Tirou do bolso do casaco um bloco de anotações amarfanhado e escreveu: "Rouxinol em Londres". "Rouxinol" era o último codinome operacional de Emma Ransom.

– Para onde, Sr. Connor?

– Notting Hill. Preciso falar com uma pessoa.

14

Cleng.

Jonathan escutou o barulho e acordou no mesmo instante.

Sentou-se na cama com um pulo, apurando os ouvidos para tentar captar o mais leve dos sons. Tinha o costume de dormir com a janela e as cortinas abertas. A luz da lua cheia salpicava o quarto com um tom prateado, lançando sombras sinistras e alongadas. Ele não viu nada que o alarmasse e não ouviu mais nenhum barulho. Afastando os lençóis, desceu da cama e andou até a porta. Estava fechada e trancada, mas a corrente de latão que ele havia prendido antes de ir dormir estava solta agora, balançando de leve.

Ele tornou a se virar para a cama, com todos os sentidos em alerta. Não tinha certeza se alguém na verdade havia entrado no quarto ou se havia tentado entrar e não conseguira. Jonathan acendeu as luzes. O quarto estava vazio, então ele andou na direção da saleta e espichou a cabeça para dentro da espaçosa sala de estar. Novamente não viu ninguém. Uma brisa morna entrava no quarto, fazendo ondular as cortinas.

Cleng.

Seu olhar se dirigiu para uma mesa lateral onde a cortina havia derrubado um vaso de vidro bisotado, fazendo-o esbarrar na parede, mas sem quebrá-lo. Ele retirou o vaso do caminho da cortina. Mais relaxado, levou a mão ao queixo e questionou se havia mesmo deixado a corrente presa antes. Talvez sim, talvez não. Antes de dormir, estava cansado e razoavelmente estressado.

Nesse exato momento, ele ouviu bem perto o som oco de um vidro sendo colocado sobre uma superfície dura. Sentiu uma presença atrás de si. Estendeu a mão imediatamente para pegar o vaso. Ouviu passos e pensou: *Pronto. Eles sabem que eu vi Emma. Vieram me pegar.* Porém, antes que conseguisse erguer o vaso, antes de conseguir se virar para ver quem estava atrás dele, uma mão firme tapou-lhe a boca e puxou sua cabeça para trás com força.

– Ssshhhh. Eu não estou aqui. – Ela falava com o mais baixo dos sussurros.

Lábios conhecidos se demoraram junto à sua orelha. A mão que o segurava se soltou. Jonathan virou-se e viu Emma em pé com os dedos em frente à boca. Meneou a cabeça para dizer que havia entendido e ficou esperando, imóvel,

enquanto ela dava a volta no quarto, manuseando um pequeno instrumento retangular perto das paredes, das luminárias, da TV e do telefone. Encontrou o que estava procurando atrás de uma gravura equestre, e também no banheiro, preso à parte de trás do espelho da bancada. Jogou os dispositivos de escuta dentro de um copo e o encheu com água da pia. Então fechou a porta do banheiro e atravessou o quarto até ele.

Estava usando preto dos pés à cabeça. Jeans preto, camiseta preta e sapatos pretos sem salto. Tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo, as faces coradas, o rosto sem maquiagem. Alisou o peito nu de Jonathan com a mão.

– Eu disse a mim mesma que não iria fazer isso.

– Fazer o quê?

Ela o beijou de olhos abertos, depois deu um passo para trás e tirou a camiseta. Sem tirar os olhos dele, desabotoou o sutiã e deixou-o cair no chão, em seguida tirou o jeans.

♦♦♦

– Como você entrou? – perguntou ele.

– Tenho a chave do quarto.

Por algum motivo, aquilo não o surpreendeu.

– E a corrente?

– Um truquezinho meu. Um dia eu lhe mostro.

– Ah, tá – respondeu ele. Um truquezinho, igual àquele outro em que ela conseguia desmontar uma pistola de olhos vendados. – Pensei que fôssemos nos ver amanhã.

– Falta de disciplina. Não tenho desculpas, senhor. – Emma estava deitada na cama, enrolada nos lençóis. – Vai ser mais difícil do que eu pensei.

– O que vai ser mais difícil?

– O que eu tenho a dizer a você.

Jonathan se virou de lado. Olhou sua mulher nos olhos, catalogando os pontinhos cor de âmbar nas íris verdes.

– Estou aqui – sussurrou ele. – Pode falar.

Emma correu um dedo pela bochecha dele.

– Eu vou embora.

– Por mais cinco meses, você quer dizer?

– Por mais tempo.

– Tem certeza? Como é que você sabe?

– Porque eu preciso ir embora.

– Você já foi embora – disse ele. – Você disse que ia resolver as coisas e que poderíamos nos ver quando fosse seguro.

– Eu esperava que isso fosse possível.

– De quanto tempo está falando?

– Não sei dizer…

– Um ano? Dois?

– É… Quer dizer, não sei. Um ano, no mínimo. Talvez mais. Talvez para sempre. Jonathan estudou seus traços em busca dos lugares secretos onde ela escondia suas dúvidas. Mas tudo que viu foi resolução: a mesma mulher decidida e teimosa pela qual havia se apaixonado.

– Tem que haver outro jeito.

– Não há. Nós dois sabemos disso.

– Pare de falar como se eu tivesse qualquer influência nesse assunto. É uma decisão sua. A porcaria da vida é sua. – Ele jogou os lençóis longe e levantou-se da cama.

– Não é mais, não – disse Emma. – Eu abri mão disso 10 anos atrás.

– Em troca de quê?

– De dever. De uma sensação de pertencimento. Da necessidade de colaborar. A mesma coisa pela qual todos nós nos alistamos.

– Você fez tudo isso – disse ele virando-se, aproximando-se dela com a mão estendida. – Fez mais do que isso. O governo deveria estar grato.

Emma baixou os olhos.

– A Divisão pagou um preço alto pela operação. O Congresso queria fechar o departamento, mas o presidente deu a eles uma última chance.

– Última chance? Ele ficou maluco?

– Eu já disse a você – falou Emma. – A Divisão parece uma Hidra. Se você corta uma cabeça, 10 outras tornam a crescer no lugar. A Divisão tem sua utilidade. O presidente sabe que deve manter todas as opções abertas.

– Você falou com eles? Com a Divisão?

– Você está brincando.

– Eu só quero dizer…

– Só quer dizer o quê?

– Com todos os seus contatos, pensei que você talvez pudesse achar um jeito

de explicar por que teve que desobedecer às ordens. Eles teriam que entender.

– Eu sou uma traidora, Jonathan. Não fiz só desobedecer às ordens, eu ultrapassei completamente os limites. Tentei afundar o navio inteiro. Isso faz de mim o inimigo.

– Mas você impediu que um avião de passageiros fosse derrubado.

– Não me venha com "mas". Além disso, quem salvou o avião foi *você*. Assim que eu mostrar a cara, vou levar uma bala na cabeça. Pensei que já tivesse lhe explicado isso. Você pensa que estou vivendo feito uma criminosa de guerra porque acho divertido?

– Desculpe. Tenho certeza de que eu não sei nem metade das coisas pelas quais você passou.

– Não sabe, mesmo. – Emma respirou fundo. – Olhe, o novo chefe da Divisão é um filho da mãe engomado. O nome dele é Frank Connor. Ele não é um de nós. Quer dizer, não foi treinado na linha de frente nem nada desse tipo. Passou a carreira inteirinha atrás de uma mesa, e agora está tentando recuperar o tempo perdido. Só Deus sabe por que foi escolhido. Ele é inteligente o bastante para saber que os seus superiores não vão deixar que ele erga nem sequer o dedo mindinho antes de ter cuidado de mim.

– Aqueles caras lá embaixo são dele?

– Provavelmente.

Jonathan sentiu que havia mais alguma coisa.

– O que aconteceu, Em? Ele já tentou? Essa cicatriz nas suas costas… o que foi isso de verdade?

– Faz alguma diferença?

– É claro que faz.

Emma se levantou e ficou de frente para ele.

– Então sim, Jonathan, ele já tentou. É isso que nós fazemos, lembra? Nós atacamos inimigos. Encontramos o inimigo, seguimos o inimigo e então, quando chega a hora certa, nós matamos o inimigo. A única diferença é que desta vez o alvo sou eu.

Jonathan aquiesceu. Teve vontade de estender a mão e abraçá-la, mas sabia que não devia fazer isso.

– Onde você estava?

– Em Roma.

– O que estava fazendo lá?

– Visitando velhos amigos, Jonathan. Pelo menos achei que fossem meus

amigos. Estava enganada. Enfim, eu estava nos jardins do Palácio Borghese, em pé em uma esquina, esperando uma carona para o jantar. Eu violei todas as regras que existem. Estava sozinha, sem retaguarda, em uma cidade que não conhecia bem. Baixei a guarda durante 10 minutos. E foi nessa hora que eles me atacaram.

– Meu Deus, Emma.

– Blakemore gosta de facas – disse ela casualmente, enquanto alisava a cicatriz pálida. – Ele se esqueceu que eu sabia disso. Me safei com 27 pontos e um rim lacerado. Acho que tive sorte.

– Mas como eles encontraram você?

– Por sua causa.

– Por minha causa?

– Você telefonou. Foi em abril. Eles tinham o seu telefone no sistema deles.

– Mas isso é impossível. Eu comprei esse telefone em Nairóbi. Ninguém nunca me ligou, com exceção dos meus colegas do campo.

– Eu disse a você. Eles têm olhos e ouvidos por toda parte.

– Mas foi só uma vez…

– Foi só disso que eles precisaram. Conseguiram meu telefone, minhas coordenadas GPS. Marcaram um encontro fajuto. Usaram o nome de um antigo contato. Alguém em quem sabiam que eu iria confiar. Como eu disse, violei todas as regras.

– Desculpe. – Jonathan se sentou, consternado.

– Não é culpa sua. É culpa minha. Eu nunca deveria ter ficado com aquele telefone. A verdade é que eu queria que você ligasse. Queria que me dissesse que estava com vontade de me ver. O mais difícil de fugir é que, depois de algum tempo, você se cansa. Esquece que eles estão lá, mesmo que você não esteja vendo. Fica preguiçoso. Ou, pior ainda, fica sentimental.

– E ele?

– Blakemore? Ele morreu.

Emma disse isso sem emoção. Era sua voz de agente, a voz que ela usava quando falava sobre seu trabalho, profissional e desprovida de sentimentos, como se não houvesse nada fora do normal no fato de um homem enfiar uma faca nas suas costas e depois você matá-lo na luta subsequente.

Jonathan ficou olhando enquanto Emma passava um dedo por cima da cicatriz. Viu um leve sorriso se insinuar em seus lábios. De onde diabos vinha aquilo?, perguntou-se ele. Seria uma sensação de vitória? De sobrevivência? De

vingança?

– Eu posso ir para algum lugar – disse ele. – Posso me esconder. Depois de alguns anos eles vão desistir.

Emma balançou a cabeça, mas não disse nada.

– Tem que ter algum jeito – prosseguiu Jonathan.

Emma andou até ele, pôs uma das mãos sobre o seu ombro e encarou-o nos olhos.

– Você faz alguma ideia do que tive que fazer para vir encontrar você hoje à noite? Será que você consegue ao menos imaginar os riscos que eu corri para entrar neste quarto hoje? Com certeza, eu posso até saber abrir uma porta trancada, mas não sou capaz de controlar os passos de todos os marginais da cidade. Sabe qual é a primeira coisa que eles ensinam a você? Em qualquer operação, você só tem uma única chance: a primeira e a última. Eu já usei as minhas sete vidas, Jonathan. Agora a única coisa que me move é a fé. O que eu fiz hoje à noite foi simplesmente burrice. O problema é que eu sabia disso desde o início e mesmo assim fiz. Precisava vê-lo. Você é um perigo, Jonathan. Você é meu veneno. – Emma soltou-o e andou até a janela. Ficou parada, emoldurada pelo céu do amanhecer, com as cortinas ondulando delicadamente em torno das pernas nuas. Virou-se para olhar por cima do ombro e deu um sorriso triste. – Emma Ransom morreu hoje à noite.

Jonathan foi se postar atrás dela e abraçou-a. Já havia chorado sua morte uma vez. Conhecia o pesar que acompanhava a morte de um cônjuge. Mas, de alguma forma, aquilo era pior. A ideia de que Emma estava viva em algum lugar e que ele não podia vê-la era demais. Uma profunda tristeza tomou conta dele.

Ficaram assim por muito tempo, vendo o sol aquecer as árvores do Hyde Park e os cavalos e seus cavaleiros aparecerem pelas trilhas do parque, escutando os barulhos impacientes e mecanizados da cidade acordarem ao seu redor.

O telefone de Emma tocou. Sem dizer nada, ela se soltou do abraço de Jonathan e pegou o celular. Verificou o número no mostrador, então ergueu os olhos para ele. Em um instante, sua atitude havia mudado. Seus olhos o fitavam com negligência, como se ele fosse um desconhecido ou, pior, o inimigo.

Emma virou as costas e foi até o banheiro. Só atendeu ao telefone depois de fechar a porta atrás de si. Quando saiu, dois minutos depois, a transformação estava completa. Aquela não era mais a Sra. Jonathan Ransom. Era a mulher que ele havia descoberto ser conhecida pelo codinome Rouxinol, ex-agente do governo norte-americano, e agora uma fugitiva.

– Tenho que ir – disse ela, catando as roupas.

– Quem era?

– Não é da sua conta.

Emma se desviou dele, mas Jonathan rapidamente a impediu de passar.

– Para onde você vai quando sair daqui? – ele quis saber.

– Saia da minha frente.

– Vou sair daqui a um segundo. Primeiro me diga aonde está indo.

Emma baixou os olhos e começou a dar a volta nele. Jonathan agarrou seu braço.

– Eu fiz uma pergunta a você.

– E eu respondi. Não é da sua conta. Por favor, Jonathan…

– Você não veio aqui se despedir de mim. Está em missão, ou sei lá como chamam isso. Está na cara. Em um segundo você é Emma… quer dizer, a minha Emma… e no segundo seguinte você pertence a eles. Quem era no telefone?

– Me solte, Jonathan.

As palavras foram ditas de forma entrecortada e com uma ausência de emoção que o deixou com muito mais raiva. Jonathan puxou-a na sua direção, fazendo-a derrubar as roupas no chão.

– Eu quero saber aonde você vai.

De repente, o mundo se pôs em movimento. Seus pés subiram no ar, sua cabeça desabou na direção do carpete e seus braços se agitaram à procura de algo em que se segurar. Ele aterrissou de costas, sem ar.

Apressada, Emma catou as roupas e entrou no banheiro. A porta bateu e ele ouviu o trinco se fechar.

Jonathan se levantou com esforço e avançou desajeitadamente até o banheiro. Se ela pensava que o assunto estava encerrado, estava enganada. Ele estava cansado de deixá-la ditar as regras do seu relacionamento. Não podia simplesmente aparecer e desaparecer de sua vida sempre que tivesse vontade.

O celular de Emma estava caído no carpete, meio escondido debaixo do sofá. Obviamente, tinha caído do meio das roupas quando ele a puxara violentamente na sua direção. Jonathan relanceou os olhos para a porta do banheiro, pegou o aparelho e apertou o botão de enviar. O número do telefone que havia chamado apareceu na tela. Havia uma mensagem de texto anexa que dizia: “Pacote pronto para coleta. HPC 11h15. Vaga reservada. Vxhl LT 52 OXC. Encontro WS 17h00.” Ele acessou o registro de chamadas e foi passando pelos números das chamadas recebidas. Viu o mesmo número outra vez, e outros listados como

"confidencial". Passou para a segunda página e viu um código internacional conhecido: 33, da França. Não reconheceu o código da cidade. Verificou os detalhes e viu que a ligação fora feita uma semana antes.

Um barulho alto veio do banheiro. Rapidamente, Jonathan tornou a pôr o telefone no chão e começou a se vestir. Emma apareceu segundos depois, com um ar preocupado.

– Cadê? Cadê meu telefone?

– Não faço ideia.

– Porra nenhuma. Você pegou.

Jonathan repetiu a negativa, mas Emma não estava escutando. Passou por ele praticamente marchando e arrancou o telefone de onde ele o havia posto, debaixo do sofá.

– Me diga que você não pegou isto e eu acredito.

– Eu não peguei – mentiu Jonathan.

– Obrigada – disse Emma, mais branda. – Acredite em mim, é melhor assim.

Jonathan continuou a encará-la sem responder.

– Resolvi contar a você aonde estou indo – disse ela.

– Por que a mudança de decisão?

Emma se aproximou dele, inclinando a cabeça de lado.

– Não quero me despedir de você brigando. Quem me ligou foi um amigo. Uma pessoa que está ajudando a me manter segura. Ele organizou tudo para eu sair do país hoje de manhã. Vou pegar um voo no aeroporto de City às 10. Estou indo para Dublin. Não vou ficar muito tempo. De lá, nem eu mesma sei.

– Acho que vou ter de me contentar com isso. – Na sua mente, porém, ele tinha uma dúzia de outras perguntas. O que era "o pacote"? Quem tinha o horário de chegada estimado para 11h15? O que significavam as letras e números LT 52 OXC? E, por fim, quem Emma deveria encontrar "em WS às 17h00"?

Emma o encarava de baixo, com o rosto um pouco inclinado para a frente. Era sua forma de mostrar que ela queria paz. Pôs os braços em volta de seu pescoço e o beijou.

– Eu te amo – disse ela. – O que quer que você fique sabendo sobre mim daqui para a frente, o que quer que as pessoas digam, você deve acreditar sempre nisso.

Jonathan pôs os braços em volta dela e a apertou contra si. Por fim, Emma se afastou.

Em silêncio, ele a viu reunir seus pertences e ir embora sem dizer adeus.

15

DURANTE OITO ANOS, Jonathan não soubera de nada. Passara oito anos casado com uma mulher que amava e em quem confiava, mas sobre a qual na verdade não sabia nada. Muitas vezes, tinha visto Emma partir em viagens de última hora rumo a destinos vagos. Se Emma dizia que iria pegar o trem noturno em direção a Mombaça para buscar um carregamento de quinino, era isso que estava fazendo. Se precisava de dois dias em Veneza para encontrar uma amiga, tinha a sua bênção. Ele nunca a questionava. Sua confiança era absoluta.

Então, cinco meses atrás, ele havia descoberto que era tudo mentira. Não apenas as viagens a Mombaça e Veneza, mas tudo – o nome dela, seu passado, sua devoção em proporcionar atendimento médico àqueles que mais precisavam. Desde o dia em que ele a conhecera, Emma trabalhava como agente do governo norte-americano e Jonathan, sem saber de nada, sem desconfiar de nada, vinha sendo a sua fachada. O tempo não curava essa ferida, nem mesmo de forma parcial. Pelo contrário, o tempo a fazia piorar. Jonathan não era um homem desconfiado, mas era orgulhoso. Em pé, de costas para a porta, decidiu que oito anos bastavam.

Esperou um minuto depois de Emma sair do quarto, seguiu para o corredor e pegou o elevador até o térreo. No lobby viu imediatamente o Dr. Blackburn – o Dr. Blackburn verdadeiro –, Jamie Meadows e um grupo de outros médicos bem alimentados e prósperos reunidos em volta de um balcão que servia café em um canto afastado. Não havia nenhum guarda-costas de roupa esportiva azul olhando na sua direção. Nenhum indivíduo suspeito com a mão colada no fone de ouvido, monitorando seus movimentos através de óculos escuros.

Mesmo assim, Jonathan foi se esgueirando pelo perímetro do lobby, de cabeça baixa, mantendo-se junto às paredes. Sua palestra estava marcada para dali a pouco mais de duas horas e, se alguém o visse, ficaria preocupado. Ele não havia feito a barba nem tomado banho. De jeans, botinas e um blazer azul-marinho por cima de sua velha camiseta listrada, ele parecia justamente o tipo de mau elemento que os porteiros eram pagos para manter afastado.

Passou pela porta giratória e saiu para a rua. Espichou a cabeça para a esquerda e para a direita, esperando ver uma mulher vestida de preto com os cabelos totalmente esticados para trás, presos em um rabo de cavalo. Não a viu,

mas não se deixou desanimar. Não imaginava que ela houvesse entrado pela porta da frente quando viera visitá-lo na noite passada, e não imaginava que houvesse ido embora dessa maneira, no auge do rush matinal. Virou à esquerda, dando a volta no prédio do hotel até chegar à área de serviço. Caminhões de entrega estavam parados na garagem enquanto funcionários descarregavam caixotes de cerveja, caixas de produtos frescos e toalhas recém-lavadas. Um lance de escada conduzia à entrada dos empregados mais embaixo. Ele espiou por cima da grade. A porta estava fechada. Virando-se para o outro lado, estudou as ruas secundárias à procura do caminho provável que Emma havia tomado. Uma das ruas corria em paralelo à Park Lane e era ladeada por casas. Outra se estendia para o leste, rumo ao coração de Mayfair, mas depois de alguns quarteirões terminava em um beco sem saída. Vinte e cinco metros à sua direita, uma ruela descia em direção ao Green Park. Era nessa direção que ele havia sido instruído a andar na noite anterior. Partiu pela calçada em um trote leve, com os olhos atentos para qualquer mancha preta.

Parou na primeira esquina. Enquanto esperava um carro terminar de fazer uma curva para a esquerda diante dele, Emma se materializou como se houvesse surgido do nada, 100 metros à sua frente na rua. Observando melhor, Jonathan viu que ela acabara de sair de uma loja. Algum instinto ou reflexo o fez recuar para a entrada de um prédio, e nessa hora ela se virou e olhou para trás. Ele ficou onde estava. Enquanto esperava, percebeu que estava suando e que seu coração batia mais depressa do que deveria.

Ele contou até cinco, mas, antes de sair, deu uma olhada na rua atrás de si.

Um quarteirão mais atrás, um Ford Taurus bege estava parado junto ao meio-fio. A luz da manhã batia no para-brisa e se refletia nas roupas esportivas azuis do motorista: um guarda-costas oficial com licença para portar armas de fogo, segundo a descrição furiosa de Emma. Ele viu outro vulto no banco do carona, e talvez mais um atrás. Os homens que estavam vigiando Jonathan, em carne e osso.

Eles vão seguir você para chegar a mim.

Jonathan voltou sua atenção para Emma. Ela caminhava junto às fachadas das lojas, sem jamais olhar para trás, à medida que se aproximava do cruzamento com a Bond Street.

Foi então que ele tomou uma decisão.

Saindo para a calçada, continuou na direção dela. No sinal de trânsito seguinte, esperou pacientemente a luz ficar verde. Não foi preciso olhar por cima

do ombro para verificar se o Taurus estava lá. O espelho lateral de um táxi parado ao seu lado cumpriu essa função surpreendentemente bem. Jonathan estava aprendendo os macetes do ofício de Emma.

O sinal ficou verde para ele. Jonathan começou a atravessar, mas no meio do caminho correu para a direita e tornou a subir na calçada. Procurou uma loja onde pudesse se refugiar, algum lugar onde pudesse desaparecer por um ou dois minutos. Mas naquela rua só havia casas particulares. Todas as portas estavam trancadas. Ele olhou para trás. Preso no tráfego, o Taurus ainda não havia feito a curva. Do outro lado, Jonathan viu uma lojinha que vendia jornais. Talvez tivesse o tempo exato…

Ele correu na direção do tráfego que vinha no sentido contrário, esquivando-se dos carros em movimento, ignorando as buzinas e o cantar dos pneus. Quando chegou à calçada oposta, abriu com violência a porta da loja de jornais, fazendo uma sineta tilintar feito louca. Abaixou-se atrás de uma estante de revistas. No instante seguinte pôde ver o Taurus passar em alta velocidade. Ainda ofegante, ficou olhando até o carro desaparecer de seu campo de visão. Somente então foi que saiu da loja.

♦♦♦

– Cadê ele, droga? – gritou Frank Connor do banco de trás do Taurus.

– Eu não vi – disse o motorista. – Você viu, Liam?

O homem alto de cabelos escuros no banco do carona fez que não com a cabeça.

– Dê meia-volta – disse Connor, ajeitando-se para poder espiar pela janela de trás. – Ele está dentro de uma daquelas lojas. Não poderia ter ido para nenhum outro lugar.

– Não posso dar meia-volta agora – disse o motorista, apontando para o fluxo contínuo do tráfego na direção oposta.

– Dane-se o tráfego – retrucou Connor. – Dê um giro de 180 graus.

– Vai causar um acidente.

– Vire e pronto. Agora! Abriu uma brecha!

O motorista girou o carro, mantendo uma das mãos apertada na buzina com firmeza. A virada súbita lançou Connor contra a porta. Ele ergueu os olhos a tempo de ver uma van branca derrapando na sua direção. Ouviram-se pneus cantando e uma cacofonia de buzinas seguida pelo barulho desagradável de metal colidindo com metal. A colisão jogou Connor para o outro lado do carro e

ele bateu violentamente com a cabeça na janela. O Ford então parou e ele se endireitou.

– Eu avisei! – gritava o motorista. – Sabia que não tinha como fazermos esse giro. Merda!

– Você foi lento demais – disse Connor. – Não tem nenhum reflexo. Tinha tempo de sobra.

– Não tinha nada!

– Esqueça – disse Connor.

O homem chamado Liam apontou para a cabeça de Connor.

– Frank, você está sangrando.

Connor passou uma das mãos pela testa e olhou para os dedos vermelhos de sangue. Pediu um lenço, levou-o à testa, depois desceu do carro. O tráfego já estava parado nos dois sentidos. Uma mulher irada vinha subindo a rua, vociferando e chamando-o de "péssimo motorista" e de "algum tipo de idiota". Connor a empurrou para longe e foi até a calçada a passos largos. Olhou para a rua em direção ao cruzamento onde tinha visto Jonathan Ransom pela última vez, mas era inútil. Ele havia desaparecido.

Connor disse a seus homens que resolvessem aquela confusão, depois começou a subir a rua. Não deveria ter confiado nos seus próprios recursos depauperados.

Estava na hora de chamar reforços.

◆◆◆

New Bond Street era uma rua comercial conhecida por suas lojas de luxo e galerias de arte exclusivas. Às 9h30, a calçada estava coalhada de pedestres. Jonathan foi ziguezagueando por entre aquele mar de gente em busca dos cabelos ruivos da mulher. *Impossível*, disse a si mesmo. Havia simplesmente pessoas demais. Oxford Street ficava a dois quarteirões dali e ele sabia que, se não visse logo Emma, iria perdê-la de vez.

Começou a correr, esbarrando em homens e mulheres, só diminuindo o passo para ficar nas pontas dos pés e olhar para a frente. Cem metros adiante, parou. Não adiantava. As calçadas estavam ficando cada vez mais cheias, não menos. Ele pôs um pé na rua e ficou parado, exposto, vasculhando a multidão de cabeças e ombros que subiam e desciam.

E lá…

Lá estava Emma. Em pé do outro lado, no final do quarteirão, com um pé na

rua feito ele, a mão erguida para chamar um táxi.

Jonathan olhou para a sua direita. Ao ver um táxi com a luz acesa avisando que estava disponível, fez sinal para que parasse. O táxi encostou no meio-fio com habilidade. Jonathan se inclinou junto à janela do carona.

– Dê meia-volta. Preciso seguir um táxi que está indo na direção oposta.

– Não posso virar aqui, patrão. É contra a lei, entende?

Jonathan jogou uma nota de 50 libras no banco.

– Emergência, entende?

– Entre – disse o taxista. – Que carro o senhor quer que eu siga?

– É só virar que eu digo.

Jonathan entrou no banco de trás sem tirar os olhos de Emma. Enquanto o taxista se virava para dar meia-volta, pôde ver perfeitamente sua mulher entrando em um táxi bordô com um cartaz da T-Mobile colado na porta.

– Aquele ali – disse Jonathan. – E mantenha distância.

♦♦♦

Seguiram o táxi de Emma sem incidentes até uma casa em Hampstead, bairro rico ao norte de Londres. O taxista havia nascido para aquilo. Sem o menor esforço, manteve uma distância segura atrás de Emma, nunca aproximando-se mais do que a distância de quatro carros. Em uma cidade em que o número de táxis superava com facilidade o de veículos particulares, ele era invisível. Posicionando-se atrás de uma fila de carros estacionados no final do quarteirão, viram Emma pagar seu táxi e andar até a lateral de uma casa modesta, cujo estilo imitava o Tudor, onde entrou por uma porta lateral. Jonathan verificou o relógio. Passava das 10. Emma havia oficialmente perdido o voo para Dublin.

Ele tinha outra preocupação. Precisava estar de volta ao hotel dali a pouco mais de uma hora, para dar a sua importante palestra. Se fosse embora agora, talvez até conseguisse chegar a tempo, mas teria de tomar banho e fazer a barba em tempo recorde. Blackburn e seus colegas tinham gastado muito dinheiro para fazê-lo voar até Londres e ficar hospedado no hotel cinco estrelas que acreditavam que ele merecia. Jonathan não queria decepcioná-los. Apesar disso, não conseguiu se forçar a ir embora dali.

Nesse exato instante, a porta da garagem se abriu e qualquer ideia sobre voltar correndo para o Dorchester desapareceu. Jonathan inclinou-se para a frente, com os olhos grudados no sedã BMW cinza que saía da garagem e virava em sua direção.

– Acenda a luz de ocupado – ordenou ele, enquanto se jogava deitado sobre o banco traseiro.

– Já acendi.

– É ela? – perguntou Jonathan, ainda abaixado.

– Bingo, patrão. É ela, sim.

– Então o que está esperando? Ande logo.

♦♦♦

Emma levou exatos 30 minutos para chegar a seu destino. O trajeto a levou para o sul, cruzando novamente Hampstead até a Bayswater Road, onde ela atravessou o Hyde Park em direção a Saint James. Dirigia devagar, com mais cuidado do que era o seu costume. A sua Emma – a Emma de verdade, como ele gostava de pensar – era um piloto de fórmula Indy em busca de uma pista. Só conhecia duas velocidades: rápido e mais rápido ainda. Aquela Emma ali freava no sinal amarelo em vez de pisar fundo no acelerador para passar a tempo, ligava o pisca-pisca religiosamente e raramente mudava de pista. O significado daquilo era claro. A Emma operacional, ou melhor, Rouxinol, não podia se dar ao luxo de ser parada pela Polícia.

De Knightsbridge, um labirinto de ruas residenciais estreitas virava sem parar para a esquerda e para a direita, mas sempre em direção ao Tâmisa. Com medo de ser visto, Jonathan gritou para o motorista ficar mais para trás e em duas ou três ocasiões eles a perderam de vista. Mas a sorte estava do seu lado e, depois de um intervalo cruciante de cinco ou 10 segundos, tornaram a vê-la.

Ela estacionou em uma vaga na Storey's Gate Road. Era uma rua estreita, de mão dupla, margeada por prédios do final do século XIX, uns colados aos outros. Eram todos de cinco andares, feitos de uma leva idêntica de cimento Portland cinza, e construídos como parte de um único e ambicioso projeto de elevar o nível do bairro. Somente depois Jonathan reparou na sincronia perfeita do motorista que liberou a vaga, ou se lembrou de que o carro que fora embora era um Vauxhall, o mesmo carro mencionado em código na mensagem de texto do celular de Emma. Na hora, atribuiu a liberação da vaga simplesmente à sorte de Emma.

– E agora? – perguntou o taxista enquanto encaravam o BMW de uma distância de 100 metros. A silhueta de Emma estava claramente visível. Sentada atrás do volante, ela estava imóvel feito uma estátua.

– Vamos esperar – disse Jonathan.

16

JÁ PASSAVA DAS 7 DA MANHÃ quando Kate Ford voltou para casa e fechou a porta da cozinha atrás de si.

– Meu Deus! – murmurou ela, quando o cheiro de leite estragado invadiu suas narinas. Ela acendeu a luz e identificou na mesma hora os culpados: uma tigela de müsli ainda pela metade e um litro de leite continuavam exatamente onde ela os havia deixado cerca de 26 horas antes. Na pressa de sair para One Park, ela havia se esquecido de arrumar a cozinha.

Abriu rapidamente as janelas e agitou os braços para fazer sair o cheiro ruim. Ao contrário de lorde Robert Russell, não dispunha da comodidade de um sistema central de ar condicionado. East Finchley ficava muito mais distante de Park Lane do que os 20 quilômetros indicados no mapa. Com um suspiro, jogou o cereal no ralo da pia e, em seguida, o leite coalhado. Não era aquela a recepção que havia imaginado para si depois do primeiro dia de volta ao trabalho.

No andar de cima, abriu o chuveiro. Quando a água esquentou, despiu-se e descartou o terninho e a blusa em uma pilha no chão. Iriam todos para o tintureiro. Kate não gostava da ideia de pagar 10 libras para ter as roupas lavadas e passadas, mas gostava da ideia de não cheirar mal. Tomou cuidado ao pisar dentro da banheira. A água estava quente e a pressão era suficiente para descascar a tinta das paredes, exatamente como ela gostava. Lavou os cabelos, depois ensaboou o corpo, passando uma bucha nos braços e pernas. Tomou cuidado para evitar a cicatriz acima do quadril. Poucas semanas antes, quando voltara do hospital para casa, a cicatriz estava saltada feito uma sanguessuga inchada. A bala havia entrado por trás, logo acima do baço, deixando um pequeno buraco perfeito, e depois saído pelo outro lado feito uma marreta despedaçando madeira podre. Eram as balas de ponta oca que faziam isso. Os médicos tinham sido unânimes em afirmar que era um milagre a bala estilhaçada não ter atingido nenhuma artéria ou causado danos internos maiores.

Kate continuou debaixo do chuveiro até a última gota de água morna desaparecer e o jato se tornar frio feito um riacho da Escócia. Então ficou mais um pouco. Continuou debaixo do chuveiro até a pele ficar toda arrepiada e os músculos dormentes. A dormência a ajudava a lidar com o silêncio. Frenética para se secar com a toalha, não percebia que não havia nenhum rádio chamando,

nem mãos masculinas desajeitadas recolhendo a louça do café da manhã, nem um barítono com sotaque do East End mandando-a entrar logo no carro para poderem ir juntos para o trabalho.

Um espelho pendurado na parede lhe proporcionou uma visão do próprio corpo, agora mais magro do que jamais fora. Ela examinou os bíceps, firmes e trabalhados sob a pele pálida, os quadris ossudos e frágeis, e a cicatriz. "A bala destruiu um dos seus ovários", explicara-lhe o cirurgião com um tom de empatia enlouquecedor. "Perfurou também a parede do útero. Para controlar a hemorragia, tivemos que remover completamente o útero. Eu sinto muitíssimo. Fizemos tudo o que foi possível."

Ele não dissera nada sobre o bebê, embora com certeza tenha sabido. Com seis semanas, ainda não dava para ver de fora. Talvez estivesse esperando ela perguntar. Ou quem sabe achava que a própria Kate não soubesse e, assim, esperava poupar-lhe uma dor ainda maior. Ela nunca soube se era menino ou menina.

Tocou a cicatriz e sentiu uma pontada dentro de si, afiada como uma lança. Com um arquejo, cruzou o próprio olhar e encarou no espelho aquela mulher assustada e curvada para a frente. *Pode chorar*, disse ao seu reflexo. *Ninguém está vendo. Você foi forte. Não precisa provar como é forte. Está na hora.*

A dor foi embora. Kate endireitou o corpo. Com os olhos secos, virou as costas para o espelho e se enrolou na toalha.

◆◆◆

Alguém estava batendo na porta dos fundos.

Ainda de toalha, Kate desceu a escada depressa e pôs a cabeça para dentro da cozinha. Ficou surpresa ao ver um homem alto, de pele clara e terno escuro, em pé, com as mãos nos bolsos, como se ali fosse o seu lugar.

– Acho que o seu leite estragou – disse ele.

– Quem é você, droga?

– Graves. Five. Desculpe se fui entrando. Já estava batendo há algum tempo e tive medo que os seus vizinhos começassem a ficar desconfiados.

"Five" queria dizer MI5, o aparato nacional de segurança e contraterrorismo, mais conhecido como Serviço de Segurança. Ela deveria ter percebido pela postura do homem. Ele parecia ter uma vara de aço no lugar da coluna vertebral.

– Qual seção?

– G. – A seção G cuidava de todos os assuntos de contraterrorismo com

exceção da Irlanda do Norte. Kate espiou pela janela da frente. Não havia nenhum carro estacionado no meio-fio em frente à sua casa.

– Cadê o Rover azul? – perguntou ela dando um chute, lembrando-se do carro estacionado do lado de dentro do cordão policial na manhã da véspera, no número 1 da Park Lane.

– Estacionei mais embaixo na rua. Será que a senhora não quer se vestir? Estão nos esperando na central. O tráfego a esta hora é péssimo.

Kate examinou mais demoradamente o homem que havia entrado em sua casa sem ser convidado. Tinha cerca de 40 anos, era alto e magro, com grossos cabelos louros cortados de maneira mais casual do que ela esperava. Vestia um terno risca de giz azul-marinho, obviamente comprado na Savile Row, com o comprimento exato dos punhos da camisa à mostra e uma gravata listrada que sugeria que ele havia servido em algum tipo de instituição de elite. Os sapatos sociais pretos *wingtip* eram dos mais elegantes e estavam engraxados segundo os exigentes padrões de um oficial militar. Mas foram os olhos que chamaram a atenção de Kate. Eram de um azul de diamante e tão intensos que chegavam quase a ser sagrados. Eram os mesmos olhos que vira olhando para ela na tarde da véspera do escritório da Oxford Analytica.

– O senhor tem um primeiro nome, Sr. Graves?

– Tenho – respondeu ele. – Coronel.

◆◆◆

O quartel-general do MI5 fica na Thames House, um imponente prédio que ocupa um quarteirão inteiro às margens do Tâmisa (conforme indicado pelo nome) na região londrina conhecida como Millbank, com vista para a Lambeth Bridge. A sala de Graves ficava no primeiro andar, em frente à do diretor. Kate, naturalmente ambiciosa, ficou bastante impressionada. Era uma sala triangular, decorada com móveis modernos dentro da última tendência. Grandes janelas proporcionavam uma vista esplendorosa do lado sul do rio.

– Sente-se – disse o coronel Graves. – A senhora sabe por que está aqui. Isso diz respeito a Robert Russell. Ou, para ser mais exato, diz respeito ao trabalho que Robert Russell estava fazendo.

– Pelo que entendi, ele estava trabalhando para o Serviço Secreto – disse Kate, acomodando-se em um sofá bege baixo. À sua frente havia uma mesa de centro, de vidro e metal cromado. Sobre ela, um cinzeiro repleto de guimbas de cigarro e exemplares de várias revistas sobre segurança pública.

– Não estava, não – respondeu Graves. – Pelo menos, não conscientemente. A senhora conversou com Ian Cairncross. Ele mencionou o interesse de Russell nas TINs, redes confiáveis de informações. A senhora sabe… especialistas que ele havia reunido para coletar informações sobre um ou outro assunto. Digamos apenas que lorde Russell era um membro da minha TIN.

– Parece que ele era membro de uma porção delas.

Graves aquiesceu.

– Na ocasião de sua morte, Russell tinha reunido informações que indicavam que algum tipo de atentado ou complô estava sendo planejado para acontecer em território londrino. Estamos considerando o assassinato dele uma confirmação de que estava certo. Então nós aceleramos um pouco as operações.

– Por que esperaram até agora?

– Quer dizer por que não tiramos Russell da operação antes? Por uma questão de recursos, inspetora-chefe Ford. Nós estamos sempre controlando algumas dúzias de complôs em diversos estágios de planejamento. É uma questão de separar o joio do trigo. – Graves levou a mão ao bolso e sacou um maço de Silk Cut. – Quer um?

Kate recusou.

Ele acendeu o cigarro e tragou, satisfeito.

– Eu agora preciso dizer uma palavrinha sobre a Lei dos Serviços Oficiais. A senhora sabe, pedir que jure não divulgar nenhuma informação que possa vir a receber como parte desta investigação. Dizem que a senhora é de confiança. Não precisamos que assine nada, não é?

– É agora que o senhor vai admitir que o Five estava mantendo Russell sob algum tipo de vigilância sem mandado?

– Algo assim.

– Eu sou policial – disse Kate. – Não sou uma civil libertária. Tenho certeza de que os nossos interesses são similares.

– Que bom. – Graves pegou um controle remoto sobre a mesa de centro e mirou-o no monitor de tela plana preso à parede. Era um SMART Board, um monitor interativo de alta definição ligado à rede central de computadores da instituição. O rosto da dona de casa cansada e sem graça que Kate vira na manhã anterior no apartamento de Russell apareceu. Todos os olhos se concentraram no monitor enquanto ela falava com Russell sobre Mischa, Victoria Bear e a reunião "sigilosa" marcada para as 11h15 daquela manhã, ou seja, dali a pouco mais de uma hora.

– Vocês sabem o que isso significa? – perguntou Kate em seguida.

– Não temos a menor ideia. Só na embaixada russa existem uns 100 Mischas, e isso sem contar a multidão de russos que tomou conta do West End. Uma delegação do Kremlin está visitando a cidade, mas hoje está em Whitehall, enfurnada em uma reunião com a Marinha. Acho que por enquanto estão seguros.

– Isso parece bem "sigiloso", não é? – perguntou Kate, usando o mesmo adjetivo da mensagem gravada.

– Na verdade, é uma visita oficial. E na delegação não tem nenhum Mischa. Só alguns Ivan, Vladimir e Yuri. Ah, e uma Svetlana.

– E Victoria Bear?

– Comparamos o nome com todos os nossos registros e não encontramos nada. Nosso pessoal que decifra códigos está tentando descobrir do que se trata neste exato momento.

– Vocês conseguiram identificar a mulher? A fonte do Russell? Sinceramente, estou preocupada com ela. Se o Russell foi morto por causa do que sabia, por que ela também não seria?

– Estamos tentando localizá-la. Não é tão fácil. O nosso sistema funciona da seguinte maneira: nós na verdade captamos tudo o que aparece no monitor do Russell. Isso não significa que sabemos de onde vem. Remontar até a origem é mais complicado. Trouxemos a senhora até aqui para vermos se durante a sua investigação descobriu alguma coisa que possa esclarecer um pouco mais a situação.

Kate desconfiou que Graves sabia mais do que estava revelando. Fazia muito tempo que ouvira dizer que o Five mantinha vários espiões dentro da Met.

– Robert Russell foi morto por uma mulher que entrou no apartamento dele pelo subsolo e subiu por um antigo duto usado para descartar a roupa suja até um closet dentro da suíte master. Uma vez lá dentro, neutralizou o sistema de alarme, nocauteou Russell com uma garrafa de vodca congelada, depois jogou o corpo da sacada para fazer parecer que fora um suicídio. A nossa sorte foi que ele aterrissou com o rosto virado para baixo. Não fosse isso, nunca teríamos desconfiado de nada. Nem preciso dizer que a mulher é uma profissional. Ela conhecia o apartamento, então podemos supor que teve acesso às plantas, e também ao desenho do sistema de segurança interno. Eu imagino que ela tenha trabalhado em equipe e que os seus cúmplices estavam seguindo Russell.

Graves se inclinou para a frente, um cotovelo apoiado no joelho.

– Como vocês sabem que era uma mulher?

Kate sacou um disco do bolso.

– Temos uma imagem.

– Posso? – indagou Graves, levantando-se da cadeira. Ele entregou o disco para um assistente, que o inseriu no aparelho de DVD. Instantes depois, a imagem da assassina ruiva captada por uma das câmeras do circuito interno de TV do One Park encheu a tela.

– Não ajuda muito – disse Kate. – Ela foi brilhante em conseguir manter o rosto virado para longe da câmera.

– Profissional, como você disse.

Nessa hora, ouviu-se uma forte batida na porta. Reg Cleak entrou esbaforido.

– Desculpe o atraso – disse, atravessando a sala e indo se sentar ao lado de Kate. – Eu tinha acabado de pegar no sono quando um cara grandão apareceu na porta dos fundos. Minha mulher quase morreu de susto.

Foram feitas as apresentações, mas Cleak mal estava prestando atenção.

– Acabei de falar com o pessoal da Vigilância Visual de Automóveis. Eles não conseguiram identificar o trajeto do carro desde Windsor, mas quase.

– Para onde Russell foi depois de sair da casa dos pais? – perguntou Kate.

– Passou mais ou menos uma hora em um clube em Sloane Square.

– Isso só nos leva até a 1 da manhã – disse Kate. – Para onde ele foi depois disso?

– Calma lá, chefe. Estou chegando à parte interessante. Desse clube, Russell pegou o carro e foi até a Storey's Gate. Temos imagens do carro dele estacionado na calçada durante mais de uma hora. Não me pergunte o que ele estava fazendo.

– Storey's Gate? Não é muito longe daqui. – Graves instruiu seu assistente a fazer surgir um mapa de Londres no SMART Board. Instantes depois, um mapa da cidade apareceu, com um círculo indicando o local. Storey's Gate era uma rua curta e estreita, de mão dupla, que percorria cerca de 800 metros de leste a oeste, do Palácio de Buckingham até St. James Park.

– Estão vendo o que eu estou vendo? – perguntou Kate, pondo-se de pé e andando até o monitor.

– O quê? – perguntou Cleak, mas Graves já estava meneando a cabeça.

Kate foi passando o dedo pelo mapa, desceu a Storey's Gate Road e fez uma curva para uma via mais larga. A rua se chamava Victoria Street.

– Olhem aqui nossa Victoria – disse ela.

Se ela esperava que Graves fosse demonstrar alguma surpresa, ficou decepcionada. Ele continuou pregado ao assento, fumando seu cigarro com um ar pensativo.

– Então Victoria é um lugar – disse. – Não uma pessoa. E agora?

Mas Kate ainda não havia terminado. Correndo o dedo pela Victoria Street, ela chegou a um contorno retangular cinza normalmente usado para assinalar um prédio do governo.

– Isto aqui é um edifício ministerial. Acho que antigamente era o Departamento de Comércio. Alguém pode me dizer o que funciona lá hoje em dia?

Graves estalou os dedos e o assistente clicou no mapa interativo. Surgiu uma foto do prédio e, logo abaixo dela, o nome do atual ocupante: "Departamento de Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar, antigo Comércio e Indústria".

– Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar; *Business, Enterprise and Regulatory Reform* – disse Kate. – B-E-R-R.

– Bear – disse Graves com a mesma voz calma.

Cleak fez uma careta.

– Eu diria que é "brrr".

– E se você fosse estrangeiro, como a pessoa que deu a dica para a informante do Russell? – perguntou Kate. – "Bear" me soa mais provável. Bear na Victoria Street – acrescentou Kate. – *Victoria Bear*.

– Quero ser um mico de circo – comentou Cleak de olhos esbugalhados, remexendo-se na cadeira, a única pessoa no recinto que se dava ao luxo de demonstrar qualquer emoção.

– Mostre uma lista dos ocupantes do prédio – ordenou Graves.

Num instante, uma lista de todas as agências governamentais com escritórios na Victoria Street surgiu no monitor. Estas incluíam o Departamento do Emprego, a Agência de Desenvolvimento Econômico, o Escritório de Competitividade e o Departamento de Ciências.

– Ligue para a Segurança Diplomática – continuou Graves. – Descubra se algum dignitário estrangeiro está agendado para visitar qualquer uma das agências da lista. Depois ligue para o chefe de segurança do prédio da BERR. Diga a ele para isolar o local até a nossa chegada. Estaremos lá em 10 minutos.

– E o tráfego? – perguntou Kate. – Não seria melhor interditar todas as ruas que levam ao prédio?

– Se interditássemos o tráfego todas as vezes que tivéssemos alguma ameaça, Londres iria falir em duas semanas. – Graves olhou para seu assistente. – Mande chamar o pessoal que faz policiamento de passeatas. Mal não vai fazer. – Ele se levantou e ficou de frente para Kate. – Presumo que a senhora venha comigo.

♦♦♦

Kate, Graves e Cleak pegaram o elevador até o térreo, onde o Rover de Graves havia sido manobrado e estava à espera, com o motor ligado e as portas abertas. Kate entrou na frente, ao lado de Graves, enquanto Cleak se acomodou atrás. A barreira eletrônica foi abaixada e Graves entrou acelerando na Horseferry Road, onde logo foi detido pelo tráfego. O Rover foi avançando devagar, passando por um sinal, depois outro. Kate olhou para o relógio: 11h03.

– O carro tem luz giratória? – perguntou ela, referindo-se a uma sirene portátil.

– Infelizmente, não. Nós atuamos mais na fase preventiva das coisas.

O sinal ficou verde e Graves avançou pelo cruzamento. Cinquenta metros adiante, teve de parar outra vez. Victoria Street ficava a menos de 2 quilômetros de distância. Em condições razoáveis, o trajeto levaria três minutos. Na situação atual, teriam de contar mais de 20.

Graves estava ao telefone com seu assistente.

– Nenhuma delegação oficial está agendada para visitar o BERR hoje – disse ele a Kate, transmitindo a notícia conforme a recebia. – O ministro está em Leeds. Está tudo normal.

O carro avançava muito vagarosamente.

Kate percebeu que Graves tinha as faces coradas e estava batucando com a mão no volante.

– Quem sabe não seria melhor ir a pé? – sugeriu ela.

– Nem pensar. – Graves estudou a rua à sua frente e seus olhos azuis não demonstravam mais tanta certeza. De repente, girou o carro para a pista contrária. A rua estava desimpedida por 30 metros. Ele pisou fundo no acelerador, mantendo a palma da mão grudada na buzina, até um caminhão obrigá-lo a voltar para sua pista.

Mais uma vez eles tiveram de parar.

O relógio mostrava 11h06.

Cinco minutos depois, chegaram ao cruzamento com a Victoria Street. Graves dobrou à direita e deu um suspiro de alívio ao ver que o tráfego fluía bem.

Acelerou até 80 quilômetros por hora, balançando-se para a frente e para trás e balbuciando:

– Vamos lá. – O sinal ficou vermelho e ele freou com força.

– Ali – disse Kate, apontando para um prédio comercial moderno 300 metros à frente.

– Graças a Deus – comentou Cleak do banco de trás.

O sinal ficou verde, mas o tráfego não se moveu. O motorista do carro em frente abriu a porta e pôs um pé na calçada. Kate desceu do carro.

– Estão interditando temporariamente a rua – disse ela, enfiando a cabeça dentro do Rover. – Alguém vai passar. Algum figurão de Whitehall ou um dignitário estrangeiro. Pensei que você tivesse dito que não havia nada marcado para esta região.

– Eu disse que não havia nada marcado dentro do prédio. – Graves abriu a porta com violência e desceu do carro. Tinha o celular grudado na orelha, mas Kate não conseguiu identificar com quem ele estava falando.

Foi nessa hora que ela viu o primeiro carro da comitiva emergir em disparada da Storey's Gate e virar bem na sua frente para entrar na Victoria Street. Era um Suburban preto, com os vidros escurecidos, que se movia muito baixo, rente ao chão. Um veículo blindado em alta velocidade.

– Quem é que está aqui? – perguntou a Graves. – Parece a porcaria do presidente dos Estados Unidos.

Graves balançava a cabeça.

– Não sei nada sobre isso – disse, perdendo repentinamente a calma.

Em algum lugar ao longe, Kate ouviu um homem gritando. Com o ronco da comitiva de carros que passava, não conseguiu entender o que ele estava dizendo. Parecia estar chamando o nome de alguém. Uma coisa era certa: estava muito nervoso.

– Está ouvindo isso? Tem alguma coisa errada.

– Onde? – perguntou Graves, sem prestar muita atenção. Ao mesmo tempo que corria, brigava com seu escritório, exigindo saber que dignitário estrangeiro estava em visita à cidade sem que ele houvesse sido informado.

Kate ficou na ponta dos pés, esticando o pescoço no esforço de localizar a origem dos gritos. Uns 300 metros adiante na calçada, viu uma cabeça correndo em sua direção. Em um instante estava visível, no instante seguinte desaparecia. A cabeça pertencia a um homem branco. Cabelos grisalhos. Blazer azul. Mais do que isso ela não conseguia ver.

Um segundo Suburban atravessou chispando o cruzamento, seguido por um trio de Mercedes sedã, todos pretos, os três com as janelas igualmente escurecidas para evitar que os ocupantes fossem identificados por algum observador hostil. Uma bandeira em miniatura flutuava na antena do primeiro Mercedes. Ela reconheceu o tricolor azul, branco e vermelho da Rússia.

Olhou para o relógio. Eram 11h15.

Mischa, pensou.

17

SENTADO NO BANCO DE TRÁS DO TÁXI, Jonathan viu Emma descer do BMW e afastar-se do carro. Estava com o dinheiro na mão e, assim que ela deu 10 passos, entregou ao taxista duas notas de 50 libras. Esperou mais um instante, com os olhos cravados na mulher como se houvesse um cabo a conectá-los, então abriu a porta e começou a andar pela calçada. Manteve-se próximo aos prédios, diminuindo o passo de vez em quando, para deixar que alguns pedestres o separassem de Emma. "Proteção natural", dissera ela ao explicar-lhe o seu trabalho.

Emma continuou a descer a Storey's Gate por mais exatamente um quarteirão, até parar na esquina com a Victoria Street. O sinal ficou vermelho. Pedestres de ambos os lados da rua atravessaram, mas ela continuou onde estava.

Jonathan ficou parado, observando. A qualquer momento um carro iria aparecer, Emma iria entrar, e pronto. Ele nunca mais veria sua mulher. Virou-se à procura de um táxi, mas pela primeira vez não havia nenhum à vista. Cerrou o punho e deu um soco na própria coxa. Nunca deveria ter deixado aquele táxi ir embora.

Eram quase 11h15. O Dr. Blackburn deveria estar procurando freneticamente por ele no hotel, perguntando-se onde teria ido parar seu principal palestrante. Imaginou Jamie Meadows esmurrando a porta de seu quarto, perguntando se estava tudo bem. Jonathan os afastou de seu pensamento. Poderia dar sua palestra no dia seguinte.

Foi então que viu um policial de moto passar por ele e qualquer consideração sobre a conferência se apagou de sua mente. O policial seguiu até o cruzamento de Storey's Gate com Victoria Street, onde parou a moto, desceu e interrompeu todo o tráfego para o leste. A rua logo ficou vazia e curiosamente calma. Aquilo fez Jonathan pensar no estranho silêncio que precede uma avalanche.

A essa altura, um grupo de pedestres já havia rodeado Emma. Mesmo assim ele podia vê-la com clareza, em pé, com o celular grudado na orelha, olhando para a frente com atenção.

Atrás de si, Jonathan ouviu o ronco de um motor potente. Virou-se a tempo de ver de relance um borrão preto e um Suburban, da Chevrolet, passou zunindo

por ele, acompanhado por um segundo carro idêntico logo atrás. Os dois foram seguidos por uma formação de Mercedes pretos. Eram três ao todo. Ele viu uma bandeira tricolor tremulando em um dos carros. O vermelho, o branco e o azul reluziam à luz forte do sol. Levou alguns segundos para identificar o país. Nem França nem Holanda… *Rússia*.

Foi nessa hora que ele percebeu. Soube então por que Emma estava esperando na esquina.

Líbano. *Kosovo*. *Iraque*. Ela havia lhe contado sobre seu trabalho nesses lugares. O trabalho invariavelmente consistia em raptar ou assassinar algum personagem importante identificado como hostil à causa – ou seja, à segurança e bem-estar dos Estados Unidos da América. Não era nenhuma coincidência ela estar em pé naquela esquina específica, no exato instante em que passava uma comitiva que transportava funcionários russos por Londres.

Emma tinha ido a Londres para matar alguém ou, como ele um dia a ouvira dizer, "para concretizar um objetivo político".

Tudo isso passou pela cabeça de Jonathan em um segundo.

Ele começou a correr gritando o nome de Emma. Não soube muito bem por que estava fazendo aquilo. Emma havia se esforçado muito para explicar o motivo de suas ações e, em todos os casos, ele acabara concordando com ela. Pensar que o trabalho humanitário era uma força liberalizadora era um engano. Na verdade, passar um tempo em países subdesenvolvidos, cuidando de pobres, doentes e desvalidos, tinha o efeito contrário. Jonathan não tinha nenhuma tolerância para com os corruptos e poderosos que maximizavam lucros graças a seus conterrâneos. Pouco importava em que país fosse. Ele tampouco acreditava em segundas chances. O fato era que a maior parte das pessoas que faziam parte da lista de Emma merecia aquele destino. Mas agora era diferente. Dessa vez ele estava envolvido. Dessa vez ele *sabia*. Observar sem fazer nada, ficar parado e ser uma testemunha silenciosa – isso era pedir demais. Ele não seria cúmplice de assassinato.

– Emma!

O último Mercedes passou. A voz de Jonathan foi abafada pelo cantar de pneus e pelo ronco agressivo de muitos motores. A comitiva desceu a rua em alta velocidade e, só então, passou pelo BMW cinza.

O carro.

A vaga surgida no momento exato.

O torpedo no celular de Emma estava gravado em sua memória. "Pacote

pronto para coleta. HPC 11h15. Vaga organizada. Vxhl LT 52 OXC. Encontro WS 17h00."

O BMW era o pacote. O atentado estava marcado para as 11h15. O carro que havia liberado a vaga era um Vauxhall.

– Emma!

Ela finalmente se virou na sua direção e, no segundo que antecedeu a explosão, seus olhares se cruzaram. Quando o impacto o atingiu e o ergueu no ar, lançando-o com força surpreendente em cima do para-brisa de um Range Rover estacionado ali perto, tudo o que ele registrou foi a violentíssima explosão e, dentro dela, a imagem do olhar reprovador de Emma.

Nunca tinha visto sua mulher tão zangada.

18

A PRIMEIRA COISA EM QUE KATE reparou foi o silêncio. Não pensou: *Ah, estou viva. Que raio acabou de acontecer?* Sabia que estava viva porque o latejar em sua cabeça a informava que estava e a forte dor nas costelas não a deixava se esquecer disso. Além do mais, sabia que tinha sido um carro-bomba. Vira o clarão, a estrela incendiária ficando cor de laranja, antes de o impacto da explosão a derrubar na calçada. Mas não esperava o silêncio. Era como se a cidade inteira houvesse prendido a respiração.

Aos poucos, tomou consciência do tilintar de vidro caindo no chão e dos rangidos de metal amassado. Sua visão clareou. A primeira coisa que viu foi uma fila de carros em chamas. Todos os veículos estacionados em um raio de 20 metros da bomba haviam pegado fogo. *Devem ter explodido instantaneamente*, pensou ela, porque só ouvira uma única detonação, e em seguida pensou se teria passado alguns instantes inconsciente.

Levantou-se da calçada, consciente de uma dor no peito.

– Meu Deus – balbuciou. – Desta vez pisamos mesmo na bola. Você acredita nisso, Reg? – Olhou por cima do ombro à procura de Cleak, mas não o viu em lugar algum. – Reg? Tudo bem com você?

Ele estava deitado no chão ao lado do carro. Tinha os olhos abertos e fixos como se fitasse o céu. Um pedaço de metal emergia de sua testa. Era um parafuso de 10 centímetros.

Kate caiu de joelhos e levou uma das mãos ao pescoço dele em busca do pulso. Não encontrou.

Ali perto, Graves estava em pé com o telefone no ouvido. Falava com voz muito calma, enquanto instruía seus subordinados a mandar uma equipe especializada em atentados a bomba para a esquina da Victoria Street com Storey's Gate, lembrando-se somente no final de pedir para "mandarem umas ambulâncias. Várias". Ele desligou e olhou para Kate, em seguida para Cleak.

– Ele morreu. Me ajude a isolar o local da explosão.

– O senhor está ferido. – Ela apontou para a bochecha dele.

O comentário pareceu ter deixado Graves irritado. Ele levou a mão à bochecha e, quando a retirou ensanguentada, disse um palavrão, depois pegou

um lenço e usou-o para pressionar o ferimento.

– Ligue para o SO15 – falou, referindo-se ao Special Office 15, a Divisão Especial 15 da London Metropolitan Police. – Mande que eles emitam um aviso de evacuação para esta área.

Kate se levantou e suas costelas começaram a doer mais. Delicadamente, ela abriu o casaco e viu um filete de sangue na blusa. O tecido estava rasgado e, através dele, viu um corte aberto. Ao olhar mais de perto, viu um furo no casaco por onde um parafuso ou prego havia entrado, atingindo-a de raspão. Alguns centímetros mais para a direita e muito provavelmente estaria morta.

Ela se apoiou na porta do carro, hipnotizada com aquela cena dantesca. A bomba havia sido detonada enquanto o terceiro e último Mercedes estava passando. Parecia que a explosão erguera o carro no ar e o arremessara contra a parede do prédio. O carro estava sobre os quatro pneus, amassado, em chamas, já uma carcaça. Menos de 10 metros adiante, o segundo Mercedes estava caído de lado. Dois corpos pendiam metade para dentro, metade para fora do para-brisa dianteiro. O carro também estava em chamas e as labaredas emergiam ondulando qual línguas de serpente pelas centenas de perfurações na lataria.

Pregos, pensou Kate olhando para Cleak e sentindo a dor do próprio ferimento. Eles haviam recheado o carro como o colete de um homem-bomba.

O primeiro Mercedes havia batido em um poste, de frente. Ela reparou que os airbags tinham inflado e que havia movimento dentro do carro. A porta de trás se abriu. Um homem saiu rastejando e desabou no chão, com o rosto coberto de sangue.

Mais perto dela, as carrocerias dos dois Suburbans que serviam de escolta também estavam crivadas de furos, os pneus haviam explodido e as janelas tinham sido arrancadas. Todas as portas estavam entreabertas e homens altos e de peito largo usando ternos escuros saíam cambaleando, vários deles brandindo metralhadoras compactas, e corriam em direção ao primeiro Mercedes. Dois guarda-costas já estavam retirando um segundo homem do banco de trás.

Graves atravessou o cruzamento correndo, passou pelos Suburbans e avançou na direção do primeiro sedã. Abriu caminho entre os guarda-costas, gritando o próprio nome e se identificando como policial. Kate veio logo atrás dele.

– Quem estava na comitiva? – perguntou Graves.

– Era a mim que eles queriam – disse o homem ensanguentado. Ele se encontrava deitado na calçada, erguido em um dos cotovelos.

Graves se ajoelhou ao seu lado.

– Como o senhor se chama?

– Ivanov. Ministro do Interior, Ivanov.

Embora não conhecesse o rosto, Kate conhecia aquele nome. Ivanov, segundo os boatos, era um da meia dúzia de candidatos à Presidência da Rússia.

– Fique aqui – recomendou-lhe ela. – Uma ambulância já vai chegar.

Ivanov se deitou.

Um assobio de sirenes invadiu o ar. No intervalo de 30 segundos, Kate contou cinco carros que vinham de todas as direções. Era o fim do silêncio. Graves se afastou do ministro do Interior russo e andou em direção ao segundo Mercedes. Labaredas se projetavam do interior. Dentro do inferno de chamas, o motorista continuava em seu banco, preso pelo cinto. Tinha sido decapitado pela explosão. Os dois homens ejetados pelo para-brisa também pareciam estar mortos, assim como o corpo caído no banco de trás. Era difícil ter certeza, por causa do incêndio.

Não havia dúvida de que o alvo da explosão fora o sedã. O interior parecia ter sido inteiramente destruído. O chassi estava dobrado de forma grotesca. Pouco restava lá dentro a não ser os resquícios dos bancos.

– Quem estava nos outros carros? – perguntou Graves a um dos guarda-costas russos.

– Sr. Witte e Sr. Kerensky, assistentes do ministro Ivanov. E o Sr. Orlov, nosso embaixador na Grã-Bretanha.

– E um tal de Mischa? – perguntou Kate, fazendo referência à mensagem de vídeo de Russell.

– Nenhum Mischa.

– Sim, Mischa – disse Kate. – Ele fazia parte do grupo.

– Não – retrucou o guarda-costas com mais veemência. – Ninguém chamado Mischa estava viajando conosco.

Os primeiros carros da Polícia chegaram. Policiais começaram a correr para ajudar os feridos, mas Graves gesticulou para que fossem até onde ele estava.

– Cerquem o perímetro com uma fita. Estes prédios estão sendo evacuados e não quero ninguém contaminando os indícios. Depois de isolar o local, cuidem dos feridos.

Kate se afastou de Graves e começou a subir a Storey's Gate, passando pelo local da bomba. Pouco antes da detonação, tinha ouvido um homem gritar algum tipo de aviso. Era estranho, mas havia esquecido isso até Graves mencionar a necessidade de proteger os indícios. Lembrou-se de ter visto uma

cabeça de cabelos grisalhos, um blazer azul.

A essa altura, uma enxurrada de homens e mulheres já emergia dos prédios de ambos os lados da rua. Em caso de ataque terrorista, a lei municipal exigia a evacuação obrigatória de todos os prédios e residências da área. Muitos subiam a rua correndo, aflitos para ir embora dali. Outros se demoravam, demonstrando uma curiosidade mórbida em relação aos veículos destruídos e à sorte dos passageiros.

Kate pôs-se a andar no contrafluxo. A calçada estava coalhada de vítimas da explosão. A maioria parecia ter ferimentos superficiais: hemorragias nasais por causa do impacto, tímpanos rompidos, cortes feitos por estilhaços de vidro, choque. Ela parou para avisar-lhes que a ajuda estava chegando, em seguida continuou sua busca.

Cabelos grisalhos. Blazer azul. Não viu ninguém que correspondesse a essa descrição.

No local da explosão havia uma cratera. O carro estava todo retorcido e em chamas, a 3 metros de distância. Ao passar por ele, Kate ergueu uma das mãos para se proteger do intenso calor. Uma fumaça preta subia em direção ao céu, misturando-se à poeira e aos destroços, fazendo seus olhos arderem e dificultando sua visão. Ela levou um lenço à boca, mas mesmo assim o ar continuou quente e cheio de fuligem. Começou a tossir.

Outro Mercedes queimava 10 metros acima na rua. De repente, um homem caiu para fora do carro e começou a rastejar para longe. Tinha a cabeça cercada por um halo de chamas. As roupas pendiam em frangalhos de seus braços e peito, mas suas costas pareciam esfoladas até os ossos. Ela ouviu uma voz gritar "Deitado" e viu outro homem correr para ajudar o primeiro, jogando um paletó sobre sua cabeça para apagar o fogo. O samaritano tinha cabelos grisalhos e o paletó que usara para extinguir as chamas era um blazer azul-marinho.

Kate chamou Graves pelo rádio.

– Estou na metade do caminho em direção a Storey's Gate. Venha para cá. Achei o homem que estava procurando.

Em poucos segundos, Graves chegou ao seu lado, acompanhado por dois policiais.

– Onde ele está?

– É aquele ali. Ajoelhado ao lado do ferido.

Graves gritou instruções e um dos policiais correu para a frente e jogou o homem no chão.

– Não toquem nele! – gritou o samaritano, as palavras nítidas, o sotaque americano bem pronunciado. Tinha o rosto coberto de sangue, mas pela voz parecia forte e em plena posse de suas faculdades mentais. – Ele está com queimaduras de terceiro grau pelo corpo todo. Arrumem um poncho para cobri-lo. O ar está cheio de detritos da explosão. É preciso proteger as queimaduras, senão ele vai morrer de infecção.

Kate se ajoelhou ao seu lado.

– Qual o seu nome? – perguntou.

– Ransom. Jonathan Ransom. Eu sou médico.

– Por que o senhor fez isso? – quis saber ela.

– Isso o quê?

– Isso. A bomba – disse a mulher. – Eu vi o senhor gritar com alguém lá atrás. Quem era?

– Eu não… – O homem engoliu as palavras.

– Não o quê?

Durante um longo intervalo, o homem não respondeu. Manteve os olhos fixos em algum ponto atrás dela e, por um minuto, Kate pensou que ele houvesse entrado em choque. Por fim, Jonathan olhou para ela.

– Não sei – falou.

Então pousou a cabeça na calçada e fechou os olhos.

19

No escritório da divisão em Lambeth, ao sul do Tâmisa, Frank Connor ouviu a explosão e ligou imediatamente a TV. Um boletim interrompeu a programação depois de 5 minutos. Uma imagem estática do Departamento de Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar foi exibida, enquanto um repórter dava os primeiros detalhes gerais de um carro-bomba que havia explodido perto da Victoria Street, no centro de Londres. Seguiu-se o depoimento de uma testemunha muito abalada descrevendo a explosão.

Connor assistiu com atenção, abrindo uma latinha de Coca-Cola e lançando olhares de relance pela janela. Não demorou muito para ver a nuvem de fumaça que se erguia acima da linha de prédios. Ele conhecia explosões, e aquela ali tinha sido monstruosa.

Uma das recepcionistas entrou na sala.

– Consegui encontrar Hubert Lorenz – disse ela.

– Ele está disponível, mas está pedindo 100 mil libras.

Lorenz era um mercenário alemão conhecido no meio por sua precisão e confiabilidade.

Mas Connor não respondeu. Pelo contrário, chegou ainda mais perto da TV, fascinado pelas cenas agora transmitidas ao vivo do local do atentado. A câmera passou por vários carros desformados, demorando-se nas vítimas ensanguentadas deitadas nas calçadas. O repórter anunciou que havia sete mortos confirmados e pelo menos 20 feridos. Connor ficou surpreso que os números não fossem maiores.

– Estou com ele na linha – prosseguiu a assistente com seu sotaque irritante do norte da Inglaterra. – Ele não é do tipo que gosta de ficar esperando.

– Tá, tá, só um instante. – Connor aumentou o volume. O repórter anunciou que o suposto alvo do ataque era Igor Ivanov, ministro do Interior russo, e acrescentou que Ivanov tinha sido levado para um hospital próximo, onde se esperava a qualquer momento que fossem divulgadas notícias sobre o seu estado.

– E? – sussurrou Connor para si mesmo, como um apostador interessado no resultado do jogo. – Ele está vivo ou morto?

– Sr. Connor, o que faço em relação ao Sr. Lorenz?

Connor girou na cadeira.

– Mande ele se foder! Não está vendo que eu estou ocupado?

– Como é?

– Você me ouviu. Saia daqui. Estou ocupado, porra!

A assistente se retirou rapidamente.

Connor se levantou e abriu a janela. A fumaça agora já tinha se transformado em uma soturna capa preta que envolvia o Big Ben e cobria boa parte do céu. Helicópteros voavam baixo junto à linha dos prédios. O assobio das sirenes vinha de todas as direções. Londres estava sendo atacada mais uma vez.

E Frank Connor sabia quem era o responsável.

♦♦♦

Sentada sozinha na antiga rouparia que lhe servia de sala, a assistente de Connor desligou o telefone e riscou o nome do alemão da lista de especialistas em vigilância que havia preparado para o chefe. De repente, percebeu que sua mão tremia e largou a caneta. Não tinha ouvido o Sr. Connor dizer um palavrão uma vez sequer em cinco anos. Ele sempre fora respeitoso, educado e decente. Em seu diário, ela o chamava de "cara legal", o que, para uma garota da classe trabalhadora, significava apreço verdadeiro. Aquele rompante a abalara. Mas não foram os palavrões que a deixaram atônita e com os joelhos bambos, e sim a selvageria do tom e a raiva em seu olhar. Por um instante, ela tivera certeza de que ele iria machucá-la.

Descontrolada, ela pôs-se a soluçar e saiu correndo para o banheiro feminino.

20

– QUANTAS PESSOAS? – perguntou Jonathan.

– Sete mortos até agora – respondeu a mulher cujo nome era Kate Ford, inspetora-chefe da Metropolitan Police. – Duas dúzias de feridos, vários em estado grave. O senhor está bem encrencado.

– Na verdade, é pior do que isso – disse Graves, que havia se apresentado como membro da Divisão de Contraterrorismo do MI5. – Na verdade, o senhor no momento está sendo considerado cúmplice de sete assassinatos, assim como de conspiração para cometer um ato terrorista em solo britânico.

Jonathan encarou aqueles rostos severos e ansiosos. Estava deitado em uma cama de campanha com uma grade de metal no pé, lençóis ásperos e um cobertor de lã verde. Um medidor portátil de pressão arterial pendia junto à sua cabeça, ao lado de uma sonda intravenosa por onde uma substância transparente que ele adivinhou ser glicose ou soro fisiológico era injetada em seu braço esquerdo. Não havia televisão nem cama extra. Apenas um guarda ao lado da porta usando um uniforme verde militar, com uma submetralhadora apertada contra o peito.

De Londres, Jonathan havia sido transportado dentro de uma ambulância de vidros escurecidos. Viajara sozinho, acompanhado apenas por um policial que lhe dizia para "calar a boca" toda vez que ele começava a fazer uma pergunta. Dez minutos antes de chegar, a ambulância havia parado e o motorista havia subido na traseira para supervisionar a colocação de um capuz preto sobre sua cabeça. O capuz só foi removido depois de Jonathan estar acomodado na cama.

Tudo isso acontecera três horas atrás.

– Onde eu estou? – quis saber ele.

– Em um lugar tranquilo e discreto – respondeu Graves. – Um lugar onde podemos ter uma conversa sincera sobre os acontecimentos de hoje de manhã sem muitos olhos e ouvidos curiosos.

– Precisamos ter certeza de que o senhor entende o que está acontecendo – disse a inspetora-chefe Ford.

– Ah, ele está entendendo, sim – disse Graves, chegando mais perto. – O Dr. Ransom é um homem inteligente. Não há dúvida quanto a isso. Bem, Dr.

Ransom, então, permita que eu comece dizendo que há muito pouca coisa que o senhor poderá nos contar que nós já não saibamos. Ou seja, que o senhor chegou ontem em um voo da Kenya Airways vindo de Nairóbi, que veio participar de uma conferência de medicina e está hospedado no Hotel Dorchester, e que planeja ir embora daqui a dois dias. – Ele fez uma pausa. – Tudo o que queremos do senhor é um relato sincero do que estava fazendo na Storey's Gate hoje de manhã.

– Temos um vídeo da bomba explodindo – disse a inspetora-chefe Ford. – Na verdade, temos três imagens de ângulos diferentes da explosão.

Graves equilibrou um aparelho de DVD portátil sobre a mesa de cabeceira de Jonathan. Apertou o play e a tela se encheu com um longo plano da Storey's Gate. Bem no meio da imagem estava o BMW cinza que Jonathan tinha seguido desde o norte de Londres. Passaram-se alguns segundos e a porta do motorista se abriu. Emma desceu e andou até o cruzamento com a Victoria Street. Jonathan ficou olhando enquanto ela se postava na calçada e ali permanecia até o sinal ficar vermelho e os pedestres saírem do seu lado. A escolta policial de moto chegou e interrompeu o tráfego. O primeiro SUV entrou em quadro e dobrou a esquina. Depois veio o segundo, seguido pelo trio de Mercedes. De repente, um clarão. Quando a imagem tornou a entrar em foco, mostrava fumaça e chamas saindo do BMW. Um dos Mercedes estava caído de lado, outro havia batido em um poste. Mas Jonathan não gastou seu tempo examinando os destroços. Estava ocupado demais olhando para o cruzamento à procura de Emma, querendo ter certeza de que fora realmente ela quem ele vira.

– Ela sumiu – disse Graves, como se pudesse ler seus pensamentos. – Estou falando da sua mulher. Emma Rose Ransom. É ela que o senhor está procurando, não?

Pronto, pensou Jonathan. Verdade ou ficção. Confessar ou negar tudo. Esse era o momento de decidir de que lado realmente estava. *Conte tudo a eles*, havia instruído Emma 12 horas e mil anos antes. *Eles já sabem, mesmo*. Se ao menos fosse fácil assim. Ele pesou os fatos conforme os conhecia. Emma havia conscientemente planejado e executado um atentado com um carro-bomba que matara sete pessoas e deixara muitas outras gravemente feridas. Havia mentido para ele em relação ao motivo pelo qual estava na Inglaterra. Ela o havia transformado em cúmplice involuntário de seus atos. Tudo isso pesava contra a lealdade que um marido devia à mulher.

– Minha mulher morreu – disse Jonathan. – Morreu em um acidente de alpinismo nos Alpes seis meses atrás.

– Ouvimos falar. Quando estávamos verificando quem o senhor era, descobrimos um mandado para sua prisão emitido pela Polícia Federal da Suíça em fevereiro. Eles mandaram o seu dossiê. Nele havia uma foto da sua mulher, supostamente morta em um acidente de alpinismo no dia 8 de fevereiro deste ano, o que torna ainda mais estranho o fato de ela ter aparecido em Londres alguns dias atrás.

Dias atrás? Jonathan não pôde evitar reagir àquela notícia.

– Isso é impossível – conseguiu dizer, seco. – Ela morreu.

– Foi mesmo? Por que não verificamos isso? Estas fotos aqui foram tiradas em Londres 36 horas atrás. – De uma pasta, a inspetora-chefe Ford retirou uma série de fotografias que espalhou sobre o cobertor no colo de Jonathan. As fotos mostravam uma mulher elegantemente vestida, de cabelos ruivos, em pé dentro de um elevador. Em todas elas a mulher tinha o rosto abaixado e era difícil distinguir bem seus traços. Ainda assim, era totalmente óbvio para Jonathan que aquela mulher era Emma.

A policial pegou uma das fotos e a comparou com a ampliação de uma das câmeras de circuito interno de TV da Victoria Street.

– Esta é ou não é a sua mulher?

– Não tenho certeza – disse Jonathan.

Ford pôs as fotografias tiradas em Londres ao lado da foto do passaporte de Emma, fornecida pelas autoridades suíças. Não havia como negar que era a mesma mulher.

– E agora?

– Parece ser ela – disse Jonathan. Sua cabeça latejava. Ele estava cansado demais para manter a farsa.

– Então podemos supor que ela está viva?

Jonathan não disse nada.

Ford pegou as fotos.

– O nome Robert Russell significa alguma coisa para o senhor?

– Não – respondeu Jonathan. – Deveria?

– Ele foi assassinado ontem de manhã. A primeira foto da sua mulher que mostramos ao senhor veio de uma câmera de segurança no prédio dele. Temos indícios para suspeitar que ela esteja ligada ao assassinato de Russell.

O DVD continuava a avançar, mostrando o BMW explodindo de um ângulo diferente na rua.

– Em um segundo ela está aqui – disse Graves, apontando para a tela. – O

carro faz "bum" e, no segundo seguinte, ela some. Meio sinistro, na verdade. Para onde ela foi? Estava longe demais para ser atingida pela explosão. Olhe mais de perto. A inspetora-chefe Ford está logo do outro lado do cruzamento. Está visível antes e depois da bomba. Mas a sua mulher sumiu. Ainda não conseguimos entender. – Ele desligou o DVD. – Então, o que o senhor estava tentando fazer, Dr. Ransom, correndo pela rua daquele jeito?

Jonathan não respondeu.

– O quê? – insistiu Graves.

– Estava tentando fazê-la parar.

– Então o senhor sabia que havia uma bomba?

– Não, eu só…

– Admita – disse Graves. – O senhor acabou de dizer que estava tentando fazê-la parar. O que aconteceu? Mudou de ideia na última hora? Foi isso? É novato nesse tipo de coisa, é isso?

Jonathan encarou Graves.

– Eu não sabia nada sobre a bomba – disse ele.

Graves chegou mais perto.

– Temos relatos de que o senhor estava extremamente nervoso quando chegou a Heathrow. Disparou vários alarmes. Me parece que o senhor sabia exatamente o que ela estava tramando.

– Isso não é verdade – disse Jonathan. – Eu só descobri que Emma estava em Londres ontem à noite.

– Ora, vamos – disse Graves, adotando de repente um comportamento simpático. – Pare de mentir para nós. O senhor com certeza sabia. Estava ajudando sua mulher o tempo todo. Foi o senhor quem entrou no país com os explosivos? Arrumou um pouco de explosivo plástico com seus amiguinhos rebeldes lá na África? Era essa a sua parte no plano? Depois vai poder nos contar como conseguiu passar pelo nosso pessoal. Agora estamos mais interessados em saber por que o senhor e a sua mulher queriam explodir o ministro do Interior russo. Para quem exatamente o senhor está trabalhando, Dr. Ransom?

Jonathan se lembrou da bandeira branca, vermelha e azul tremulando, pendurada na antena do carro. O ministro do Interior podia se considerar um homem de sorte por estar vivo. Não era frequente Emma fracassar.

– Eu não sei nada sobre o russo nem sobre a bomba. Fui convidado a vir a Londres para dar uma palestra em uma conferência de medicina. Não estou trabalhando para ninguém.

– Então o que o senhor estava fazendo no local exato em que o carro-bomba explodiu?

– Eu já disse. Estava tentando fazê-la parar.

– Fazer uma mulher morta parar um atentado que o senhor não sabia que iria acontecer? – Graves prosseguia sem piedade. – Por favor, Sr. Ransom, preste atenção no que está dizendo. Não nos trate como imbecis.

Nesse instante, Jonathan ouviu um estrondo soar ao longe e seu eco se espalhar pelo campo. Conhecia o barulho de artilharia pesada. Apalpou o cobertor de lã grosseira. Eles o haviam escondido em uma base militar. Ele estava fora do sistema e sabia muito bem o tipo de coisa que acontecia nesses lugares. Se quisesse sair dali algum dia, teria que cooperar. Emma tinha razão. Ele precisava contar tudo.

– Emma trabalhava para o governo norte-americano – disse ele. – Era agente de uma organização chamada Divisão. Isso fazia parte do Departamento de Defesa, mas nem adianta procurar. A organização não existe. Pelo menos não oficialmente. Alguma coisa aconteceu na Suíça em fevereiro passado. Uma missão deu errado… Na verdade, foi Emma quem fez dar errado. Vários homens da Divisão morreram, incluindo o líder. Era melhor ela se fingir de morta.

– Por quê? – quis saber Graves.

– Emma sabia que a Divisão iria atrás dela. Precisava se esconder. Eu só descobri que ela estava em Londres ontem à noite. Estava no meu hotel, em um coquetel organizado pela conferência, e Emma mandou alguém me avisar que estava lá. Preparou um encontro em um apartamento na Edgware Road.

Kate Ford perguntou o endereço, depois trocou um olhar com Graves.

– E por que ela queria se encontrar com o senhor?

– Para se despedir. Ela queria me avisar que as coisas estavam ficando perigosas demais para ela. Daqui para a frente, ela não poderia mais correr o risco de entrar em contato comigo. Ela apareceu no meu hotel às 4 da manhã de hoje. Antes de sair do meu quarto, recebeu um telefonema. Eu senti que alguma coisa não estava certa. Que ela estava aprontando alguma, entendem? Perguntei qual o verdadeiro motivo para estar em Londres, e ela me mandou cuidar da minha vida. Eu não sabia que era uma operação, nem que tinha qualquer coisa a ver com os russos. Pensei que fosse alguma coisa relacionada à segurança dela. Estar um passo à frente deles. Enfim, de uma forma ou de outra, não fazia diferença. A única coisa que tinha importância para mim era que ela estava indo embora. Eu não conseguia suportar a ideia de nunca mais ver Emma. Quando ela

saiu do quarto hoje de manhã, fui atrás. Ela foi a uma casa em Hampstead e pegou o carro lá.

– O senhor tem o endereço? – perguntou Ford.

– Não, mas se vocês me levarem lá provavelmente conseguirei achar a casa.

Graves lançou um olhar incrédulo para Ford.

– Continue – disse ele.

– Depois disso segui Emma até Storey's Gate. Ela passou algum tempo dentro do carro, o que me deixou confuso. Mas, assim que vi a comitiva, eu entendi. Com Emma não existe "talvez". Foi por isso que gritei com ela. Não queria que ela fizesse aquilo.

– Então o senhor jura que não sabia nada sobre o plano dela de assassinar Igor Ivanov até chegar a Storey's Gate? – pressionou Ford.

– É claro que eu não sabia – disse Jonathan, mais confiante agora que a verdade tinha sido dita.

– Acho que já ouvi o suficiente – disse Graves, soltando o ar pelo nariz como se não estivesse acreditando em nada daquilo. – Os americanos nunca ouviram falar na sua mulher. A primeira coisa que fizemos foi checar com Langley. Queríamos dar a eles a chance de confessar, por assim dizer. Já que o senhor é americano. Eles negaram tudo veementemente. Nunca ouviram falar em Emma Ransom. Não sabem nada sobre nenhum complô para matar Ivanov. Ficaram chocados. Zangados. Ofereceram ajuda, e eu acredito neles. Eles jamais cogitariam organizar esse tipo de ataque no nosso território. Também tenho contatos no FBI. Mais uma vez ninguém conhecia o nome da sua mulher. A única coisa que se aproxima vagamente da verdade em tudo o que o senhor nos disse até agora é que ela estava na Suíça em fevereiro passado, mas quer saber de uma coisa? O passaporte britânico que ela estava usando era falso. E agora o senhor quer que eu acredite que ela trabalha para essa tal agência de espionagem que chamou de… – Graves gesticulou pedindo que Jonathan repetisse o nome.

– Divisão – disse Jonathan.

– Divisão – repetiu Graves –, que pode ou não fazer parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. E que ela era algum tipo de agente que passeava pela Europa fazendo trabalhos para essa organização. Desculpe, Dr. Ransom, mas nós aqui temos um nome para esse tipo de história. Conversa mole.

– Pode acreditar no que quiser – disse Jonathan. – Cansei disso tudo.

Graves balançou a cabeça, contrariado.

– Não sei por que não atiro o senhor às feras.

Jonathan sentou-se mais ereto, ignorando a cabeça que latejava.

– Porque eu não estou envolvido. Será que dá para o senhor enfiar isso nessa sua cabeça dura?

Graves chegou mais perto da cama.

– Nós passamos aquela camisa que o senhor estava usando em uma das nossas máquinas modernas. Segundo ela, o tecido tinha resíduos de explosivos plásticos suficientes para disparar uma dúzia de detectores. Em algum momento das últimas 24 horas o senhor teve contato direto com explosivos plásticos.

– Impossível. – Porém, no mesmo instante em que dizia essas palavras, Jonathan compreendeu que *era* possível: que, de alguma forma, aquilo era coisa de Emma.

Graves continuou.

– Na situação atual, o senhor é cúmplice de assassinato e culpado de conspirar para cometer um ato terrorista. Já reconheceu que foi sua mulher que vimos no vídeo. Temos fotografias do senhor no local momentos antes do atentado. Com isso, somado ao resíduo de explosivos na sua camisa, o senhor não vai passar da primeira manhã no tribunal criminal. É uma pena que não exista mais pena de morte para lixo do seu tipo. Simplesmente vamos deixar o senhor apodrecer na prisão. Agora diga onde podemos encontrar sua mulher.

– Não posso.

– Não pode ou não quer?

– Sei tanto quanto vocês.

Jonathan tornou a afundar na cama. Era o fim. Ele iria passar muito tempo na cadeia.

♦♦♦

Os policiais tornaram a entrar no quarto uma hora mais tarde. Imediatamente ficou claro que o comportamento dele havia mudado. Não o da mulher. Ela estava tão rígida e ereta quanto antes. Mas Graves parecia mais relaxado, com a mesma determinação, porém mais solto, como se houvesse encontrado uma forma nova e segura de fazer Jonathan falar.

– Escute bem o que vou dizer – disse o homem do MI5. – Não estou dizendo que acredito em uma palavra do que o senhor nos disse; mas fiz questão de conversar com um homem que o senhor talvez conheça. Na verdade, é um velho amigo meu: Marcus von Daniken, do Serviço de Análise e Prevenção da Suíça. Estou vendo que o senhor reconhece o nome. Enfim, como nós dois fazemos

mais ou menos o mesmo trabalho, liguei para ele e perguntei se sabia alguma coisa sobre a sua mulher. Disse a ele que ela estava envolvida no atentado de hoje e que eu havia detido o senhor. Ele talvez tenha deixado escapar algumas coisas que tenho quase certeza de que outras pessoas não iriam querer que vazassem. Não estou dizendo que sei qualquer coisa sobre um atentado a um avião de carreira da El Al ou sobre uma organização chamada Divisão. Oficialmente não sei nada a respeito e isso nunca vai mudar. Mas von Daniken me disse uma coisa. Sabe o quê?

Jonathan fez que não com a cabeça.

– Ele me disse que o senhor era um filho da puta insistente. E que tinha movido céus e terras para descobrir o que a sua mulher estava aprontando. Levando em consideração esses fatos, e outras complicações que não temos liberdade para revelar, vou pedir ao senhor que nos faça um favor.

– Que favor?

Graves sentou-se ao pé da cama e se demorou cruzando os braços e se acomodando.

– Temos um motivo para estar aqui na zona rural de Hereford e não na Scotland Yard no centro de Londres – disse ele. – Depois que o senhor for citado como suspeito, eu não vou poder chegar a menos de 1,5 quilômetro do senhor. Um ato criminoso aconteceu. Pessoas inocentes morreram. Alguém precisa pagar, e o senhor participou. Trata-se pura e simplesmente de uma questão de aplicação da lei. Agora mesmo, enquanto nós conversamos, os meus amigos da SO15 estão uivando, querendo o seu sangue. Mas eu conversei com meu chefe, ele conversou com o chefe deles e, pensando bem, nós resolvemos que é melhor esta parte da investigação continuar sob minha responsabilidade por mais algum tempo. Por enquanto, o senhor não vai ser acusado de nada. Tecnicamente, é um homem livre.

Jonathan ficou encarando Graves. Aquele homem era capaz, era inteligente e tinha muito poucos escrúpulos. Jonathan sabia que não podia confiar nele.

– Então o que o senhor quer, exatamente?

– O senhor vai nos levar até ela – disse Graves com um sorriso de despedida. – Vai nos ajudar a encontrar sua mulher.

21

SEU NOME ERA SERGEI SHVETS e ele era diretor do Serviço de Segurança Federal russo, ou FSB, sucessor da mui glorificada e mui temida KGB. Sentado no banco do copiloto do helicóptero Kamov, ele observava com impaciência as águas calmas do mar Negro se moverem lá embaixo. Era um homem corpulento, de olhos escuros e fundos, bochechas de buldogue e cabelos ralos cor de prata. Tinha 50 anos. Na Rússia, aparentava sua idade. Em Paris, Nova York ou Londres, as pessoas achavam que ele tivesse 60. Embora fizesse frio dentro da cabine, gotas de suor cobriam sua testa e seu lábio superior.

– Quanto tempo falta? – perguntou ele ao piloto.

– Cinco minutos.

– Ótimo – disse Shvets, verificando o relógio. Em algumas reuniões, era bom não chegar atrasado.

À sua frente, espalhada em um arco de litoral de 150 quilômetros de extensão, estava a cidade de Sochi e, atrás dela, erguendo-se de uma bruma rosada, os cumes nevados das montanhas do Cáucaso. Durante muito tempo, Sochi havia sido o resort de verão preferido dos líderes comunistas russos. Assim como esses líderes, a cidade era rígida e ortodoxa, quase envergonhada de seu clima subtropical burguês. Nos últimos anos, porém, a cidade vinha atravessando um período de desenvolvimento. A elite recém-cunhada do país acorria em hordas barulhentas e cobertas de joias para refestelar-se no sol constante e nos muitos cafés ao ar livre de Sochi. *Villas* de luxo haviam se multiplicado à beira-mar, cada qual mais grandiosa que a outra. Estradas construídas para caminhões ZIL e automóveis Lada ficavam engarrafadas com Mercedes e Range Rovers. Sochi foi batizada a Saint-Tropez da Rússia.

Ultimamente, porém, o presidente dera a seus conterrâneos um novo motivo para ir a Sochi. Em 2014, o resort no mar Negro iria abrigar os XXII Jogos Olímpicos de Inverno.

Shvets contou os grous no horizonte e chegou a 14. O mesmo número de sua última visita. Enquanto o helicóptero ia baixando sobre a cidade, ele observou que vários dos canteiros de obras pareciam desertos ou, em alguns casos, inteiramente abandonados. Sochi, assim como o Rodina, vivia e morria de

acordo com o preço do petróleo. Ele teve pouco tempo para pensar nisso. A essa altura, já tinha conseguido ver o seu destino e estava se empertigando no assento, enxugando a testa e apertando a gravata.

Bocharov Ruchei, o palácio presidencial de verão construído na década de 1950, ficava em um amplo terreno às margens do lago, vários quilômetros ao sul da cidade. O helicóptero aterrissou em um gramado ao lado da ala de escritórios do palácio. Um veículo que o aguardava levou Shvets até os fundos da ala presidencial. Enquanto caminhava em direção à porta, ele percebeu uma sombra acima. Ergueu os olhos. Havia atiradores de elite do Ministério do Interior posicionados em todos os telhados do complexo. O presidente estava assustado. Aquilo era novidade.

Uma vez lá dentro, Shvets foi conduzido até um elevador e levado a dois andares mais embaixo, onde ficava o estande de tiro do presidente. Um auxiliar lhe ofereceu protetores de ouvido. Shvets os pôs sobre as orelhas antes de passar pelas portas de vidro que conduziam ao estande. De costas para a parede, ficou olhando o presidente dar tiros e mais tiros na silhueta preta de um fuzileiro naval norte-americano.

Por fim, o presidente se virou e acenou para Shvets aproximar-se.

– Então? – perguntou.

– Ivanov está vivo, mas na UTI. Ainda não soube nada sobre o prognóstico dele. O embaixador Orlov morreu, junto com vários membros do seu gabinete. A polícia não prendeu ninguém. Os detalhes ainda são vagos, mas está claro que não foi uma operação local. Esse ataque exigiu planejamento, execução e inteligência profissionais.

O presidente teve dificuldade para acionar a trava de segurança da pistola. Não possuía a facilidade com armas de seu predecessor, tampouco seu amor pela violência. Por natureza, era fraco, mas astuto. Uma fuinha, com os dentes afiados de uma fuinha. Sabia que a Rússia exigia que seu líder fosse um homem forte, e estava decidido a não decepcionar o país.

– Orlov era um bom homem – disse. – Conheço a família dele. Vamos garantir que tenha um enterro bancado pelo Estado. – Ele finalmente conseguiu travar a pistola e ergueu os olhos para o visitante. – Não tivemos nenhuma indicação de que alguma coisa estava sendo planejada?

– Nenhuma – respondeu Shvets. – Com os antecedentes de Ivanov, é difícil saber o motivo. Se existe um homem no mundo com muitos inimigos, é Igor Ivanovich.

– É verdade, mas tenho certeza de que isso não tem a ver com Igor Ivanov.

– Ah, é?

– Se algum inimigo quisesse matar Ivanov, daria um jeito de fazer isso em Moscou com bem menos problemas. – O presidente retirou o pente da pistola e Shvets viu que a arma era uma antiguidade: a Tokarev de 1911 feita sob medida para o czar Nicolau II, com a reputação de ter sido a própria arma que matara a ele e sua família. Mesmo a muitos passos de distância, ele podia ver a águia dos Romanov, feita de pedras preciosas, incrustada no cabo de madrepérola da pistola.

– Não, isso não foi um ataque a Ivanov – continuou o presidente. – Foi um ataque ao nosso país. Uma tentativa de nos atingir enquanto estamos enfraquecidos.

Shvets pensou nos canteiros de obra abandonados que vira ao chegar, nos prédios largados pela metade. Não contradisse o comentário. A situação de seu país era lamentável, e todo mundo sabia disso.

Durante os últimos 10 anos, a economia russa havia crescido à taxa anual de 7%. O crescimento decorria inteiramente da exploração de suas vastas riquezas naturais: madeira, ouro, diamantes, gás natural e, principalmente, petróleo. As reservas confirmadas representavam 80 bilhões de barris – a sétima maior do mundo –, e os especialistas tinham certeza de que ainda restavam a descobrir 100 bilhões de barris. A produção havia aumentado de 6 milhões de barris por dia em 2001 para 10 milhões de barris por dia no último ano. Esse aumento, junto com a subida estratosférica dos preços do petróleo no mesmo período, tivera como resultado uma avalanche de dinheiro. No auge, a Rússia ganhava, apenas com as exportações de petróleo, bem mais de 1 bilhão de dólares por dia, o equivalente a mais de 65% do produto interno bruto do país.

Desde então, o preço do petróleo havia desabado e não dava sinais de recuperação. O mercado de ações havia perdido 80% do valor e o investimento estrangeiro direto havia secado por completo. Pior ainda, o rublo havia perdido metade do valor em relação ao dólar apenas nos três últimos meses.

O país estava em queda livre.

– Você sabe por que eu mandei Igor Ivanovich para Londres? – perguntou o presidente.

Shvets reconheceu que não sabia.

– Mandei-o até lá para um encontro com um consórcio de empresas petrolíferas europeias, na esperança de reconquistar sua confiança para que elas

outra vez cogitem investir conosco. No passado, nós fomos arrogantes. Não cumprimos as promessas que fizemos a nossos sócios. Nosso comportamento foi predatório. Queríamos tudo para nós. Não é de espantar que eles tenham fugido. Reconheço que a culpa é minha, mas o que está feito está feito. Foi Ivanov quem me mostrou que eu estava errado. Sem a ajuda do Ocidente, nunca conseguiremos fazer a produção de petróleo voltar ao nível de antes, quanto mais aumentar. Com a minha bênção, ele ensaiou uma reaproximação com os principais produtores de petróleo. Não foi uma decisão popular.

– Ah, não?

– Os responsáveis pela produção doméstica de petróleo não querem ceder nem um rublo sequer aos outros. Eles se tornaram gordos e preguiçosos. Perderam a capacidade de separar o próprio bem-estar do bem-estar da pátria mãe.

Shvets conhecia bem esses homens.

Antes de se transferirem para o setor privado, todos haviam feito carreira na KGB. Um deles cumprira diversos mandatos como diretor do escritório da organização em Moçambique. Outro havia sido segundo secretário nos Estados Unidos. Um terceiro tinha sido agente duplo infiltrado na embaixada russa em Madri, fingindo ser a maior fonte de informação dos americanos. E Shvets já chefiara a Diretoria S da KGB, encarregada de operações clandestinas: tudo o que ia da administração de agentes disfarçados no exterior ao planejamento e execução de atos de terrorismo em solo estrangeiro, passando pela espionagem industrial em nome da Rússia.

Eles eram uma irmandade de espiões.

Como tais, nenhum deles merecia confiança.

Shvets agora sabia por que o presidente havia espalhado atiradores de elite por sua residência.

– O senhor acredita que algum deles teve algo a ver com o atentado a Ivanov? – perguntou ele.

– Eu não disse isso. – Mas a expressão azeda do presidente transmitia uma mensagem diferente. – Igor Ivanovich é meu amigo. É também um patriota, o que é mais do que eu posso dizer em relação aos outros. Você vai fazer pleno uso dos recursos do Estado para encontrar e punir quem está por trás desse atentado.

O presidente deu um abraço em Shvets e o beijou no rosto três vezes, como era costume no país.

– E Sergei – disse ele, segurando o espião com os braços esticados –, se, Deus

nos livre, eles forem russos, eu mesmo vou executar a sentença.

22

Em londres, o ministro do interior Igor Ivanov dormia na cama da unidade de terapia intensiva do hospital Saint Catherine. Uma sonda intravenosa injetava glicose em seu braço, outra administrava uma vez a cada hora doses de pentobarbital para mantê-lo em coma induzido. Uma braçadeira monitorava sua pressão arterial. Grampos nos dedos mediam a taxa de oxigenação de seu sangue. Seu rosto – ou o que se podia ver de seu rosto debaixo das ataduras – exibia um colorido violento em vários tons de roxo. Os talhos na testa e nas bochechas haviam exigido no total 99 pontos. Ele já não era um homem bonito antes; seria menos bonito ainda quando tivesse alta, caso sobrevivesse.

– O senhor sabe quem ele é? – perguntou a enfermeira de plantão, uma morena de voz suave chamada Anna.

O Dr. Andrew Howe, chefe da neurologia, terminou de anotar os dados vitais do paciente no prontuário.

– Ivanov? Deve ser algum tipo de diplomata, não é?

– Ele é um monstro.

– Como é? – perguntou Howe, espantado com o fel na voz da mulher.

– Lá de onde eu venho, nós chamamos esse homem de Diabo Negro.

Howe largou o prontuário e leu com mais atenção o crachá da enfermeira. Anna Bakareva.

– E de onde você vem?

– Grozny, Chechênia – respondeu ela. – Saí de lá muitos anos atrás, aos 11 anos. Mas me lembro de Ivanov. Ele comandava as tropas que saquearam a cidade.

Howe também era ex-militar, cirurgião da Guarda Real Escocesa, e lembrou-se de ter ouvido falar nas atrocidades perpetradas pelo Exército russo durante o ataque à capital chechena, em meados da década de 1990. Uma história horrível.

A enfermeira tinha grandes olhos negros que não se desgrudavam de Ivanov.

– Os soldados dele foram ao meu bairro para procurar um dos líderes da resistência. Não o encontrando, juntaram todos os homens do meu prédio e dos outros prédios da rua e levaram para o estádio de futebol. Pegaram velhos, jovens. Não fazia diferença. Setecentos homens no total. Levaram meu irmão

também. Ele tinha 10 anos. – Ela parou e apontou para Ivanov. – Ele sozinho atirou em todos eles.

– Sinto muito – disse Howe.

– Ele vai sobreviver? – perguntou a enfermeira em um tom inadequado para uma profissional da área de saúde.

– É cedo demais para saber. Não sofreu muitos ferimentos, com exceção dos cortes e hematomas. Não quebrou nenhum osso. Não teve hemorragia interna. Mas é o cérebro que me preocupa. Ele foi bem chacoalhado dentro do carro.

Howe sabia algumas coisas sobre traumas cerebrais. Anos antes, passara um tempo trabalhando em Basra, no sul do Iraque. Os artefatos explosivos improvisados, ou IED – *improvised explosive devices* –, eram a causa mais frequente dos ferimentos. Durante sua temporada iraquiana, ele tinha visto mais de 200 casos parecidos com o de Ivanov. Era impossível fazer um prognóstico preciso tão pouco tempo depois do trauma inicial. Alguns pacientes recuperavam inteiramente suas faculdades. Outros passavam semanas ou meses em estado vegetativo. Outros nunca mais chegavam a acordar. A maioria, porém, ficava no meio-termo e guardava algum tipo de sequela permanente, que podia ser uma falha na memória de curto prazo, perda do paladar ou do olfato, ou algum transtorno neurológico mais sério.

– A ressonância magnética dele não acusou nada – disse Howe. – Quando o edema diminuir, vamos saber mais.

A enfermeira chechena aquiesceu. Era óbvio que aquela notícia lhe desagradava.

Howe saiu do quarto e foi direto para a estação de enfermagem, onde se certificou de que a enfermeira Anna Bakareva não teria mais nenhuma participação nos cuidados com o paciente Igor Ivanov, o Diabo Negro. Não acreditava que ela fosse fazer alguma coisa que pudesse prejudicá-lo de forma direta. No entanto, poderia esquecer-se de administrar um analgésico, ou injetar o remédio errado nele por engano. Era um risco que ele não estava disposto a correr.

23

ENCOLHIDO NO BANCO DE TRÁS do Rover do coronel Charles Graves, Jonathan ficou olhando as estradas rurais de Hereford cederem lugar a outras de pista dupla, e as colinas baixas se transformarem em planícies de asfalto. Por fim, entraram na autoestrada M4 e pegaram uma reta para Londres. Uma escolta policial ia na frente, com as luzes piscando e a sirene desligada. Outra escolta seguia atrás do carro, praticamente encostada em seu para-choque. Passava das 6 da tarde, mas o sol inclemente não dava mostras de arrefecer. Dentro do carro, o ar-condicionado soprava, em cima de todos, rajadas de um ar úmido e morno.

Tecnicamente, Jonathan era um homem livre. Afinal, foi isso que Graves dissera. Mas ele não tinha ilusões em relação à verdade. Era um prisioneiro, e continuaria a ser um prisioneiro até que lhes trouxesse a cabeça de Emma. Caso se atrevesse a pensar qualquer outra coisa, bastava olhar para os policiais uniformizados sentados de cada lado dele ou para a tornozeleira eletrônica presa em volta de seu tornozelo esquerdo.

– Modelo militar – havia comentado Graves enquanto a prendia à perna de Jonathan, apertando-a além da conta, de propósito. – Foi desenvolvido para os meninos maus das regiões tribais do Paquistão. O sinal identifica sua localização com uma margem de erro de apenas 1 metro, onde quer que o senhor esteja nesta Terra de meu Deus. E, se tentar tirar, vai partir sua perna ao meio.

Ao dizer isso, Graves dera uma risadinha, mas os seus olhos não permitiram a Jonathan saber se ele estava brincando ou não.

O interrogatório havia começado no hospital, continuando enquanto ele era submetido a um raio X do crânio para verificar possíveis fraturas ou concussões (não havia nenhuma) e enquanto tornava a vestir suas roupas civis, e até aquele instante. Graves e Ford, sentados na frente, revezavam-se em cobri-lo de perguntas. A que horas ele tinha descido para o coquetel? Quando o falso Blackburn tinha estabelecido contato? Jonathan já o tinha visto alguma vez? (E nesse ponto Graves logo insistiu que a pergunta abrangia todo o tempo desde que havia conhecido Emma.) Que caminho Jonathan tinha feito do Dorchester até o metrô? Qual era o endereço do apartamento que visitara em Edgware Road? Tinha visto mais alguém antes de Emma chegar? Que tipo de carro ela usara para levá-lo de volta ao hotel? E, o mais importante de tudo, Jonathan fazia

alguma ideia de para quem Emma poderia estar trabalhando?

Jonathan cuspia as respostas de forma obediente, mas, à medida que as perguntas começaram a abordar questões mais pessoais, foi ficando cauteloso. Onde Emma tinha sido criada? Seus pais estavam vivos? Caso sim, onde? E quanto aos estudos? Ela tinha amigos em Londres? Pois essas eram questões sobre as quais ele não tinha certeza.

Até cinco meses antes, pensava que ela tivesse nascido e sido criada em Penzance, na ponta sudoeste da Inglaterra, e que tivesse se formado no Brasenose College, Oxford. Entre as duas coisas havia a história ricamente bordada de uma infância repleta de cães leais, cotovelos esfolados, pais falecidos, e até mesmo uma irmã mais velha maluquete, chamada Bea, que Jonathan de fato chegara a encontrar em três ocasiões. Tudo isso era uma total invenção do início ao fim. Uma tapeçaria de falsidade. Uma vida de mentira.

Emma não havia nascido em Penzance, e sim em Hoboken, Nova Jersey. Seu pai não era um professor primário morto em um acidente de carro, mas sim um coronel da Força Aérea dos Estados Unidos que tinha morrido de enfarte aos 50 anos. O sotaque inglês impecável de Emma vinha dos oito anos que seu pai havia passado servindo na base aérea de Lakenheath, em Suffolk. Quanto à universidade, ela conseguira cursar três anos na estadual de Long Beach, na Califórnia, que ficava tão longe de Oxford quanto era possível, tanto no sentido literal quanto no figurado. O seu verdadeiro nome nem sequer era Emma, embora ela houvesse decidido mantê-lo, porque era com esse nome que Jonathan pensava nela.

Mesmo assim, ele se esforçou ao máximo para responder. Disse-lhes o que sabia, mesmo consciente de que não era a verdade.

Porém, ao mesmo tempo que Jonathan obedecia às ordens, estava conduzindo seu próprio interrogatório particular. Não tinha dúvidas quanto ao destino de Emma, caso conseguisse encontrá-la. Em rápida sequência, ela seria interrogada pelo MI5, entregue à Divisão (disfarçada de CIA, de Agência de Inteligência da Defesa, ou de qualquer outra agência de inteligência oficial), interrogada novamente e, depois, "desaparecida". "Desaparecida" queria dizer fuzilada, enforcada ou, como Graves havia formulado com tanta eloquência mais cedo, "esquartejada e largada aos corvos". Se a Divisão já tinha querido ver Emma morta, estaria duplamente decidida a alcançar seu objetivo depois do atentado a Igor Ivanov. Só havia dois lados naquele jogo. Se Emma não estava trabalhando para eles, estava trabalhando para o inimigo.

Do lado de fora, a paisagem foi ficando familiar quando tornaram a entrar em

Londres. Passaram pelo Albert Hall e pela Harrods, antes de entrar na Park Lane.

Apesar das mentiras que já tinham sido contadas, das farsas e da duplicidade, Jonathan sabia que ainda amava Emma. Tinham vivido oito anos juntos. Ele acreditava que, na maior parte do tempo, a mulher com quem havia compartilhado sua vida e seu amor retribuíra seus sentimentos. Não tinha provas disso. Apenas seu coração. No final, de toda forma, era só isso mesmo que havia.

Ele olhou para Graves, sentado rigidamente no banco da frente. *O inimigo*, pensou Jonathan, com uma crueldade que o deixou alarmado.

Ele não iria entregá-la ao carrasco.

Por outro lado, Jonathan não tinha a menor intenção de passar o resto da vida em uma prisão britânica. Tampouco iria bancar o mártir.

Nem mesmo por Emma.

◆◆◆

Às 6 da tarde em ponto, o Rover encostou na frente do Dorchester e parou diante da entrada principal. Um oficial à paisana abriu a porta e se afastou para o lado enquanto Jonathan era conduzido para fora do carro. Havia outros policiais no lobby, pontuando de forma eficiente todo o seu caminho até o elevador. Graves foi na frente, com Ford um passo atrás.

– Um senhor comitê de boas-vindas – disse Jonathan. – Para onde vocês acham que eu vou?

O elevador chegou. Graves segurou seu braço e guiou-o para dentro.

– O senhor vai aonde nós mandarmos – disse ele.

Em frente à porta do seu quarto, outro oficial à paisana o esperava. Ao ver Graves, murmurou um respeitoso "senhor".

A suíte de Jonathan estava em franca atividade. Parecia que o quarto havia acabado de passar por uma revista e que tudo estava sendo recolocado no lugar onde estava. Graves dispensou os últimos agentes e fechou a porta. Jonathan abriu o armário e reparou que suas roupas estavam penduradas com muito mais esmero do que antes.

– Acharam alguma coisa? – perguntou ele por cima do ombro.

– Tome uma chuveirada e vista roupas limpas – bradou Graves. – Tem 10 minutos.

– Para onde estamos indo?

– O senhor vai saber no momento adequado.

– Pensei que vocês quisessem que eu ajudasse a encontrar Emma.

– Ah, mas o senhor vai ajudar. Agora faça o que estou mandando.

Jonathan entrou no banheiro, fechou a porta atrás de si e abriu o chuveiro. O espaço começou a se encher de vapor. Ele tirou a camisa, depois baixou os olhos para a tornozeleira. Abriu a porta e viu Graves e Ford em pé a poucos metros de distância, entretidos em uma acalorada conversa.

– O que foi agora? – perguntou Graves olhando para ele.

Jonathan apontou para a tornozeleira.

– Este troço é à prova d'água?

Graves balançou a cabeça e, então, se aproximou.

– Eu deveria obrigar o senhor a tomar banho com o pé para fora da porta. – Ele vasculhou o bolso em busca de uma chave e, ajoelhando-se, destravou a tornozeleira. – Ouvi dizer que se você ficar com isso por tempo suficiente a epiderme começa a se fundir com o aço. Os médicos têm que cortar a tornozeleira da perna. Já ouviu alguma coisa sobre isso?

– Não.

Graves pôs-se de pé, segurando a tornozeleira em uma das mãos.

– Esta é a última vez que vou tirar isto até prendermos a sua mulher. Entendido?

– Obrigado. – Jonathan começou a fechar a porta, mas parou no meio.

– Coronel Graves, o que faz o senhor ter tanta certeza de que Emma ainda está na Inglaterra?

Graves olhou para Ford, depois tornou a olhar para Jonathan.

– Tudo no seu devido tempo, Dr. Ransom. Agora tome seu banho.

24

– EMMA RANSOM É NOSSA PRINCIPAL suspeita no assassinato de lorde Robert Russell – disse Kate Ford. – Temos indícios de que ela estava na cena do crime. Ninguém mais poderia ter entrado no apartamento. Este é um caso para a Homicídios.

– Este caso agora é da alçada do Departamento de Contraterrorismo, inspetora-chefe Ford – respondeu Graves. – Cidadãos estrangeiros morreram, incluindo vários diplomatas de alto nível. Os russos estão se descabelando para que nós tomemos alguma atitude. Igor Ivanov é um candidato de peso à eleição presidencial daqui a dois anos. Se ele morrer, isso vai azedar as relações entre os nossos países durante anos. Não se trata de um simples assassinato. Isso é um incidente em nível internacional.

– Seja como for, a Homicídios deve continuar envolvida.

– Isso está fora de cogitação. Se não estiver satisfeita, vá reclamar com o primeiro-ministro. O gabinete está em reunião na Sala de Informações neste exato momento. Como a bomba explodiu muito perto de Whitehall, estão tentando decidir se foi um ataque ao governo ou simplesmente uma operação direcionada para eliminar Ivanov. O secretário do Interior está pensando em pedir a evacuação de todos os escritórios governamentais em Westminster. Isso vai muito além da Homicídios.

– Fui eu que levei este caso ao senhor – disse Kate com a voz lenta e clara. – Tenho todo o direito de continuar envolvida.

– Pelo que me lembro, quem entrou em contato com a senhora fui eu. Era eu que estava em pé na sua cozinha hoje de manhã.

– Por causa do trabalho que a minha equipe tinha feito. O senhor sabia que eu tinha descoberto alguma coisa e queria a minha ajuda.

– Eu diria que as coisas mudaram consideravelmente nas últimas 12 horas.

– Mas Jonathan Ransom não pode ajudar o senhor. Não está vendo que ele está falando a verdade?

– Na verdade, não estou, não. Todo aquele resíduo de explosivos plásticos na roupa dele deve estar me deixando cego. Depois de Ransom tomar banho, nós vamos dar um passeio pelos lugares onde ele diz ter encontrado a mulher. Se ele não começar a ficar mais cooperativo, vou levá-lo de volta a Hereford, para uma

troca de ideias longa e franca com alguns dos rapazes do regimento.

– E fazê-lo falar sob tortura? Não vai adiantar nada.

– Nós nunca tocaríamos nele e a senhora sabe disso. Mas podemos fazer o possível para deixá-lo com medo. – Graves afastou as cortinas diáfanas em frente à janela. – Eu acho que o nosso doutor está mentindo, entende, inspetora-chefe Ford? – disse ele, olhando para o Hyde Park. – Estou convencido de que ele sabe exatamente para onde a mulher fugiu. Tenho uma teoria: Ransom não estava correndo em direção à mulher para impedir que ela detonasse a bomba. Era para fazer com que ela a detonasse mais depressa.

– Como assim?

– Ivanov estava no primeiro Mercedes, não no terceiro. Ransom viu quando ele passou e estava tentando avisar à mulher que explodisse o carro antes.

– Os vidros daqueles carros eram negros feito a noite – retrucou Kate. – Ninguém conseguiria ver através deles. Ransom não podia saber quem estava no carro.

Graves se virou, com os braços cruzados.

– Acho que já terminamos.

Mas Kate não arredou pé.

– É o assassinato que vai levar o senhor até Emma Ransom antes do Dr. Ransom e de todo esse fuça-fuça de inteligência.

– É mesmo? – Graves falou por cima do ombro dela enquanto andava até a porta.

– Temos que encontrar a mulher que fez a transmissão de vídeo para Russell. Foi a fonte dela que deu a Russell a dica sobre Victoria Street. Isso significa que a informação dela veio de dentro da organização que estava planejando o ataque. Aposto que de alguém bem lá em cima. Aquela história toda de TINs, as redes de informação confiável. Se conseguirmos descobrir onde ela obteve a informação, vamos saber quem deu as ordens para Emma Ransom. A mulher é a chave de tudo.

– Mas nós nunca vamos encontrar essa mulher. As chances de remontar a mensagem até a origem são nulas. Vou continuar com Ransom. A senhora conhece o ditado: "Um ianque na mão…" – Graves parou de falar, com os dedos dobrados ao redor da maçaneta. – Enquanto isso, sinta-se livre para dar prosseguimento ao caso como achar mais adequado, mas ele vai ser independente do meu departamento. Nós vamos cuidar sozinhos de Jonathan Ransom. – Ele abriu a porta do corredor. Dois oficiais à paisana espiaram pelo

canto. Graves acenou indicando que deixassem Kate passar.

– E Reg Cleak? – perguntou Kate.

– Quem? – De repente, Graves se lembrou, e sua expressão ficou mais dura. – Ah, sim, eu sinto muito pelo seu colega.

– Quando eu sair daqui, vou até a casa dele. Pretendo dizer à mulher dele que estou assumindo pessoalmente a responsabilidade de encontrar os indivíduos e a organização ou governo responsáveis pela sua morte. Seria uma ajuda incalculável para a minha investigação se eu pudesse somar os recursos do Five aos meus.

– Boa noite, inspetora-chefe Ford.

– Por Reg – insistiu Kate.

Graves aproximou mais o rosto do dela, de modo que ela pôde ver os pontinhos castanhos em seus olhos azuis e a convicção por trás deles.

– Isto aqui é o mundo negro, inspetora-chefe Ford. Nós não fazemos favores.

25

JONATHAN FICOU DEBAIXO DO CHUVEIRO até Graves abrir a porta e lhe dizer para tirar o rabo lá de dentro. O agente da Inteligência permaneceu ao lado de Jonathan, a um corpo de distância, vendo-o se vestir, murmurando "Ande logo" e passando a tornozeleira de uma mão para a outra. Jonathan agiu sem pressa, resistindo à cueca e à calça que lhe foram oferecidas, até achar que estava na hora. Barbeou-se e penteou os cabelos, depois saiu do banheiro à procura de uma camisa limpa.

O tempo inteiro, porém, estava enviando a si próprio o mesmo recado. Aquilo não era o fim para Emma. O carro-bomba era só mais um passo no caminho. Pouco importava para quem ela estava trabalhando, por que ou se os seus objetivos eram justificados. Ele sabia, e isso bastava. Os atos criminosos dela haviam se tornado seus também. Aos olhos da lei, bem como aos seus próprios, ele havia sido cúmplice de Emma a vida inteira. Só havia uma forma de limpar seu nome. Ele precisava detê-la: precisava encontrar Emma antes que as autoridades o fizessem.

Foi então que Jonathan percebeu que, com exceção deles dois, o quarto estava vazio.

– Onde está a inspetora Ford? – perguntou ele, incomodado com o silêncio e o isolamento.

– A inspetora-chefe Ford teve de sair.

– Então posso me trocar aqui fora?

– Já não era sem tempo – murmurou Graves. – Pegue uma camisa e um paletó. Vamos logo.

– Eu vou voltar para cá?

– Depende do senhor.

Jonathan olhou para Graves, para a protuberância debaixo de seu braço esquerdo que era sem dúvida uma pistola, para a tornozeleira eletrônica que ele segurava. Reparou pela primeira vez que Graves na verdade era mais baixo do que ele, e que era magro sem a armadura proporcionada pelo terno. Tinha unhas feitas e mãos finas, quase femininas. Também reparou nas grandes olheiras do outro homem e no relaxamento de sua postura anterior, reta como um poste. Era uma expressão que Jonathan conhecia muito bem. Já a vira inúmeras vezes ao se

olhar no espelho depois de um dia e uma noite inteiros na sala de cirurgia. Graves estava exausto.

Jonathan continuou a se aprontar, agora fazendo o máximo de barulho possível. Estavam só os dois no quarto. Do lado de fora havia outros. Dois em frente à porta quando ele tinha entrado. Sem dúvida meia dúzia no térreo, também. Outros viriam se juntar ao grupo quando começassem a viagem fosse lá para onde fosse. Mas por enquanto… nos próximos minutos, eram só os dois.

Jonathan pegou uma camisa de botões no armário e a vestiu. Pegou também uma jaqueta e a jogou no encosto de uma cadeira. Ainda estava quente do lado de fora, mas ele não estava pensando no agora. Estava pensando em dali a seis horas, ou 12, ou, se tivesse sorte em continuar se safando, mais tempo ainda. Pegou sua carteira na cômoda e a colocou no bolso de trás, depois tirou da gaveta um par de meias.

Graves andava de um lado para outro feito um cão de guarda, com o telefone grudado na orelha.

– E o que foi que a ERT encontrou em Hampstead? Nada? Impossível! Meu homem disse que o carro estava estacionado lá. Ele mesmo viu, com os próprios olhos. Verifiquem de novo. Tem que haver algum resíduo dentro da garagem. Alguma câmera na rua? Então perguntem aos vizinhos… *alguém* tem que ter visto eles entrando e saindo da casa. Os donos estavam de férias? Em Immingham? Ninguém tira férias em Immingham.

Ele fechou o telefone com um estalo e olhou para Jonathan com raiva.

– Parece que há um furo na sua história, doutor. Um problema com aquela casa no norte da cidade, onde o senhor disse que viu sua mulher pegar o carro. Estou aqui me perguntando se deveria entregá-lo logo para a inquisição ou se deveria respeitar o meu livro sagrado de regras e dar uma segunda chance para o senhor encontrar Jesus.

No entanto, apesar de toda a urgência de Graves, Jonathan fingiu não perceber. Estava em pé de costas para ele, com a cabeça baixa, grunhindo.

– Está me ouvindo? – perguntou Graves.

Jonathan ainda assim não respondeu. Como um cego, estendeu a mão e tateou até encontrar uma cadeira, então se sentou com o auxílio da mão.

– O que foi? – perguntou Graves, mais irritado do que curioso.

– Algum problema – disse Jonathan, *sotto voce*.

– Com certeza algum problema – disse Graves, aproximando-se. – A sua história não está batendo. E nós vamos esclarecer isso agora mesmo.

– Algum problema com a minha cabeça. Está me matando.

– Que raio de história é essa?

– Tem alguma coisa errada. Não sei o que é. Estou com uma dor de cabeça horrível. – Ele arquejou. – Não estou enxergando direito. Pode ser desidratação ou uma concussão.

– O senhor vai enxergar perfeitamente quando sairmos para o ar livre. Beba um pouco de água e vai ficar novinho em folha. – Graves se ajoelhou a seus pés e começou a manusear a tornozeleira eletrônica. – Me dê sua perna. Qualquer uma. O senhor decide.

Jonathan gemeu e estendeu a perna esquerda. Graves passou o círculo de metal em volta de seu tornozelo e o fechou. Deu um puxão para ter certeza, depois se inclinou para trás apoiado nos calcanhares.

– Pronto. Abra os olhos. Está me vendo direito? – Ele ergueu o queixo para encarar Jonathan bem nos olhos.

E foi nessa hora que Jonathan lhe deu um chute.

Chutou com força usando o pé direito e acertou o maxilar de Graves exatamente onde havia mirado: uns 2 ou 3 centímetros abaixo da orelha, onde a mandíbula encontrava o crânio. Graves caiu de costas, zonzo. Antes de ele poder reagir, Jonathan se jogou sobre seu peito e, com o antebraço, imobilizou seu pescoço contra o carpete, apertando os dedos da mão direita na carótida de Graves, impedindo o fluxo de sangue para o cérebro. Graves se debateu. Deu um soco a esmo que resvalou na bochecha de Jonathan. Em seguida, de um segundo para o outro, perdeu os sentidos. Seus olhos se reviraram nas órbitas. Ele expirou e seu corpo ficou flácido.

Seis segundos haviam transcorrido.

Jonathan manteve a artéria bloqueada até ter certeza de que Graves estava inconsciente, então se levantou. Havia um espelho pendurado na parede e ele se pegou encarando um homem de olhar transtornado lutando para respirar. *Não tem outro jeito*, disse para si mesmo.

Ajoelhando-se novamente, enfiou a mão dentro do paletó de Graves em busca da chave da tornozeleira. Encontrou-a e destravou o aparelho. Então pegou a carteira de Graves e seu celular. Sua mão roçou na coronha da pistola de Graves, mas ele resolveu não pegá-la. Um criminoso pega a arma. Um homem inocente a deixa. Pondo-se de pé, foi depressa até a porta. Uma espiada no olho mágico lhe mostrou não um, mas dois oficiais à paisana, um de cada lado.

Nesse instante, o celular de Graves tocou. Jonathan correu até o banheiro e

fechou a porta. O nome na tela dizia diretor-geral Allam. Ele imaginou que fosse o diretor do MI5. Arrancando uma toalha do cabide, embrulhou o telefone no tecido. Quatro intermináveis toques depois, o aparelho silenciou. Ele tornou a correr para a porta, mas os guardas continuavam no mesmo lugar. Graves ainda estava imóvel. Ele passaria de três a 10 minutos inconsciente. Não havia nada que Jonathan pudesse fazer para alongar esse intervalo, exceto esganá-lo. Graves lhe provocava antipatia suficiente para fazê-lo considerar com carinho essa ideia.

Jonathan atravessou o quarto e abriu a porta de correr que dava para a varanda. Foi até o parapeito e pôs a cabeça para fora. Estava oito andares acima do nível do chão, aproximadamente 60 metros acima da entrada principal do hotel. Cada varanda era protegida por um toldo. O toldo de baixo ficava no máximo a 1 metro de sua varanda. Tecnicamente, não era uma descida difícil. Ele era um alpinista experiente. Já descera paredões verticais onde os apoios tinham a largura de uma faca de mesa mais vezes do que conseguia se lembrar. Recordou a si mesmo que tinha também uma corda e um cinturão que o prendiam de uma forma ou de outra à pedra e que, em várias ocasiões, havia escorregado. Dessa vez não havia margem para erro.

A noite estava caindo. O céu havia adquirido um tom suave de roxo. O tráfego na Park Lane parecia uma trança densa a mover-se devagar. Lá embaixo, no pátio, um fluxo contínuo de táxis e automóveis passava sob a entrada coberta do hotel. O número de cabeças que se agitavam de um lado para outro era tamanho que era impossível contá-las. *Só não olhem para cima*, ordenou-lhes Jonathan.

Ele vestiu a jaqueta e enfiou a carteira e o telefone de Graves nos bolsos. Depois de pensar um pouco, levantou a perna da calça de Graves e prendeu a tornozeleira eletrônica em volta de seu tornozelo. Jogou a chave na privada. Em seguida, voltou para a varanda e, com habilidade, passou por cima do parapeito.

Ajoelhou-se.

Agarrou-se à sacada com a ponta dos dedos.

Abaixou uma perna até tocar o alto do toldo.

Seus movimentos se tornaram rápidos e ágeis. Soltando uma das mãos, ele a estendeu para baixo para localizar as barras de aço que formavam a estrutura do toldo. Esticando-se, passou os dedos por debaixo da borda e prendeu-os em volta da barra que formava o suporte horizontal do toldo. Então, o mais depressa que conseguiu, soltou a outra mão e fez o mesmo. Agora todos os seus 10 dedos estavam segurando a barra. Nessa hora, ele deu um impulso com as pernas e se

balançou para fora e para baixo. O toldo rangeu, mas aguentou. Seus pés aterrissaram no estreito parapeito da varanda do sétimo andar.

Jonathan olhou para dentro da vidraça. Não havia ninguém no quarto. Inspirando fundo, ele pulou para a varanda e repetiu os mesmos movimentos para chegar ao sexto andar. O suor fazia seus olhos arderem e deixava úmidas as palmas de suas mãos. Não era tanto pelo calor ou pelo esforço, mas pela energia mental necessária para não cometer nenhum erro. Não sentia ansiedade nem nada que pudesse classificar como medo. O mundo havia encolhido e se resumia agora a 2 metros acima e 2 metros abaixo dele.

Esticar. Segurar. Passar as pernas. Aterrissar bem ali. Respirar.

Todas as suas energias estavam concentradas no cálculo necessário para coordenar mente e corpo para tapear a gravidade. Conforme ia ganhando confiança, começou a ir mais depressa. Chegou ao quinto andar, depois ao quarto e, logo, estava pisando o telhado coalhado de seixos da entrada coberta do hotel. Quatro minutos haviam se passado. Ele correu até a lateral do telhado, saltou sobre o parapeito que chegava à altura da cintura, agachou-se para fora da borda e pulou para o chão.

Caiu bem ao lado de um dos porteiros de fraque, que pulou de susto. Afogueado, Jonathan lhe deu um tapinha no ombro.

– Estou hospedado no hotel. Pode me arrumar um táxi?

– Claro, senhor. Para onde?

– Heathrow.

Uma moeda de duas libras selou o acordo. O porteiro tocou seu apito e acenou para o primeiro táxi da fila.

– Para Heathrow, senhor? – perguntou o motorista.

– Mudei de ideia – disse Jonathan. Ele escolheu o ponto mais movimentado de Londres àquela hora da noite. – Piccadilly Circus. Me leve para o começo da Shaftesbury Avenue.

– Certo. – O táxi se afastou do hotel e entrou na Park Lane.

Tinham percorrido quase 1 quilômetro quando o celular de Graves tocou. Dessa vez, Jonathan atendeu.

– Alô? – disse.

– Ransom – disse Graves com a voz suave –, isso foi um grave erro.

– Pode ser.

– Vou dar uma chance ao senhor. Volte agora mesmo e nosso acordo fica mantido. O senhor nos ajuda a encontrar sua mulher e depois fica livre. Caso

contrário, está tudo cancelado.

– Por acaso isso lá é acordo? Eu não tive nada a ver com o carro-bomba. Isso de que o senhor está falando é chantagem.

– Pode chamar como quiser. É assim que tem de ser.

– O senhor disse que já tinha ouvido falar na Divisão. Então sabe que o que eu disse sobre ela é verdade.

– Já ouvi boatos. Isso não muda nada.

– Boatos de quem? De um cara chamado Connor? Frank Connor?

– Não posso revelar isso.

– Se quiser a minha ajuda, é melhor poder.

Graves mordeu a isca.

– Então o senhor sabe onde ela está?

– Não foi isso que eu disse.

Uma pausa.

– E eu já disse, quem me contou foi meu contato no FBI. Desculpe, nada de nomes, mas não foi Connor. O que a sua mulher fez exatamente?

– O antigo chefe da Divisão era o brigadeiro John Austen. Talvez o senhor já tenha ouvido falar nele. O brigadeiro americano que morreu em um acidente de carro na Suíça, em fevereiro passado.

– Me lembro de alguma coisa sobre isso. Não foi só Austen quem morreu, vários outros oficiais morreram junto com ele. Houve rumores de que talvez tivesse sido um complô terrorista.

– Não foi nenhum complô e nenhum acidente. Austen queria derrubar um jato da El Al para aumentar a tensão no Oriente Médio. Emma impediu.

– O senhor quer dizer que ela matou Austen?

– Quero dizer que ela salvou 500 vidas. – Jonathan não entrou em detalhes. Quem havia puxado o gatilho para pôr fim à vida de John Austen fora ele. – O que ela fez evitou uma guerra, mas ninguém está ligando para isso agora. Tudo o que importa a eles é que Emma desobedeceu a ordens. Desrespeitou a hierarquia. Ninguém em Washington quer dar os parabéns a ela. Eles querem matá-la.

– Isso é um absurdo.

– É mesmo?

Pela primeira vez, Graves ficou calado.

– O que a minha mulher fez hoje foi horrível. Não consigo encontrar nenhuma desculpa para ela, a não ser que nós dois sabemos que ela está

cumprindo ordens de outra pessoa. Mas sinto muito, coronel Graves, não vou ajudar vocês a encontrar Emma.

– O que eu posso fazer para convencer o senhor? Dinheiro… é isso que quer?

– Nada… – Jonathan engoliu as próprias palavras. Graves com certeza sabia que ele não iria trair sua mulher por dinheiro. A oferta era ao mesmo tempo ridícula e ofensiva. Graves estava tentando distraí-lo, mantê-lo na linha.

Jonathan olhou pelo vidro traseiro. Cem metros atrás, viu um carro da Polícia. Ao entrar em Piccadilly Circus, viu outro carro, este vindo da Regent Street, com as luzes piscando, mas sem sirene. De repente, as luzes pararam de piscar. Nervoso, Jonathan teve certeza de que o policial havia sido instruído para não atrair atenção para si. E, se havia duas viaturas até agora, devia haver outra a caminho. Aquele era o telefone de Graves. Jonathan tinha se esquecido de que o MI5 poderia localizar o telefone com a mesma facilidade da tornozeleira. Ele havia caído na própria armadilha.

Jonathan tapou o microfone do celular com a palma da mão.

– Pare aqui – ordenou ao taxista.

– Pensei que o senhor quisesse ir para a Shaftesbury Avenue.

– Aqui mesmo!

– Ainda está na linha, Ransom? – perguntou Graves com sua voz sedosa.

– Adeus, coronel.

– O senhor é um homem morto.

– Ainda não.

◆◆◆

Piccadilly Circus às 8 horas de uma noite quente de verão ficava tão lotado quanto Times Square na noite de ano-novo. Gigantescos letreiros de neon pendiam dos prédios em volta, banhando a rua com um brilho iridescente. Jonathan pagou ao taxista e ganhou a calçada. A multidão se movia depressa e engolfou-o na mesma hora. Ele foi seguindo a massa, atravessou a rua na altura da Coventry Street e tomou a direção norte, sem desgrudar os olhos dos dois carros da Polícia que convergiam na praça congestionada.

Nessa hora, outro carro da Polícia encostou ao seu lado. O vidro estava aberto e ele pôde ouvir os chiados e estalos do rádio e uma voz bradando ordens. "O suspeito desceu do táxi e está a pé. Montar barreiras de emergência em Coventry, Piccadilly e Shaftesbury. Todos os agentes disponíveis devem se dirigir para Piccadilly Circus. O suspeito é um homem branco de 38 anos, 1,83m de altura,

cabelos grisalhos, visto pela última vez usando uma camisa branca, calça jeans…"

Jonathan não esperou para ouvir mais nada. Afundou na multidão, deu meia-volta e saiu andando na direção contrária. Enfiou-se na primeira loja que apareceu, uma loja de curiosidades para turistas que vendia todo tipo de coisa, de camisetas a bibelôs com a cabeça da princesa Diana balançando sobre uma mola. A loja estava repleta de araras de roupas. Ele escolheu uma camiseta preta e um boné de *Les Misérables*. Pagou e vestiu-os imediatamente. Não havia nada a fazer em relação à calça jeans.

Durante o curto tempo que havia passado na loja, a Polícia chegara maciçamente. Barreiras estavam sendo montadas na rua em todas as artérias que convergiam para Piccadilly Circus. Uma van na Regent Street despejava policiais uniformizados. Buzinas tocavam. O tráfego se imobilizou.

De volta à calçada, Jonathan continuou andando bem colado aos prédios, juntando-se aos pedestres. Foi passando de grupo em grupo em busca de uma rota de fuga. Como se seguisse a deixa dos carros imobilizados, o tráfego de pedestres diminuiu o ritmo. Um nervosismo começou a agitar a multidão.

Jonathan viu dois policiais de coletes laranja fluorescentes vindo na sua direção, examinando cada rosto por que passavam. Olhou por cima do ombro e contou nada menos que quatro capacetes pontudos. Sem saber mais o que fazer, parou onde estava e voltou sua atenção para a vitrine da loja mais próxima. Era uma casa de câmbio. O guichê estava aberto. Uma fila saía pela porta. Ele entrou na fila, com as mãos no bolso e os olhos cravados à frente. Imaginou os policiais se aproximando e sentiu os cabelos da nuca se eriçarem.

Um idoso magro estava em pé na sua frente, contando moedas de um moedeiro. Jonathan deu um passo e esbarrou nele de propósito, fazendo-o derrubar o dinheiro. As moedas tilintaram na calçada.

– Desculpe – disse Jonathan, abaixando-se para ajudar o homem a catar suas moedas. – Como sou desajeitado. Vou ajudá-lo.

– Obrigado – agradeceu o homem com sotaque inglês carregado.

Jonathan manteve os olhos fixos na calçada enquanto pegava as moedas de libra espalhadas pelo chão. Com o rabo do olho, observou dois pares de botas pretas engraxadas passarem. Depois de os policiais se afastarem, levantou-se e entregou as moedas para o homem.

– Está tudo aí?

O homem contou e assentiu.

A fila andou. Jonathan se aproximou do guichê e trocou 100 dólares por

libras. Depois de feita a transação, continuou a descer a rua, sempre junto aos prédios.

Alguns metros à frente, viu a placa do metrô. Desceu os degraus da estação. O espaço, se é que isso era possível, estava ainda mais congestionado que a rua. A estação ocupava a mesma extensão do cruzamento na rua acima deles. Dois policiais vigiavam as roletas à procura de homens de 1,83m, camisa branca, calça jeans e cabelos grisalhos. Ele comprou um bilhete e, então, demorou-se um pouco até os policiais estarem ocupados no outro extremo da estação.

Passou pela roleta e rumou direto para o primeiro túnel que encontrou. Era a linha Bakerloo na direção norte. O mesmo trem que tinha pego na noite anterior. Conforme avançava pelos corredores ladrilhados, o tráfego de pedestres ia ficando mais esparso. De repente, Jonathan se viu sozinho, acompanhado apenas pelo eco dos próprios passos. Desceu um último lance de escada até a plataforma. O trem chegou em 90 segundos.

Cinco minutos depois Jonathan desceu na estação de Marylebone.

Era um homem livre.

26

O NÚMERO 25 DA NOTTING HILL LANE era uma casa em estilo eduardiano de dois andares, pintada de azul-esverdeado, com janelas que se projetavam do telhado, no segundo andar, e a porta da frente laqueada de preto, com uma aldraba de bronze. Eram 21h30 e a noite já havia caído quando Jonathan subiu o curto lance de escada e fez a pesada argola soar três vezes. A porta se abriu quase na mesma hora, sobressaltando-o.

– Oi – disse uma menininha de cabelos pretos presos em marias-chiquinhas.

– Seu pai está em casa?

– Jenny, o que você está fazendo? Devia estar lá em cima na cama. – Uma mulher de cabelos escuros, não muito bonita, usando uma calça de moletom e um cardigã, veio correndo até a porta. Jonathan reconheceu Prudence Meadows do coquetel na noite anterior.

– Oi – disse ele. – O Jamie está?

– Ah, oi, Jonathan. Não, Jamie ainda não chegou do hospital. Quer entrar?

– Ele vai demorar?

– Deve estar estourando por aí. Entre, entre. Pode ficar esperando na sala até ele chegar.

Jonathan entrou e Prudence Meadows fechou a porta atrás de si. Pediu a ele que esperasse um instante enquanto tornava a pôr a filha na cama, e desapareceu escada acima. Jonathan atravessou o hall, esticando a cabeça pelo canto para ver a sala de estar. Retratos de Meadows com a família decoravam a mesinha lateral. Havia um sofá de couro e um pufe com uma manta de tricô feita à mão jogada por cima. O chão estava coalhado de brinquedos e bichos de pelúcia.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou Prudence Meadows quando tornou a descer a escada. – Um café? Um chá? Ou alguma coisa mais forte?

– Um pouco de água, talvez. Obrigado.

Ela passou por ele, diminuindo o passo ao ver seu rosto.

– O que houve com você? Está todo arranhado.

– Tive um acidente hoje.

Prudence Meadows esticou-se na ponta dos pés, levando a mão à bochecha de Jonathan como se fosse uma enfermeira.

– Meu Deus! Você está bem?

– Só um pouco abalado.

– Foi por isso que faltou à palestra? Jamie ligou do hotel e disse que aquilo lá estava um pandemônio. Ele queria ligar para você, mas não tinha o seu telefone.

– Foi mais ou menos isso. É complicado. – Jonathan a seguiu até a cozinha e sentou-se diante do balcão. Prudence entregou-lhe um copo d'água e ele bebeu. Sem perguntar nada, ela preparou um prato de biscoitos e frutas frescas e pôs na sua frente. Um minuto depois, serviu-lhe uma dose de conhaque.

– Achei que você fosse gostar de alguma coisa mais encorpada – disse ela. – Você parece acabado.

– É, acho que se pode dizer isso. – Jonathan tomou um gole, deixando a bebida relaxá-lo. – Vocês têm uma bela casa.

Prudence sorriu.

– E você? Jamie falou que você era casado, mas ainda não tinha sossegado em lugar nenhum.

– O trabalho nos obriga a ficar mudando de cidade. Não temos tempo de fincar raízes.

– Deve ser emocionante – disse ela. – Todos esses lugares exóticos.

– Às vezes.

– Vocês não têm filhos?

– Ainda não. – Jonathan verificou o relógio. Eram quase 10 horas. Ele terminou o conhaque e se levantou. – É melhor eu ir andando. Está tarde.

– Não seja bobo. O Jamie com certeza iria me matar se descobrisse que eu deixei você ir embora sem esperar por ele. Tome mais um conhaque enquanto eu ligo para descobrir onde ele está. – Ela tornou a encher seu copo e, com um sorriso, saiu da sala.

Jonathan caminhou pela cozinha. Desenhos infantis cobriam a geladeira e uma agenda estava aberta sobre a mesa. De longe, pôde ouvir Prudence conversando com o marido. Olhando para baixo, ele virou uma página para trás, depois outra. Um traço preto forte na página chamou sua atenção. Na véspera, um jantar com "Chris e Serena" tinha sido riscado. Em seu lugar havia as palavras "Dorchester, 6 da tarde. Cancelar cirurgia das 4".

– Ele está a caminho – disse Prudence lá de dentro. – Deve estar entrando com o carro a qualquer momento. Na verdade, acho que estou ouvindo ele chegar.

Da porta dos fundos veio o barulho de um carro. O motor foi desligado e a

porta bateu. No instante seguinte, Jamie Meadows entrou em casa.

– Meu Deus, olhe só para você. O que houve?

– Podemos conversar? – perguntou Jonathan.

Meadows deu um beijo na mulher.

– Vamos para o escritório lá em cima, Pru. Seja um anjo e me sirva alguma coisinha. Um sanduíche de presunto seria ótimo. Com bastante mostarda. Daquela forte.

Meadows levou Jonathan até um escritório com paredes revestidas de madeira no andar de cima e apontou para uma cadeira de madeira com o espaldar reto feito de pequenas colunas.

– Sente – ordenou ele. – Diga.

Com um suspiro, Jonathan se sentou.

– Eu preciso de um lugar para ficar.

– Pensei que você estivesse no Dorchester.

– E estou. Quer dizer, *estava*. Eu saí de lá.

– Está falando sério? E quer ficar aqui? Não me leve a mal, você é superbem-vindo, pode ficar o tempo que quiser; mas é que eu não acho que uma bicama no quarto das meninas seja uma troca justa.

– Aconteceu uma coisa.

Meadows tornou a encher o copo de Jonathan. Pousando a garrafa, ele apontou para os cortes no rosto de Jonathan.

– Você parece que brigou com alguém e perdeu.

– É uma longa história.

– Pode ir contando. Sou eu, Jamie. Tenho esqueletos suficientes para encher dois armários. – Ele deu um sorriso maroto, como consolo. – Não é nenhuma mulher, é? Eu conheço alguns de vocês, médicos humanitários. Vocês têm uma garota em cada porto.

– Não exatamente.

– Não é Emma, é? Você não está se escondendo da sua mulher?

– Estou me escondendo, sim, mas não de Emma. Da Polícia.

– Deixe de brincadeira. O que está acontecendo?

Jonathan encarou o amigo nos olhos.

– Eu não estou brincando.

A expressão de Meadows ficou séria na mesma hora.

– Sério? Polícia?

– Você ficou sabendo sobre o carro-bomba que explodiu hoje?

– Uns selvagens – comentou Meadows. – Não se pode mais andar por Londres em segurança.

– Eu estava lá. Foi lá que arrumei estes cortes. Estilhaços de vidro. Destroços. Na verdade, pode-se dizer que eu participei do que aconteceu.

– Está brincando. – Mas não havia humor no tom de voz de Meadows.

– Quem me dera estar brincando.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Meadows. – Quer dizer, por que… como?

– Não posso contar. Acredite em mim, você não vai querer saber. Não seria seguro.

– Seguro? Você está fugindo da Polícia e vem à minha casa, onde minhas filhas estão dormindo. Não venha me falar de segurança. Se estiver me arrastando para o meio de alguma coisa, eu quero saber o que é.

– Não dá. E o problema também não é só me esconder da Polícia. Há mais coisa. – Jonathan se levantou e fez menção de ir embora. – Desculpe por eu ter vindo. Agora vejo que não devia ter feito isso. Não estava pen sando direito.

Meadows se pôs de pé com dificuldade.

– Espere só um segundo. Você não foi preso, foi?

– Não – respondeu Jonathan. – Oficialmente, não.

– Não foi você quem pôs aquela bomba, foi?

– Claro que não.

– Não estou dando guarida a um raio de um serial killer?

Jonathan não conseguiu reprimir um sorriso.

– Não. Pode ficar tranquilo.

– Tá bom, então. A proposta continua válida. Pode ficar o tempo que quiser. Mas vou ter que contar a Pru. Não tudo, veja bem, mas pelo menos uma parte. Pode ficar no quarto da Frannie. Você não liga para duendes e unicórnios, liga? Ela está passando pela fase das fadas. Talvez a cama seja meio curta, mas pelo menos é macia.

– O sofá do térreo está ótimo – disse Jonathan, levantando-se.

– Nem pensar. Não posso ter o melhor cirurgião que já conheci na vida detonando as costas naquele negócio horroroso. Temos que cuidar bem dessas mãos de mágico. Mantê-las seguras até poderem salvar mais vidas.

– Obrigado, Jamie. Não posso dizer quanto isso significa para mim.

– Mas o que você vai fazer? – perguntou Meadows.

– Agora? Vou dormir.

– Estou perguntando amanhã e depois de amanhã. Não pode ficar fugindo para sempre.

– Quanto a isso você tem razão.

– Então o que vai fazer?

Jonathan pôs uma das mãos sobre o ombro rechonchudo do amigo e lhe deu um tapinha.

Mãos de mágico.

As palavras o atingiram feito um martelo. Emma tinha usado a mesma expressão para descrever seus dons de cirurgião na noite anterior.

Tinha de ser coincidência, pensou ele, encarando Meadows nos olhos. Com certeza era uma expressão bem comum. Mas nenhuma quantidade de convencimento mental, nenhuma referência a sentimentos de amizade ou lealdade podiam enganá-lo. Um cirurgião podia ter mãos habilidosas, mãos ágeis ou mãos que curam, mas "mãos de mágico"? Ele nunca tinha escutado aquela expressão antes.

Jonathan examinou Meadows com mais atenção. Pensando bem, a referência a suas mãos de mágico não era a única coincidência. O primeiro cargo de Jonathan no serviço nacional de saúde tinha sido na Cornualha. A história falsa de Emma dizia que ela fora criada em Penzance, também na Cornualha. Jamie havia estudado em Oxford. Emma alegava ter se formado lá também.

E a agenda no andar de baixo? Prudence Meadows tinha dito claramente que eles haviam planejado participar da conferência de medicina. No entanto, na agenda, eles tinham um jantar marcado com Chris e Serena. Um compromisso evidentemente cancelado na última hora.

Coincidências não existem. Esse era praticamente o mantra de Emma.

– O Reino das Fadas é por aqui – disse Meadows. – Venha, meu caro Oberon.

Jonathan o seguiu até o quarto. Depois de dar boa-noite, esperou alguns minutos e saiu para o corredor. O espaço estava escuro e silencioso. Meadows tinha tornado a descer. Era possível ouvir sua voz falando nervosamente no telefone da cozinha. Sem dúvida ele estava ligando para a Divisão para avisar que estava com o marido de Emma Ransom e perguntar o que fazer.

Jonathan entrou pé ante pé no escritório de Meadows. À luz da luminária de mesa, procurou uma arma. Seus olhos se depararam com um abridor de cartas. Era comprido e afiado, com um cabo de marfim esculpido. Mais uma adaga do

que uma ferramenta de escritório. Pegou-o.

Em silêncio, desceu a escada.

Meadows estava sentado à mesa da cozinha. Ergueu os olhos abruptamente.

– Você me assustou.

Jonathan se aproximou com cautela, apertando o abridor de cartas junto à perna.

– Com quem você estava falando?

Meadows ensaiou um sorriso.

– Ah, isso… com ninguém.

– Quem era, Jamie?

– Minha enfermeira. Temos um caso especial amanhã de manhã. Acabei de me lembrar que vamos precisar de alguns remédios extras.

– Você falou que eu tinha mãos de mágico.

Meadows pensou um pouco, confuso.

– Falei?

– Emma usou a mesma expressão quando me encontrei com ela ontem. Fiquei me perguntando como foi que a expressão surgiu entre vocês dois.

Meadows apertou os olhos para Jonathan, sem entender nada.

– Nós dois? Eu e Emma? Não surgiu. Eu nunca conheci a sua mulher.

– Só achei que era uma coincidência estranha. Quer dizer, nunca ouvi essa expressão ser usada nesse sentido antes, e depois encontro você aqui falando ao telefone sobre mim. Era sobre mim, não era, Jamie?

– É claro que não. Eu já disse, era minha enfermeira.

Jonathan prosseguiu.

– Que horas são em Washington, afinal? Vamos ver… devem ser umas 5 da tarde. O pessoal todo ainda está trabalhando? Emma disse que a Divisão trabalha 24 horas por dia, sete dias por semana. As luzes ficam sempre acesas.

Meadows balançava a cabeça.

– Eu não estava falando com Washington. Estava falando com o meu consultório.

– Às 11 da noite? – Jonathan fez questão de registrar sua reprovação. – Eu diria que a sua história é fraca, Jamie. Não corresponde aos padrões da Divisão.

Meadows sorriu, constrangido.

– Que raio de "Divisão" é essa que você está sempre citando?

– Me diga você. Afinal de contas, já faz um bom tempo que você participa

dela. Estou curioso: eles o recrutaram antes de Oxford ou depois? Você mandou Emma atrás de mim? Isso é uma das coisas sobre as quais eu nunca tive certeza.

– Quer parar com essa bobajada? Na verdade você está me deixando assustado, Jonathan.

– O que eles mandaram você fazer? Me manter aqui até eles aparecerem? Me matar ou simplesmente me seguir?

– Matar você? – Meadows arregalou os olhos. – Eu acho melhor você ir embora. Você tinha razão. Não é seguro.

– Você trabalhou na Cornualha – disse Jonathan.

– No Hospital do Ducado. E daí?

– Fica perto de Penzance, onde Emma disse que tinha nascido. Em Oxford, você estudou em Brasenose antes de entrar para a faculdade de medicina. Emma também estudou lá. E tem também a questão do sofá.

– Sofá?

– Isso deve ser só um cuidado típico da profissão. Você não podia me deixar dormir lá. Fica perto demais da porta da frente. Eu poderia levantar e ir embora sem você saber. Você precisava que eu estivesse no andar de cima, onde pudesse ficar de olho em mim até os seus amigos chegarem.

Uma camada reluzente de suor agora cobria a testa de Meadows.

– Amigos? Que amigos? Meu Deus, Jonathan, controle-se! Sou eu, Jamie, é comigo que você está falando.

Mas Jonathan não estava escutando. Conhecia o treinamento de Emma. O mais importante de tudo era a fachada. Relanceou os olhos em direção à porta da frente.

– Eles estão vindo agora?

Foi então que Meadows viu o abridor de cartas.

– Não faça isso – disse, levantando a voz. – O que quer que esteja pensando em fazer. Não faça. Eu não trabalho para a Divisão. Nunca vi Emma na vida. Juro pela vida das minhas filhas. Essa história toda das mãos de mágico… foi coincidência. Devo ter escutado isso em algum lugar. Foi pura casualidade. – Ele estava levantando da cadeira, com as mãos na frente do corpo. O suor agora brotava aos borbotões, acumulando-se em suas sobrancelhas fartas e descendo pelas bochechas rosadas. – Pru! – Meadows começou a chamar, mas Jonathan deu a volta na mesa e partiu para cima dele antes que conseguisse articular o nome. Tapou a boca de Meadows com uma das mãos e pressionou a ponta do abridor de cartas em seu pescoço.

– Calado – falou.

Meadows aquiesceu furiosamente.

Jonathan abaixou a lâmina, em seguida tirou a mão da boca de Meadows.

– Preciso de dinheiro.

– Na minha carteira. Na bancada ao lado do cesto de chaves. Pegue tudo o que encontrar lá dentro. Deve haver várias centenas de libras. Pegue o cartão do banco também. A senha é 1-1-1-1. Sem discursos, por favor; eu sei que é fácil demais. Pode pegar meu carro também. É um Jaguar. Corre pra caramba. Eu não vou chamar a Polícia. Enfim, não imediatamente. Quer dizer, depois vou ter que chamar. Por causa do seguro e tal. O carro custou uma fortuna.

Jonathan encontrou a carteira e contou as notas. Havia 570 libras no total. Ele pegou as chaves do carro.

– É aquele lá nos fundos?

Meadows aquiesceu.

– Você não precisava ter feito isso, sabe? Podia simplesmente ter pedido.

– Talvez, mas nesse caso… – Jonathan parou de falar. Algo no olhar de Jamie não estava certo. O homem estava realmente com medo. Jonathan soube então, com súbita e total certeza, que aquilo não era uma encenação. – Você não trabalha para a Divisão, não é?

Jamie Meadows fez que não com a cabeça.

– E não conhece Emma?

– Nunca tive esse prazer.

Jonathan deu um suspiro. De repente sentiu-se muito cansado.

– Pode esperar até amanhã para chamar a Polícia por causa do carro?

Meadows agitou a mão em um gesto que indicava indiferença.

– Posso esperar uma semana.

– Vou te devolver o dinheiro.

– Quando puder. Sem pressa.

Jonathan aquiesceu, virando-se em direção à porta dos fundos. Deu um passo e depois parou. Havia uma última coisa que o estava incomodando.

– E a conferência? Por que você me disse que tinha planejado participar há um tempão?

– Foi ideia minha – disse Prudence Meadows do outro lado do aposento. – Não queríamos que você pensasse que tínhamos acabado de saber que estava na cidade. Você teria desconfiado.

Ela estava no pé da escada. Vestia um pijama de seda e na mão direita segurava uma pistola.

27

– PRU, O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO, DROGA? – perguntou Jamie Meadows.

– Shh, amor. Não queremos acordar as meninas. – Ela estava atarraxando um silenciador no cano da pistola. Depois de terminar, segurou-a com o braço esticado, apontada bem para o peito de Jonathan. – Fui eu quem o Jamie escutou. Fui eu que comentei sobre as suas mãos de mágico. Emma me disse isso muitos anos atrás. Ela nunca parava de se vangloriar de você.

– Do que é que você está falando? – continuou Meadows, ainda mais alto do que antes. – Que porcaria é essa que você está segurando?

– Jonathan, quer responder a ele? Pode responder, já que achou por bem contar a ele tantas outras coisas.

– A sua mulher trabalha para a Divisão – disse Jonathan, sem desgrudar os olhos de Prudence Meadows. – Eles estão tentando encontrar e matar Emma.

– Que besteira – protestou Meadows como se não estivesse olhando para a própria mulher, a 6 metros de distância, empunhando uma pistola semiautomática. – Pru? Diga a ele. Isto tudo é um mal-entendido. Afinal, o que é essa tal de Divisão de que você vive falando?

– Uma agência de inteligência administrada pelos americanos – respondeu Prudence. – Nós aqui temos o MI6. Eles lá têm a CIA. A Divisão só é menor e um pouco mais secreta.

– Não estou entendendo – disse Meadows.

– Ela trabalha para a mesma organização que Emma trabalhava – disse Jonathan. – Eles fazem operações clandestinas pelo mundo afora para defender os interesses norte-americanos em matéria de segurança. Matam gente, sobretudo.

– Eu mesma não teria sido capaz de dar uma descrição melhor – observou Prudence, dando um passo à frente. Ela olhou para o marido. – Poderia acrescentar que só matamos gente que precisa ser morta.

– Eu nunca vi você antes, não é? – perguntou Jonathan.

– Sou uma funcionária de escritório. Administro as coisas no nosso escritório de Londres. Ou era isso que eu fazia, eu deveria dizer. Depois daquela gracinha que a Emma aprontou, eles praticamente nos fecharam. Transferiram tudo para

Lambeth. *Lambeth!* Mas não, nunca nos vimos antes. Nem todos nós podemos ser como a sua mulher. É melhor assim. Eu sou péssima em línguas. Já tenho meu sotaque inglês. É o suficiente.

– Seu sotaque inglês? – disse Jamie, perplexo. – Você é de Shropshire. É claro que tem sotaque inglês.

– Não tenha tanta certeza – disse Jonathan.

Pru olhou de relance para o relógio, em seguida continuou.

– Alguém viu você entrando no país ontem de manhã. O chefe ligou e me ofereceu reintegração integral se eu conseguisse entregá-lo a eles. Ofereceu até um aumento. Estamos todos muito ansiosos para achar a sua mulher.

– Você não entendeu nada, Pru. Ele só quer sair da Inglaterra – argumentou Meadows, defendendo Jonathan. – Vá, conte a ela. A Polícia está atrás dele, mas é um engano.

– Fique quieto, Jamie – disse Jonathan. – Preciso falar com a sua mulher.

– Você se encontrou com ela? – perguntou Prudence Meadows. – Foi isso que foi fazer ontem à noite quando saiu de fininho do coquetel?

Jonathan não respondeu. Viu Prudence verificar o relógio outra vez e concluiu que havia outros a caminho. Ele precisava sair dali o mais rapidamente possível.

– Mas o que você tinha planejado para depois? – continuou Pru. – Encontrar Emma daqui a pouco em algum lugar? Não vai ser fácil, com todas as agências de inteligência e os departamentos de segurança pública na sua cola. Não acho que uma passagem só de ida para fora do país vá adiantar grande coisa. Está na hora de se entregar. Mensagem para Jonathan: a Divisão quer ajudar.

– Foi isso que mandaram você dizer?

– Palavras de Frank Connor. Pode perguntar você mesmo. Ele deve chegar a qualquer momento.

Ela diminuiu a distância entre os dois, dando passos hesitantes. Jonathan ergueu as mãos em um gesto de rendição e de não agressão e, quando Prudence entrou na luz, viu que ela não estava tão calma e controlada quanto soava. Não parava de piscar e inspirava a cada vez como se pudesse ser a última. Afinal de contas, como ela mesma tinha dito, era uma funcionária de escritório. Quem cuidava do trabalho de campo era Emma.

– Tem razão – disse Jonathan. – Uma passagem só de ida não iria adiantar grande coisa. Mas eu não acho que conversar com o seu chefe vá melhorar a situação.

– É claro que vai – implorou Meadows. Ele estava em pé, dando a volta na mesa, balançando a cabeça como se aquela história toda não passasse de um mal-entendido entre amigos. – Conversar sempre ajuda.

– Fique aí, querido – disse Pru.

Mas Meadows não parou.

– Eu disse para parar! – gritou Prudence.

Meadows congelou.

– Que droga, Jonathan – disse. – Eles só querem conversar com você.

– Não, Jamie, não é isso. Eles querem que eu diga onde minha mulher está e, depois, provavelmente vão matar nós dois.

– É verdade, Pru? – perguntou Meadows.

– Não, Jamie. Não temos a menor intenção de machucar Jonathan. Só queremos conversar com ele.

– Está vendo, Jonathan? Você tem que acreditar em Prudence.

– Desculpe, Jamie, mas vou ter que ir embora agora. – Jonathan encarou Prudence. – Eu não sei onde a minha mulher está. Diga isso a Connor. Perguntei a ela aonde estava indo, mas ela não quis me dizer.

– Não posso deixá-lo ir embora – disse Pru. – Fique onde está. Só vai demorar mais um minuto.

Meadows estava em pé ao lado de uma coluna que separava a cozinha da sala. Sua expressão dizia que aquilo tudo era demais para ele. A arma, a confissão da mulher de que era uma agente secreta de inteligência, a tensão do impasse. A raiva era o único recurso que lhe restava.

– Espere um instante, Pru – disse ele. – Você vai mesmo machucar Jonathan?

– Fique sentado, Jamie, e cuide da sua vida.

– Não – disse Meadows, tomando fôlego e coragem. – Jonathan é meu amigo. Não me importo com o que você faz ou para quem você trabalha. Vamos ter que resolver isso depois. Agora o que você vai fazer é baixar essa arma e deixar Jonathan ir embora.

A pistola disparou e um pedaço de gesso voou da coluna, a menos de meio metro da cabeça de Jamie Meadows.

– Fique aí e cale a boca, amor. Depois conversamos sobre isso.

Mas o tiro só pareceu instigar Meadows ainda mais.

– Estou pouco ligando para isso, Pru – continuou ele, exaltado. – Você vai atirar nele? Vai atirar em mim, também? Deixe de ser ridícula.

– Jamie, pare! – disse ela.

– Pare você!

Prudence apontou a pistola para o marido.

– Falei para parar, droga!

Meadows empurrou Jonathan para o lado e se jogou para pegar a arma. Outro disparo foi feito e Meadows caiu ajoelhado.

– Pru – disse ele com a voz fraca e sem nenhum tom acusatório, como se houvesse sido vítima de um acidente aleatório. – Você me deu um tiro.

– Jamie? – disse ela.

Meadows escorregou para o chão. Do canto de sua boca começou a escorrer sangue. Jonathan se ajoelhou e virou Meadows de costas, para liberar primeiro a passagem do ar. Ao abrir a camisa, viu um buraco preto bem desenhado uns 2 ou 3 centímetros acima do esterno do qual o sangue saía. Se a bala não havia perfurado o coração, atingira de raspão uma artéria coronária.

– Arrume umas toalhas – disse ele. – Chame uma ambulância.

Pru olhou para o marido caído no chão.

– Eu não puxei o gatilho – balbuciou ela. – Não poderia ter puxado. – Então, para Jonathan: – Faça alguma coisa.

– Chame uma ambulância agora!

Pru entrou correndo na cozinha e ligou para a emergência.

Jonathan pegou a manta que cobria o pufe e usou-a para limpar o sangue. Enfiou o indicador dentro do buraco, à procura de uma artéria que pudesse vedar.

– Continue tentando – disse Meadows, esforçando-se para levantar a cabeça. – Não se preocupe com a dor. Não estou sentindo nada. A bala deve ter atingido a medula.

– Está meio escorregadio – disse Jonathan, flexionando o dedo rente à fáscia muscular e para dentro da cavidade torácica. – Deixe eu tentar deste lado.

– Achou?

– Ainda não.

– Não desista.

Jonathan se inclinou mais para perto, estreitando os olhos.

– Aguente firme. Vou estancar a hemorragia daqui a um segundo.

– Eu sei que vai. – De repente, Meadows começou a ter uma convulsão. Seu corpo sofreu um espasmo. Sua cabeça se projetou para a frente e sangue arterial

escuro jorrou de sua boca. – Jon… me ajude.

– Deite aí, Jamie. Nós vamos conseguir. – Jonathan abaixou Meadows até o chão, respirou fundo para se acalmar e recomeçou a busca cega pela artéria rompida.

– As meninas, meu Deus – disse Meadows. – São tão novinhas.

– Pense em você agora. Aguente firme. Vamos levá-lo para o hospital rapidinho. Entendeu?

– É que… – As palavras de Meadows foram sumindo.

– Fique comigo! – Jonathan avançou com o dedo um pouco para a direita e sentiu um fluxo de sangue. Inseriu-o mais fundo e localizou a origem da hemorragia interna. – Pronto – disse. – Achei. Agora fique parado.

– Graças a Deus – sussurrou Meadows, cruzando olhares com Jonathan. – Boa, Ransom. Então é verdade, mesmo.

– O quê?

– Mãos de mágico. Você tem mesmo. – Então ele soltou um arquejo e ficou imóvel.

Jonathan viu as pupilas de seu amigo se dilatarem e toda cor esvair-se de seu rosto. A mudança foi imediata e dramática. Delicadamente, ele retirou o dedo e sentou-se nos calcanhares, fitando o corpo imóvel.

Pru voltou para a sala e seus olhos correram de Jonathan para o cadáver do marido.

– O que houve? Como ele está? *Jamie*?

– Ele morreu – disse Jonathan.

– O quê? Mas a ambulância está a caminho. Eles disseram três minutos. Não pode ser. – Prudence pousou a pistola sobre uma mesinha de canto, ajoelhou-se e levou uma das mãos ao rosto do marido. – Jamie – sussurrou ela junto a seu ouvido. – Vamos lá. Aguente só mais um pouquinho. A ambulância está quase chegando. A Divisão vai entender. Você é meu marido. Eles têm que entender.

– Sinto muito – disse Jonathan.

– Não, não é possível – protestou a mulher. – Ele não pode estar morto. Eu não… quer dizer, foi um acidente.

A sala ficou silenciosa. Um cheiro desagradável de pólvora flutuava no ar.

– Foi você quem fez isso – disse Prudence depois de alguns instantes. Tinha os olhos molhados de lágrimas, mas sua voz continuava firme. – Foi você quem matou Jamie. Você e Emma.

– Não – disse Jonathan com a voz cansada.

Num instante, ela já estava em pé, estendendo a mão para a pistola.

Jonathan reagiu instintivamente. Houve um clarão prateado, um baque e um arquejo forte. Ele pegou a arma e recuou um passo.

Prudence Meadows ficou olhando horrorizada para o cortador de papel que havia pregado sua mão na mesa lateral, mas não fez nenhum barulho. Seus olhos encontraram os de Jonathan. Ao longe, ouviu-se a sirene de uma ambulância.

– Jenny – gritou ela para o andar de cima, chamando a filha mais velha com uma calma perturbadora. – Acorde! Tem um estranho dentro de casa e ele atirou no papai!

Jonathan saiu correndo pela porta.

Cinco minutos depois, estava saindo de Londres pela A4 ao volante do Jaguar de Jamie Meadows.

28

OFICIALMENTE, AQUILO SE CHAMAVA Unidade de Informação Telefônica da London Metropolitan Police, mas todos na corporação a conheciam como o Aquário. O Aquário ficava no terceiro subsolo de um prédio do governo em Whitehall. O prédio, uma construção muito digna de cimento e tijolos vermelhos, podia até ter sido projetado e construído no século XVII por um aluno de Inigo Jones, mas o Aquário pertencia inteiramente ao século XXI. Em vez de tijolos havia aço inox e, em vez de cimento, cabos de fibra óptica. Milhares de quilômetros de fibra óptica percorriam paredes e pisos e entravam no labirinto de cubículos, baias e salas de reunião com isolamento acústico que ocupavam uma área equivalente a um campo de futebol. O trabalho da Unidade de Informação Telefônica era interceptar conversas telefônicas e tráfego de e-mails de cerca de 5 mil pessoas consideradas "de interesse" pelo governo de Sua Majestade.

Kate Ford seguiu apressada pelo corredor suspenso que percorria toda a extensão do Aquário. Um painel de vidro com isolamento acústico a separava da área de trabalho. A cada 20 metros havia uma saída e lances de escada que desciam da plataforma para o chão. Já passava das 11 da noite, mas o lugar estava a todo o vapor. No mundo digital não existia dia nem noite.

Ela parou em frente à terceira porta, passou o crachá pela leitora, esperou a luzinha verde e pressionou o polegar esquerdo no escâner biométrico. Ironicamente, a segurança aumentava depois de se ter acesso ao prédio. Ela desceu a escada. O labirinto era tão complicado que os corredores que riscavam o gigantesco espaço haviam sido batizados com nomes. Ela passou por placas indicando Belgravia e Covent Garden e parou em Pimlico.

Tony Shaffer estava curvado sobre a mesa, com o teclado no colo, enquanto digitava instruções no computador.

– Ah, oi – disse ele, levantando a cabeça. – Estou só terminando uma coisinha.

– Ande logo – disse Kate, encontrando uma cadeira vazia e fazendo-a rolar até o cubículo de Shaffer.

Shaffer era jovem, com a barba por fazer e uma cabeleira preta desgrenhada.

– Comecei a trabalhar nas informações que você me deu – disse ele.

– Teve sorte?

– Infelizmente, não.

Kate franziu o cenho. Quando estava saindo do Dorchester, ela havia telefonado para Shaffer e pedido que começasse a rastrear o endereço de IP e a localização da mulher que fizera a transmissão de vídeo para Russell na manhã da véspera.

– O nome e o endereço conferem?

– Essa parte não tem problema – disse Shaffer, em um tom de desculpa que a deixou nervosa. – Robert Russell estava devidamente registrado na British Telecom e na Vodafone. Tenho o número de todos os telefones e de todas as linhas de cabo conectadas ao apartamento dele no One Park. Teoricamente, é só uma questão de rastrear o tráfego que entrou na rede do Russell.

– Então por que você está com essa cara?

– A informação do Russell está bloqueada. Não consigo chegar a ela.

– Como assim? Eu estive no Five hoje de manhã. Eles estavam com os telefones do Russell grampeados há meses. Tinham feito até uma cópia da transmissão.

– O problema é justamente o Five. Eles têm um filtro no terminal que pega essa região da cidade. Basicamente, estão captando todo o tráfego de comunicações de Mayfair, com ou sem mandado. Russell é só a ponta do iceberg.

– Você pediu cópias do tráfego do apartamento dele?

Shaffer fez que sim com a cabeça.

– Pedi, mas eles se recusam a entregar. Vieram com um papo sobre a segurança nacional ter precedência sobre uma investigação local.

– Investigação de homicídio, por favor.

– Foi o que eu disse. Mas eles não aliviaram.

Kate se inclinou para a frente, beliscando o osso do nariz.

– A mulher é a chave. Ela é o elo humano. Foi a fonte dela que fez Russell ficar sabendo sobre "Victoria Bear". Ela é a única que pode nos dizer quem está por trás do carro-bomba.

– Você vai precisar preencher uma solicitação para o Serviço de Segurança, mas eu não teria muita esperança.

– Pensei que estivéssemos na era da cooperação máxima.

– Isso é cooperação máxima. Acredite. Em outros tempos o Five nem sequer atenderia minha ligação. – Shaffer coçou a cabeça. – Não há jeito de encontrar a tal mulher? Você disse que era uma transmissão de vídeo. Fez uma análise do som do ambiente? Às vezes aparecem coisas muito doidas. Rádios ligados em

outro cômodo, sinos de igreja tocando a quilômetros de distância, qualquer tipo de revelação que possa ajudar a identificar a localização do remetente. Aí é só fazer o caminho inverso do ponto de vista da tecnologia. Reduzir a área para uns poucos quilômetros quadrados, identificar o terminal de cabo dessa área e ver quem estava mandando mensagens para o Russell.

– E quanto tempo leva isso?

– Dias, uma semana, talvez… Quer dizer, contanto que eles cheguem até você. A fila agora está em uns 60 dias.

– Obrigada pela dica, Tony.

– Desculpe não poder ajudar.

– Não tem problema. – Kate lhe deu um tapinha no ombro e encaminhou-se para a escada. Análise de som ambiente, pensou. Devia haver um jeito mais fácil. Ela balançou a cabeça. Sinos de igreja, vejam só.

Nesse instante, ela se lembrou de uma coisa na transmissão de vídeo, um detalhe que havia observado, mas descartara como mais uma pista inútil. Parou onde estava. Provavelmente não era nada, mas…

Kate subiu correndo o resto dos degraus e abriu a porta com ímpeto, antes de conseguir controlar-se. Não podia correr, lembrou a si mesma. Nunca os deixe ver que você está abalada.

Erguendo o queixo em uma atitude de desafio ao mundo, ela percorreu o corredor a passos largos e saiu do prédio. Precisava ver de novo uma cópia do vídeo. Iria voltar para Thames House, e Graves que se danasse!

29

– DEIXE AS LUZES APAGADAS! – gritou a voz embriagada.

Kate avançou para dentro das sombras da sala, no primeiro andar da Thames House. Apertando os olhos, distinguiu uma forma escura jogada em uma cadeira atrás da ampla escrivaninha.

– O senhor está bem, coronel Graves?

– O que você quer? – As palavras se arrastavam em um confuso pântano monossilábico.

Kate tateou a parede com a mão e acendeu a luz. A sala ganhou vida com um clarão. Graves ergueu uma das mãos para se proteger da luz forte, encarando-a através dos olhos congestionados, com ódio. Sobre sua mesa havia uma garrafa de uísque e um copo de vidro chanfrado quase cheio.

– Não consegui falar com o senhor. O seu assistente disse que talvez estivesse aqui.

– Me lembre de mandá-lo embora.

– O que houve, afinal? – Kate indicou a garrafa, o copo e seu estado lamentável de forma geral.

– Ora, não houve nada, inspetora-chefe Ford. Está tudo uma beleza. Sem novidades no front. Pode ir voltando para os seus soldados.

– Pensei que a essa altura o senhor já fosse estar na metade do caminho para Timbuctu. O senhor e o seu sabujo ianque de confiança.

– Ransom? Quer dizer que a senhora não está sabendo? – A sonora risada de Graves ecoou pela sala como um latido desolado.

Kate avançou em direção à escrivaninha, hesitante.

– O que foi?

– Ele foi embora.

– Embora? O senhor o entregou para os americanos? Eles acabaram assumindo que conheciam o Ransom?

– Americanos? É claro que não.

– Então o que houve?

– Ele fugiu.

– Ele o quê? – indagou Kate, certa de que Graves estava fazendo algum tipo de brincadeira perversa.

– Escafedeu-se. Pulou a cerca. Não está mais sob a custódia da Polícia. Tire essa porcaria de expressão da cara. Está tendo problemas para me entender?

Kate deixou-se cair na cadeira em frente à escrivaninha de Graves. Estava uma fera. Estava extraordinariamente brava com qualquer ato de incompetência que tivesse permitido a um suspeito escapar da custódia da Polícia.

– Quando eu fui embora, o senhor tinha Ransom trancado no quarto com guardas suficientes para proteger o papa. O que aconteceu exatamente?

– O cara saiu do prédio escalando. Pulou pela varanda e desceu a fachada. Pelo jeito, não é tão difícil quanto parece. – Graves empurrou a cadeira para trás e se levantou. – A senhora não me informou que ele é alpinista – disse ele, dando a volta na mesa com uma atitude ameaçadora. – Só fiquei sabendo disso agora. Se tivesse sabido antes, talvez tivesse conseguido juntar dois e dois. Na verdade, não sou tão burro quanto alguns dos rapazes lá de cima pensam.

– Então está colocando a culpa em mim?

– Não – reconheceu Graves. – A culpa nesse caso foi toda minha. Quando você tira a tornozeleira de um prisioneiro e deixa ele passear pelo quarto como se fosse o príncipe de Gales e você, o criado, não pode pôr a culpa em mais ninguém. A culpa é toda minha. – Ele ergueu um dedo para ela. – Está na hora de a senhora dizer alguma coisa sobre eu ser um filho da mãe arrogante que merece provar do seu próprio veneno.

– Isso não faz o meu estilo – disse Kate.

– Que engraçado, faz o meu – disse Graves em um tom quase alegre. – Ou melhor, fazia.

– O senhor foi *demitido*?

Graves balançou a cabeça como se aquilo fosse a coisa mais distante possível da verdade.

– Claro que não. Eles costumam ser diplomáticos com esse tipo de coisa. O diretor deve esperar uma semana ou algo assim, para não chamar mais atenção para o caso do que o necessário. Mas é uma questão de tempo. Não se deixa escapar por entre os dedos o principal suspeito de um atentado com carro-bomba que matou sete pessoas, incluindo alguns diplomatas russos muito importantes e muito desagradáveis. Não quando ele já foi preso. Demitido? Eu vou ter sorte se não for crucificado.

– Sinto muito.

Graves revirou os olhos.

– Ai, meu Deus, ela é sincera. – Ele pegou o copo e tomou uma golada de uísque. – Mas, afinal, o que a senhora está fazendo aqui?

– Tentando encontrar a mulher que entrou em contato com o Russell.

– Não vai conseguir. O seu amiguinho Tony Shaffer não disse isso lá no Aquário?

Mesmo agora, Graves ainda precisava fazer com que Kate soubesse que ele continuava um passo à sua frente.

– Ele disse que o Five se recusou a cooperar.

– Melhor que reconhecer que foi derrotado – disse Graves. – Russell fez aquela transmissão ser roteada por IPs do mundo inteiro. Antes de chegar à Inglaterra, ela passou pela França, pela Rússia e pela Índia. Rastrear esse vídeo iria levar um mês. – De repente ele soltou uma risada. – E a mulher provavelmente também é uma profissional. O bebê era fachada.

Kate girou na cadeira para acompanhar Graves enquanto ele andava pela sala.

– O senhor tem uma cópia do vídeo à mão?

– Claro, mas posso dizer que os meus melhores homens analisaram a transmissão de cabo a rabo e não encontraram nada.

– O senhor se importa de passar o vídeo?

Graves abriu o armário de equipamentos audiovisuais e ligou o DVD. Instantes depois, a transmissão interceptada começou a passar.

– Pare aí – disse Kate na metade do discurso da mulher.

Graves congelou a imagem. Na tela, a mulher havia se curvado de 3 a 5 centímetros para a frente para acalmar o bebê. Uma de suas mãos alisou a bochecha da criança.

– Olhe para o anel – disse Kate, apontando para os dedos estendidos da mulher.

– O que tem o anel?

– Tem um brasão nele. Acho que talvez seja um anel de universidade.

Graves ampliou a imagem e a mulher ficou maior, com a mão posicionada no centro do quadro. Kate chegou mais perto do monitor.

– Se não me engano, é um anel de Oxford.

– Como é que a senhora sabe?

– Porque eu queria desesperadamente estudar lá.

Graves estudou a imagem durante alguns segundos, depois virou-se e tornou

a andar até a escrivaninha.

– Meu Deus, talvez a senhora tenha encontrado alguma coisa.

No intervalo de 10 segundos, o andar dele havia recuperado a autoridade. Sua postura estava novamente rígida como antes. Ele tirou o telefone da base e levou-o à orelha.

– Roberts – disse, e agora o tom arrastado de sua voz não passava de uma lembrança ruim. – Vá até os Arquivos. Arranje os catálogos de alunos da Universidade de Oxford de… – Graves baixou o telefone.

– Dos últimos 20 anos – disse Kate.

– Dos últimos 20 anos e traga aqui agora. – Ele pousou o telefone na base. – Quer uma bebida? – perguntou.

Kate recusou, balançando a cabeça.

– Melhor não. Ainda estou me recuperando.

Graves se sentou na borda da escrivaninha.

– Foi com a senhora aquela cagada da prisão do Kew Strangler, não foi? Que dureza.

– Nós tínhamos identificado o cara com provas suficientes para prisão perpétua. Nosso analista de perfis psicológicos disse que ele era dócil, a não ser quando estava realizando as próprias fantasias. Aparecemos na porta da casa dele como se ele fosse um cara qualquer. Chegamos até a tocar a campainha e nos apresentar. Não achei que fosse ter problema nenhum. Já prendi 20 assassinos. Nenhum deles deu um pio. Dóceis como cordeirinhos ao serem presos. Nós relaxamos.

– O cara que morreu… um delegado superintendente, não era?

– Billy Donovan. Ele era meu noivo.

Graves fez uma careta.

– Eu sinto muito.

– A Met tentou me forçar a me aposentar – explicou Kate. – Eles também não gostam de constrangimentos. Mandei eles enfiarem a aposentadoria naquele lugar. Eu não iria sair desse jeito. Eles me puseram no turno da noite e olhe só o que aconteceu. Consegui minha segunda chance.

– Eu não acho que o diretor-geral vá me perdoar assim tão fácil.

– O senhor tem sete dias. É o tempo que leva para a papelada começar a circular. Nós podemos provar que os nossos chefes estavam errados.

Graves ergueu o copo.

– Diante desse comentário final inspirador, inspetora-chefe Ford, saúde e fodam-se todos vocês!

Kate levou a mão ao braço dele.

– Chega de drama por hoje.

Graves puxou a mão com força para soltá-la. Olhou com raiva para Kate e em seguida virou-se e pousou o copo na escrivaninha.

– Ransom tem culpa no cartório. Von Daniken disse a mesma coisa. Ele é hábil demais para ser um amador. E não venha me dizer que ele só está com medo.

– Discordo. Para começar, ele estava perto demais da explosão. E por que iria sair correndo pela rua gritando feito um louco com a mulher? Se ele fosse profissional, teria dado um jeito de avisar de maneira mais discreta. Ele com certeza sabia que aquilo iria ser filmado.

– É isso que me incomoda – disse Graves. – É o comportamento dela que não faz sentido.

– Como assim?

– Sabemos que ela é profissional, quer trabalhasse para os americanos, quer não. Ficamos sabendo disso no apartamento do Russell. Alguém teve de ensinar a ela como enganar aquele sistema de segurança. Depois, o carro-bomba. Não é fácil montar aquele tipo de artefato e entrar com ele no centro de Londres sem ser detectado. Mas o que a Sra. Emma Ransom faz com todo esse treinamento e com os supostos anos de experiência? Fica parada naquela esquina, totalmente visível, espera o sinal abrir e fechar duas vezes e praticamente encara a câmera enquanto detona a bomba. Ela queria ser vista. – Em um gesto de frustração, Graves deu um tapa na perna. – Para dizer a verdade, o comportamento de nenhum dos dois faz sentido algum.

– O dele eu entendo – retorquiu Kate. – Ele nos disse que a mulher tinha entrado em contato com ele de surpresa no hotel. Sabia o que ela fizera no passado. Somou dois e dois e percebeu que ela estava aprontando alguma aqui em Londres.

– E agora?

– Agora está tentando salvá-la.

– A senhora só pode estar brincando!

– O que o senhor faria se fosse a sua mulher?

– Teria tido um pouco mais de cuidado na hora de escolher – respondeu Graves.

Nesse exato instante, Roberts bateu na porta e entrou. Vinha seguido por outro homem, e os dois traziam os catálogos requisitados. Graves pegou o primeiro da pilha e comparou o escudo na lombada com o que aparecia no monitor. Eram iguais.

– Ponham em cima da minha mesa – ordenou ele.

– Algo mais, senhor? – perguntou Roberts.

– Um bule de café e duas xícaras, açúcar, creme, tudo isso. Quer alguma outra coisa, inspetora-chefe Ford?

– Se conseguirem achar alguma lanchonete que tenha peixe com fritas ainda aberta, adoraria um pedaço de bacalhau.

– Enrolado em jornal? – perguntou Graves com um esboço de sorriso.

– Seria ótimo – respondeu Kate, séria. Não estava com humor para ser a mais nova amiguinha de Graves.

– Você ouviu a senhora – bradou Graves. – Peixe com fritas. E traga um para mim também. Bem grande. Estou faminto. Agora saia daqui.

– Sim, senhor – disse Roberts com um meneio rápido da cabeça.

– Ótimo – disse Graves, acomodando-se à escrivaninha. – Esse assunto está resolvido. Agora vamos trabalhar. Temos um monte de caras para conferir.

30

– Continuem olhando para o chão! – gritou Den Baxter, chefe da Equipe de Coleta de Indícios da London Metropolitan Police, enquanto subia a Storey's Gate. – As peças estão todas aqui. É melhor ninguém nem pensar em ir para casa antes de encontrarmos!

Eram 10 da noite. Já fazia 90 minutos que o Sol afundara no horizonte. Do outro lado de Londres, a cortina da noite havia baixado. Por toda parte, menos em Storey's Gate.

A rua inteira estava iluminada como se fosse meio-dia. De um lado ao outro da faixa de 500 metros de asfalto; de Victoria Street, a oeste, até Great George Street, a leste, altas luminárias de lâmpadas halógenas iluminavam a área em que o carro-bomba havia sido detonado 12 horas antes. Havia mais de uma centena de luminárias no total, cada qual com um intenso facho de 150 watts direcionado para o asfalto. O número de agentes da Equipe de Coleta de Indícios, ou ERT – *Evidence Recovery Team* –, como era mais conhecida, era o dobro disso. Vestidos da cabeça aos pés com macacões de Tyvek, zanzavam de um lado para outro na rua com a objetividade de formigas-soldados.

– Aqui, chefe!

Baxter deu a volta na carcaça de um dos carros carbonizados e avançou apressado pela calçada, onde um homem se encontrava em pé, com a mão levantada. Baxter parecia um hidrante, com cabelos ruivos flamejantes e o nariz quebrado de um boxeador. Veterano com 30 anos de corporação, chegara ao local do atentado pouco depois dos primeiros socorros: os policiais, bombeiros e paramédicos chamados para cuidar das vítimas. Seu trabalho era localizar, preservar e catalogar todo e qualquer indício relacionado à explosão, e ele o executava com um zelo que beirava o fanatismo.

– O que achou? – quis saber.

O homem ergueu um pedaço de metal retorcido, do tamanho de um maço de cigarros.

– Um pequeno tesouro. Um pedaço do carro que explodiu. Tem uma bela mancha de resíduo.

Baxter examinou o pedaço de metal, detectando rapidamente a crosta

enegrecida na borda. Raspando com a unha, descobriu uma camada de pó branco sob a superfície. Andou até o centro de comando móvel montado na esquina da Victoria Street. As portas traseiras estavam abertas e ele subiu.

– Tenho um presente para vocês.

Dois homens estavam sentados lá dentro, diante de uma complexa bancada de instrumentos. Usando um cotonete, um deles coletou uma amostra de explosivo e o preparou para ser testado. Uma das máquinas à sua disposição era um cromatógrafo e espectrômetro de massa da Thompson, capaz de analisar a composição química de qualquer explosivo de fabricação comercial conhecido pelo homem e de muitos outros de fabricação caseira.

Com uma ordem para o informarem assim que os resultados fossem recebidos, Baxter pulou para fora da van e olhou para ver onde poderia ser útil. Depois de passar 12 horas no local, ele continuava excitado como um galo de briga.

Quando chegou, às 11h35, menos de 20 minutos depois da explosão, sua primeira providência havia sido retirar as vítimas e estabelecer um perímetro seguro. Muitas vezes seus colegas da corporação eram seus piores inimigos. Na pressa para ajudar os feridos, eles pisoteavam o local sem se preocupar com os indícios. Foram necessárias três horas para todas as vítimas serem removidas, e mais duas até o último policial uniformizado ser acompanhado para fora do local. Somente então Baxter pôde começar seu trabalho de verdade.

O perímetro do local de um atentado a bomba era determinado pelo tamanho da área da explosão. A maioria dos carros-bomba usava uma versão ou outra de explosivos plásticos que, quando detonados, expandiam-se a uma velocidade de quase 8 quilômetros por segundo. Baxter ficava com raiva quando assistia a algum filme em que o herói conseguia correr da bola de fogo produzida por uma detonação. Isso era improvável. Felizmente, Storey's Gate era uma rua estreita. A onda da explosão havia ricocheteado entre os prédios, dissipando-se rapidamente, e ficara praticamente confinada à extensão da rua.

Baxter, em seguida, dividira a área em quadrantes, atribuindo quadrados de 20 x 20 metros a equipes de cinco homens para efetuarem a busca. Cada centímetro quadrado do local era fotografado e todos os destroços eram estudados para determinar se eram ou não indícios. Aqueles considerados relevantes eram marcados, fotografados de novo, catalogados e ensacados.

A ERT procurava duas coisas em especial: pedaços da bomba em si, ou seja, um detonador, uma placa de circuito, celular e coisas desse tipo; e qualquer

material coberto com resíduo dos explosivos. A arquitetura de uma bomba dizia muito sobre quem a fabricara: onde fora treinado, onde havia estudado e, o mais importante de tudo, o seu país de origem. Noventa por cento dos artefatos terroristas eram fabricados por indivíduos com experiência militar prévia, e muitos fabricantes de bombas desenvolviam (involuntariamente) uma marca que os denunciava de forma tão óbvia quanto a assinatura de Picasso no canto inferior de seus quadros.

Os resíduos da explosão indicavam o tipo de explosivo utilizado e, muitas vezes, onde e quando esse explosivo fora fabricado. Determinar se uma bomba havia usado Semtex, C-4 ou algum de uma dúzia de explosivos menos conhecidos era um primeiro passo crucial para remontar à identidade do responsável pelo atentado.

– Chefe! – Um assobio vindo de dentro da van chamou sua atenção.

Baxter chegou lá em tempo recorde.

– Algum resultado? – perguntou, ofegante.

– Semtex – declarou o perito. – Da fábrica-mãe em Semtin. – Semtex era um explosivo plástico comum fabricado em Semtin, na República Checa.

– Os marcadores estavam em bom estado?

"Marcadores" eram as assinaturas químicas inseridas nos explosivos para indicar o local e a data de fabricação.

– Estavam. Mandamos para a análise da Interpol.

– E?

– O Semtex usado na bomba veio de um carregamento vendido para o Exército italiano. Aí é que começa a ficar interessante: os italianos denunciaram o roubo do carregamento a caminho de uma base militar nos arredores de Roma, em abril passado.

Uma das responsabilidades menos conhecidas da Interpol era manter uma base de dados atualizadíssima de cada lote de explosivos fabricado para atender a demandas legítimas desse material pelo mundo afora, e controlar para onde e para quem era vendido.

– Qual era o tamanho do carregamento?

– Quinhentos quilos.

– Pergunte à Interpol se algum explosivo do mesmo lote apareceu em outro lugar. Ah, e bom trabalho.

Baxter desceu da van e tornou a subir a rua em direção ao brilho das lâmpadas. O Semtex era só uma peça do quebra-cabeça. Ele precisava de muitas

outras antes de conseguir começar a decifrar a questão da bomba e, mais importante, de quem a havia disparado.

– Indícios! – gritou ele para seus homens. – Quero indícios, droga!

Era quase meia-noite e Den Baxter estava apenas começando.

31

KATE E GRAVES LEVARAM TRÊS HORAS, mas finalmente a encontraram.

Ela se chamava Isabelle Lauren e tinha estudado em Balliol College, Oxford, de 1997 a 2000.

– Que engraçado – disse Kate. – Robert Russell nem estava em Oxford quando ela estudou lá.

– Ele lecionava?

– Não antes de 2001.

Graves deu de ombros.

– Acho que não importa como eles se conheceram; apenas que se conheciam.

– Hum – fez Kate, concordando. – Mesmo assim, estou curiosa.

Graves fechou o catálogo da universidade e ligou para seu assistente, para quem passou o nome de Isabelle Lauren, e pediu que todas as informações pessoais pertinentes estivessem na sua mesa dentro de 30 minutos, a começar pelo endereço atual e um número de telefone. Quando terminou, pôs o telefone no gancho e ergueu os olhos para Kate.

– Imagino que seja tarde demais para pedir desculpas – falou.

– Desculpas por quê?

– Por hoje de manhã. Desculpe ter pressionado a senhora daquele jeito. Tenho tendência a me exaltar.

– O senhor com certeza precisa melhorar seus modos – disse Kate. – Mas não foi isso que me incomodou.

– Ah, é? O que foi, então? – Graves se apressou em perguntar. – O fato de eu não querer cooperar?

Como é que alguém tão inteligente podia ser tão burro? A resposta ocorreu a ela no mesmo instante. Homens. Uma espécie inferior.

– O senhor continua sem entender, não é?

O telefone tocou antes de Graves conseguir responder. Acenando para ela lhe dar um segundo, ele atendeu.

– O que foi agora? – De repente, sua expressão ficou séria. – Ah, desculpe, inspetor Watkins. Eu estava esperando outra ligação. Ransom? Ele fez isso? Deus do céu!

– O que foi? – Kate aproximou sua cabeça da dele para tentar escutar, mas Graves se afastou imediatamente, aquiescendo, grunhindo e balbuciando "sim" inúmeras vezes. Por fim, ele disse:

– Estou com a inspetora-chefe Kate Ford. É importante que ela ouça o que o senhor tem a dizer. Vou pôr o telefone no viva-voz. Pode falar.

– O nome da mulher é Prudence Meadows – explicou uma voz grave. – Jonathan Ransom matou o marido dela com um tiro, duas horas atrás.

Graves trocou com Kate um olhar que dizia que ele estivera certo o tempo todo.

– Não há margem de dúvida – prosseguiu Watkins. – Ransom e o marido dela estudaram juntos na universidade anos atrás. O casal esteve com ele ontem à noite mesmo, no coquetel do Dorchester. Segundo a Sra. Meadows, Ransom apareceu na porta da casa deles em Notting Hill por volta das 21h30. Pediu para falar com o marido dela. Ela disse que ele parecia agitado, mas que o deixou entrar mesmo assim. Os dois homens passaram uma hora conversando no andar de cima. Durante esse intervalo, ela pôs as filhas na cama e depois foi para o quarto ler. Às 22h45, ouviu vozes exaltadas vindas do andar de baixo. Foi ver o que estava acontecendo e encontrou Ransom com uma arma apontada para o marido, gritando que queria dinheiro e a chave do carro dele. O Dr. Meadows recusou. Então houve uma altercação e Ransom matou o homem com um tiro.

– Continue – disse Graves. – E depois, o que Ransom fez?

– A Sra. Meadows tentou chamar a Polícia e ele pregou a mão dela na mesa com uma adaga para impedir.

– Ele não tentou matar a mulher também? – perguntou Kate sem tirar os olhos de Graves.

– Não. Simplesmente deixou ela ali, depois pegou a chave do carro e fugiu.

Kate lançou um olhar perplexo para Graves.

– Podemos falar com a Sra. Meadows? – perguntou ela.

– Ainda não – respondeu Watkins. – Ela está passando por uma cirurgia na mão. Podem falar com ela amanhã de manhã.

– Certo – disse Graves. – Alguma coisa sobre o carro que Ransom roubou?

– Ainda não, mas estamos procurando.

– Cubram todos os aeroportos e portos do litoral.

– Já foi feito.

– É claro. Obrigado por nos avisar com tanta rapidez. – Graves desligou. Levantou a mão para deter Kate antes que ela começasse a falar. – Eu sei o que a

senhora vai dizer. Se Ransom matou o marido, por que deixou a mulher viva?

– Deve ter sido um acidente. Ele não é um assassino.

– A senhora não para de dizer isso, mas as pessoas em volta dele continuam morrendo.

O telefone tornou a tocar. Era Roberts, dizendo que a residência principal da Sra. Isabelle Lauren ficava na cidade de Hull, no nordeste da Inglaterra. Graves pediu que preparassem um avião e disse a Kate para encontrá-lo na manhã seguinte cedo em Thames House para uma reunião antes de partirem.

Quando ela estava se encaminhando para a porta, ele a chamou:

– A senhora não me disse o que a incomodou tanto.

Kate olhou por cima do ombro.

– Quer saber mesmo?

– Não vou conseguir dormir se não souber.

– O que me incomodou, coronel Graves…

– Pode me chamar de Charles.

– O que me incomodou, Charles, não foi você ter invadido a minha casa sem avisar e tomado a liberdade de ir entrando na minha cozinha.

Graves pôs as mãos nos quadris.

– Que raio foi então, inspetora-chefe Ford?

– Kate.

– Tá bom… Kate.

– Eu vi o seu Rover ontem de manhã no One Park. O que me deixou realmente furiosa foi você ter chegado antes de mim e não ter me dito nada. Aquela cena do crime era minha. Eu não gosto de ser coadjuvante de ninguém.

32

A BARCA *PRINCESS OF KENT,* da companhia de navegação Peninsular & Oriental, com 179 metros de comprimento, 40 metros da linha de flutuação ao topo da chaminé e 33 metros de largura, com um calado de 22 mil toneladas e capacidade para transportar 500 carros ou 180 caminhões, mais 2 mil passageiros, estava atracada no cais do terminal de Dover-Calais, pronta para começar o embarque dentro de 12 minutos e 37 segundos, conforme sinalizado pelo imenso relógio digital afixado a um galpão vizinho. Eram 6 da manhã. O Sol havia nascido meia hora antes e, embora a temperatura não passasse de 24ºC, não havia nem um sopro de vento sequer, e o ar já estava desagradavelmente úmido.

Jonathan esgueirou-se por entre os caminhões parados. Caminhoneiros estavam reunidos do lado de fora das cabines, fumando, trocando dicas de comércio ou simplesmente esticando os ossos. Ele estava estudando o tamanho das cabines, os endereços dos proprietários (em geral escritos nas portas dos motoristas), assim como as placas indicando o país de origem dos caminhões. Tão importante quanto isso, verificava se o motorista estava ao volante esperando para guiar seu veículo para dentro da barca ou em algum lugar indo ou vindo do guichê de passagens.

Viu um caminhão da marca Peterbilt pertencente à companhia de frete Danzas, dirigido por um certo M. Voorhuis de Roterdã, na Holanda. Aquele seria perfeito, com muito espaço para esconder um fugitivo ansioso para chegar ao continente. Melhor ainda, pertencia a uma empresa de transportes renomada. As verificações de alfândega e de imigração eram feitas quando a barca atracava na França. As inspeções supostamente eram aleatórias, mas ele sabia que os veículos das empresas mais conhecidas raramente eram escolhidos.

Um homem que ele supôs ser Voorhuis estava em pé no friso lateral, fumando. Ao seu lado, com a cabeça recostada em seu ombro, estava uma mulher de cabelos frisados, toda vestida de jeans, couro preto e anéis de caveira. Mas Roterdã não era um bom destino, e três com certeza eram demais.

Onze minutos.

Um Volvo FH16 com uma escavadeira Cat na carroceria, originário da Basileia, na Suíça, deu a Jonathan uma esperança momentânea. O caminhão tinha uma área de repouso atrás do banco do motorista, e a placa suíça

significava livre trânsito pelas fronteiras. Até mesmo o motorista era adequado: parecia um colegial de meia-idade, com uma cruz de prata pendurada no pescoço. O problema era o salmo bíblico pintado no painel lateral de seu caminhão. Se a coisa esquentasse, ele sem dúvida faria uma prece e gritaria chamando a Polícia. Além disso, a Suíça não ficava suficientemente ao sul.

Foi então que ele viu. Acima do guichê de passagens havia um painel eletrônico do tamanho padrão usado em rodovias, e no painel estava estampada uma fotografia colorida do Dr. Jonathan Ransom. Uma legenda avançava abaixo da imagem dizendo: "Você viu este homem? O nome dele é Dr. Jonathan Ransom e ele está sendo procurado para responder a perguntas relacionadas ao carro-bomba que explodiu em Londres no dia 26 de julho. Ransom tem 1,83m de altura, pesa aproximadamente 82 quilos e imagina-se que esteja armado. Não tente se aproximar dele sozinho. Se tiver informações sobre o seu paradeiro, ligue para…" Seguia-se um telefone de Londres.

Apesar do calor, Jonathan sentiu um arrepio na nuca. Tudo o que tinha como disfarce era um boné para cobrir os cabelos grisalhos e um par de óculos grandões. Não era muito, mas por enquanto ninguém seria capaz de identificá-lo como o homem do painel. Ele ficou olhando para a própria foto. Era a mesma que havia sido usada no folheto da conferência. Não havia mais nenhuma chance de ele conseguir embarcar em algum caminhão subornando o motorista. Teria que subir a bordo escondido.

O relógio indicou 10 minutos.

Dez minutos para arrumar um jeito de sair da Inglaterra.

Jonathan enxugou o suor dos olhos e continuou andando.

O estacionamento parecia um estábulo moderno, com caminhões de nove eixos e imensos caminhões duplos articulados no lugar de novilhos Longhorn e gado criado no pasto. O barulho aleatório de uma buzina pneumática de potência industrial era tão desconcertante quanto os mugidos de 10 mil cabeças de gado assustadas, e os vapores dos canos de escapamento tinham o mesmo caráter nocivo. Se não fosse possível ver o canal da Mancha margeando três lados do estacionamento, ninguém poderia imaginar que estava a menos de 150 quilômetros do mar.

Jonathan chegou ao final de uma fileira e passou para a seguinte. Havia deixado Londres ao volante do Jaguar de Meadows. Encontrara o carro nos fundos, exatamente como Jamie dissera. Era arriscado, mas, afinal de contas, tudo era arriscado. Havia dirigido até as 3, depois saído da autoestrada em

Canterbury para descansar, mas estava ligado demais para dormir.

Eram 5 da manhã quando chegou à estação da barca. Depois de verificar o horário da manhã, ele fora até os arredores da cidade e estacionara no quarto piso de um edifício-garagem. Chegara até a roubar a capa de um Mercedes próximo e usá-la para cobrir o Jaguar.

Outra buzina tocou. Mais alto e por mais tempo. Na parte de trás do estacionamento, uma cancela foi baixada, impedindo a entrada de outros veículos. Jonathan parou, apoiando-se em um para-choque para observar a esquadrilha de caminhões reunida. Havia caminhões alemães, belgas, franceses, suecos e espanhóis. Onde estavam os italianos?

A lógica de Jonathan era linear, mesmo que problemática. Emma dizia ter sido atacada em Roma. Pelo aspecto da cicatriz, o ferimento devia ter exigido cuidados médicos imediatos, quando não uma convalescença em hospital. Em algum lugar devia haver um registro de sua internação. Ele tinha certeza de que ela não usara seu nome verdadeiro. Ele podia se guiar por uma foto e pela própria experiência em lidar com administradores de hospital. Desta e de outra forma também.

O seu trabalho lhe proporcionava mais um recurso. Anos antes, um médico italiano havia entrado para a missão da Médicos sem Fronteiras na Eritreia, no Chifre da África, para um rodízio de três meses. (Essa curta estadia era mais regra do que exceção. A maioria dos médicos que dedicava seu tempo à MSF o fazia de forma temporária. As missões normalmente duravam entre três e seis meses.) O nome desse médico era Luca Lazio e, se Jonathan não estava enganado, o consultório dele ficava perto dos jardins Borghese, em Roma.

Restava um pequeno problema. Jonathan e Lazio não tinham se despedido como grandes amigos. Na verdade, talvez tivesse havido um nariz quebrado em algum ponto da história. Mas Lazio lhe devia um favor. Disso não havia dúvida. Lazio lhe devia um favor enorme.

Para Jonathan, era Roma ou nada.

Um assobio agudo seguiu-se à buzina e ouviu-se um ronco estrondoso, de fazer tremer os joelhos, quando todos os caminhoneiros ligaram os motores e engataram a primeira marcha dos caminhões. Um a um, os caminhões foram embarcando, avançando por uma larga plataforma de ferro preto e desaparecendo dentro de um escuro submundo para a travessia de 90 minutos.

Em pânico, Jonathan começou a trotar entre as fileiras de caminhões.

Foi então que viu sua oportunidade.

Mais para trás do grupo, o motorista de um caminhão da Interfreight só agora estava descendo da cabine e correndo em direção ao guichê de passagens. Tinha um celular grudado à orelha e suas bochechas vermelhas e a voz muito alta deixavam claro que estava no meio de uma discussão. Jonathan chegou mais perto do caminhão. Ainda não conseguia ver as placas, mas isso já não tinha importância. Qualquer lugar era mais seguro do que a Inglaterra. Ele deu a volta por trás de um monstro cromado e reluzente que transportava gás natural e parou. O motorista havia desaparecido na salinha do guichê. Seu caminhão estava a 12 metros de distância. O sol da manhã se refletia no para-brisa, tornando impossível ver se havia alguém sentado no banco do carona. Foi então que Jonathan viu a placa do veículo. Preta, retangular, com sete números brancos após o prefixo "MI".

"MI" de Milano, Milão.

Ele havia encontrado seu transporte.

Jonathan se aproximou do caminhão em um ritmo confiante. Subiu no apoio lateral do lado do carona e puxou a porta. Estava aberta e ele entrou e bateu-a atrás de si. Não havia ninguém lá dentro. Um molho de chaves pendia da ignição. Um monitor de GPS dominava o painel e o cinzeiro transbordava de guimbas. O rádio estava ligado, enchendo a cabine com um pop italiano açucarado.

Atrás dos bancos havia uma cortina. Jonathan afastou-a e viu duas camas de solteiro uma ao lado da outra, desfeitas, com roupas jogadas por cima das cobertas. Em vez de revistas de mulher pelada, havia uma pilha de jornais – franceses, italianos e ingleses, edições do *Der Spiegel* e do *Il Tempo* e um volume intitulado *História do estoicismo*. *Que ótimo*, pensou ele, *um caminhoneiro intelectual*. Espiou por cima do ombro. O motorista havia emergido da salinha do guichê e estava voltando apressado para o caminhão, com o telefone ainda colado à orelha.

Jonathan se espremeu entre os bancos e fechou a cortina. Juntando um bolo de roupas, deitou-se na cama mais afastada, arrumou as cobertas por cima de si e cobriu-se com as roupas amarfanhadas (e manchadas de suor). Havia acabado de abaixar a cabeça quando a porta se abriu e a subida do motorista fez o caminhão balançar.

O caminhão avançou. Houve uma faísca, seguida por um leve cheiro de tabaco quando o caminhoneiro acendeu um cigarro. Ele não havia parado de falar. Era italiano, do sul, pelo sotaque. Estava falando com uma mulher, provavelmente a sua, e o assunto era sério. Ela havia gastado dinheiro demais

com um colchão novo quando a família precisava de um novo aquecedor. A guerra civil era iminente.

Ouviu-se um "tum", o caminhão desceu uma rampa e em seguida uma batida oca soou quando ele começou a avançar pelo convés da barca. O veículo parou. Jonathan esperou o motorista descer para aproveitar os inúmeros prazeres a bordo. O tempo de viagem para atravessar o canal era de uma hora e 33 minutos, e o folder que ele havia lido citava muitas lojas duty free, vários bares e restaurantes, e até uma lan house.

Mas o caminhoneiro não saiu do lugar. Passou os 90 minutos seguintes falando ao telefone com a mulher, cujo nome, como Jonathan descobriu, era Laura, e que aparentemente tinha pelo menos três irmãos débeis mentais que deviam uma grande quantia em dinheiro à família. Não parou de fumar um só instante.

◆◆◆

A barca atracou no horário, às 8h30. Dez minutos se passaram antes de o caminhão avançar uns poucos centímetros e mais 10 antes de os pneus tocarem terra firme. Mais uma vez, ele parou. *Devem ser a alfândega e a imigração*, pensou Jonathan. Lembrou a si mesmo que estava a bordo de um caminhão de nove eixos novinho em folha, todo cromado, pertencente a uma empresa de transportes mundial. Quem era revistado eram os outros: os caminhoneiros autônomos, as empresas recém-criadas, os motoristas cujos veículos estavam em mau estado. Mesmo assim, não era apenas na sua imaginação que a fila estava andando em um ritmo assustadoramente lento. O caminhoneiro murmurou várias vezes entre dentes:

– Vamos lá. Qual é o problema, droga?

Sessenta minutos se passaram.

O caminhão avançou, mas parou de novo. Dessa vez, porém, houve um tremor de fazer sacudir os ossos quando o motorista acionou o freio pneumático. A janela foi abaixada e Jonathan entreouviu a conversa.

– De onde o senhor está vindo? – perguntou o fiscal da alfândega.

– De Birmingham – respondeu o caminhoneiro em um inglês honesto.

– Licença de transporte e relação de mercadorias, por favor.

O motorista entregou os dois documentos. Alguns minutos transcorreram enquanto a papelada era examinada e devolvida.

– Pegou alguém no caminho?

– Não. É contra o regulamento da empresa.

– Viu alguém tentando pegar carona perto do litoral?

– Estava escuro. Não vi ninguém.

– Tem certeza? Um homem de 1,83m, de cabelos escuros, um pouco grisalhos, americano?

– Tenho certeza.

– Então não tem ninguém aí atrás na cabine.

– O senhor quer olhar? Venha, vou mostrar.

O fiscal não respondeu à oferta.

– E o senhor nunca deixou o caminhão sozinho?

– Nunca!

A mentira sincera aumentou as esperanças de Jonathan de que ele estava com o motorista certo.

– Para onde está indo? – continuou o fiscal.

– Berlim, Praga e Istambul. Está escrito no papel. Vamos lá, meu senhor, estou com pressa.

Um tapa estalou na porta quando o fiscal se despediu do caminhão.

– Pode passar.

Sem ousar se mexer, Jonathan ficou escutando de baixo de sua tenda, sem ver nada, enquanto o caminhão ganhava velocidade, a pista ficava mais regular e ele ia sendo transportado pelas férteis planícies do norte da França rumo a Berlim e Istambul.

33

FRANK CONNOR APARECEU NO Hospital Saint Mary, em Praed Street, Paddington, às 11 da manhã em ponto. Trazia um buquê de flores, uma caixa de chocolates da Fortnum & Mason e o último romance de Jilly Cooper. Estava vestido como era adequado para visitar um parente adoentado, com o terno cinza da Brooks Brothers meio largo nos ombros, apertado nas costas e que não tinha a menor chance de cobrir sua colossal barriga. Os cabelos cinzentos e ásperos tinham sido arrumados, mesmo que a umidade infernal houvesse estragado o penteado.

Por outro lado, Frank Connor vinha bebendo desde a noite anterior, quando perdera a oportunidade de capturar Jonathan Ransom por meros 90 segundos e ficara sabendo que Prudence Meadows havia matado o próprio marido com um tiro, para completar. Apesar do banho de chuveiro, da roupa limpa e de um punhado de Aqua Velva para cada bochecha manchada e flácida, ele ainda fedia a álcool e charuto.

Connor pegou o elevador até o quarto andar. Não havia ar condicionado (mais um motivo para ele detestar a Inglaterra) e, quando chegou ao posto de enfermagem, sua camisa já estava totalmente encharcada. Deu seu nome de trabalho, Standish, e disse ser parente. A enfermeira de plantão confirmou que seu nome estava na lista de familiares e o fez passar por dois agentes da London Metropolitan Police que estavam esperando para entrevistar Prudence Meadows, assim que ela estivesse em condições.

Uma vez dentro do quarto particular, Connor não demorou muito a perder a paciência. Estava de pavio curto desde que perdera Ransom no hotel duas noites antes, e a visão da funcionária ferida e ineficaz o deixou imediatamente irritado.

– Onde ela está? – perguntou, jogando as flores em cima da mesa lateral e deixando cair o livro sobre a bandeja da paciente.

– Ele não sabe – respondeu Prudence Meadows, com os olhos fixos à frente.

– Porra nenhuma – disse Connor, que a essa altura havia abandonado categoricamente qualquer promessa em relação a não dizer palavrões e até se esquecera de que algum dia prometera tal coisa. – Ele passou duas horas com ela na noite anterior e os dois dormiram juntos no quarto de hotel dele ontem de manhã. Sobre o que você acha que eles conversaram, sobre o tempo?

– Tudo o que eu sei é que ele quer chegar a ela antes da Polícia.

– Então ele vai atrás dela? Como? – Prudence não respondeu, e Connor bateu com força em sua bandeja de refeições. – Como?

Prudence olhou para Connor, mas só por alguns segundos.

– Pergunte a ele. Ele já fez isso antes.

– Para onde ele estava indo? Deve ter dado alguma pista.

– Não faço ideia.

– Tem certeza? Você não amoleceu por causa do seu marido, amoleceu? Ainda sabe a quem deve lealdade, não sabe?

Prudence virou o rosto em direção a Connor, com as faces coradas.

– Minha lealdade acabou três meses atrás, quando você me demitiu!

– Você está errada, queridinha – disparou Connor em resposta. – Nós e aqueles babacas de Belfast somos iguais. Uma vez dentro, nunca mais se sai. Sugiro que você se lembre disso.

Prudence se virou para o outro lado e encarou a vidraça encardida.

Connor deu a volta na cama e bloqueou sua linha de visão.

– Como foi a cirurgia?

– Correu bem, pelo que eu sei.

– É? O que foi que eles fizeram?

– Realinharam uns ossos, consertaram uns nervos. Eu estava drogada demais para entender a maior parte.

Connor estendeu a mão e segurou a dela, erguendo-a para examiná-la.

– Não faça isso! – disse Prudence.

– Está doendo muito?

– Pare com isso! Vai arrebentar os pontos.

Connor deixou a mão dela cair sobre a cama.

– Vou fazer coisa bem pior do que isso se você não me contar tudo o que aconteceu ontem à noite. E estou falando da versão verdadeira.

Prudence segurou a mão junto ao peito, choramingando.

– Quando estiver pronta – disse Connor.

Com um olhar amedrontado, ela tomou um gole d'água e, então, relatou os acontecimentos da noite anterior da maneira mais exata que conseguia se lembrar. Era uma mulher inteligente e seu relato foi quase literal.

– Você está esquecendo uma coisa – disse Connor quando ela terminou. – Se atirou no seu marido, por que não atirou em Ransom também?

– O senhor me disse que ele precisava ser capturado vivo. Eu estava seguindo as suas instruções.

– Você fez curso com aquela pistola. Poderia ter dado um tiro na perna dele ou arrancado seu dedão do pé. Que droga, sei lá! Em todo caso, nós teríamos Ransom. Em vez disso, você fraquejou e chamou uma ambulância.

– Eu estava em estado de choque – retrucou ela.

– Você não fez jus ao seu treinamento – disse Connor, examinando a sonda e as máquinas que monitoravam a respiração e a pressão arterial de Prudence.

– Meu marido estava morto. O que o senhor queria que eu fizesse?

– Queria que você seguisse ordens. Se tivesse esperado mais cinco minutos, nós mesmos poderíamos ter resolvido tudo. Espero que esteja com a sua história pronta para a Polícia.

– Estou.

– É melhor estar mesmo.

Connor chegou mais perto da cama, inclinando-se e aproximando o rosto do dela.

– Um deslize… uma menção de para quem você trabalha… e eu vou saber. Vou cuidar para que o seu passaporte britânico não aguente um exame mais profundo. Vou me certificar de que as autoridades deem uma olhada no seu passado. Você vai ser deportada em menos de 90 dias, e não acho que a família do seu marido vá querer que as suas meninas a acompanhem. A vida não é tão boa naquela republicazinha de merda de onde você vem. Há sempre uma guerra ou outra acontecendo por lá.

– Vá embora daqui – disse Prudence Meadows.

Mas Connor não se mexeu.

– Fico pensando o que as suas meninas vão fazer quando souberem que foi você quem matou o pai delas.

– Vá embora daqui! – gritou ela.

Uma enfermeira entrou no quarto. Ao ver o estado de agitação da paciente, mandou Connor sair do quarto. Ele fingiu resistir, desvencilhando-se da mão dela e chamando-a de alguns nomes nada bonitos, antes de se permitir ser escoltado até o elevador. Os policiais se levantaram no mesmo instante, oferecendo ajuda. A essa altura, porém, Connor já estava bem mais calmo. Mesmo assim, os agentes perceberam e fizeram questão de relatar o incidente a seus superiores, relatório que aterrissou na mesa de Charles Graves na manhã seguinte.

A enfermeira também fez um relato detalhado da ocorrência no livro de registros do hospital.

Na rua, a beligerância de Connor desapareceu. Ele havia feito o que precisava fazer. Nada mais, nada menos.

34

ANTES DE SER PROMOVIDA A INSPETORA-CHEFE, Kate Ford havia passado três anos na Flying Squad, a unidade secreta de elite da Londan Metropolitan Police, encarregada de impedir assaltos à mão armada. A Flying Squad devia seu nome aos carros originalmente atribuídos à unidade em 1918, dois Crossley Tenders que antes haviam pertencido ao Royal Flying Corps.

Foram tempos emocionantes. Noites passadas à espera de criminosos armados, dias vigiando bancos e joalherias. Perseguições em alta velocidade. Muitas cabeças golpeadas e muitas prisões. De vez em quando havia até tiroteio, embora Kate nunca houvesse chegado a atirar em ninguém pessoalmente. Mas uma coisa que ela havia testemunhado vezes sem conta era o hábito do criminoso, quando encurralado, de subir até o alto de qualquer casa ou prédio em que estivesse escondido, na esperança de escapar. Alguns se escondiam no sótão, outros iam até o telhado. Na verdade, não importava muito aonde iam, contanto que continuassem subindo. O movimento lhes dava a momentânea e ilusória impressão de que ainda tinham uma chance de fugir. A esperança era a última a morrer.

– Aquilo ali é Skye? – perguntou Graves, sentado ao seu lado no jatinho executivo bimotor Hawker. – Nunca fui lá. Agora sei por quê.

– Nem eu – disse Kate. – É meio triste, não acha?

Graves não respondeu. Estava ocupado demais brincando com o celular. Havia passado o voo inteiro à espera de notícias sobre o paradeiro de Ransom, andando até a cabine do piloto, de 10 em 10 minutos, para perguntar se ele havia recebido alguma mensagem de rádio da Thames House. Agora, com a pista de pouso já à vista, poderia descobrir sozinho.

Enquanto o avião fazia sua aproximação final, Kate ficou olhando pela janela para a paisagem deserta. O terreno era plano, árido e varrido pelo vento. A vegetação era pouca, apenas alguns tojos e urzes. Mais ao norte havia uma praia plana de areia fina e, depois disso, nada além do mar a estender-se, sem fim, rumo ao horizonte.

Isabelle Lauren era igualzinha aos outros. Em vez de encolher-se debaixo dos beirais de sua casa em Hull, havia fugido para o norte, para o telhado de seu país:

a ilha de Skye, no litoral noroeste da Escócia.

Pobre Isabelle, pensou Kate. *Mesmo ali, não havia onde se esconder*.

O avião baixou e as rodas tocaram o asfalto. Assim que a escada foi posicionada, Graves desceu correndo, com o telefone grudado na orelha. Kate, que seguiu logo atrás, foi presenteada com uma fieira de impropérios.

– O que foi? – perguntou ela, dando-lhe um tapinha no ombro.

Graves ergueu uma das mãos pedindo silêncio.

– Já falaram com a Polícia francesa? – perguntou ele. – Aproveitem e mandem também um recado para a Interpol. Digam para enviarem um e-mail a todos os órgãos federais, estaduais e municipais de segurança pública do continente. Ele não pode ir muito longe. – Graves desligou o telefone e se virou para Kate. – Encontraram o carro que Ransom roubou da família Meadows estacionado em um edifício-garagem perto da doca de Dover. Estão passando um pente fino no local, mas até agora nada. Ninguém com a descrição dele comprou passagem. Estamos requisitando os vídeos das câmeras de circuito interno de TV para dar uma olhada.

– Para quantos destinos seguem as barcas de Dover?

– Muitos – respondeu Graves. – Boulogne, Calais, Dunquerque. Houve barcos saindo para todos os três antes das 9 da manhã de hoje.

– De Londres até lá de carro, é bem rápido. Se eu fosse Ransom, não iria querer perder muito tempo. Qual é o primeiro barco do dia?

– O da P&O para Calais, às 6h15 – respondeu Graves. – O seguinte sai para Boulogne às 7 horas. Você já andou em uma dessas barcas? São bem pitorescas. Centenas de caminhões e carros particulares. Ele poderia ter pego carona em qualquer um. Quem pode saber para onde ele está indo?

– Eu sei – disse Kate. – Está indo atrás dela.

♦♦♦

O trajeto de carro até o Skye Tavern and Inn levou 20 minutos. Kate e Graves entraram, mostraram seus crachás na recepção e pediram para falar com Isabelle Lauren. Foram informados de que ela estava no terceiro andar, quarto 33. Graves pediu aos policiais da cidade que os estavam escoltando que esperassem no lobby, e ele e Kate subiram pela escada até o terceiro andar.

Não fora difícil encontrar Isabelle Lauren. Seu nome estava na lista telefônica. Uma ligação para sua casa em Hull havia sido atendida pela mãe, que revelou, sem precisar de nenhuma pressão, que a filha havia fugido não se sabia para

onde, deixando-a encarregada da filha bebê, favor que ela não estava gostando nem um pouco de fazer. A segunda ligação foi para a Receita Federal, que rapidamente forneceu o número de registro de Isabelle Lauren na Previdência Social. O telefonema número três foi para o banco Nationwide Credit Bureau, que informou que a Srta. Lauren possuía quatro cartões de crédito das principais empresas do ramo. O quarto telefonema foi para a American Express, que mandou um e-mail com uma lista de seus débitos mais recentes. Entre estes, destacavam-se uma passagem de segunda classe da British Rail para Inverness, um lançamento da locadora de automóveis Hertz e um depósito de garantia de 200 libras para o Skye Tavern and Inn. A quinta ligação foi para o já citado Skye Tavern and Inn, que confirmou que Lauren havia de fato se registrado com eles e estava naquele exato momento lá em cima, em seu quarto, assistindo ao canal de filmes a cabo do hotel.

Cinco telefonemas. Quarenta e sete minutos.

Kate bateu e afastou-se da porta.

– Polícia, Srta. Lauren – anunciou ela. – Queremos conversar.

Uma mulher bonita de cabelos castanhos veio abrir a porta. Foi preciso alguns instantes para perceber que aquela era a mesma mãe de cabelos sem graça depois de ter tomado banho, trocado os óculos pelas lentes de contato e vestido roupas limpas.

– Sou Bella Lauren – disse ela. – Vocês se importariam de me mostrar suas identidades?

Kate apresentou seu crachá da Polícia e deixou que ela desse uma olhada.

– Nós viemos de Londres.

– Que bom que são vocês – disse Bella.

– Quem a senhorita estava esperando? – quis saber Kate.

– Justamente o contrário. Entrem.

Kate e Graves entraram no quarto de hotel. Era amplo e bem mobiliado, com janelas dando para o mar. Kate se acomodou no sofá, com Bella ao seu lado. Graves ficou em pé, andando de um lado para outro.

– Posso saber como me encontraram tão depressa? – perguntou Bella.

– Estávamos no apartamento de Robert Russell quando a senhorita fez sua última ligação.

– Mas Robbie me prometeu que ninguém nunca iria rastrear nossas transmissões.

– Ele estava dizendo a verdade – falou Kate. – Apesar de todos os nossos

esforços, não conseguimos rastrear de onde veio a transmissão. A segurança web dele era bem reforçada.

– Então como me acharam?

– O seu anel da universidade – explicou Kate. – Quando estudamos o vídeo, vimos que o anel tinha o brasão de Oxford. Achamos sua foto no catálogo.

– E depois? Foi minha mãe, não foi?

– Sua mãe não ajudou em nada – disse Graves. – Mas, da próxima vez que a senhorita decidir fugir e se esconder, sugiro que não seja tão pródiga com seu cartão de crédito.

– Mas eles não podem divulgar esses dados. São sigilosos.

Graves lhe lançou um olhar que dizia que isso estava muito longe da verdade.

– Vocês vieram me proteger, então? – perguntou ela. – Não foi suicídio, vocês sabem.

– Estamos partindo do princípio de que a morte de lorde Russell foi assassinato – confirmou Kate. – Mas não temos motivo para pensar que a senhorita esteja correndo perigo. De qualquer forma, para garantir, deixaremos dois policiais aqui durante os próximos dias.

Graves a interrompeu.

– Se não se importar, fizemos uma viagem bem longa para perguntar algumas coisas à senhorita.

– Claro. – Bella uniu as mãos, inteiramente cooperativa. – Como posso ajudar?

– Para começar, o que pode nos dizer sobre o atentado de ontem a Igor Ivanov?

– Quem? – Bella olhou para um, depois para o outro, sem entender.

– Igor Ivanov – repetiu Graves. – O ministro do Interior russo que foi atacado ontem em Londres.

– Ah, sim. Agora sei quem é – foi a resposta irritada. – Por que estão me perguntando sobre ele?

– A senhorita fez alusão ao atentado na sua transmissão – disse Kate. – Disse a lorde Russell que uma pessoa chamada Mischa tinha ido a Londres para uma reunião marcada para as 11h15 da manhã de ontem. Chegou até a dar uma dica sobre o local: Victoria Bear.

– Mas eu não faço ideia do que significa Victoria Bear. Eu disse isso ao Robbie.

– Ele já sabia – falou Kate. – Ele foi ao local pouco antes de ser assassinado.

"Bear" é uma referência à sede do Departamento de Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar no número 1 da Victoria Street… A localização exata do atentado de ontem contra Ivanov.

– Mas Mischa não é da Rússia – disse Bella.

– Ele não é russo? – perguntou Graves.

– Ele, não. *Ela*. Mischa é mulher. O nome dela é Michaela Dibner. É alemã. Trabalha para a Agência Internacional de Energia Atômica. Era por Mischa que eu e Robbie estávamos com medo. Não por Igor Ivanov.

Graves olhou para Kate, que pareceu compartilhar sua consternação.

– Acho que é melhor partirmos do começo – disse ele. – Como foi que a senhorita conheceu lorde Russell?

– Nós éramos amigos – respondeu Bella. – Colegas. Nos conhecemos seis anos atrás em um evento em Chatham House, um *think tank* em Londres. A maioria dos participantes trabalha com questões de segurança nacional. Publicam artigos, dão palestras, organizam simpósios, esse tipo de coisa. Na época, eu trabalhava para a British Petroleum, a petrolífera nacional britânica. Era engenheira, projetava plataformas e outras instalações de energia. A palestra daquela noite era sobre o verdadeiro nível das reservas petrolíferas mundiais. Ele me pagou um drinque e me paquerou um pouco. Era muito charmoso.

– E o que ele queria saber?

– Nada. Na verdade, foi *ele* quem me deu uma informação. Disse que talvez houvesse uma nova jazida no mar do Norte que valesse a pena explorar. Ele não me disse como sabia, só que talvez valesse a pena nós reivindicarmos a propriedade de um determinado quadrante das águas internacionais.

– E valeu a pena?

– Se havia petróleo nessas águas? Bastante. Mas, na época, o barril de petróleo custava 40 dólares. A esse preço, estava barato demais para ser extraído de forma lucrativa de um local tão difícil. Os caras da área de exploração não queriam nem tocar na jazida.

– Mas o preço subiu – comentou Kate.

Bella deu um sorriso de quem sabe das coisas.

– É por isso que a BP tem uma plataforma operando hoje exatamente nessas coordenadas.

– Foi uma informação e tanto – disse Graves.

– Uma informação de 5 bilhões de euros.

Graves deixou escapar um assobio.

– E então?

– Então – prosseguiu Bella –, quando Robbie pediu minha ajuda, eu dei.

Graves cruzou os braços, adotando a postura do inquisidor.

– O que ele queria saber exatamente?

– Ele queria ser apresentado a alguns dos meus contatos na AIEA – respondeu Bella Lauren, retribuindo o olhar fixo de Graves com outro do mesmo tipo. – Eu saí da BP anos atrás. Hoje em dia projeto usinas nucleares. Ele disse que tinha informações para a agência.

– Que tipo de informação?

– Ele estava preocupado com um acidente em uma usina. Uma usina *nuclear*. Não especificou que tipo de acidente nem onde, mas parecia acreditar que alguma coisa iria acontecer em breve.

– Na sua transmissão, a senhorita disse: "Em sete dias eles não conseguem nem desfazer as malas" – disse Kate, esperando incentivá-la. – Vai ser tão cedo assim?

Bella aquiesceu.

– É assustador, eu sei. Ele me fez várias perguntas sobre medidas de segurança e esse tipo de coisa. Eu liguei os pontos. Se Robbie queria conversar com a AIEA sobre um possível "acidente" e estava interessado na qualidade da segurança das usinas, então eu simplesmente concluí que ele havia ficado sabendo de alguma coisa ruim. Ruim do tipo que brilha no escuro, do tipo que faz o cabelo cair da cabeça em tufos.

– Então a senhorita o colocou em contato com a AIEA?

– Foi.

Kate consultou seu bloco de notas.

– A senhorita também perguntou a ele se precisava ir embora. Ele algum dia deu a entender que o "acidente" poderia ocorrer em solo britânico?

– Nunca. Acho que não era o caso, senão ele teria me avisado.

– Podemos falar sobre Mischa? – pediu Graves. – O que ela faz exatamente para a AIEA?

– Ela é diretora de segurança na sede da organização em Viena. Dirige o Departamento de Segurança Nuclear. Tinha ido a Londres para uma reunião no Escritório de Proteção do Reino Unido. Eles ajudam a gerenciar os protocolos de segurança da União Europeia.

Graves expirou ruidosamente, então se virou e foi postar-se junto à janela, onde ficou olhando para o mar.

– Departamento de Segurança – disse ele, com a voz cansada. – Eles são os cães de guarda da AIEA.

– O que eles fazem? – perguntou Kate.

– Várias coisas – respondeu Bella. – Montam procedimentos para proteger as usinas, é claro. Cuidam da seleção dos funcionários. Padronizam o treinamento dos operários da usina.

– E monitoram o tráfico ilegal de material radioativo – acrescentou Graves do outro canto do quarto. – São eles que garantem que ninguém está vendendo urânio que possa ser usado em bombas no mercado negro.

– É com isso que a senhorita acha que Russell estava preocupado? – perguntou Kate. – Alguma arma?

– Se fosse uma arma, Robbie teria ido direto à Polícia. Disso eu tenho certeza. Era outra coisa.

– O quê?

– Ele estava interessado principalmente em como as pessoas entram e saem das usinas. Quem tinha autorização para entrar e quem não tinha. Se todos os veículos eram revistados. Se as usinas contavam com a proteção de forças paramilitares. Não consegui responder a todas as perguntas dele. Ele ficou chateado quando não conseguiu destrinchar o assunto. Era por isso que estava tão desesperado para falar com Mischa Dibner.

Graves atravessou o quarto e sentou-se de frente para Bella Lauren.

– Mas como foi que Russell começou a desconfiar de um atentado, para início de conversa?

– Era isso que ele fazia. Ele coletava informações.

– Sim, mas de quem? – quis saber Graves.

– Quem contou a ele sobre Victoria Bear? – insistiu Kate.

Bella Lauren ergueu os olhos.

– Eu não sei, e sabia que não devia perguntar. Tudo o que Robbie disse foi que estava fazendo perguntas em lugares onde as perguntas não eram bem-vindas. Afirmou que eu não precisava me preocupar. Disse que tinha feito tudo o que podia para garantir a própria segurança, mas que com essa gente sempre havia algum perigo.

– Mas quem é "essa gente", afinal de contas? – perguntou Graves.

– Não sei – disse Bella, olhando para o próprio colo. – Mas, quem quer que sejam, foram eles que mataram Robbie.

35

O DIA DE DEN BAXTER ESTAVA ficando mais animado.

Às 9 da manhã, foi encontrada uma parte do eixo com o número de identificação do BMW que continha os explosivos. Esse número foi mandado para a sede da BMW em Munique, na Alemanha, junto com outro número de identificação, possivelmente falso, recuperado do bloco do motor na noite anterior, para determinar onde o carro havia sido fabricado e vendido. Ambos os números também foram encaminhados para a sede da Interpol em Luxemburgo para serem comparados com um registro de automóveis roubados pelo mundo afora.

Às 10 horas, a equipe de Medição de Sinais de Laser concluiu seu mapeamento inicial da cena do crime. Usando um teodolito eletrodigital, um telescópio montado sobre dois eixos perpendiculares – um horizontal e outro vertical –, a equipe marcava os pontos que formavam a grade contendo os indícios, criando uma imagem tridimensional da cena do crime. Entre outras coisas, o teodolito eletrodigital media o volume da cratera da bomba, comparava-o com a distância e a localização dos destroços da explosão (incluindo pedaços de corpos que houvessem sido espalhados) e determinava o peso e a distribuição dos explosivos usados no artefato.

As medições iniciais indicavam que o BMW estava recheado com 20 quilos de explosivos plásticos, e que uma quantidade significativa de cimento não hidratado havia sido usada como agente compactador para garantir que a carga fosse direcionada para dentro do carro que estava passando. Conclusão: o artefato havia sido fabricado sob medida para destruir um alvo específico e causar danos colaterais limitados. Sendo assim, Baxter podia concluir com alto grau de certeza que o fabricante da bomba tinha, em algum momento da vida, recebido um treinamento avançado na área de explosivos militares.

Às 11 horas, a Interpol ligou de volta para informar que o BMW tinha sido declarado roubado em Perugia, na Itália, três meses antes. Da Itália, o carro fora despachado para Marselha antes de entrar no Reino Unido por Portsmouth. Quem havia regularizado o veículo roubado duas semanas antes fora a empresa Barton and Battle LLC, importadora de automóveis registrada, que o havia entregue aos cuidados de uma certa Srta. O'Hara, moradora de Manchester.

Ao meio-dia, Baxter recebeu uma ligação em seu Nextel que iria alterar de forma significativa o andamento e o rumo da investigação.

– Chefe, é o Mac. Pode falar um minuto? – Alastair McKenzie era uma de suas estrelas em ascensão, um sabujo de 24 anos de idade que usava óculos fundo de garrafa e era dotado de uma intuição impossível de ser ensinada. – Encontrei uma coisinha no local.

– Mas nós já mapeamos a cratera – disse Baxter, bancando o advogado do diabo. – Não encontramos nada.

– Mesmo assim resolvi dar mais uma olhada – disse McKenzie. – Achei que pudesse ser uma boa usar o Microviper.

– É claro que você achou isso, meu garoto. É por isso que eu te amo. Fique aí. Já estou chegando.

Baxter despejou no lixo seu café morno feito xixi e desceu a rua correndo. Encontrou McKenzie dentro da cratera da explosão, que chegava à altura de sua cintura. Na mão, o policial alto, magro e desengonçado segurava um cabo de metal conectado a uma mala de alumínio aberta a seus pés. Em uma das pontas do cabo estava acoplada uma câmera em miniatura que transmitia as imagens para um monitor de alto contraste, localizado dentro da mala. O aparelho se chamava Microviper e, na verdade, era um microscópio portátil e praticamente indestrutível, capaz de ampliar as imagens em até mil vezes.

– Dê uma olhada – disse McKenzie. – Encontrei um pedaço de alguma coisa fundido com a parte de baixo do asfalto. Está no monitor agora.

Baxter pulou para dentro da cratera e ajoelhou-se ao lado do Microviper.

– É uma placa de circuito – disse McKenzie, apontando para o pedaço de plástico azul-celeste todo deformado que aparecia no monitor. – Uma parte do telefone usado para detonar a bomba. Encontrei alguns outros pedaços espalhados por aí. Passei todos pelo escâner e rearrumei para se encaixarem. Faltam alguns pedaços, é claro, mas acho que temos alguma coisa.

– Isto aqui são números de série?

– Quatro, cinco, sete, um, três – disse McKenzie. – Faltam alguns no começo. Esse pedaço deve ter sido pulverizado. Sinto muito por isso.

– Descobriu o fabricante?

– Ainda não. Temos que mandar para o laboratório. Eles podem comparar com as amostras que têm, para tentar encontrar semelhanças.

Cada telefone tinha a sua placa de circuito e cada placa de circuito tinha um número de série. Um exame mais avançado da arquitetura da placa identificaria

o fabricante. A partir daí, era só uma questão de rastrear para onde todos os telefones com placas de circuito cujos últimos dígitos fossem 45713 haviam sido distribuídos, o chip ou número de telefone atribuído ao aparelho e, com sorte, o nome do vilão que o havia comprado. *Não é muito diferente de seguir um animal ferido de volta ao seu covil*, pensou Baxter.

– Quero que você leve para o laboratório todos os pedaços que etiquetou e ensacou – disse ele. – Fique lá até eles encontrarem alguma coisa, depois me ligue. Pode ser a qualquer hora.

Baxter saiu pisando firme em direção ao centro de comando móvel. Pela primeira vez em 24 horas, tinha um sorriso estampado na cara. Era um sorriso feio e contraído, mas ainda assim era um sorriso.

Den Baxter podia sentir o cheiro de sua presa.

Encontrá-la era só uma questão de tempo.

36

O CAMINHÃO HAVIA PARADO. Jonathan ficou deitado sem se mexer, escutando o silvo do ar emitido pelos freios e o ronco baixo do motor parando e sendo desligado. A janela foi aberta e ele pôde ouvir à sua volta o barulho de carros e caminhões chegando e partindo. Esperou o motorista saltar da cabine, mas o homem permaneceu teimosamente ao volante, discutindo com seu chefe sobre uma mudança no itinerário. Agora estavam indo para Hamburgo, ainda mais ao norte do que Berlim.

Jonathan afastou um pouco a coberta do rosto. Piscando os olhos por causa da luz, levantou a cabeça para poder espiar o mundo lá fora. Precisava situar-se em um mapa. Fazia mais de duas horas que estavam viajando no que parecia uma velocidade alta, e ele calculava que houvessem percorrido no mínimo 200 quilômetros. De onde estava, atrás do banco do motorista, pôde ver o canto de um letreiro da Shell e, atrás deste, uma placa que informava a distância até Bruxelas: 16 quilômetros. Faltavam 74 para Aachen, na Alemanha, e 201 para Colônia. As distâncias aumentaram sua impaciência. Eram todas grandes demais e na direção errada. Com o tanque cheio, o caminhoneiro poderia percorrer mais 600 ou 700 quilômetros antes de ter que parar para reabastecer.

As mãos de Jonathan coçavam de vontade de se mexer, mas mesmo assim ele se forçou a ficar parado. Não podia se dar ao luxo de ser surpreendido pelo motorista. Não ali, onde qualquer discussão seria testemunhada por dúzias de pessoas e existia uma alta probabilidade de haver um policial por perto. Teria de passar mais algum tempo escondido.

Nessa hora, o motorista desligou o telefone. Porém, em vez de descer da cabine, virou-se no assento e se esticou em direção à traseira. Jonathan puxou a coberta por cima da cabeça e prendeu a respiração, enquanto mãos decididas vasculhavam os livros, revistas e papéis que cobriam a cama. Por fim, ouviu-se um grunhido de satisfação quando o motorista encontrou o que estava procurando: um caderno de registros a menos de 3 centímetros da cabeça de Jonathan.

A porta do motorista se abriu e o caminhoneiro saltou da cabine. Jonathan se livrou da coberta e sentou-se. Ofegando, engatinhou pela cama até a porta do carona. No espelho lateral, viu o motorista desatarraxar a tampa do tanque, pôr o

bico da mangueira lá dentro e, então, andar até a traseira do caminhão, onde ajoelhou-se para verificar a pressão dos pneus.

A hora era agora.

Jonathan passou para o banco da frente, abriu a porta do carona e pulou para o chão. Estacionado ao seu lado, a menos de 2 metros, havia um sedã da Peugeot pintado com a insígnia laranja e azul da Polícia belga. Um policial estava sentado ao volante. Um segundo policial estava em pé junto ao carro, reabastecendo e impedindo a passagem para a frente do caminhão. Jonathan hesitou, ainda com a mão na porta, então começou a andar na direção contrária. Nesse instante, o caminhoneiro deu a volta por trás do veículo, praticamente encurralando-o. Ele olhou para Jonathan e disse bem alto, em italiano:

– Ei, o que está fazendo?

Jonathan se aproximou dele sorrindo. Estava ciente dos olhares dos policiais e sabia que tinha a sua total atenção. O motorista era um homem grisalho, de 50 anos ou mais, e estava de mau humor depois das longas discussões com a mulher e com o chefe. Jonathan pensou nos livros acadêmicos, nos jornais. O caminhoneiro com certeza era um homem inteligente. Apenas a verdade iria servir.

– Eu peguei carona no seu caminhão lá na Inglaterra – respondeu Jonathan em um italiano fluente, embora limitado. – Me desculpe. Deveria ter pedido, mas estava com medo de o senhor dizer não, e eu não podia me arriscar. Estou duro e tentando chegar a Roma para ver minha namorada. Vi a sua placa, então resolvi tentar.

– Estou indo para Hamburgo.

– É, eu ouvi. Foi por isso que achei melhor descer aqui. – Jonathan deixou os olhos indicarem a Polícia. – *Prego, signore.*

– De onde o senhor é? – perguntou o italiano em voz mais baixa.

Aquela era a pergunta-chave. Era engraçado um homem sem país ser obrigado a respondê-la.

– Estados Unidos.

Com o canto do olho, Jonathan viu um policial se aproximar.

– *Ça va, monsieur?* – perguntou ele ao caminhoneiro.

O caminhoneiro fungou, sem nunca desviar os olhos dos de Jonathan.

– *Tout va bien* – respondeu por fim.

– *Vous êtes certain?*

– *Oui*. – O motorista se ajoelhou e desatarraxou o calibrador de pneus.

Quando Jonathan passou, ele ergueu os olhos. – Seu italiano não é mau para um americano – disse em inglês. – Agora suma daqui.

– Obrigado.

Jonathan prosseguiu em direção à loja de conveniência. A cada passo, esperava ouvir a Polícia chamá-lo. Os agentes pediriam para ver sua identidade e descobririam que ele não tinha passaporte. Então pegariam sua carteira de motorista e lhe pediriam que se sentasse dentro da viatura enquanto eles verificavam. E pronto.

Mas os policiais não disseram nada. Jonathan ainda era um homem livre. Por enquanto.

♦♦♦

Na loja de conveniência, Jonathan comprou um barbeador, creme de barbear, duas laranjas, um sanduíche de salame, água mineral, escova e pasta de dentes. A loja fazia parte de uma galeria um pouco maior que se estendia ao longo da estrada. Havia uma sorveteria Mövenpick, uma loja de roupas, algumas de suvenires, uma de eletroeletrônicos e várias tabacarias. Ele foi passando de uma loja a outra e comprou uma calça, uma camisa de botões, um casaco e um boné. Havia um banheiro individual. Jonathan levou 10 minutos para cortar os cabelos e raspá-los quase por completo. Pelo menos assim os cabelos grisalhos desapareciam. Aplicou um autobronzeador no rosto, tomando cuidado para mesclá-lo de forma natural à tez mais clara do pescoço e do peito. Quando terminou, achou um telefone público e chamou um táxi.

Quinze horas haviam transcorrido desde que ele fugira de Graves. Não tinha dúvida de que o seu nome já encabeçava todas as listas de fugitivos procurados na Europa. Mas ele conhecia os órgãos de segurança pública, e um pouco mais os governos e burocracias, o suficiente para não ficar excessivamente preocupado. As informações a seu respeito ainda levariam algum tempo para ser encaminhadas para hotéis, locadoras de automóveis, companhias aéreas e coisas assim. Em algum momento, Graves também bloquearia seus cartões de crédito, mas isso tudo ainda iria demorar um pouco. Jonathan calculou que tivesse uma brecha de 24 horas para chegar até onde precisava.

Chegou ao aeroporto de Bruxelas em uma hora. Trinta minutos depois, estava assinando a documentação para alugar um sedã Audi de tamanho médio. O atendente fez a chave do carro deslizar pelo balcão.

– Só mais uma pergunta, senhor.

– Pois não? – respondeu Jonathan.

– O senhor não está pretendendo ir de carro até a Itália, está?

– Não é permitido?

– Claro que é permitido, mas nesse caso nós insistiríamos em um seguro com valor mais alto. Infelizmente, lá tem muito roubo. Carros alugados são alvos muito cobiçados.

– Como é que eles sabem que o carro é alugado? – perguntou Jonathan.

– Pela placa. Na Bélgica, todas as placas de carros alugados começam com 67. É a mesma coisa para todos os outros países.

Jonathan digeriu essa informação para uso futuro. Então respondeu à pergunta do atendente.

– Não, não pretendo ir para a Itália – mentiu. – Na verdade, eu vou para a Alemanha. Hamburgo. Ouvi dizer que lá é lindo.

– Boa viagem, Dr. Ransom – desejou o atendente.

Jonathan aquiesceu e se afastou do balcão. Emma havia sido uma boa professora.

37

– Cinco dias. Não sabemos onde, quando nem como. Tudo o que sabemos é que Robert Russell estava desconfiado de que haveria algum tipo de atentado em uma usina nuclear e que ele era praticamente um vidente. – Charles Graves andava depressa pelo asfalto em direção à aeronave que os aguardava, com as mãos enterradas nos bolsos. Um vento soprava do mar em rajadas intermitentes, enchendo o ar de maresia. Eram quase 2 da tarde e, apesar do céu claro e do sol forte, o ar estava frio.

– De uma coisa eu sei – disse Kate.

– O quê?

– Estávamos errados até agora.

– Errados em relação a que, exatamente?

– A tudo.

Graves estacou.

– Admito que estávamos um passo atrás, mas eu não diria que estávamos errados.

– É mesmo? Então me diga o seguinte: Emma Ransom estava atrás de quem? Ivanov ou Mischa Dibner?

– Ivanov, é claro. E eu tenho um carro-bomba recheado com 20 quilos de Semtex classe A para provar isso.

– Mas Russell não achava que o atentado seria contra Mischa Dibner? Quer dizer, foi ela que ele mencionou.

– As informações dele estavam incompletas. Isso acontece o tempo todo. Ele errou dessa vez. E daí?

– E se estivermos os dois errados? Você se lembra da pista "Victoria Bear"? Vai ver o alvo era esse. O Departamento de Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar. É lá que fica o Escritório de Proteção do Reino Unido, e era lá que estava agendada a reunião de emergência com a AIEA.

– E o ministro Ivanov? Como é que você explica a chegada tão oportuna dele ao local?

– Não tenho explicação para isso – disse Kate. – Ainda não cheguei a esse ponto. Vamos continuar pensando em Mischa. Ela estava dentro do prédio na

hora da explosão, mas não ficou lá. Não poderia ter ficado.

Graves aquiesceu e seus olhos diziam que ele estava começando a entender aonde Kate queria chegar.

– Como assim?

– É a lei. Em caso de atentado ou ato terrorista, a lei exige a evacuação obrigatória de todos os prédios governamentais das redondezas. Você viu Victoria Street cinco minutos depois de o carro-bomba explodir.

– Uma debandada do cacete. Parecia que meia Londres trabalhava naqueles prédios.

– Exatamente. E estou disposta a apostar que Mischa e a sua equipe da AIEA estavam nesse grupo.

– Mas nós temos certeza disso? – Graves não estava mais duvidando, mas sim bancando o advogado do diabo.

– Não. – Kate falava devagar, com muito cuidado. Estava pisando em areia movediça, e sabia disso. – E se Emma Ransom quisesse apenas forçar Mischa e sua equipe a saírem do prédio?

– E o atentado a Ivanov fosse o meio de conseguir isso?

– Justamente.

– O que significa que devia haver alguma coisa bem valiosa lá dentro que ela queria pegar.

– Alguma coisa que Mischa e sua equipe da AIEA teriam trazido.

Graves tirou o celular do bolso e fez uma ligação.

– Chame o major Evans, departamento K.

Kate continuou ao lado de Graves. O departamento K do MI5 era responsável pela segurança e proteção de todos os escritórios governamentais da capital britânica.

– Oi, Blackie. Charlie Graves. Escute, coloquei você no viva-voz do meu celular. Está ventando um pouco, então seria bom se você pudesse falar alto. Estou aqui com a inspetora-chefe Kate Ford, da Met. Estamos seguindo uma pista sobre o carro-bomba de ontem. Uma pergunta rápida. Aconteceu alguma coisa estranha durante ou depois da evacuação do nosso pessoal, no número 1 da Victoria Street? Departamento de Negócios, Empreendimentos e Reforma Regulamentar? Algum tipo de roubo?

– É, pode-se dizer que sim – disse uma voz entrecortada. – Aquilo lá está uma loucura. Durante a evacuação, alguém entrou nas salas do pessoal da proteção nuclear e roubou umas coisas importantes.

– Pode me dar mais detalhes?

– Oficialmente, algumas pastas e malas de viagem foram roubadas de uma sala de reunião no terceiro andar.

– Elas pertenciam à equipe da Agência Internacional de Energia Atômica?

– Como é que você sabia, caramba? A reunião deveria ser muito sigilosa.

– Continue, Blackie. O que havia nessas pastas?

– Me tire do viva-voz – disse Evans.

Graves desativou o alto-falante. Kate observou, alarmada, seu rosto se contrair. Ele agradeceu ao colega e desligou.

– O que foi? – quis saber Kate. – Você parece que viu um fantasma.

– Está todo mundo pouco se lixando para as pastas e malas que sumiram. O problema era o que havia dentro delas. Alguém fugiu com vários laptops pertencentes à equipe do Departamento de Segurança da AIEA.

– Emma Ransom.

– Quem mais?

– Mas por que a preocupação? O que havia nesses laptops?

Graves engoliu com força e encarou-a com um olhar desolado.

– Tudo.

38

Lev timken não era um homem que alguém fosse querer ver transando. Para começar, ele era obeso. Era também baixo, feio e peludo feito um urso da Mingrélia. Mas esses atributos físicos pouco atraentes não eram nada em comparação com seus grunhidos primitivos. No auge da paixão, o homem soltava urros viscerais que deixariam no chinelo um elefante-marinho no cio.

– Não dá para diminuir o volume? – pediu Sergei Shvets.

De onde estava, no banco de trás de seu sedã BMW estendido, Shvets tinha uma visão desimpedida do centro de comunicações avançado embutido no painel. Nesse instante, o monitor exibia uma imagem em alta definição captada no quarto de Timken. "Som e luz", como diziam os funcionários da Diretoria S. Shvets mandara instalar sistemas de vigilância semelhantes em uma centena de apartamentos espalhados pela cidade. Era preciso estar sempre de olho nos adversários.

Obediente, seu motorista abaixou o volume.

– Meu Deus, olhe para ele – disse Shvets. – Acho que estou fazendo um favor às mulheres de Moscou. Esse cara tem gordura suficiente para fornecer óleo a uma aldeia durante um inverno siberiano inteiro.

– E pelo suficiente para uma dúzia de casacos.

Shvets estava estacionado do outro lado da rua em frente ao prédio de Lev Timken na Kutuzovksy Prospekt. Era um prédio dos anos 1930, quando Stálin estava em sua cruzada para ocidentalizar Moscou, e não teria parecido fora de lugar na Place de l'Étoile em Paris ou na Kurfürstendamm em Berlim.

Timken, um coronel da KGB encarregado de obter e produzir armas, tinha feito fortuna nos dias de bonança da década de 1990. Quando o Partido Comunista deixou de existir, ele reivindicou a posse de várias fábricas que produziam todo tipo de mercadoria, de munição a bombardeiros, e vendia a produção a quem pagasse mais, em geral futuros déspotas africanos que precisavam de uma vantagem competitiva para remover seus adversários do poder. Em rápida sucessão, Timken trocou o uniforme por um terno de executivo e largou o Comando Militar do Sul, na pouco glamorosa cidade de Minsk, em troca do setor privado e de uma tentativa de se dar bem em Moscou,

ou “no Centro”, que era como os russos se referiam à capital do país.

Com a fortuna garantida, ele se infiltrou na política. Nativo de São Petersburgo e ex-campeão de judô (não eram todos, na época?), Timken tinha se aliado a um outro filho do norte, Vladimir Putin, e usado sua pequena influência de ex-espião para subir ao poder. Fora uma ascensão meteórica. Uma vaga na Duma. Uma nomeação para a cúpula executiva do governo. Então, a promoção a conselheiro e o direito de opinar nas decisões realmente importantes.

Nos últimos três anos, Timken vinha trabalhando como primeiro assessor do presidente, e sua principal atribuição era fazer lobby com a miríade de empresas petrolíferas ocidentais que haviam entrado na Rússia para modernizar sua infraestrutura ultrapassada e explorar suas vastas reservas de petróleo. Seu trabalho tivera tanto sucesso que ele era um dos principais candidatos para suceder o presidente quando este deixasse o cargo, dentro de dois anos.

– O que demos a ela? – perguntou Shvets, com os olhos cravados no monitor.

– Cianeto.

– Ainda usamos isso?

– Nada funciona tão depressa. Depois que o cheiro sai, é quase impossível ser detectado no sangue. Vai parecer que Timken teve um infarto. Quem vai duvidar?

Shvets inclinou a cabeça para ver melhor as dobras trêmulas de carne.

– Como ela vai administrar?

– O senhor não vai querer saber.

– Pode falar.

O motorista deu uma explicação sucinta. Pela primeira vez Shvets não fez nenhum comentário.

Desde o século XI, a mãe Rússia era uma terra governada e dividida por clãs. Abarcando 11 fusos horários e mais de 50 minorias étnicas, a Rússia era simplesmente grande demais para ser governada por um só homem ou uma só família. Ivã, o Terrível confiava em seus senhores feudais para que fossem feitas as suas vontades. Pedro, o Grande confiava na casta de nobres chamados boiardos. Cada qual cedia aos aliados grandes extensões de terra em troca de aliança, unificando assim seus objetivos aos dos vassalos e garantindo sua lealdade.

No século XXI não era diferente.

Na superfície, a Rússia parecia monolítica como sempre fora. A Rússia nova, moderna, era uma democracia no estilo ocidental, com um presidente eleito por

voto popular e uma legislatura bicameral. Mas as aparências eram enganadoras. Logo abaixo da superfície, o país era um caldeirão de interesses em conflito. No lugar dos senhores feudais havia os chefões da máfia. No lugar dos boiardos havia os presidentes das empresas. As terras já não eram o bem mais cobiçado, mas sim o dinheiro, de preferência na forma de ações de grandes conglomerados construídos graças à pilhagem dos vastos recursos naturais da Rússia: petróleo, gás natural e madeira. E mergulhado até o joelho nessas intrigas estava o serviço de inteligência do país, o FSB, competindo com todos os outros pelos favores do presidente.

A Rússia era e sempre seria um país governado por clãs.

A cabeça que ostentava a coroa era sempre ávida de poder, e ninguém o era mais do que Sergei Shvets, diretor do FSB. Fazia muito tempo que Shvets estava de olho no cargo mais importante do Kremlin. Nada o satisfaria a não ser a Presidência.

Naquela manhã fria e chuvosa em Moscou, havia três homens no seu caminho. Um deles estava em coma em uma cama de hospital de Londres. O segundo estava visitando uma usina de gás natural no Cazaquistão e voltaria naquela mesma noite. O terceiro, Lev Timken, principal assessor do presidente, estava prestes a morrer.

Shvets ficou olhando sua agente desgrudar-se de Timken e pôr a cabeça entre as pernas dele. A boca de Timken se escancarou e Shvets pôde ouvir os uivos do homem mesmo com o volume abaixado. Timken arqueou as costas, com os olhos esbugalhados de prazer. A mulher ergueu a cabeça da virilha de Timken e deu-lhe um beijo na boca, erguendo uma das mãos para massagear-lhe a bochecha.

Shvets estremeceu ao imaginar a cápsula entrando em sua própria boca e seus dentes mordendo-a e liberando o veneno para dentro de seu corpo.

Timken empurrou a mulher nua e tentou ficar em pé. A mulher continuou ajoelhada, vendo Timken desabar no chão e se imobilizar.

Sergei Shvets deu um tapinha no ombro do motorista.

– Para Yasenevo – falou.

Ficou olhando pela janela enquanto o carro avançava.

Um já tinha ido.

Agora faltavam dois.

39

O RISTORANTE SABATINI RELUZIA FEITO pedra preciosa sob a noite romana sem nuvens. Filas de mesas cobertas por toalhas brancas eram banhadas pelo colorido de pequenas lâmpadas natalinas penduradas em cordões acima delas. Do outro lado da Piazza di Santa Maria, a fachada da Basilica di Santa Maria Maggiore dominava a cena. Às 11 da noite, o restaurante ao ar livre estava lotado. Conversas animadas se misturavam ao tilintar de talheres e ao vaivém dos garçons de um lado para outro, criando uma atmosfera enérgica e festiva.

No entanto, mesmo entre todos aqueles clientes satisfeitos, um grupo parecia estar se divertindo mais que os outros. Eram oito pessoas ao todo: três homens e cinco mulheres. Os homens estavam bronzeados e vestidos com elegância, e sua idade e comportamento faziam pensar que fossem profissionais de sucesso. O mais jovem tinha 45 anos, o mais velho, 60, mas todos eram jovialmente exuberantes, do típico jeito italiano. As mulheres eram bem mais jovens, recém-saídas da adolescência, lindas, e se distinguiam pelos narizes bem arrebitados, decididamente não romanos, e pelos seios generosos e exibidos com orgulho.

Um garçom serpenteou entre as pessoas e entregou um bilhete ao homem sentado à cabeceira da mesa.

– *Dottore* Lazio, de um amigo no bar.

Aceitando o bilhete, o Dr. Luca Lazio de início tentou lê-lo sem óculos, não conseguiu, então tirou um par de lentes bifocais do blazer de seda e tornou a tentar. Lazio era um Apolo de 50 anos, cabelos repicados excessivamente pretos e queixo excessivamente compacto. Seus olhos verdes logo abandonaram o bilhete e se viraram na direção do interior do restaurante, onde o bar estava lotado de clientes. Pedindo licença, ele se levantou e foi até lá.

Sentado no bar, Jonathan ficou olhando Lazio se aproximar. Embora exausto, sentiu uma onda de empolgação varar seu corpo ao ver o homem que talvez o levasse um passo mais para perto de Emma. Levantou-se do banco e Lazio estacou na mesma hora.

– Não é quem você esperava – disse Jonathan.

Lazio amassou o bilhete na mão.

– Eu não o teria chamado exatamente de "velho amigo".

– Você continua exercendo – comentou Jonathan. – Era uma afirmação, um lembrete de serviços prestados.

Lazio deu de ombros, reconhecendo a dívida.

– Não bebi uma gota de álcool desde a última vez que nos vimos. Obrigado, mais uma vez. – Lazio estendeu os braços para finalmente dar um abraço e um beijo em cada bochecha de Jonathan.

Lazio era um dos médicos que viviam entrando e saindo das missões organizadas pela Médicos sem Fronteiras pelo mundo afora. Seis anos antes, tinha trabalhado sob a supervisão de Jonathan em um campo na Eritreia. Depois de vários pacientes de Lazio morrerem de causas suspeitas, Jonathan descobriu que o italiano vinha fazendo cirurgias bêbado. Suspendeu o médico enquanto aguardavam uma investigação. Nesse meio-tempo, contudo, a notícia vazou para as tribos próximas. Uma multidão se juntou, capturou Lazio e quase conseguiu administrar-lhe sua punição pessoal. Jonathan interveio e pessoalmente colocou Lazio em um avião de volta para Roma. Grato por ter a vida salva, o italiano havia prometido nunca mais beber. Considerando todas as circunstâncias, era o melhor desfecho que Jonathan poderia esperar.

– Fico feliz em ver que está se recuperando – disse Jonathan.

– O que você está fazendo em Roma? – Lazio olhou de um lado para outro do bar. – E onde está Emma? Pensei que vocês dois só tirassem férias nas montanhas.

– Nós abrimos uma exceção de vez em quando – disse Jonathan. Não acrescentou nada em relação a Emma.

– Não me leve a mal, mas eu acho que um pouco de ar da montanha iria fazer bem a você.

Jonathan se olhou no espelho atrás do bar. Havia dirigido por muitas horas e tinha os olhos encovados, rodeados de olheiras.

– Eu estou bem.

– Então me diga – falou Lazio –, é coincidência você estar aqui?

Jonathan terminou a cerveja e fez que não com a cabeça.

– Eu liguei para a sua mulher e falei que era uma emergência. Ela me disse onde eu poderia encontrá-lo. Parece que acha que você está com uns outros médicos do hospital.

Lazio relanceou os olhos para os amigos.

– E estou mesmo. – Ele deu de ombros. – E você? Ainda trabalhando por uma ninharia?

– Estou no leste da África de novo. No Quênia, desta vez.

– É por isso que está aqui? Para me lembrar o que aconteceu?

– Estou aqui para pedir um favor.

Lazio pareceu achar isso divertido.

– O que posso fazer pelo grande Dr. Jonathan Ransom?

Jonathan chegou mais perto de Lazio, perto o suficiente para sentir o cheiro de sua água-de-colônia e para ver os fios grisalhos que começavam a brotar de seu couro cabeludo.

– É sobre Emma. Ela esteve aqui alguns meses atrás e teve um acidente que exigiu intervenção médica. Preciso saber em que hospital ela foi tratada.

– O que houve?

– Ela foi assaltada e esfaqueada.

– Emma? Pensei que ela soubesse se cuidar.

– E sabe. Em geral.

Lazio apalpou a corrente em volta do pescoço.

– Mas então por que você está me pedindo isso? Ela com certeza se lembra de onde foi tratada.

– Emma e eu não estamos juntos.

Lazio pensou um pouco no pedido.

– Está certo – disse ele por fim. – Vou ajudar você a encontrar o hospital que cuidou da sua mulher. Não deve ser difícil. Amanhã de manhã dou uns telefonemas. – Ele gesticulou na direção da mesa. – Por que não janta conosco? O linguado aqui é estupendo.

– Preciso descobrir onde ela foi tratada agora – disse Jonathan. – Diga a seus amigos que terá que sair para uma emergência. Eles são médicos, não são? Vão entender.

– Você está pedindo demais.

– Isso é só o começo.

Lazio expeliu o ar com força.

– Certo, então, mas preciso ir ao banheiro.

– Claro – disse Jonathan, pondo a mão no ombro de Lazio. – Mas, antes de ir, me dê sua carteira.

– Minha carteira? – protestou Lazio. – Acho que não.

Jonathan enterrou os dedos na carne macia, permitindo que uma parcela do ódio que sentia por aquele homem se manifestasse. Lazio fez uma careta e

entregou a Jonathan uma carteira de pele de crocodilo.

– Dois minutos – disse Jonathan. – Me encontre na porta principal. – Ele viu Lazio se esgueirar por entre a multidão, um retrato de elegância e boas maneiras. Então, uma imagem muito diferente de Lazio lhe veio à mente. Viu o médico sendo arrastado por uma estrada de terra batida por uma multidão enfurecida armada com machadinhas e porretes. Viu Lazio gritando por socorro, com os cabelos impecavelmente penteados todos desgrenhados, o rosto contorcido, a camisa em frangalhos. *Naquela ocasião o italiano não estava tão afável e elegante*, pensou.

Abriu a carteira e estudou a fotografia da carteira de motorista. Olhou para os olhos risonhos, para o sorriso fácil, para a expressão descontraída. Estava olhando para uma fraude.

Jonathan pulou da banqueta e abriu caminho na multidão às cotoveladas, na pressa de chegar ao banheiro. Parou na porta e a empurrou com delicadeza.

– Ele está aqui, estou dizendo – disse a voz de Lazio de dentro de um cubículo. – *Aquele Dr. Ransom*. O homem procurado pelo atentado a bomba em Londres. Não, eu não estou maluco. Eu o conheço. Sou médico também. Nós trabalhamos juntos. Ele é o mesmo homem que eu vi no noticiário.

Jonathan abriu a porta do cubículo com um chute, arrancou o celular da mão de Lazio e cortou a ligação.

– Me deixe em paz – gritou Lazio. – Você não tem nada contra mim. Não pode me obrigar a ajudá-lo. O que foi que você fez? Você é um terrorista.

Jonathan jogou-o contra a parede. A cabeça de Lazio bateu em um ladrilho e seus olhos tomaram um ar de espanto.

– Escute aqui – disse Jonathan, com os dedos em volta do colarinho de Lazio. – Eu não tive nada a ver com o que aconteceu no atentado a bomba de Londres. Nada! Entendeu? E tenho muitas coisas contra você. Cinco pacientes morreram sob a sua responsabilidade, porque você estava bêbado demais para fazer o seu trabalho.

– Isso foi anos atrás – retrucou Lazio. – É história antiga. Eu não bebo desde então. Ninguém deu queixa na época, nem vai dar agora. Você vai levar um bando de africanos até o tribunal? Onde estão suas provas? Vou negar tudo e pronto. E quem é você para me dizer o que fazer? Eu vi sua foto na televisão. Você é um homem procurado.

Jonathan soltou seu colarinho e Lazio caiu para trás contra a parede. Ele estava certo, é claro. Ninguém iria ajudar. Foi só então que Jonathan percebeu

que nunca mais poderia voltar ao trabalho, nem para a Médicos sem Fronteiras nem para mais ninguém. Aquilo não era um caso de erro médico em um canto esquecido de um país do Terceiro Mundo. Era um ato de terrorismo contra um funcionário governamental importante, um ato que havia tirado sete vidas. Culpado ou inocente, ele estaria para sempre manchado por sua simples proximidade daquele crime.

Decidiu então que, se era mesmo um criminoso, era melhor começar a se comportar como tal. Levando a mão às costas, soltou a pistola que tomara de Prudence Meadows e pressionou-a contra a barriga de Lazio.

– Última chance.

Pela primeira vez, Lazio pareceu genuinamente assustado.

– Tá bom, tá bom. Eu ajudo – disse ele.

Jonathan enfiou a pistola com mais força em sua barriga.

– Você disse à Polícia onde estava?

Lazio sacudiu a cabeça.

– Não tive tempo.

– É verdade?

Lazio aquiesceu enfaticamente.

– Tudo bem, então vamos sair daqui – disse Jonathan. – Você vai me levar até o seu carro e de lá nós vamos até o seu consultório. Se você me ajudar, amanhã de manhã vai estar tudo terminado. Eu vou sumir da sua vida e você nunca mais vai me ver. Combinado?

– Sim. Combinado.

Mantendo uma das mãos no braço de Lazio, Jonathan conduziu o médico para fora do restaurante. As calçadas estavam ocupadas por grupos de jovens que fumavam, riam e discutiam. Mobiletes passavam zunindo.

– Para que lado está o seu carro?

Lazio olhou para os dois lados, hesitando.

– Para que lado? – insistiu Jonathan.

Lazio apontou para uma Ferrari prateada estacionada em local proibido, 10 metros acima na rua.

– É aquele ali.

– É claro. – Nesse instante, Jonathan escutou a sirene. Olhou por cima do ombro. Do outro lado da *piazza*, um Fiat dos *carabinieri* italianos entrou na praça, diminuindo a velocidade conforme os pedestres se afastavam. Ele olhou

para Lazio. É claro que o homem havia mentido.

Lazio soltou o braço e começou a descer a rua correndo. Jonathan escorregou em uma das pedras do calçamento, recuperou o equilíbrio e saiu correndo atrás dele. Alcançou-o 10 passos adiante e o empurrou contra a parede da basílica.

– Vá lá, então. Pode gritar. Esta é a sua chance. Se tem tanta certeza de que ninguém vai ligar para o que você fez, pode chamar a Polícia.

Os olhos de Lazio chispavam de um lado para outro, mas ele não disse nada.

– No carro – disse Jonathan. – Ou eu atiro em você. Aqui. Agora.

– Tá bom – disse Lazio. – Nesse caso, é melhor irmos logo.

40

O CONSULTÓRIO PARTICULAR DE LUCA LAZIO ficava em uma *villa* de três andares, toda de travertino, no bairro de Parioli, junto aos jardins do Palácio Borghese. Ao contrário da vida noturna pulsante do Trastevere, o bairro estava adormecido e tranquilo, com as ruas sinuosas e arborizadas alternando estabelecimentos comerciais e residências.

Lazio destrancou a porta e fez um gesto para Jonathan entrar.

– Afinal, que história é essa? Não foi à toa que a sua foto saiu na CNN.

– É um engano – disse Jonathan.

– Um engano bem grande, pelo visto.

Jonathan seguiu Lazio pela portaria e por um labirinto de corredores. Lazio era dermatologista, e sua clínica mais parecia um spa do que um consultório médico. Por toda parte havia vasos de plantas e cartazes de homens e mulheres com a pele esticada, radiantes, fazendo propaganda de algum tipo de tratamento a laser.

Lazio chegou ao final do corredor e acendeu a luz de sua sala.

– Isso tem a ver com ela? – perguntou, jogando as chaves sobre a mesa. – Com Emma?

– Mais ou menos. – Jonathan trocou olhares com o italiano, intuindo que o homem estava escondendo alguma coisa. – Você sabia?

– Sabia o quê?

– Sobre Emma. Sobre o que ela estava fazendo.

– Ela estava trabalhando com você, não?

Jonathan aguardou alguns segundos, examinando a expressão de Lazio em busca de um traço, de alguma indicação, mas não encontrou nada.

– É melhor você ficar fora disso.

– Vou seguir o seu conselho. – Lazio sentou-se e ligou o computador. – Então, meu amigo, o que está procurando?

Jonathan deu a volta até o seu lado da mesa.

– Emma me disse que foi ferida na última vez em que esteve aqui.

– Um ferimento a faca, você disse?

– Sim. Tenho certeza de que ela deve ter dado entrada em um pronto-socorro. Quero descobrir onde ela foi tratada e por quem. Você tem como acessar o registro de pacientes de um hospital?

– Não existe um registro central de pacientes, mas eu conheço os chefes da cirurgia de todos os hospitais importantes da cidade. Se eu der a eles o nome de Emma, eles vão poder me dizer em poucos minutos se ela foi paciente lá. Pronto-socorro, você disse… vamos ver...

– Emma não usou o nome dela.

Lazio parou de digitar e ergueu os olhos.

– Como é?

– Ela não deve ter dado entrada com o nome Emma Ransom – disse Jonathan. – Deve ter usado outro nome. Tente Eva Kruger ou Kathleen O'Hara.

Eva Kruger era o nome que Emma tinha usado na Suíça, quando fingia ser uma executiva de uma empresa de engenharia que fabricava e exportava em segredo para o Irã centrífugas de alta velocidade para serem usadas no enriquecimento de urânio. Sobre Kathleen O'Hara ele sabia menos. O nome constava em um passaporte falso que Emma tinha. Um de seus passes para sair da prisão, segundo ela.

Em vez de digitar, Lazio afastou a cadeira da mesa e olhou para Jonathan sem dizer nada.

– Ela era agente – explicou Jonathan. – Agente secreta. Trabalhava para o governo dos Estados Unidos. O nome verdadeiro dela nem é Emma. Eu não disse que seria fácil descobrir. Se fosse, eu não teria procurado você.

– Ela estava envolvida nessa história de Londres? Nesse atentado?

Foi a vez de Jonathan ficar calado. O silêncio foi sua única afirmação.

– Então você está querendo encontrá-la sozinho? – perguntou Lazio. – Antes da Polícia?

– Procure e fique quieto.

Lazio aproximou a cadeira da mesa.

– Então – começou ele, com uma energia renovada –, digamos, uma estrangeira com uma ferimento a faca…

– Na base das costas. – Jonathan indicou um ponto acima do quadril esquerdo. – Ela disse que o rim tinha sido atingido. Se foi isso mesmo, devem ter chamado um cirurgião torácico. Eu vi a cicatriz. Não foi um procedimento ambulatorial. E coloque aí que ela era alérgica a penicilina.

– Você tem alguma foto que eu possa escanear e mandar junto com o pedido?

Jonathan tirou duas fotos da carteira. A primeira era de Emma como ele a conhecia. Mostrava-a de jeans e camiseta branca, com uma bandana vermelha em volta do pescoço e óculos de sol afastando do rosto os cabelos ruivos ondulados. A segunda era de uma mulher completamente diferente. Fora tirada de uma carteira de motorista que ele havia descoberto, pertencente a Eva Kruger. A foto mostrava um rosto sério, com os cabelos lisos totalmente afastados do rosto, um rímel pesado por trás de óculos estilosos e muito batom. Mas não havia como confundir aqueles olhos; aquela também era Emma.

Sem fazer qualquer comentário, Lazio escaneou as fotos para dentro do computador, em seguida concluiu as mensagens e mandou-as por e-mail para os colegas dos sete maiores hospitais da região metropolitana de Roma.

– Pronto – falou. – Amanhã de manhã eu ligo para eles para ver se receberam a mensagem direito.

– Ligue agora – disse Jonathan. – Diga que ela é parente de uma das suas namoradas. Quero a resposta em uma hora.

– Vai apontar aquela arma para mim de novo?

Jonathan segurou o italiano pelo colarinho.

– Não – respondeu, puxando-o para mais perto. – Não vou apontar a arma para você. Vou enfiá-la dentro da sua goela e puxar o gatilho se você não fizer exatamente o que eu mandei.

– Acho que você foi bem claro.

Jonathan ficou escutando enquanto Lazio ia dando um telefonema depois do outro, primeiro pedindo desculpas, depois pedindo aos colegas que entrassem em contato com o hospital e fizessem uma verificação dos registros do pronto-socorro. As palavras de Lazio saíam em jorros curtos e rápidos, como alguém bem treinado disparando uma metralhadora, citando jargões médicos que todos os profissionais da área tendem a usar com demasiada frequência. Jonathan teve dificuldade para entender o que estava sendo dito. Estava cansado e o esforço para destrinçar as palavras de Lazio só fazia aumentar o seu cansaço.

– Quer um *espresso*? – ofereceu Lazio depois de algum tempo. – Vai ajudá-lo a ficar acordado.

– É – disse Jonathan. – Quero.

Lazio se levantou e Jonathan pôs-se de pé com um pulo.

– Está tudo bem – disse Lazio. – Só vou ali até a copa no final do corredor. Temos uma geladeira aqui também. Talvez você queira comer alguma coisa.

– Só o café está bom – disse Jonathan. – Ande logo.

– Vai demorar um minuto. Só isso.

– Ótimo. – Jonathan seguiu-o até o canto onde ficava a copa. Convencido de que não havia escapatória possível, ficou subindo e descendo o corredor, sacudindo as pernas, tentando espantar o cansaço. Lazio apareceu bem depressa com duas xícaras de café *espresso*. Jonathan tomou o seu de um só gole.

– Quer outro? – perguntou Lazio.

– Quero – respondeu Jonathan. – Obrigado – arrematou.

– De nada.

Os dois voltaram para a sala de Lazio, e o italiano continuou a dar os telefonemas. Dez minutos depois, Jonathan teve sua resposta.

– Você tinha razão – disse Lazio. – Ela esteve aqui. Deu entrada no Ospedale San Carlo, no dia 19 de abril.

Jonathan deslizou até a borda da cadeira.

– Ospedale San Carlo… Onde fica isso?

– Aqui perto. Também no bairro de Parioli.

– Continue.

Lazio fez um gesto pedindo calma.

– Uma estrangeira com ferimentos parecidos com os que você descreveu foi levada de ambulância até o hospital às 21h45 e operada uma hora depois de uma laceração no rim. Passou dois dias internada e foi liberada sem o consentimento do médico. Estava sem documentação e só se identificou como Lara.

– Lara?

– Isso.

Lara. O nome não significava nada para Jonathan.

– E o sobrenome?

– Ela não deu. Foi registrada como paciente resistente. Felizmente para você, a enfermeira que a atendeu está de plantão agora. Ela reconheceu a foto da sua mulher.

– Qual das duas? – quis saber Jonathan.

– Não sei – respondeu Lazio. – Faz diferença?

Jonathan respondeu que não. Sua cabeça começou a latejar e ele fechou os olhos por um instante. Lara. De onde ela havia tirado esse nome? Ocorreu-lhe que aquela podia ser outra pessoa totalmente diferente.

– E a penicilina? O prontuário dizia que ela era alérgica a penicilina?

– Imprimi uma cópia para você ler. – Lazio entregou a Jonathan um maço de

papel e sentou-se no braço da cadeira. Linha por linha, o italiano foi explicando os documentos, apontando para a hora e a data da entrada, para a altura e o peso da paciente. Emma dissera ter 28 anos. Na verdade, tinha 32. Isso também parecia típico dela.

Quando Lazio chegou aos detalhes da cirurgia, Jonathan lhe pediu que lesse devagar. Estava ansioso para conhecer a gravidade do ferimento. A faca havia penetrado 7,5 centímetros no abdômen de Emma, fazendo um corte no rim e perfurando a parede do estômago. O prontuário informava que o tipo sanguíneo da paciente era AB negativo e que, durante a cirurgia, ela havia precisado receber 3 litros de sangue em transfusão.

Três litros. Quase dois terços de todo o sangue que havia em seu corpo.

Jonathan largou o papel. Fora treinado para escutar sem demonstrar emoção, mas nunca tivera que aplicar esse distanciamento emocional à própria mulher.

– Tem certeza de que ela não deu o sobrenome?

– Certeza absoluta.

– Você disse que ela foi liberada sem o consentimento do médico? Como pagou a conta?

– Alguém pagou por ela.

– Quem?

– Não tenho essa informação. Aqui diz que todas as despesas foram devidamente pagas ao hospital.

Jonathan arrancou os papéis das mãos de Lazio e folheou-os até chegar à última página. A conta da internação de Emma era de cerca de 25 mil euros. Mais de 30 mil dólares. Ele respirou fundo, sentindo um súbito calor, um desconforto pastoso na garganta. *Quem poderia ter pago uma conta dessas, pelo amor de Deus?*

Lazio o observou com preocupação.

– Você está bem? Quer outro café?

– É, queria sim – respondeu Jonathan, distraído.

Algo mais importante do que café chamara a sua atenção. Ele chegara a uma linha no final da página onde deveria constar o "Nome do Responsável" pela alta da paciente. Como Lazio dissera, não havia nenhum nome. Mas havia uma sigla: "VOR S.A.".

Lazio trouxe outro *espresso*. Jonathan o bebeu de um gole só, com os olhos colados na página. *VOR S.A.* S.A. significava "sociedade anônima"; portanto, fora uma empresa que havia pagado a conta. Ele pousou a xícara e voltou para a

primeira página. Tinha de haver outras informações. Alguma coisa que pudesse esclarecer mais um pouco as circunstâncias, algo que desse uma dica sobre a atividade da empresa que pagara aquela conta exorbitante.

Em "Detalhes do Registro" constava que Emma, ou Lara, havia sido levada até o hospital de ambulância. Mas de onde? Ele foi percorrendo a linha com o dedo, esforçando-se para compreender as anotações manuscritas. Apertando os olhos, conseguiu distinguir as palavras "pegou a paciente em Civitavecchia, às 20h30".

– Civitavecchia – disse em voz alta.

Jonathan sacudiu a cabeça. Civitavecchia era um antigo porto no litoral, a quase 80 quilômetros de Roma. Estivera lá durante sua lua de mel com Emma. Passaram uma noite na cidade a caminho do aeroporto. Ela havia insistido para visitar o balneário histórico dizendo que lera a respeito quando menina e sempre sonhara ir até lá.

Civitavecchia.

Era onde Emma tinha amigos. Amigos sem dúvida anteriores ao namoro dela com Jonathan.

Ele ergueu os olhos para Lazio, protegendo-os da luz forte da luminária de teto. Tinha o rosto mais corado do que antes e estava com dificuldade para respirar. Pôs um dedo no pulso e ficou surpreso ao constatar que seu batimento cardíaco estava muito acelerado. Era o cansaço. Ele estava exausto. Só isso. Fechou os olhos com força, tentando afastar o desconforto.

– Não existe um hospital com um pronto-socorro decente mais perto de Civitavecchia do que esse Ospedale San Carlo? – perguntou.

– Imagino que sim.

– Qual?

Lazio não respondeu.

– Qual? – repetiu Jonathan. Nesse momento, um calafrio percorreu sua espinha e suas pálpebras se fecharam com força, por um longo instante de tremor. Ele se levantou. Seus ouvidos zumbiam e ele estava tonto. Pior do que isso, quase não conseguia respirar. Em cinco segundos, suas vias respiratórias haviam praticamente se fechado. Ele estava tendo um choque anafilático. Olhou para a xícara de café vazia.

– Você – balbuciou, cambaleando na direção de Lazio. – O que você fez comigo?

Lazio recuou em direção à porta.

– Penicilina – respondeu ele. – Você também é alérgico. Eu lembro que você

adoeceu e tivemos de tomar cuidado com o antibiótico que íamos receitar. Não se preocupe. Não vou deixá-lo morrer. Tenho epinefrina na outra sala. Assim que desmaiar, vou lhe dar uma injeção para você continuar respirando até a Polícia chegar.

– Vá pegar agora! – Jonathan sacou a arma da cintura, mas deixou-a cair. Esforçou-se para respirar. Tinha um minuto antes de desmaiar, não mais do que isso. Desabou em cima da mesa, derrubando uma luminária no chão.

– Uma cadeira… – disse, chiando.

Lazio hesitou, então se apressou para pôr uma cadeira atrás de Jonathan. Quando fez isso, Jonathan atacou, golpeando o outro homem no peito e jogando-o contra a parede. Esse movimento brusco forçou um pouco de ar para dentro dos pulmões de Jonathan e, antes de Lazio conseguir reagir, antes de conseguir levantar a mão para se defender, Jonathan deu-lhe um soco no queixo.

Lazio deslizou até o chão, inconsciente.

Jonathan saiu cambaleando pelo corredor. Qualquer energia que pudesse ter experimentado estava se esvaindo rapidamente. Ele abriu com violência a porta de uma das salas de tratamento e começou a puxar as portas dos armários. Atabalhoadamente, estava procurando alguma substância capaz de neutralizar a penicilina. Prednisona. Benadryl. Epinefrina. Onde estava a porcaria da epinefrina que Lazio tinha mencionado? Não encontrou nada que servisse. A sala começou a ficar embaçada. Ele caiu apoiado em um dos joelhos, então reuniu toda a sua força, levantou-se e se forçou a descer o corredor e entrar na sala seguinte. Com as mãos trêmulas, abriu um dos armários. Viu uma palavra que reconheceu. Adrenalina. Agarrou a caixa, derrubando uma dúzia de outras atrás dela sobre a bancada. Lutou com a embalagem, arrancou a tampa e liberou a ampola.

Agulha. Precisava de uma seringa.

Abriu a primeira gaveta de cima. Pronto. Várias agulhas. Rasgou o invólucro de papel e retirou a tampa. Estava agindo no piloto automático, com os pensamentos longe, arrastando-se…

Forçou-se a continuar acordado e concentrou a atenção na ampola e na agulha que precisava mergulhar lá dentro. Pronto! Feito! Puxou o êmbolo, tentando desesperadamente regular a quantidade do hormônio de que precisava. Só tinha uma única chance. Adrenalina de menos não conseguiria neutralizar a penicilina. Adrenalina demais faria seu coração ter espasmos violentos que romperiam sua aorta. O problema era que não conseguia ver direito. Sua visão

ficou dupla, depois tripla. Não tinha a menor ideia de quanto líquido havia colocado na seringa.

O mundo começou a ficar preto.

Caindo. Estava caindo…

Puxou a camisa, libertando um braço da manga.

Sem tempo…

Ele caiu e sua cabeça bateu no chão. Por um instante, a visão voltou. Foi então que ele espetou a agulha na própria veia jugular e apertou o êmbolo.

Branco.

O mundo explodiu em uma bola de luz ofuscante. Um espasmo varou seu corpo, fazendo suas costas se arquearem e pressionando seus pulmões. Um fogo se acendeu dentro do seu peito e subiu em disparada até a cabeça. Era um calor violento, escaldante, que fez seus olhos queimarem e se espalhou de forma implacável dentro de seu crânio. Todos os seus músculos se retesaram. Seu coração batia loucamente e ele teve a sensação de que seus miolos iriam explodir pelas orelhas e pelos olhos. Abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu. Permaneceu congelado, com o rosto contorcido em um esgar de morte.

Então passou.

A pressão em sua cabeça diminuiu. O calor foi embora e ele conseguiu ver com nitidez. Inspirou, com o coração martelando dentro do peito. Ficou deitado sem se mexer até seu ritmo cardíaco se acalmar. Por fim, pôs-se de pé.

Na mesma hora, os imperativos de sua situação lhe voltaram à mente.

Desceu correndo o corredor até a sala de Lazio. O chão estava vazio. Lazio tinha fugido. Catou os documentos do hospital, tornou a ir até a portaria e saiu pela porta da frente. Quando chegou à rua, ouviu o cantar de borracha de pneus. Esticou o pescoço e ainda pôde ver um par de faróis desaparecendo ao longe.

Jonathan sorveu o ar cálido da noite. Olhou para ambos os lados, então virou à esquerda e subiu a rua correndo, para longe da cidade.

Rumo a Civitavecchia.

41

Mischa dibner, diretora do departamento de Segurança Nuclear da Agência Internacional de Energia Atômica, na Áustria, estava sentada sozinha à cabeceira da mesa de reunião escondida bem lá no fundo das catacumbas de Thames House. Tinha as mãos unidas em cima da mesa, a postura irretocável. Era uma mulher de ar decidido, um pouco parecida com um duende, com um capacete de cabelos tingidos de hena, uma tez pálida como máscaras de *kabuki*, e os olhos feito duas contas pretas e brilhantes. Seu histórico informava que tinha 56 anos, era húngara por nascimento e alemã por casamento. Mas o seu inglês era o de uma americana, e sugeria longos anos passados nos Estados Unidos.

Graves fez as apresentações de praxe. Depois de perguntar sobre sua saúde e de lhe agradecer por ter saído do hotel a uma hora tão tardia da noite, entrou direto no assunto.

– O que motivou sua decisão de visitar Londres com tão pouca antecedência?

– Nós detectamos um problema com nossas redes de segurança.

– Que tipo de problema?

– O senhor conhece o nosso trabalho no Departamento de Segurança Nuclear?

– Já trabalhei com alguns dos seus colegas, no assunto de pirataria de material radioativo – disse Graves. – Urânio, plutônio, coisas assim. Antes de ficar sabendo sobre os laptops roubados, passou pela minha cabeça que esse poderia ser o motivo da sua visita.

– Infelizmente, não é. O motivo da nossa viagem tem mais a ver com outra atribuição nossa, que trata de garantir a segurança das instalações nucleares… tanto do ponto de vista de sua administração quanto de sua proteção.

Kate olhou para Graves, que retribuiu seu olhar com uma expressão calma.

– Não estamos preocupados com um atentado físico – prosseguiu Dibner. – Seria possível lançar um 747 sobre a estrutura de qualquer central europeia, e o avião iria praticamente quicar. Não aconteceria absolutamente nada. Exceto no caso de uma investida militar concentrada, com munição guiada a laser, estamos seguros. Mesmo assim, seria difícil provocar qualquer vazamento de radiação em larga escala a ponto de atingir a população civil. O motivo da nossa visita tem a

ver com a *cybersegurança*.

– "Hackear" os sistemas de controle de uma central? – perguntou Kate.

– É aí que estão os maiores fatores de risco. Pense em cada usina como um castelo com quatro anéis concêntricos de defesa. Para passar de um anel para outro, é preciso navegar através de *firewalls* que vão ficando cada vez mais impenetráveis à medida que você se aproxima do anel central. O anel mais externo é a internet. O segundo anel é a intranet da central – um *firewall* que protege a usina de incursões vindas de fora. O terceiro anel é o mais importante. Chama-se Sistema de Controle da Usina, ou SCU. Lembrem-se: todo o material radioativo fica dentro da cápsula do reator, e é lá que é gerado o vapor necessário para mover as turbinas e gerar energia. O SCU monitora todos os sistemas de controle para manter esse processo dentro de limites seguros. Cada sistema é monitorado por quatro computadores separados, ou quatro sistemas redundantes. Se dois desses computadores detectarem um erro operacional, eles acionam os sistemas de segurança.

– A senhora só citou três anéis de proteção – observou Graves, respeitoso.

– O quarto é o Sistema de Proteção do Reator. E, se todos eles falharem, existe ainda o Sistema de Salvaguarda Estrutural. Ou seja, as máquinas que existem dentro das usinas e que impedem fisicamente qualquer incidente em caso de falha do SCU. Mas o que está nos preocupando é o Sistema de Controle da Usina.

– Houve alguma invasão? – perguntou Kate.

– Não exatamente. Mas houve tentativas. Tudo o que vocês precisam saber é que alguém conseguiu passar pelo *firewall* de três usinas diferentes.

– Passar até que ponto?

– O suficiente. Nós detectamos a intrusão na hora. Eles nunca sequer chegaram perto de conseguir emitir qualquer comando. Temos um número demasiado grande de travas de segurança. Como último recurso, podemos assumir o controle manual de todos os sistemas e impedir a entrada de qualquer intruso.

– Conseguiram rastrear o hacker que tentou a invasão? – quis saber Graves.

– Não.

– Isso quer dizer que a senhora veio à Inglaterra porque uma das usinas comprometidas fica no Reino Unido – prosseguiu ele – ou houve algum outro motivo?

– Uma das usinas fica em Sellafield, mas nós preferimos manter essa

informação sob sigilo.

– Entendo – disse Kate. – Então a comunicação de Robert Russell com a senhora não teve nada a ver com a sua viagem?

Ao ouvir o nome de Russell, Mischa Dibner empalideceu.

– Quem contou a vocês sobre ele?

– A senhora sabia que ele tinha sido assassinado? – perguntou Kate.

– Li no jornal. Fiquei perturbada.

– Durante a nossa investigação sobre a morte dele – continuou Kate –, encontramos informações de que ele havia entrado em contato com a senhora. Procede?

– Foi Russell quem me disse para ficar alerta em relação a intrusões nos nossos sistemas.

– Pode ser mais específica? – pediu Graves.

– Ele disse que ficara sabendo de um plano patrocinado por algum país para entrar em alguma central e causar danos. Achava que o alvo provavelmente seria na Europa continental, e insistiu muito no fato de que o ataque iria ocorrer muito em breve. Mas ele se recusou a dar qualquer palpite sobre quem estava por trás do plano.

– E por que a senhora acreditou nele?

– Porque, nos últimos três meses, tivemos mais de 100 *cyberataques* às nossas usinas, e ele conseguiu prever praticamente todos. Para mim, isso significava que ele era de confiança. Tínhamos combinado encontrar-nos ontem de manhã para conversar sobre formas de aumentar nossa segurança.

– No número 1 da Victoria Street? – perguntou Graves.

Dibner assentiu.

– Só fiquei sabendo da morte dele depois da bomba contra Ivanov.

– Ivanov foi só a isca – disse Graves. – O atentado foi uma ação coordenada para forçar a senhora e a sua equipe a saírem do prédio, depois roubar os laptops enquanto vocês estivessem fora.

– Isso é impossível. Ninguém além dos seis membros da nossa equipe sabia sobre a reunião.

– E os seus superiores? – sugeriu Kate. – Imagino que a reunião deve ter tido que ser aprovada pelo diretor-geral.

– Nós nunca faríamos nada desse tipo sem o aval dele.

Kate sorriu, compreensiva.

– Quanto tempo faz que a senhora sugeriu a reunião?

– Sete dias. – Dibner deu um suspiro e pareceu murchar no mesmo instante. – Estou vendo aonde quer chegar. A senhora tem razão, é claro. Muitas pessoas sabiam sobre a viagem. Mas eu garanto a vocês que transmiti os alertas de Russell e que nós não constatamos nenhum comportamento estranho em qualquer lugar que pudesse indicar a iminência de um acidente.

– Até o roubo dos laptops.

Dibner engoliu a saliva com força enquanto a ficha ia caindo.

Alguém bateu na porta. Um assistente entrou trazendo uma bandeja com xícaras de café, que distribuiu para os presentes. Graves tomou o seu com um ar de satisfação.

– Bem, então, o que há nos laptops capaz de fazer deles o alvo de uma operação tão bem planejada?

Dibner deu um sorriso triste.

– Correspondência, relatórios de inspeções, avaliações confidenciais de países, informações sobre pessoal. Não sou capaz de listar tudo o que havia lá dentro.

– Alguma coisa especialmente importante?

– Meu Deus, sim. – Dibner ergueu o rosto, com os olhos negros profundamente encovados nas órbitas. – Vários deles tinham códigos de emergência que permitem à AIEA passar por cima de todas as medidas de *cybersegurança* que acabei de descrever.

– E como alguém poderia usar isso?

– Em teoria, qualquer pessoa que tenha esses códigos pode acessar a sala de controle de qualquer central nuclear na União Europeia sem disparar nenhum alarme. Os códigos foram criados para permitir que profissionais operassem as usinas de uma distância segura, em caso de emergência. Mas eu não me preocuparia. Assim que descobrimos que os laptops tinham sido roubados, ativamos um dispositivo de obliteração que enviou um comando para destruir os discos rígidos.

– E quando foi isso?

– Nós pudemos entrar de novo no prédio às 5 da tarde.

– Seis horas – disse Graves.

– Tempo mais do que suficiente para alguém fazer uma cópia de um disco rígido – disse Kate.

– Mesmo com os códigos, é impossível causar um acidente. Os engenheiros mais bem treinados do mundo trabalham nessas usinas. Se perceberem alguma

coisa estranha, eles assumirão o controle manual da usina. A palavra final será sempre a da sala de controle. De homens e mulheres. Não de máquinas.

Graves empurrou a cadeira para trás e se levantou. Ajudou Mischa Dibner a vestir o casaco e conduziu-a até a porta. Kate a acompanhou pelo corredor.

– Sra. Dibner, por que acha que alguém teria tanto trabalho para conseguir os códigos, se na verdade não fosse poder causar nenhum dano uma vez de posse deles?

– Neste jogo, informação é tudo – respondeu a diretora do Departamento de Segurança Nuclear da AIEA. – Talvez, ao roubar os códigos, essas pessoas esperem entender melhor as atuais medidas de segurança. Talvez só queiram fazer com que nos sintamos vulneráveis.

O trio parou diante do elevador. As portas se abriram e Mischa entrou.

– Lembrem-se de uma coisa: se alguém quiser invadir uma central nuclear, não poderá fazer isso de fora. É preciso pôr alguém lá dentro. Na sala de controle. E isso, evidentemente, é impossível.

42

EMMA RANSOM ESTAVA DEITADA de bruços no meio da alta vegetação rasteira do litoral, com o binóculo Zeiss de visão noturna em frente aos olhos. Encarapitada no alto de uma escarpa de arenito, ela observou o complexo de grandes prédios espalhados de frente para o mar, a cerca de 800 metros de distância. Havia três conjuntos de edifícios separados por intervalos de 50 metros. Vistos de fora, eram todos idênticos, a tal ponto que pareciam ser cópias exatas uns dos outros. Cada um tinha duas estruturas principais: um prédio retangular de quatro andares feito de aço preto e localizado mais perto do mar e, anexo a esse prédio, na parte de trás, um grande bloco de concreto encimado por um sólido cilindro abobadado e por uma fina chaminé.

O complexo se chamava La Reine. A Rainha.

Em jargão técnico, La Reine era um REP (reator evolucionário de potência), ou reator de água pressurizada, capaz de gerar 1.600 megawatts de eletricidade. Em termos mais simples, era a central de energia nuclear mais avançada do mundo, uma maravilha da ciência moderna capaz de fornecer energia a mais de 4 milhões de habitantes, 24 horas por dia.

Para Emma, era "o alvo". E nada mais.

Trocando o binóculo de visão noturna por uma câmera fotográfica equipada com uma teleobjetiva de 1.000 milímetros, ela tirou uma dúzia de fotos. Não estava interessada nos prédios em si. Podia baixar uma centena de fotos do site da Électricité de France a qualquer hora que quisesse. Em vez disso, apontou a câmera para as cercas ao redor do complexo. Não havia fotos delas na internet. Dispostas em formato concêntrico com 20 metros a separá-las, as cercas eram eletrificadas e arrematadas por fita cortante. A cada três estacas, havia uma caixa de aço inox presa à estrutura. Ela sabia que eram transmissores de segurança alimentados por sua própria fonte de energia que monitoravam as centenas de sensores de pressão dispostos no solo a intervalos regulares, em volta do perímetro de 3 quilômetros da central. Não havia como passar por cima ou por baixo deles.

Emma guardou a câmera no estojo e percorreu o perímetro do complexo. Usava preto da cabeça aos pés. Um gorro de microfibra escondia seus cabelos. Seu rosto estava coberto com tinta de camuflagem não refletora. Tomando o

cuidado de manter 100 metros de distância da cerca mais externa, chegou à estrada que conduzia para dentro da central. Ajoelhou-se para escutar algum veículo se aproximando. O ar estava parado, a noite repleta de canto de grilos. Ao longe, ela ouviu um motor ser ligado. Um caminhão, supôs, pelo som da mudança das marchas. Uma buzina rompeu o silêncio e ela ouviu o alarde de um portão deslizando nos trilhos. Instantes depois, o caminhão passou. Era grande, de caçamba chata, do tipo usado para transportar as varetas de urânio que servem de combustível para alimentar os reatores. Emma esperou os faróis traseiros desaparecerem, tornou a olhar na direção da central, então deu um passo à frente. Nesse exato instante, uma motocicleta fez uma curva, vindo da direção oposta. Ela se jogou sobre a grama, aterrissando de bruços com força.

– Droga – praguejou.

Como todas as usinas nucleares, La Reine operava com a totalidade dos funcionários e em capacidade máxima, 24 horas por dia. Eram cinco equipes ao todo. Havia sempre duas trabalhando e uma em treinamento. O relógio era dividido em dois turnos. A "frente" ia das 6 da manhã às 6 da tarde. A "traseira" ia das 6 da tarde às 6 da manhã. A usina estava sempre em franca atividade, fosse dia ou noite. Ela não podia se dar ao luxo de não tomar cuidado.

Depois que as batidas do seu coração voltaram ao normal, espiou do meio da grama e olhou para os dois lados. Certa de que nenhum veículo se aproximava, atravessou o asfalto correndo e desapareceu entre os tufos de vegetação do outro lado da estrada. Muito curvada, continuou a avançar por vários minutos, erguendo a cabeça ao dar alguns passos para monitorar a própria posição.

Não demorou muito para ver um prédio baixo protegido por uma cerca independente. À sua frente estavam estacionados vários jipes pintados de verde-oliva. Era a caserna. Toda central nuclear dispunha de uma força paramilitar composta por sete a 15 homens. A maioria havia trabalhado nas forças armadas e tinha experiência no uso de armas automáticas e artilharia antitanque, bem como de mísseis terra-ar disparados do ombro.

Emma passou pela caserna também. A força paramilitar não fazia parte de suas considerações táticas e, portanto, não tinha interesse para ela. Ela não pretendia iniciar um confronto direto contra uma força superior.

Ao chegar ao final do perímetro, teve a melhor vista do complexo até então. À luz da lua, as abóbadas acima das estruturas reforçadas brilhavam qual templos antigos. La Reine era uma central pós-11 de Setembro, o que significava que fora construída em conformidade com as mais rígidas especificações de segurança. As abóbadas, na verdade, eram duas cascas de concreto reforçado com aço de 1

metro de espessura – uma dentro da outra, projetadas para suportar o impacto direto de um avião de passageiros com o tanque cheio voando a mais de 1.100km/h. Dentro dessas abóbadas ficava a cápsula do reator, moldada a partir de uma única chapa do mais resistente aço inoxidável reforçado do mundo. Apenas uma empresa em todo o planeta era capaz de fabricar um aço com aquela resistência: a Siderúrgica de Hokkaido, no Japão, antiga fabricante das melhores espadas de samurai de que se tem notícia. Para todos os efeitos, a central era indestrutível.

Pelo menos pelo lado de fora.

Usinas de energia nuclear operam segundo um princípio simples. O vapor faz girar turbinas e as turbinas alimentam geradores. Tudo de que se precisa é muito vapor. É aí que entra o componente nuclear. O combustível necessário para produzir o vapor é o urânio 235, e esse isótopo do urânio é físsil, ou seja, caso esteja no ambiente adequado para criar uma reação nuclear em cadeia, emite átomos quentíssimos e muito velozes. Se o urânio for posto dentro d'água, esta logo começa a ferver loucamente, produzindo muito vapor. O vapor, então, alimenta o gerador das turbinas, que gera eletricidade.

É fácil assim, ou monstruosamente complexo assim.

O urânio 235, portanto, é equivalente aos geradores movidos a carvão, gás ou gasolina usados para alimentar as usinas tradicionais, movidas a combustíveis fósseis e que produzem aquela fumaça preta. Ultimamente a oferta de urânio é grande e, portanto, este está barato. Muito mais barato do que o petróleo. É por isso que tantas usinas nucleares de repente estavam sendo construídas pelo mundo afora.

Nem todo mundo achava isso uma boa ideia.

Na verdade, havia quem estivesse disposto a matar para impedir esse desfecho.

Emma tirou do bolso um instrumento – metálico, pesado, de cor amarela, com um visor de um lado e uma lente do outro. Era um teodolito portátil, usado para medir a altura de um objeto em relação ao nível do mar. Levando o visor ao olho, ela mirou o instrumento em dois pontos distintos: o primeiro no extremo mais afastado do prédio do reator, e o segundo em um ponto do prédio de combustível usado, a aproximadamente 15 metros do primeiro.

O combustível usado para alimentar o reator tem o formato de longas e finas varetas de urânio (na verdade, centenas de pastilhas de urânio empilhadas umas por cima das outras). As varetas têm 5 metros de comprimento e 2,5 centímetros

de diâmetro, o mesmo que um batom da Chanel ou um charuto Panatela. São agrupadas em feixes quadrados, de 17 x 17 metros, dentro de uma única estrutura de combustível. As varetas continuam "quentes" ou "físseis" por quatro anos. Depois disso, são retiradas da cápsula do reator e transportadas por uma curta distância a bordo de um vagão em miniatura, por dentro de um túnel, até o prédio de combustível usado, onde são imersas em uma piscina de água fria e mantidas lá dentro até a maior parte da radiação e do calor ter arrefecido.

Emma verificou a altura marcada para cada ponto e fez um cálculo de cabeça. O resultado lhe agradou. O plano iria funcionar.

Com a tarefa cumprida, voltou pelo mesmo caminho por entre a vegetação e subiu a colina íngreme. Seu carro estava onde ela o havia deixado, estacionado no meio de alguns arbustos, coberto por uma profusão de galhos. Ela retirou a folhagem, pôs a bolsa dentro de um compartimento falso no porta-malas, em seguida entrou no carro. Em poucos instantes estava na autoestrada, em alta velocidade, rumo a Paris. A expedição de reconhecimento tinha levado, no total, 45 minutos.

Entrar era a parte fácil.

43

O DIRETOR-GERAL DO MI5 ERA *SIR* ANTHONY ALLAM. Allam era um oficial de carreira, formado na Universidade de Leeds, que entrara para o Serviço de Segurança imediatamente após completar os estudos. Durante os anos de serviço, já havia trabalhado em todas as seções mais importantes: Irlanda do Norte, crimes capitais, grupos extremistas e, mais recentemente, contraterrorismo. Era um homem frágil, pouco imponente, com os cabelos grisalhos meticulosamente aparados, boas maneiras e um terno mal cortado. Um dos mansos que tinham poucas chances de herdar a Terra, mesmo que o livro sagrado dissesse o contrário.

Mas as aparências enganam. Ninguém chegava ao topo do Five sem uma inteligência superior e uma quantidade considerável daquilo que a sua mãe galesa chamava de valentia. Por trás dos furtivos olhos azuis e do sorriso complacente, escondia-se um temperamento vulcânico. Segundo boatos em Thames House, quando *sir* Tony, como ele era conhecido, ficava zangado, era possível escutá-lo até lá em Timbuctu.

– Está querendo sugerir que Igor Ivanov não era o alvo? – perguntou *sir* Tony, olhando com atenção para Charles Graves.

– A bomba foi uma distração. Seu objetivo era provocar a evacuação do prédio do ministério, de modo a permitir o roubo dos laptops que a equipe da AIEA tinha trazido para a reunião.

– Tem certeza?

Graves olhou para Kate. Ambos aquiesceram.

– Temos – respondeu ela.

– Interessante. Muito interessante, mesmo. – Allam recostou-se na cadeira. – Mas, se vocês quiserem que eu fale com o primeiro-ministro sobre isso, vão precisar de provas concretas. Ele está convencido de que foram os chechenos, ou algum outro grupo que esteja fazendo pressão por reformas democráticas na Rússia. E, na verdade, ele bem que gosta de pensar assim. De certa forma, sente que isso tira sua responsabilidade.

– Nós temos provas – disse Kate. – Posso? – Ela pegou o controle remoto e apertou o botão de play para ativar o aparelho de DVD.

Graves fez a narração.

– As imagens são do prédio do ministério no número 1 da Victoria Street. Terceiro andar, corredor 7, ala leste. A câmera cobre o corredor do lado de fora da sala de reunião em que a equipe da AIEA e nossos colegas da Agência de Segurança estavam enfurnados.

– As imagens estão em foco? – indagou Allam enquanto punha os óculos. – Na metade das vezes as lentes estão embaçadas.

– Estão cristalinas – respondeu Graves. – Temos a mulher entrando na sala às 11h18 e saindo às 11h20.

– Dois minutos. Ela foi rápida – comentou Allam.

– Foi, sim, senhor – disse Kate. – Ela sabia o que estava procurando.

Na tela surgiu um corredor. Era um típico prédio do governo: piso de linóleo, quadros de aviso nas paredes. A imagem colorida estava granulada, mas, como prometido, estava em foco. Um *time code* marcava o tempo no canto superior direito. Às 11h15 a câmera se sacudiu com violência.

– É a bomba explodindo – disse Graves.

Segundos depois, os primeiros ocupantes do prédio começaram a sair das salas. O filete de pessoas foi se transformando em enxurrada, e às 11h18 o corredor já estava vazio.

– Lá vem ela, agora. Fique de olho na parte inferior da tela. É impossível não ver.

Às 11h18min45s, uma pessoa surgiu na tela, vinda do canto inferior esquerdo, indo na contramão do fluxo de funcionários, e andou diretamente até a sala de reunião 3F. Movia-se depressa, com o rosto afastado da câmera. Mesmo assim, as roupas eram facilmente identificáveis. Calça jeans. Camiseta preta. E, é claro, lá estavam os cabelos.

Às 11h20min15s, a porta da sala de reunião se abriu e a mulher tornou a aparecer no corredor. Andou em direção à câmera, mantendo a cabeça baixa de propósito, com o rosto escondido na sombra lançada pelos compridos cabelos ruivos. No ombro, carregava uma bolsa de viagem.

– Os laptops estão nessa bolsa – disse Kate. – É uma daquelas que, vazias e dobradas, praticamente desaparecem, mas que são muito resistentes.

Allam manteve os dedos esticados sustentando o queixo, sem dizer nada.

– Agora olhe para isso. – Graves substituiu o DVD com imagens da TV de circuito interno no número 1 da Victoria Street por outro, contendo as imagens da câmera da esquina de Storey's Gate. As imagens mostravam uma mulher

usando camiseta preta e calça jeans, em pé na faixa de pedestres, segurando um celular junto à orelha. O primeiro SUV da comitiva de Ivanov atravessou a tela, depois o segundo. A mulher se afastou do meio-fio e virou as costas. Nessa hora, a tela ficou branca. Durante dois ou três segundos, tudo permaneceu branco enquanto a câmera se esforçava para corrigir a exposição. Quando a imagem voltou, a mulher havia sumido.

– É a mesma mulher – disse Graves. – Foi ela quem roubou os laptops. Posso apostar.

– Vocês sabem quem é? – perguntou Allam.

– O nome dela é Emma Ransom.

– Ransom? Mulher do médico que vocês deixaram fugir?

Graves encarou seu superior de volta. Havia levado um carão de Allam 24 horas antes, e de jeito nenhum iria deixar transparecer que isso o abalara.

– Segundo o marido, ela trabalhava para uma agência secreta do governo dos Estados Unidos chamada Divisão. Alguma coisa ligada ao Pentágono. Eu falei com meu contato em Langley. Eles negam. Nunca ouviram falar em Divisão nem em Emma Ransom.

– Naturalmente…

– Tem mais uma coisa. Quando prendemos o Ransom, ele comentou que a mulher tinha sabotado algum tipo de atentado na Suíça em fevereiro. Liguei para Marcus von Daniken em Berna. A informação é estritamente confidencial, mas ele confirmou que houve algum tipo de confusão a respeito de um complô para derrubar um jato da El Al, e que Ransom e a mulher estavam metidos nisso até o pescoço. Nenhum civil estava envolvido, então eles conseguiram manter tudo em sigilo. Ele não quis dizer mais do que isso.

Allam refletiu sobre o que acabara de ouvir.

– Bom, ela com certeza não parece uma porra de um checheno.

Graves franziu o cenho.

– O que nos leva de volta à primeira pergunta. Por que Ivanov estava visitando Londres, para começo de conversa? Todo mundo tem ficado de bico fechado em relação a isso.

– Por bons motivos. Ele veio se encontrar com uns figurões da nossa indústria petrolífera. Queria convencer os executivos a ressuscitar umas antigas parcerias para explorar todo aquele petróleo que ainda existe debaixo do gelo na Sibéria, modernizar a infraestrutura atual deles, esse tipo de coisa. É um tema delicado, considerando que os russos enxotaram todas as nossas empresas alguns anos

atrás e embolsaram os lucros. O pessoal das Relações Exteriores considera a aproximação de Ivanov uma importante mudança de política por parte dos russos. Ou a indústria petrolífera deles está ruindo e eles estão desesperados para obter lucros, ou então resolveram tornar a se juntar à comunidade internacional.

Allam deu um suspiro.

– Mas uma pergunta continua sem resposta: para quem a Sra. Ransom está trabalhando exatamente?

– Até agora, não fazemos a menor ideia.

– Me falem mais sobre o que havia nos laptops – pediu Allam.

Graves repetiu a afirmação de Mischa Dibner de que quem estivesse com os laptops poderia teoricamente acessar códigos de substituição que permitiriam assumir o controle de um reator nuclear em algum lugar da Europa.

– Parece haver também um limite de tempo – acrescentou ele. – Devemos considerar a possibilidade de um incidente nas próximas 48 horas.

– Entendo – disse Allam apenas. – Parece que existe um fio ligando tudo isso.

– Que fio? – quis saber Kate Ford.

– Energia – respondeu Allam. – Ivanov está em Londres para falar sobre petróleo. Vocês me dizem que a bomba foi uma distração para roubar códigos nucleares que podem provocar um atentado a algum reator nas próximas 48 horas. Eu não acho que nada disso seja coincidência. – O diretor-geral do MI5 tirou os óculos e massageou o osso do nariz. – Neste momento, nós só conhecemos uma pessoa que pode nos dizer o que isso tudo significa. Emma Ransom. O que mais sabemos sobre ela?

– Quase nada – reconheceu Graves. – Não sabemos para quem ela trabalha, de onde veio, nem para onde foi. Só sabemos que ela matou lorde Robert Russell, e que estava aqui em Londres antes disso, fazendo sabe-se lá o quê.

– Vocês acham que os dois estão metidos nisso juntos, o Dr. Ransom e a mulher? – perguntou Allam.

– Eu acho que sim – respondeu Graves. – A inspetora-chefe Ford não concorda comigo.

– Por quê? – quis saber Allam.

Kate tornou a enumerar as ações de Ransom na cena do atentado a bomba.

– Ele poderia facilmente ter fugido, mas ficou para ajudar uma das vítimas.

– Salvou a vida do cara, foi?

– Não. O homem morreu.

Allam arqueou as sobrancelhas.

– E como é que a senhora sabe que não foi Ransom quem matou? Ele pode ter estrangulado o homem. Afinal de contas, ele baleou uma pessoa ontem à noite. – Allam consultou os documentos sobre a mesa. – Outro médico. James Meadows. Cirurgião em Harley Street. Esse Ransom está me parecendo um assassino a sangue-frio sem tirar nem pôr.

– Eu não tenho todas as respostas, senhor – continuou Kate. – Mas estou convencida de que ele não teve nada a ver com o atentado a bomba nem com o roubo dos laptops. Não consigo explicar por que, só posso dizer que não faz sentido.

– Também não faz sentido um inocente fugir da Polícia, não é mesmo, inspetora-chefe Ford? – perguntou Allam, incisivo. Pontinhos vermelhos haviam surgido em suas bochechas, e ele estava sentado na borda da cadeira.

– Na minha opinião, Ransom está tentando encontrar a mulher – disse ela com firmeza.

– Encontrar a mulher? Eu correria na outra direção o mais depressa que conseguisse. – Allam pigarreou e se recostou na cadeira, momentaneamente mais calmo. – Vocês têm algum motivo para pensar que ela poderia ter ido para Roma?

– Roma? – Graves estreitou os olhos. – Nossa última informação de inteligência diz que Ransom está na Bélgica. Ele alugou um carro perto do aeroporto de Bruxelas.

Allam batucou com a caneta em um bloco de anotações cor-de-rosa à sua frente.

– Acabo de receber um telefonema do chefe dos *carabinieri*. O seu Dr. Ransom está causando todo tipo de problema por lá. Agressão, rapto.

– Rapto? – disse Kate.

– É – disse Allam. – E os italianos não estão gostando nadinha.

Graves apoiou-se na mesa de seu diretor.

– Eles prenderam Ransom?

Allam fez que não com a cabeça.

– Não, mas estão com o homem que ele raptou. Outro médico. Parece que Ransom interrogou esse médico para saber sobre a mulher. A princípio ela esteve em Roma também, alguns meses atrás, e não se divertiu muito.

– Ah, foi?

– Fiquei sabendo que ela foi atacada… assaltada ou algo assim… e tratada em um hospital de lá. Ransom queria saber em que hospital exatamente.

– E quando foi que esse ataque a Emma Ransom aconteceu? – indagou Kate.

Allam consultou um papel sobre sua mesa.

– Em abril.

Kate relanceou os olhos para Graves e disse:

– O Semtex usado no carro-bomba foi roubado de uma caserna militar nos arredores de Roma nessa época.

– Ela também deve ter roubado o BMW em Perugia nessa ocasião – acrescentou Graves.

– Que moça produtiva. – Allam virou-se para Kate. – A senhora já esteve lá? – perguntou. – Em Roma?

– De férias. Anos atrás.

– Façam as malas. Vocês dois. Eu ajeito as coisas do lado diplomático. Só lembrem-se de que os italianos têm total autoridade nesta operação. Até onde eu saiba, o país é deles. Charles, assine um recibo para um dos Hawkers. Pode pôr no meu orçamento. – Allam tornou a voltar sua atenção para a pasta sobre a mesa, um sinal de que os dois estavam dispensados. Graves e Kate foram andando até a porta. De repente, Allam os chamou. – E, Charles, eu espero mesmo que a sua eficiência melhore. Vou ter que transmitir essa notícia a Downing Street. O primeiro-ministro vai ficar bem chateado. Ninguém gosta de tomar mais ovo na cara. Principalmente um político.

– Como assim, *mais* ovo? – perguntou Graves, com uma das mãos no batente da porta.

– Até agora nós fracassamos duas vezes. Primeiro não conseguimos proteger um oficial estrangeiro de um atentado. Depois não conseguimos proteger um prédio do governo contra um roubo. E segredos nucleares, ainda por cima. Se um terceiro fracasso conduzir a um acidente nuclear, eu pensaria seriamente em sair do país. De forma definitiva.

44

Sir ANTHONY ALLAM ESTAVA sentado sozinho em sua sala, escutando o tique-taque de seu relógio de mesa folheado a ouro da Asprey, uma antiguidade caríssima. O relógio havia pertencido a seu pai, antes disso a seu avô, e assim por diante, desde 1835, quando *sir* Robert Peel – modernizador da London Metropolitan Police Force – o dera de presente ao delegado superintendente adjunto Aloysius Allam, em reconhecimento por seus 50 anos de serviço. Seis gerações depois, os Allam tinham feito fama como policiais dos dois lados do Atlântico, e os contatos de *sir* Tony comprovavam o fato.

Tateando embaixo da mesa, apertou um botão que indicava que não deveria ser interrompido em hipótese alguma. Girando a cadeira, abriu o móvel lateral onde ficava guardado o telefone do diretor, equipado com a mais avançada tecnologia de criptografia. Ultimamente, havia tanta probabilidade de seus próprios aliados o estarem escutando quanto seus inimigos. Ele consultou seu caderno de telefones e então discou um número no exterior que o conectou com um subúrbio bem pouco elegante de Washington, D.C.

– Oi, Tony – disse uma voz norte-americana ríspida.

– Boa noite, Frank. Como estão as coisas?

– Mais ou menos – respondeu Frank Connor. – E com você? Já está meio tarde por aí, não?

– Me diga você. Não achou mesmo que fosse poder nos fazer uma visita sem que eu ficasse sabendo, achou? Que tal sua estada até agora?

Connor deu um grunhido.

– A comida está a mesma droga que da última vez.

– Também não está conseguindo encontrá-la, imagino.

– Ela quem?

– Você sabe quem. Dizem por aí que ela se rebelou contra você.

Houve uma pausa longa, seguida por um suspiro de capitulação.

– Esses agentes de campo são fogo. Deixamos alguns tão tensos que eles não têm outra alternativa a não ser se autodestruir.

– Ela me parece bem controlada – disse Allam. – Temos um vídeo que a mostra detonando o carro-bomba que tentou matar Igor Ivanov.

– Que coisa horrível – comentou Connor sem empatia.

– Nada a ver com você, suponho.

– Ora, Tony, por favor. Você me conhece melhor do que isso.

Allam deixou passar esse comentário.

– Alguma ideia de quem está dando as ordens a ela?

– Se eu soubesse, não estaria aqui comendo esse seu bacon mole. Ivanov tem muitos inimigos. O cara é um carniceiro de marca maior. *O Monstro de Grozny*, é esse o apelido dele. É uma porcaria de um criminoso de guerra. Dizem que gosta de sujar as mãos de sangue, no sentido literal. Dizem que foi ele próprio quem jogou aquele último jornalista pela janela. Você sabe, aquele cara de São Petersburgo.

– Também ouvi dizer isso. Esse daí é mesmo um demônio. – Allam pigarreou. – Mas o problema é o seguinte… O meu pessoal está convencido de que Emma Ransom na verdade não estava atrás de Ivanov. Segundo eles, a bomba foi algum tipo de distração para entrar no escritório da nossa Agência Nuclear Britânica, equivalente à sua Comissão de Regulamentação Nuclear aí nos Estados Unidos, e roubar uns laptops contendo toda espécie de código confidencial. Acham que ela pode provocar algum tipo de incidente ou atentado a uma central nuclear nas próximas 48 horas.

– Na Inglaterra?

– Possivelmente. Mas pode ser em outro país.

– Se existe alguém capaz de fazer isso, é ela. Você vai ter um trabalhão para impedir. Quanto a mim, só estou tentando empatar o placar.

– Você fez uma cena e tanto no hospital hoje de manhã. Prudence Meadows é outra agente sua que ficou tensa demais, ou seria o marido?

– Sem comentários.

– Cuidado, Frank. Lembre-se de que nós somos apenas primos.

– Vou me comportar o melhor possível.

– Obrigado – disse Allam, enfático. – Na verdade, este era um telefonema de cortesia. Ficamos sabendo que Jonathan Ransom está em Roma. Na nossa opinião, ele está tentando achar a mulher. *Ele* eu sei que não é um dos seus. Deixa um rasto de mais de 1 quilômetro de comprimento e outro tanto de largura. Estou mandando uma equipe até lá, para trabalhar junto com os *carabinieri* e ver se conseguimos capturá-lo. Tenho a sensação de que ele sabe mais do que está dizendo. Você por acaso tem alguma informação a acrescentar?

Houve mais uma pausa demorada e Allam teve a clara impressão de que

aquele velho babaca Frank Connor estava se contorcendo na cadeira. Essa imagem mental o deixou realmente satisfeito.

– Você está livre para almoçar amanhã? – perguntou Connor.

– Talvez consiga encontrar uma brecha na minha agenda.

– Ótimo – respondeu ele. – Cinnamon Club, 1 da tarde. Ah, e só mais uma coisa.

– Sim? – Allam escutou com atenção enquanto Connor fazia um longo discurso. Era tudo o que podia fazer para não perder as estribeiras. – Está bem, então – disse depois de Connor terminar. – Vejo você à 1 da tarde. Mas Frank… *Frank*?

Mas não havia ninguém do outro lado da linha. Connor já tinha desligado.

45

JONATHAN APOIOU O OMBRO NA PORTA de madeira da igreja e ficou aliviado ao sentir que estava aberta. Entrou e parou para permitir que os olhos se adaptassem à luz mortiça. Velas tremeluziam em castiçais no interior da igreja. O luar entrava pelas janelas de vitral que margeavam a nave. Ele avançou pelo corredor entre as fileiras de assentos e esgueirou-se para dentro de uma delas. Não se ajoelhou, mas apoiou os cotovelos no banco à sua frente. A igreja estava em silêncio, e o único som era o de sua respiração irregular. Aos poucos, ele se acalmou. Estava seguro, mesmo que por apenas alguns minutos.

À sua esquerda havia uma capela construída em uma alcova lateral. O altar era simples, enfeitado com um tecido de brocado. Um crucifixo de madeira grosseiro estava pendurado na parede do fundo, com um esguio Cristo de mármore.

Do lado de fora das portas da igreja, a Polícia italiana vasculhava as ruas à procura do Dr. Jonathan Ransom. Ele só podia deduzir que os policiais haviam transmitido a notícia sobre sua presença em Roma para os colegas em Londres e, ao mesmo tempo, alertado as forças policiais italianas dos arredores. Sua captura devia estar bem no topo da lista de prioridades de qualquer policial italiano de Milão até a Sicília.

Sentado à meia-luz, Jonathan avaliou sua situação. Não tinha talento para uma vida de fugitivo. Não era do tipo de se esconder "dentro de um buraco", como Emma havia se referido à sua saída de emergência, e desaparecer da face da Terra. Mais cedo ou mais tarde seria capturado. A dúvida não era se, mas quando. Era uma questão de adiar o inevitável.

Ele desdobrou os papéis que havia pegado no escritório de Luca Lazio. Estava escuro demais para ler, mas ele conhecia as palavras. Uma artéria renal perfurada fizera Emma perder 3 litros de sangue. Ela devia estar delirando ao ser transportada para o hospital, ou talvez estivesse até à beira da morte. Nesse estado agonizante, com a consciência a lhe fugir, tinha dito chamar-se Lara. Não Eva Kruger, nem Kathleen O'Hara, nem Emma Ransom – seus conhecidos pseudônimos adotados –, mas *Lara*. E depois da cirurgia, quando haviam lhe perguntado seu sobrenome, ela havia se recusado a dizer.

Jonathan só conseguia pensar em um motivo para isso.

Lara era seu nome verdadeiro. Ela não tinha nenhum pseudônimo para acompanhá-lo. Apenas a verdade. E a verdade era algo que precisava manter em segredo a qualquer custo.

Jonathan se levantou e andou até o corredor central da nave. Passou alguns instantes olhando fixamente para o altar, erguendo os olhos para o teto e para os quadros a óleo retratando *A Queda do Homem*, *A Ressurreição de Jesus* e *O Segundo Advento*.

Virando-se, começou a andar até a porta. Um vento agora soprava lá fora e, em algum ponto, conseguia penetrar por uma fresta nas paredes da igreja, produzindo um assobio agudo. Ele parou para escutar, ouvindo naquele lamento estridente o medo que sentia. De repente, o vento cessou e ele sentiu a própria incerteza desaparecer também.

Abriu a porta e saiu para a rua.

46

FRANK CONNOR PAGOU O TÁXI e apresentou-se diante do recepcionista do Diamond Club, em Belgravia.

– Diga ao Sr. Danko que Bill, da Califórnia, já chegou. Vou estar lá em cima nas mesas.

Connor pagou a exorbitante taxa de entrada e subiu até o andar de cima. O Diamond Club era um cassino com licença particular, cujos clientes eram os ricaços do Leste Europeu que haviam emigrado aos montes para Londres ao longo dos últimos 10 anos. O clube era dividido em três andares. No térreo havia um elegante bar e restaurante. No primeiro andar funcionava o cassino propriamente dito. O segundo andar era reservado para mesas de jogo fechadas e para a administração.

Connor foi se sentar diante de uma mesa de *blackjack*, no meio do salão. Era 1 da manhã e o movimento estava fraco, com não mais de duas dúzias de jogadores espalhados pelo recinto.

Depois de três mãos, ele já havia perdido 200 libras. Gesticulou para o gerente do salão e informou-lhe que desejava falar com o Sr. Danko. O gerente aquiesceu com educação e prosseguiu seu tour pelas mesas. Dez minutos e mais 200 libras depois, Connor ainda não havia falado com Danko.

Chega, disse ele a si mesmo. Estava farto de ser educado.

Connor pediu o segundo uísque, afrouxou a gravata e começou a jogar de verdade. Em 10 minutos, ganhou mil libras. Uma hora depois já estava com 5 mil. Pediu um charuto e, quando o gerente do salão chegou com um Cohiba, Connor lhe disse para avisar ao Sr. Danko que, a menos que ele quisesse continuar tendo uma noite de grande prejuízo, era melhor descer aquele seu traseiro bósnio até o segundo andar antes que tivesse tempo de pronunciar o nome Slobodan Milosevic.

O gerente se retirou. Para mostrar que não estava de brincadeira, Connor apostou tudo ou nada na mão seguinte e tirou um ás com rei. *Blackjack*.

Sessenta segundos depois, Danko apareceu. Era alto e esbelto, com cabelos pretos alisados para trás, barba por fazer – ao estilo eslavo –, aparada no comprimento certo, e parecia totalmente à vontade num smoking branco.

– Oi, Frank. Há quanto tempo.

– Sente aí.

Danko dispensou o crupiê com um gesto e se sentou ao lado de Connor.

– O que está fazendo aqui?

– Preciso da sua ajuda.

– Olhe em volta. Eu saí dessa.

Connor correu os olhos pelo cassino antes de tornar a encarar Danko.

– Estou vendo o mesmo cara. Você conhece Roma. Preciso que faça um serviço lá para mim. Os seus passaportes ainda estão em ordem ou precisa que eu arrume alguma coisa para você?

Danko sorriu, agora não mais tão à vontade.

– Frank, escute, fico lisonjeado com o seu interesse. É uma honra, eu sei. Mas eu saí dessa. Estou com 40 anos. Velho demais para esse tipo de serviço. Por favor. Me dê uma folga.

– Nada de folgas hoje. Hoje é uma noite sem folga. Entende o que estou dizendo? Agora vá lá, junte suas coisas. Você ainda tem aquele seu rifle estiloso lá em cima? Vamos até a sua sala e eu dou os detalhes. O serviço vale 10 mil dólares.

– Isso eu ganho aqui em um dia. – Danko chegou mais perto, fazendo o cheiro de sua água-de-colônia invadir com força o nariz de Connor. – Eu dei sete anos a você. Cadê aquela cidadania americana que você me prometeu? Cadê a transferência para a Califórnia? Você me enganou e depois se livrou de mim quando não precisou mais.

– Eu tirei esse seu traseiro ossudo do campo de prisioneiros quando você estava pesando 43 quilos. Você tem uma dívida comigo.

– Obrigado, Frank, mas acho que já paguei.

Connor pensou um pouco.

– Posso oferecer 20 mil.

– Frank, está na hora de você ir.

Connor tentou puxar Danko para mais perto, porém tudo o que conseguiu fazer foi derramar seu uísque no elegante paletó de Danko.

– Talvez você até conheça o alvo – prosseguiu ele, insistente. – Emma Ransom. Lembra-se dela?

– Não, Frank. Eu não me lembro de ninguém nem de nada. Foi isso que você nos ensinou.

Danko ergueu uma das mãos e, um segundo depois, dois porteiros apareceram junto à mesa.

– Levem o Sr. Connor lá para baixo – disse. – Ajudem-no a chamar um táxi.

– Eu ainda não acabei de jogar, seu merda eslavo ingrato.

– Hora de ir embora.

Connor se levantou agressivamente e um dos porteiros o segurou pelo ombro. Connor se desvencilhou, em seguida recolheu as fichas. Ao sair, jogou uma ficha de 500 libras em cima de Danko.

E errou.

47

ELES ERAM ENCRENCA. Emma soube assim que os viu.

O grupo de arruaceiros muçulmanos havia dobrado a esquina logo em frente e estava vindo bem na sua direção, já assobiando e falando palavrões.

– Ei, garota, é melhor você tomar cuidado – disse um deles em árabe. – Aqui não é seguro para uma moça ocidental sozinha.

– Quem sabe ela precise da proteção de alguém – acrescentou outro. – Um homem de verdade.

– Piranha! – disse o último, como para pôr fim ao debate.

Eram seis ao todo, e usavam o tipo de moda urbana que fazia sucesso na juventude francesa desfavorecida: calça *baggy*, malhas esportivas de tamanho extragrande, correntes de ouro. Não havia para onde se virar nem para onde correr, mesmo que ela quisesse. Aquilo a deixou com raiva. Não estava com humor para encarar um confronto. Não nessa noite. Não quando estava de preto. Não quando o mais simpático dos sorrisos seria capaz de fazê-la perder a paciência, que dirá um bando de candidatos a terrorista. Ela amaldiçoou os rapazes do quartel-general. Quando alguém decidia abrir um negócio em algum *quartier louche*, tinha de estar preparado para aquele tipo de coisa acontecer.

O subúrbio de Seine Saint-Denis, a nordeste de Paris, era um bairro de imigrantes. Um bairro onde pobres estavam sempre indo e vindo. Um bairro que a Polícia evitava frequentar. Já passava das 2 da manhã, mas as ruas ainda estavam bastante movimentadas. Letreiros de neon indicavam uma lanchonete de falafel aberta a noite inteira. Um grupo de homens fumava ali perto. Mantendo os olhos fixos no bando de jovens, Emma puxou a bolsa a tiracolo mais para perto do corpo e continuou andando. A bolsa continha suas roupas de trabalho, a máquina fotográfica, sua bolsa de mão e, é claro, sua arma.

O bando a rodeava, seguindo-a rua acima.

– Ei, dona, estamos falando com você – disse outro, dessa vez em francês. – Está aqui de visita ou acabou de se mudar? Tenho certeza de que nenhum de nós nunca viu você antes.

Emma manteve o passo e dobrou uma esquina. Não ligou para os chamados. Sabia o que significava ser jovem, incontrolável e sem nenhuma autoridade para

respeitar, com tempo ocioso demais e dinheiro de menos.

– Com licença – disse ela, vendo o prédio que procurava e fazendo menção de atravessar a rua.

– Para que a pressa? – Era o líder, se é que havia um líder. Um rapaz feioso, de 19 ou 20 anos, argelino, a tirar pelo nariz aquilino e pelos olhos fundos. Postou-se na frente dela, impedindo sua passagem. Usava uma camiseta sem mangas e tinha os braços descomunais. Ela viu uma adaga tatuada em seu pescoço. Ex-presidiário. Isso explicava os braços. Ele tivera tempo de sobra para malhar no pátio da prisão.

– Eu disse "com licença". – Emma deu a volta nele, mas o rapaz se deslocou para impedir novamente a sua passagem. Ela se empertigou, sentindo uma tensão que não estivera presente um minuto antes. – O que você quer?

– Conversar.

– Está tarde. Tenho que ir para casa.

– Por que não vem para a minha? – perguntou o líder, chegando mais perto dela. – Só você e eu. Não se preocupe, levo você para casa a tempo da prece da manhã.

– Não vai ser preciso. Podem ir andando, meninos. – Ela os estava provocando e não conseguia se controlar. Estava de preto. Nessa noite ninguém iria intimidá-la.

Os outros também se aproximavam. Ela olhou por cima do ombro. A rua estava deserta. Nenhuma lanchonete de falafel ou estúdio de tatuagem. Apenas vitrines escuras. Ao longe, ela ouviu uma garrafa se estilhaçar e um riso histérico de mulher, que dali a pouco deu lugar a um grito. Alguma coisa se acendeu dentro dela.

– Não crie caso – disse o líder. – Por que não fica conosco?

– E pode ir passando a bolsa, aliás – disse outro. – Nós mandamos entregar no seu quarto para você.

A mão de alguém avançou para pegar a bolsa e ela a afastou com um safanão.

– A bolsa fica comigo.

– Quem decide isso sou eu – disse o líder. Estava a poucos centímetros dela, com os olhos próximos o suficiente para ela ver que um era metade verde e metade castanho. Foi então que ele cometeu seu erro. Esticou a mão e segurou o braço dela. Não com brutalidade, mas com firmeza e sem deixar dúvida quanto às suas intenções.

Era toda a provocação de que Emma precisava.

Ela o atingiu no osso do nariz com os nós dos dedos. O golpe foi tão rápido que ele não o viu chegar. A mão atingiu o alvo em cheio, e ela sentiu a cartilagem ceder e o septo se partir. Ele cambaleou um passo para trás, caindo de joelhos à medida que se dava conta da força do impacto, com o nariz quebrado e o sangue a lhe escorrer copiosamente das narinas. Ela deu um chute no peito do rapaz que estava atrás dela, o que ela havia sentido ser o mais violento do grupo. O chute o acertou em cheio no esterno. Ele desabou feito um saco de batatas, sem ar, com os olhos parecendo que iam saltar das órbitas.

E isso bastou. Os outros recuaram.

Enojada consigo mesma, Emma atravessou a rua a entrou no seu prédio.

♦♦♦

O prédio era um monumento ao anonimato, um HLM – *habitation à loyer modéré* – de 10 andares, construído 40 anos atrás e nunca reformado desde então. A portaria era sufocante e recendia a haxixe. Emma andou até o elevador e esperou cinco minutos até este chegar. A escada ficava do outro lado do hall, mas ela sabia que não podia subir os cinco andares a pé. Não ligava para os vizinhos drogados que pudesse encontrar. O que detestava era o cheiro de xixi velho. Ele a fazia pensar em sua casa e no passado. E o passado era a única coisa que ainda a amedrontava.

O elevador chegou. Emma subiu até o quinto. O apartamento 5F ficava no final do corredor. Ela segurava a chave com uma das mãos. A outra estava enterrada dentro da bolsa, segurando uma Sig Sauer P238 compacta.

Dentro do apartamento, trancou a porta, certificando-se de que o trinco duplo estava seguro. Largou a bolsa no chão da cozinha, em seguida ajoelhou-se e tirou lá de dentro a pistola, verificando que havia uma bala na câmara e que a trava de segurança estava presa, antes de colocá-la sobre a mesa. O lugar era um pardieiro, igual ao outro em que havia passado a noite anterior, em Ruão. *Bem-vinda de volta ao outro lado*, murmurou ela. A Divisão nunca teria permitido um lugar como aquele. Não era pelo dinheiro. Era uma questão de segurança. Pôr uma operação em risco por causa de um bando de arruaceiros de subúrbio era muito mais do que uma temeridade.

E o que dizer sobre o seu próprio comportamento? Comprar briga quando deveria ter ido embora. Temeridade era o mínimo que se podia dizer.

Ela abriu a geladeira. Uma lâmpada com mau contato iluminou um prato de queijo coberto de mofo e uma embalagem de leite azedo, cujo cheiro pôde sentir de onde estava. Fechou a porta, dizendo um palavrão entre dentes. O mínimo

que eles podiam fazer era pôr alguma coisa na geladeira para ela. Um iogurte, quem sabe um vidro de picles, ou pelo menos água mineral. Ou até mesmo, pelo amor de Deus, uma garrafa de vinho. Afinal de contas, aquilo ali era a França.

Sua barriga roncou e ela sentiu os músculos se contraírem de fome.

A lembrança a atingiu feito o golpe de um martelo.

Uma menina desengonçada usando um vestido de lã rasgado. Cabelos ruivos cortados curtos, despenteados e com ninhos impossíveis de desembaraçar. Olhos verdes rebeldes olhando fixamente de um rosto marcado pelo eczema. Ela estava em pé na cozinha da escola, com as mãos estendidas para receber o castigo. Aos seus pés, uma tigela de louça quebrada e o punhado de mingau que ela havia raspado do fundo da panela. O cinto preto chicoteou as palmas de suas mãos, depois outras partes de seu corpo. Embora seu corpo tenha gritado, o que mais lhe doía era a barriga contraída e cheia de roncos.

Emma riu do próprio sentimentalismo. Outras pessoas tinham tido uma sorte ainda pior. Em algum lugar dentro de si, porém, ouviu o nome Lara, e apressou-se em reprimir a lembrança.

Deu uma volta pelo apartamento, parando em cada cômodo para escutar as paredes. Era uma formalidade. Ela podia ouvir as vozes dos vizinhos sem levar o ouvido ao concreto lascado e sem pintura. Barulho era uma coisa boa. Silêncio era uma coisa ruim. Silêncio significava medo. E medo significava Polícia.

Voltou à cozinha e vasculhou a bolsa em busca de algo para comer. Encontrou um chiclete e algumas balas sortidas de alcaçuz, que tinha comprado em Londres a caminho do encontro com Jonathan. Despejou os pedaços de alcaçuz na palma da mão e os comeu, um por um. Tinha de reconhecer. Havia escolhido mesmo uma profissão cheia de glamour.

Nesse exato instante, alguém bateu na porta. Emma passou pela cozinha e pegou a pistola. Três outras batidas soaram. Ela espiou pelo olho mágico e reconheceu a figura carrancuda e mal-ajambrada do outro lado. Abriu a porta.

– Que ótimo este seu lugar, Papi.

– O apartamento não é nosso – disse ele, passando por ela. – Pertence aos nossos amigos de Teerã. Vá reclamar com eles.

– Pouco importa de quem é o apartamento. É um risco ter um imóvel clandestino em um *quartier* miserável feito este.

– Arriscado, é mesmo? – Papi se empertigou, ficando subitamente mais parecido com o oficial de carreira que era. – Você viu algum carro da Polícia por perto? Viu algum curioso? Pois é, achei mesmo que não. Não poderíamos estar

em lugar mais seguro, mesmo que você tenha tido que ensinar uma lição ao comitê de boas-vindas.

– Você viu?

– É claro que eu vi. Você acha que eu fico aqui? – Ele largou em cima da bancada a grande bolsa de couro que carregava e girou o pescoço como quem solta os músculos. – O que é que você esperava? Um centro de operações tinindo de novo, com analistas sentados à mesa e um monitor de 3 metros na parede? Você agora faz parte da minha equipe. Nós operamos fora do radar. Não muito diferente dos seus antigos patrões, embora eu ouse dizer que somos mais ambiciosos.

– E os laptops? – perguntou Emma. – Vocês conseguiram decodificar os discos rígidos antes de eles acionarem o dispositivo de segurança?

Um sorriso franziu os lábios pálidos de Papi. Usando as duas mãos, ele tirou da bolsa uma resma de papel grossa como uma lista telefônica.

– Eis aqui a Rainha como só os mais íntimos puderam vê-la. – Os documentos aterrissaram com um baque. – As plantas finais de construção, assinadas pelo engenheiro responsável em pessoa. Baixadas diretamente de seu santuário mais secreto. Cada corredor, cada janela e cada porta. Cem por cento de precisão.

Emma correu um dedo pelos desenhos detalhados, reconhecendo o esboço da central nuclear que tinha visitado mais cedo naquela mesma noite.

– De nada – disse ela.

– Vá se danar – murmurou Papi.

Os dois passaram duas horas examinando os desenhos, ensaiando a operação. Estudaram o prédio da segurança pelo qual Emma teria de passar para entrar no complexo, seu caminho até o prédio reforçado que abrigava o reator e, o mais importante de tudo, as formas de entrar e sair do prédio de combustível usado. Olharam as fotografias que Emma havia tirado mais cedo e as estudaram no laptop de Papi, um esguio MacBook Pro. Como todas as outras pessoas do seu país, ele era louco por produtos americanos.

Por fim, ele falou sobre a localização dos explosivos.

– Você vai instalar dois artefatos – disse Papi. – O primeiro contém uma carga de 2 quilos de RDX, com uma pitada de nitroglicerina para dar um pouco mais de energia. Colocado no lugar certo, ele abre um rombo de 3 metros de diâmetro na parede. É mais do que suficiente para o que precisamos fazer. O segundo artefato é maior. Três quilos de HMX. É o mais recente e o mais potente. Dez vezes mais potência por centímetro cúbico do que o Semtex. Só que é um pouco

instável, então nada de esbarrar com ele por aí. Quando acertar os *timers*, preste atenção para deixar um intervalo de pelo menos seis minutos entre a primeira e a segunda explosão. Precisamos desse intervalo para a água escoar. – Papi virou as plantas do prédio de combustível usado e olhou para Emma. – Calcule tempo suficiente para sair. Quando a água do tanque de resfriamento escoar, aquelas varetas vão começar a emitir mais raios gama do que a superfície do Sol. Quando o HMX explodir, você não vai querer estar perto de lá. Alguma pergunta?

– E o crachá da inspetora?

– Está aqui. – Pondo a mão dentro da bolsa, ele pegou um embrulho e despejou seu conteúdo sobre a bancada. – Seu nome é Anna Scholl – disse, percorrendo os documentos de identidade e selecionando um passaporte e uma carteira de motorista austríacos. – Nasceu em Salzburgo em 1975. Formada pela Hochschule St. Gallen, na Suíça. Trabalha para a AIEA há dois anos. Começou no Departamento Administrativo, e nove meses atrás foi transferida para o Departamento de Segurança, Diretoria de Inspeções.

Emma estudou a fotografia do passaporte. Era seu *look* de executiva. Cabelos curtos. Óculos sem aro. Muita maquiagem.

– O escritório da CISN fica em La Défense. Na entrada, vão comparar a sua foto com a base de dados da AIEA. Um homem chamado Pierre Bertels vai encontrar você às 10 da manhã. Ele gerencia o setor de crachás de lá.

Emma estudou o pedaço de papel. Nele estava escrito: "Corporação Internacional de Segurança Nuclear, Avenue de l'Arche, 14, La Défense 6, Paris".

– E a Anna Scholl de verdade?

Um brilho rápido nos olhos de Papi serviu de aviso.

– Ela não vai ser um problema – respondeu ele, pétreo.

– Ótimo – respondeu Emma com igual falta de sensibilidade. – E tem certeza de que esse tal de Bertels não vai ligar para Viena para confirmar nada?

– Tanta certeza quanto possível. A empresa dele não trabalha diretamente para a AIEA. Seus clientes são as empresas de geração de energia, não os organismos de regulamentação. O procedimento todo não deve levar mais de uma hora. Trouxe umas coisas para você usar.

Papi tirou uma roupa da bolsa e a pôs sobre a mesa da cozinha. Era um elegante terninho de duas peças envolto no plástico de proteção de uma tinturaria.

Emma pegou a roupa e a segurou com o braço esticado.

– Se eu cruzar as pernas, você vai ver minhas partes baixas.

Papi chegou mais perto e a segurou pela cintura.

– Fui eu mesmo que escolhi. Experimente.

– Depois.

– Quero ter certeza de que é do tamanho certo.

– É uma ordem, coronel?

– Agora é general. – Papi deu a volta nela, passando a mão por sua cintura e deixando-a descer um pouco mais para alisar sua bunda. – Pensei que você fosse querer agradar a um oficial superior.

– Isso já faz muito tempo.

– Só termina quando eu disser que terminou.

Emma se virou e segurou a mão dele, prendendo-a pelo pulso. Mas Papi era forte e, apesar do tamanho, era ágil também. Desvencilhou-se e segurou o pulso dela, depois deu-lhe um tapa no rosto com a mão esquerda.

– Você ficou mais forte – disse ele, soltando-a.

O pulso de Emma doía, mas ela se recusou a tocá-lo.

– Não faça isso de novo – disse ela.

Papi soltou o ar pelo nariz com desprezo.

– Tem mais uma coisa. Quando chegar à usina, você vai receber um passe de visitante equipado com um chip de identificação por radiofrequência. Os sensores vão registrar cada passo que você der. A única pessoa que pode acessar sua localização sem permissão do escritório central é o chefe da segurança da usina. Ele vai ter que ser neutralizado antes de você entrar.

– Qual o nome dele?

Papi franziu o cenho.

– Ainda não sabemos. Todos os funcionários da usina trabalham para a Électricité de France, a estatal que opera a malha nuclear. Ele teve que ser aprovado, como você. Bertels deve ter as informações dele em arquivo. Cabe a você encontrar um jeito de acessá-las. – Papi andou lentamente até a porta. – Tenho certeza de que não vai ser um grande problema. Foi para isso que nós treinamos vocês Rouxinóis, não foi?

Ele saiu do apartamento sorrindo.

– Babaca – disse ela.

48

– EU NÃO VOU PARA A ITÁLIA. Vou ficar aqui. Há trabalho a ser feito.

Charles Graves percorreu o carpete claro que cobria o chão de sua sala no primeiro andar da Thames House e foi se sentar atrás da escrivaninha. Kate Ford veio alguns passos atrás, fechou a porta e apoiou as costas ali.

– Não acho que *sir* Tony vá gostar disso – disse ela.

– *Sir* Tony quer resultados.

– Mesmo que isso signifique desobedecer às ordens dele?

– Principalmente se significar desobedecer às ordens dele.

Kate sentou-se em frente a ele.

– Qual é a sua ideia?

– Essas usinas nucleares não são tão seguras quanto a AIEA quer nos fazer acreditar. Se fossem, eles não estariam tão atordoados com o roubo dos laptops.

– Ele abriu a gaveta e procurou até encontrar um caderno com os telefones da Met. – Refresque a minha memória – disse, balançando a cabeça loura. – O sistema de segurança do apartamento do Russell também não era infalível?

– Você está dizendo que a AIEA não sabe do que está falando?

Graves parou de folhear a lista de telefones.

– Estou dizendo que, se Emma Ransom se deu a esse trabalho todo para conseguir esses laptops, foi por algum motivo. Tem alguma coisa sendo preparada. Robert Russell sabia disso, e agora nós também sabemos.

– E daí?

– Farei o que você sugeriu mais cedo. Vou descobrir exatamente quem é a fonte de lorde Russell.

– A que avisou a ele sobre o carro-bomba?

– E existe outra?

– Você conseguiu alguma resposta do Departamento de Comunicações sobre o histórico de telefone ou internet dele?

– Quando o negócio era apagar os próprios rastos, Russell era melhor do que qualquer terrorista. O único telefone que temos em seu nome era o que os amigos e parentes usavam. Tudo por cima dos panos. O espertinho

provavelmente tinha uma porção de chips de celular que usava para as ligações particulares. Se não encontrarmos um desses chips, não vamos ter sorte. O mesmo vale para os e-mails. Ah, pronto, aqui está! – Graves encontrou a página onde estavam listados os telefones do Escritório da Vigilância Visual de Automóveis, pegou o aparelho e discou um número interno.

– Graves. Seção G. Preciso de tudo o que vocês tiverem sobre Sloane Square três noites atrás, entre 23h30 e 1h15. Considerem como área de busca um quadrado de quatro quarteirões. Mandem os resultados para minha caixa de entrada pessoal. Em quanto tempo? Se conseguirem em uma hora, vocês ganham uma caixa de cerveja.

– Russell passou em Sloane Square depois de visitar a casa dos pais na noite em que foi assassinado – disse Kate.

– Pois é. – Graves se levantou e deu a volta na mesa, pegando as chaves do carro e pondo-as no bolso. – No Windsor Club. Nobres do reino, sangue azul, essas coisas. Como eu disse, foi burrice minha.

– Burrice por quê? – perguntou Kate, levantando-se e acompanhando-o até o lado de fora da sala.

– Não é óbvio? Russell encontrou alguém no clube que disse a ele o que significava "Victoria Bear".

Graves parou na porta. Kate estava a menos de meio metro de distância. Ele percebeu que seu nariz tinha algumas sardas e que seus cabelos eram naturalmente louros. Belos olhos, também. Algo gentil escondido atrás de todo aquele aço.

– Boa sorte na Itália – disse ele. – Encontre o cara. Encontre Ransom. E, sem olhar para trás, desceu apressado o corredor.

◆◆◆

Sozinho. Era esse o problema, concluiu Graves enquanto dirigia pelas ruas de Westminster. Tempo de mais no emprego e tempo de menos para si próprio. Ele tinha 40 anos e fora casado uma vez, por apenas dois anos. Ela o pusera para fora depois de ele voltar de uma estada de nove meses no Iraque durante os primeiros incidentes, em 1991, ou melhor, pusera para fora suas malas, seus troféus de futebol e sua calopsita, Jack. Como prova de seus esforços, ele trazia uma cicatriz e uma medalha, mas ela queria mais. Queria *ele*.

Na época, ele trabalhava no Regimento de Paraquedistas, com uma passagem pelo SAS, Special Air Service. Agora trabalhava no Five. Ambos os empregos

exigiam quase todo o tempo que um homem tivesse disponível e ele cumpria essa jornada sem reclamar. Com entusiasmo, até. Não sabia fazer de outro jeito. Já tinha pensado em jogar tudo para o alto. Havia muitas ofertas no setor de segurança privada. Empregos muito bem remunerados, lidando com executivos importantes, para ajudar seguradoras a se protegerem de fraudes ou bancos a escolherem o sistema de alarme mais sofisticado. Mas era só isso que tinha feito: pensar a respeito. No fim das contas, não dava a mínima para dinheiro. Ganhava o suficiente para suprir as próprias necessidades e comprar um brinquedinho de vez em quando. A questão era outra, não era? Maior do que isso. Meu Deus, se ao menos ele soubesse que palavra usar. A questão era aquilo que sentia quando conseguia pegá-los antes de eles o pegarem.

Ele cruzou com o próprio olhar no espelho e fez uma cara de reprovação. *Esqueça isso*, repreendeu a si mesmo. *Não me venha com esse papo grandioso. Concentre-se no seu trabalho e pronto. Descubra o que Emma Ransom estava aprontando, e faça isso logo.*

Ele dobrou a esquina da Sloane Square e viu o lugar para onde estava indo. Mesmo assim, continuou tomado por aquela súbita melancolia. Não esperava que ninguém entendesse.

Ninguém a não ser Kate.

◆◆◆

Uma discreta placa de bronze, com as letras gravadas tão gastas que eram quase ilegíveis, era tudo o que distinguia o estabelecimento no número 16 da Sloane Square. Graves tocou o interfone do Windsor Club. Uma voz feminina atendeu e ele disse seu nome e seu cargo.

– É uma emergência – acrescentou. – Abra a porta.

Uma campainha soou e ele empurrou a porta para abri-la. O hall era todo de madeira e a luz era fornecida por um candelabro que devia ter mais de dois séculos. O chão estava gasto e precisando ser encerado. Um luxo desprezível para aqueles ricaços se preocuparem.

– Coronel Graves, meu nome é James Tweeden, sou gerente do clube. Como podemos ajudar?

O homem era alto e corpulento, vestido de forma conservadora, com terno e gravata azul-marinho. Seu aperto de mão parecia de ferro. *Ex-militar*, supôs Graves enquanto Tweeden o conduzia até uma sala de estar vazia.

– Vocês sempre ficam abertos até tarde? – perguntou Graves, desabotoando o

paletó e sentando-se.

– Na verdade nosso horário não é fixo. Abrimos às 11 da manhã. Os funcionários ficam o tempo que for necessário.

Um garçom se aproximou e Tweeden o dispensou com um aceno, antes de Graves conseguir pedir um chá.

– Vim aqui falar sobre Robert Russell. Ele veio ao clube duas noites atrás. Gostaria de saber com quem se encontrou.

– Nós não falamos sobre as atividades de nossos membros – disse Tweeden. – É por isso que o nosso estabelecimento é um clube "privativo".

– E de *ex-membros*? Russell morreu.

– É a mesma coisa. Nossa preocupação é com a família Russell.

– Nada de errado com isso. Em circunstâncias normais, eu deixaria tudo como está, mas algo aconteceu. Temos fotos do carro dele estacionado bem aqui em frente.

– Isso tem alguma relação com seu assassinato?

– Na verdade, é mais do que isso. – Graves inclinou a cabeça e chegou mais perto de Tweeden, sussurrando em tom de confidência. – Olhe, Sr. Tweeden, o senhor pode trabalhar até tarde, mas eu não. Se vim aqui à 1h30 da manhã, é porque o assunto é sério. Questão de segurança nacional. Se o senhor quiser, podemos ligar para o diretor-geral. – Graves ofereceu seu celular.

– Não acho que seja necessário.

– Onde o senhor serviu? – perguntou Graves.

– Nos Granadeiros.

– Eu fui do Regimento de Paraquedistas – informou Graves.

– Babacas.

– Olhe quem fala. Tem que ser boiola para usar aqueles chapéus de pelo de urso.

Os dois riram. Tweeden gesticulou para Graves chegar mais perto.

– Olhe aqui, coronel. Este emprego é ótimo. O salário é competitivo. Os sócios são agradáveis. O pai de Russell, o duque, fez meu filho entrar em Eton. A única coisa que eles pedem é lealdade e discrição. Quando um sócio entra por aquela porta, ele não quer que o mundo entre atrás.

Graves disse que compreendia.

– Isto aqui é só entre nós. Você tem minha palavra de que ninguém vai ficar sabendo.

– Tudo bem, então – disse Tweeden. – Acho que um pouquinho de fofoca não vai fazer mal. Mas é só entre nós dois. Lorde Russell esteve aqui. Chegou à meia-noite. Eu o recebi. Ele pediu uma sala privativa. Ia receber um convidado e queria usar a entrada dos fundos…

Passos soaram na soleira da porta atrás deles. Tweeden se levantou com um pulo. Graves olhou por cima do ombro e viu um rosto comprido, ossudo, conhecido por todos os britânicos com idade acima de 2 anos. Um dos cerca de uma dúzia de homens com o direito de usar o título HRH, His Royal Highness, Sua Alteza Real. Os olhos do homem observaram Graves de cima a baixo e não pareceram nada contentes. Segundos depois, ele desapareceu.

O efeito sobre Tweeden foi imediato.

– O senhor vai ter que ir embora agora, coronel – disse o gerente do clube, com uma voz gélida.

– Não posso ajudar com mais nada.

Graves se levantou.

– Quem era? – sussurrou ele. – Com quem Russell se encontrou? Me dê um nome.

– Um estrangeiro – respondeu Tweeden. – Um nome que aparece sempre nas páginas de futebol dos jornais. – Então, com uma voz mais alta, para todos ouvirem: – Foi um prazer. Meu assistente vai levar o senhor até a porta.

– Por favor – disse Graves, segurando o cotovelo de Tweeden. – Um nome. O senhor pode fazer isso por mim.

Tweeden deu um puxão para soltar a manga.

– Boa noite, coronel.

♦♦♦

Graves deixou-se cair no banco da frente de seu Rover e bateu a porta com força.

– Que se dane isso tudo – murmurou entre dentes. Estava a poucos segundos de conseguir o nome e, então, quem resolve aparecer? Se não fosse um homem racional, Graves iria pensar que os deuses tinham algo contra ele. Cogitou correr para casa e arrumar a mala para viajar com Kate. O avião dela estava marcado para decolar às 5 horas. Ele poderia até dormir uma ou duas horas.

Sentiu o celular vibrar e viu que tinha recebido uma mensagem de texto da VVA, a Vigilância Visual de Automóveis. Cruzou os dedos.

– Se não for pedir muito, meu Deus…

Ele baixou a mensagem da caixa de entrada para o painel de comando do carro. Não era nada digno de James Bond, apenas um monitor colorido arranhado, igual aos que equipavam qualquer viatura policial hoje em dia. Uma após outra, as fotografias tiradas pelas câmeras de segurança em um perímetro de quatro quarteirões ao redor de Sloane Square surgiram no monitor. Ele começou a percorrê-las, até ver o Aston Martin DB12 de Russell estacionado na mesma vaga em que ele estava agora.

Graves foi passando as fotos seguintes mais devagar. Um selo no canto inferior marcando o horário indicava um intervalo de dois minutos entre cada imagem. Seria muita sorte se encontrasse alguma coisa. Um Lamborghini passou, depois um BMW, um Mercedes e um inconfundível Rolls-Royce Phantom. Ele se perguntou se hoje em dia alguém em Londres dirigia um carro que custasse menos de 100 mil libras.

A fonte das imagens foi trocada para a câmera nos fundos do clube. Graves se endireitou no banco, lembrando-se de que Tweeden lhe havia revelado que o convidado de Russell entrara pela porta dos fundos. Ele passou por 30 ou 40 imagens antes de se deter abruptamente.

Era o Rolls-Royce de novo: um Phantom preto, carro-chefe da marca. O carro estava parado em frente à entrada dos fundos do clube. A porta do carona estava aberta, mas não era possível ver ninguém. Vidros escurecidos impediam-no de enxergar o interior do carro.

Graves ampliou a imagem. O veículo tinha uma placa fantasia na qual estava escrito ARSNL 1. Qualquer fã de futebol de Londres sabia de quem era aquele carro. Ele se lembrou da pilha de revistas esportivas sobre o time de futebol Arsenal que tinha encontrado no apartamento de Russell. Mais um mistério explicado.

Ele deu o número da placa à VVA, pedindo todas as informações pertinentes sobre a documentação do carro. Um nome, um número de telefone e um endereço estavam à sua espera quando ele chegou a Thames House nove minutos depois. Não era exatamente um HRH, mas também não chegava a ser um plebeu, pelo menos não no sentido mais genérico do termo. Homens e mulheres cuja fortuna ultrapassasse 1 bilhão de libras formavam a sua própria aristocracia, fossem eles ingleses ou não.

A justiça não poupa ninguém, pensou Graves enquanto pegava o telefone e discava o número que constava no registro do automóvel. Perguntou-se o que um bilionário iria achar de ser acordado às 2 da manhã. Uma voz zangada atendeu no sétimo toque.

– *Da?* – disse o homem apelidado de Tubarão Branco.

Graves tinha sua resposta. O bilionário não ficou muito contente. No fim das contas, eles não eram tão diferentes assim de nós.

49

Como fantasmas sob a luz que surgia, as figuras flutuavam pelo cais, juntando redes, recolhendo amarras e enrolando cordas, enquanto preparavam as embarcações para zarpar. Ainda não eram 5 da manhã, mas o porto de Civitavecchia estava totalmente desperto. *As docas não dormem nunca*, pensou Jonathan, percorrendo o cais. Estava cansado e com fome, e sua calça estava molhada por ter dormido na grama em um campo nos arredores da cidade. Ao norte, avistavam-se por entre as brechas da névoa da aurora as imensas barcas oceânicas que esperavam para embarcar seus passageiros à primeira luz do dia e levá-los para os portos da Córsega, da França e da Espanha. Ao sul, uma frota de barcos pesqueiros oscilava do lado de dentro do píer, aprontando-se para mais um dia de trabalho.

Jonathan comprou um saco de castanhas assadas, quentinhas, e encontrou um lugar para sentar, anônimo entre os marinheiros que passavam. O porto não lhe parecia nem familiar nem desconhecido. Oito anos haviam se passado desde a sua última visita. Era fevereiro, não julho, e as ruas estavam frias e desertas, a cidade imersa em melancolia. Não era propriamente um lugar que pedia para ser visitado.

Mesmo assim, Emma havia insistido para que fossem até lá.

– Ninguém fica em Roma – dissera ela. – É caro demais. Civitavecchia é que é bom. Você praticamente tem a sensação de que vai esbarrar com Nero em cada esquina.

Ele sabia agora que os motivos dela eram desculpas. Ela não fora até lá para fugir dos preços altos ou dos turistas. Em fevereiro, não havia nem uma coisa nem outra. Fora até lá pelo mesmo motivo que a levara à cidade três meses antes. Fora até lá porque precisava encontrar alguém. E ele tinha uma desconfiança de que o nome desse alguém tinha as iniciais S.S.

Mordeu uma castanha, recordando a visita que tinham feito juntos. Oito anos eram muito tempo, e ele estivera preocupado demais com a mudança de posto de última hora que havia interrompido sua lua de mel para bancar o turista ansioso. Olhou por cima do ombro para os cafés e bares enfileirados à beira-mar. Estavam todos às escuras, com os toldos recolhidos, as cadeiras empilhadas ao lado das portas e presas por correntes para não serem roubadas.

Foi então que ele viu. Letras de forma grandes e coloridas, idênticas àquele dia em fevereiro, tanto tempo atrás. Leu as palavras e tudo lhe voltou à mente em uma enxurrada. As incontroláveis sensações de confusão, apreensão e raiva.

O letreiro dizia: "Hotel Rondo".

Como é que ele havia se esquecido?

◆◆◆

Emma largou a máquina fotográfica em cima da mesa e desabou na cama.

– Então, o que acha? Não tive razão quando sugeri virmos para cá?

Eram 4 da tarde. Jonathan estava encharcado por causa de uma onda que os pegara de surpresa à beira-mar. Tinham dado um passeio pela antiga cidade portuária de Civitavecchia que teria deixado exaustos até mesmo os turistas mais ávidos.

– Acho que não preciso mais ver nenhuma coluna dórica até completar 40 anos.

Emma deu-lhe um soquinho no braço.

– Agradeça por eu só ter insistido para que visitássemos os lugares mais importantes. Três horas não são tanto assim.

– Três horas? Pensei que fossem três dias. – Jonathan ficou olhando enquanto Emma tirava as roupas molhadas. Primeiro o casaco, depois a blusa, a calça e, por fim, as meias. Ela se virou usando apenas a roupa de baixo, uma simples calcinha de algodão. Mas em Emma até um saco de papel ficava sexy.

– Está olhando o quê?

– Você.

– Por quê?

– Porque eu acho que mereço uma recompensa. Por ter prestado atenção enquanto você lia aquelas coisas todas no guia, sabe?

– Acha mesmo?

– Acho, sim. Alguma coisa para me fazer esquecer que poderíamos estar admirando a Capela Sistina em vez de todas essas latrinas antigas.

– Você gosta é de todas aquelas mulheres peladas, só isso.

– Michelangelo tinha um olho para o belo tão bom quanto o meu.

– É mesmo? – Emma lançou-lhe um olhar como se lhe dissesse que ele era muito arrogante. – Bom, então eu acho que posso fazer alguma coisa para dar um jeito nisso – disse ela, usando o mesmo tom que Jonathan e indo mais longe ainda na brincadeira. – E ao mesmo tempo posso fazer você passear pela cidade.

– Que interessante. Estou curioso.

– Sente na cama. E não fique perto demais. Nada de tocar na professora.

Jonathan pulou na cama e arrumou os travesseiros nas costas enquanto Emma desaparecia no banheiro. Quando ela voltou, três minutos depois, havia soltado os cabelos, e as tranças úmidas caíam sobre seus ombros nus. Uma toalha cobria-lhe o peito e ela estava com uma das mãos escondida atrás das costas.

– Feche os olhos – falou.

Jonathan fez o que ela mandava.

– Tá. Pode abrir.

Jonathan abriu os olhos. Emma estava em pé em frente à cama, nua. Com uma das mãos, cobria o púbis. Com a outra, estendia uma reluzente maçã vermelha na sua direção. Ela era a Eva da Capela Sistina.

– Adão nunca teve a menor chance – disse ele. – Onde começa a fronteira do pecado original?

Emma estalou os dedos.

– Feche os olhos de novo.

Jonathan obedeceu. Dessa vez, quando os abriu, ela estava sentada em uma cadeira e olhava com uma expressão triste para a jaqueta de patrulheiro florestal de Jonathan, estendida em seu colo. A emoção em seus olhos o pegou de surpresa e tocou algo bem lá no fundo dele.

– Maria. Quer dizer, a Pietà *– disse ele.*

– Muito bem. – Emma pulou da cadeira. – Mais uma.

Jonathan fechou os olhos pela terceira vez. Quando ela pediu que olhasse, estava em pé em cima da mesma cadeira, com uma das pernas apoiada de forma atrevida em um dos braços e as mãos juntando os cabelos acima da cabeça.

– O nascimento de Vênus *– disse ele.*

– Errou. Esse quadro está no Louvre.

– Caravaggio. Ele não pintou alguma coisa nesta cidade?

– Errou de novo.

– Sei lá. Eu sou médico. Passei o tempo todo estudando livros de anatomia, não história da arte. Desisto.

Emma pulou para cima da cama e aninhou-se junto a ele.

– Emma Rose Ransom. Miss Fevereiro. A sua obra-prima particular.

♦♦♦

Depois, ficaram deitados na cama abraçados. A chuva tinha recomeçado e

retinia nas janelas com uma intensidade perturbadora.

– Por que Belgrado? – quis saber Emma. – Logo lá! Não é justo.

– Nós só vamos passar por Belgrado. Estamos indo para o Kosovo. É uma província da Sérvia. Vai ser só por alguns meses.

– Mas lá é perigoso. Para mim já chega de balas e granadas por um bom tempo.

– A guerra acabou – disse Jonathan, erguendo-se apoiado em um dos cotovelos. – Vamos ajudar o povo de lá a se reerguer. Metade dos médicos foi embora do país. Além do mais, é só por três meses, depois vamos para a Indonésia, como planejamos.

– Eles poderiam pelo menos ter nos deixado terminar a lua de mel. Tudo sempre é uma emergência. Pensei que fossem conseguir se virar sem nós. – Emma rolou para fora da cama e entrou no banheiro. Dali a poucos minutos, surgiu completamente vestida. – Vou sair – disse. – Quer alguma coisa?

– Nessa chuva?

Emma espiou pela janela.

– Não está tão ruim.

– Comparada com o que, com o dilúvio de Noé?

– Como estamos bíblicos hoje…

– Vindas da própria Eva, acho que essas palavras devem significar alguma coisa. – Jonathan deu uma risadinha, em seguida afastou as cobertas e se levantou. – Espere aí, Sra. Ransom, eu vou com você.

Emma chegou mais perto e lhe deu um beijo.

– Fique aqui. Você parece cansado. Por que não tira um cochilo?

– Não, vou pegar um pouco de ar também.

– Sério – insistiu ela. – Vai ser uma chatice. Faça alguma coisa útil. Confirme nossos voos de volta. Melhor ainda, arrume um lugar decente para o jantar.

Jonathan olhou para Emma. Viu nos olhos dela algo que nunca tinha visto antes. Ela não queria que ele a acompanhasse.

– Parece uma boa ideia. Vou confirmar os voos e reservar uma mesa no melhor restaurante da cidade.

– Quero alguma coisa bem decadente. Espaguete à carbonara com pão quentinho e manteiga, e zabaglione *de sobremesa. – Ela fez uma careta. – O que eles comem no Kosovo, aliás?*

Emma saiu. Jonathan tomou uma chuveirada e se vestiu. Seguindo as instruções dela, confirmou seus voos de volta. Segundo o concierge *do hotel, o*

melhor restaurante da cidade era a Trattoria Rodolfo. Jonathan tinha certeza de que os preços eram exorbitantes, mas e daí? Não achava que ele e Emma fossem encontrar restaurantes de três estrelas na zona rural da Sérvia.

Pensando ter correspondido às expectativas de Emma, ele pegou seu livro e começou a ler. A cada 15 minutos, verificava as horas no relógio. Depois de passada uma hora, largou o livro e foi até a janela. Não havia estiado; pelo contrário, chovia ainda mais forte do que antes, um verdadeiro dilúvio. Ele sorriu consigo mesmo. Pronto, estava ficando bíblico de novo. Vestiu o casaco e desceu até a recepção.

– Scusi – *disse ao* concierge –, *o senhor viu minha mulher,* signora *Ransom?*

O concierge *respondeu que sim. Deu a volta de trás do balcão onde estava e apontou para a direção que ela havia tomado ao sair do hotel. Jonathan pôs seu boné de beisebol e vestiu o capuz por cima. Aventurando-se para a rua, foi descendo a encosta em direção ao porto, mantendo-se próximo dos prédios e abaixando-se sob qualquer toldo que encontrasse. A chuva estava horrível e as ruas calçadas de pedra estavam escorregadias. Ficou atento para ver se encontrava Emma, mas depois de cinco minutos perdeu a paciência. Entrou em uma lojinha de jornais para sair da chuva. Examinou um mostruário giratório de postais e escolheu um que mostrava um anfiteatro e outro das catacumbas que tinham visitado naquela manhã.*

– Três euros – disse o vendedor.

Jonathan pôs a mão no bolso para pegar algumas moedas. Enquanto esperava pelo troco, olhou de relance pela janela. Do outro lado da rua, as portas de um hotel se abriram, proporcionando-lhe uma visão desimpedida do lobby. Era um espaço fundo, mal iluminado, com um balcão de recepção de madeira encerada e, estranhamente, a réplica de uma cabine telefônica inglesa no canto mais afastado. Atravessando o lobby, muito entretida em uma conversa com um homem, estava Emma. Imediatamente ficou claro que os dois se conheciam bem. Emma tinha uma das mãos pousada sobre o seu braço, e sua atenção estava totalmente concentrada nele. O homem estava de costas para Jonathan, e tudo o que ele pôde perceber foi a capa de chuva de sarja verde e o chapéu de feltro macio da mesma cor.

No instante seguinte, as portas se fecharam.

Jonathan passou alguns instantes parado, confuso com o que acabara de ver. Ao mesmo tempo, lembrou-se da insistência de Emma para que ficasse no quarto de seu hotel. Recolhendo os postais, ele atravessou a rua, tomando cuidado para

não se apressar nem parecer, de algum modo, perturbado. Tinha certeza de que havia uma explicação satisfatória para ela ter saído do hotel de forma tão sorrateira para encontrar-se com outro homem. Porém, quando ele entrou no lobby, Emma e o sujeito com quem ela estivera tão entretida conversando não estavam mais lá.

Jonathan verificou o pub anexo (isso explicava a cabine telefônica), assim como a sala de estar e a sala de leitura, mas não teve sucesso.

Emma não estava em lugar algum.

♦♦♦

Jonathan jogou o saco de castanhas assadas na lixeira e subiu depressa a rua estreita, em direção ao Hotel Rondo. Andava com rapidez, um homem em busca de alguma coisa. Depois de tanto tempo, era difícil lembrar exatamente o que tinha visto naquele dia.

Emma estava no quarto quando ele voltou. Com a maior calma possível, ele perguntou se era ela no lobby do outro hotel. Ela respondeu que não. Disse que tinha ido passear pelo porto. Quando ele insistiu, ela não ficou chateada nem ofendida. Simplesmente respondeu que ele devia ter se enganado. E então lhe deu de presente um peso de papel no formato de uma antiga trirreme romana, que comprara em uma loja que tinham visitado juntos, na direção oposta à do Hotel Rondo.

E a história terminou ali. Jonathan acreditou nela. A luz do lobby estava fraca. A chuva não ajudava. Ele explicou o ocorrido como um caso de confusão de identidade. Nunca, nem uma vez em todos os anos subsequentes, cogitou questionar a versão dela.

Até agora. Até Emma ser recolhida por uma ambulância oito anos depois naquele mesmo endereço. Via Porto, 89. Civitavecchia.

O endereço do Hotel Rondo.

50

O JATINHO HAWKER POUSOU NO AEROPORTO Leonardo da Vinci, em Roma, às 8h33, horário local. Sob um céu azul-claro, o avião taxiou até um terminal isolado na extremidade sul dos 81 hectares do complexo do aeroporto. Um esquadrão de carros da Polícia formava um semicírculo junto à pista. Depois de descer a escada, Kate Ford cumprimentou com um aperto de mão o chefe da Polícia romana e um tenente-coronel que comandava o braço romano dos *carabinieri*, ou a Polícia Federal. Depois de uma troca de formalidades, ela recebeu as últimas notícias sobre a caçada a Jonathan Ransom.

Fotografias de Ransom tiradas na ocasião de sua prisão haviam sido enviadas para todas as delegacias da região. Cópias das fotos haviam sido distribuídas a agentes que patrulhavam a pé as áreas turísticas de Roma – Coliseu, Foro romano, Basílica de São Pedro e Vaticano. A notícia de que ele havia sido visto dentro dos limites da cidade também foi transmitida para as autoridades ferroviárias e de transportes das quatro principais estações de trem de Roma. As patrulhas policiais foram duplicadas no aeroporto Leonardo da Vinci e em Ciampino, o pequeno aeroporto regional localizado junto ao Rodoanel Externo, 15 quilômetros a leste da cidade.

– Vocês montaram algum bloqueio nas estradas ou estão verificando o tráfego? – quis saber Kate.

– É verão – explicou o chefe da Polícia sem se desculpar. – Temporada turística. O tráfego já está ruim do jeito que está. Sem uma identificação confirmada em algum lugar específico, não há nada que possamos fazer.

– Entendo – respondeu ela, com um sorriso, para suavizar a conversa. Em seguida, gesticulou em direção ao terminal – A testemunha está aqui?

– Está esperando lá dentro. Por aqui.

Kate seguiu o alto e magro chefe da Polícia, subiu uma escada e entrou no prédio. O aeroporto ficava no litoral, e o cheiro de sal e de maresia e a brisa refrescante deixaram-na revigorada. Quando chegou à porta, ela parou por um instante para admirar a imensidão azul. Ransom estava perto. Era estranho, mas ela podia sentir sua presença e até intuir seu desespero. Eles estavam ambos correndo.

Depois de sair de Thames House, Kate havia passado em casa por tempo suficiente para tomar um banho de chuveiro, pegar uma muda de roupa e escovar os dentes, antes de sair correndo para Heathrow. Entre comunicados de Graves e atualizações da Polícia italiana, ela conseguira dormir duas horas em um sofá nos fundos da cabine. Agora uma rajada de vento soprava seus cabelos, e Kate se apressou em contê-los com uma das mãos. O gesto a fez pensar em Kenny Galã Laxton, e ela deixou a mão pender junto ao corpo. Nem três dias haviam transcorrido desde que atendera o telefonema sobre o suposto suicídio no número 1 da Park Lane, que dera início à investigação. Nesse ínterim, o suicídio se revelara na verdade um assassinato, um carro-bomba tirara a vida de seu querido amigo Reg Cleak e de muitos outros, e algo infinitamente mais assustador estava próximo de se realizar.

Dentro do terminal, o grupo entrou em uma sala de reunião com ar condicionado. O Dr. Luca Lazio estava sentado sozinho à cabeceira da mesa, fumando furiosamente. Kate se apresentou. Depois de verificar que Lazio falava inglês fluentemente, pediu que todos os agentes se retirassem, com exceção do chefe da Polícia.

– Foi muito corajoso da sua parte tentar deter Jonathan Ransom – disse Kate, escolhendo uma cadeira ao lado dele, ao perceber que ele ficava à vontade na presença de mulheres.

– Corajoso, não. Necessário.

– Não teve medo de que ele machucasse o senhor?

Satisfeito com a proximidade dela, Lazio balançou a cabeça com uma segurança exagerada.

– Eu conheço Ransom. Ele sacudiu a arma para lá e para cá, mas não achei que fosse usá-la.

Kate não esperava que Ransom estivesse armado. Sentiu um estranho desapontamento.

– Mesmo assim – continuou ela, ainda querendo ganhar a confiança de Lazio –, o que levou o senhor a tomar medidas tão drásticas? Por que não ajudar o homem e deixar que fosse embora, simplesmente?

– Eu vi o que aconteceu em Londres. Isso não basta?

Kate concordou que bastava, embora em seu íntimo pensasse que havia mais coisa ali.

– Ele admitiu ter participado do atentado?

– Ele disse que não teve nada a ver com aquilo. Estava mentindo, é claro.

– E ele deu ao senhor alguma indicação de para onde estava indo?

– Nenhuma. Infelizmente, não o vi sair do meu consultório. Quando descobriu que eu estava tentando lhe fazer mal, ele me atacou e eu caí no chão. Ele me deixou sozinho, imagino que para tentar encontrar algum remédio para neutralizar a reação alérgica. Foi aí que eu saí correndo. Não sou tão corajoso assim, como pode ver.

Um ajudante apareceu trazendo uma bandeja de *espressos* e os distribuiu entre os presentes. O chefe da Polícia e Lazio levaram um tempo considerável se servindo de açúcar e creme, e ambos aproveitaram para acender outro cigarro. Kate ficou olhando, esforçando-se para conter a própria impaciência.

– O senhor disse que Ransom o procurou para obter informações sobre a mulher – disse ela. – Vocês dois eram amigos?

– Amigos, não, colegas – respondeu Lazio. – Trabalhamos juntos na África, anos atrás. Acho que eu era o único médico que ele conhecia em Roma. Jonathan disse que sua mulher tinha sido atacada e ferida na cidade, em algum dia de abril. Eu descobri que ela deu entrada no Hospital San Carlo, onde foi tratada depois de um ferimento a faca.

Esse era o ataque em abril que Allam havia mencionado.

– Ela correu risco de vida?

– Sem dúvida nenhuma. – Lazio passou algum tempo falando sobre a natureza do ferimento, a cirurgia executada e o período necessário de recuperação. – Não foi fácil encontrar a mulher – acrescentou. – Ela não deu o nome verdadeiro. Ransom disse que ela era algum tipo de agente secreta ou alguma bobagem desse tipo. Ele me fez verificar outros nomes.

– O senhor se lembra quais?

– Kathleen O'Hara e Eva Kruger, mas eles não serviram para nada. Isso é o mais engraçado. Quando ela deu entrada no hospital, forneceu um nome totalmente diferente.

– Que nome foi esse?

– Lara. Só Lara. Ela se recusou a dar um sobrenome. Por algum motivo, isso incomodou Jonathan.

O chefe da Polícia explicou que eles não tinham nenhum registro de esfaqueamento ou ataque semelhante durante aquele período, e que ele havia mandado três homens ao hospital para que ficassem de olho caso Ransom aparecesse por lá atrás de mais informações. Com um sorriso, Kate lhe disse que estava grata pelas providências e, então, tornou a concentrar a atenção no Dr.

Luca Lazio.

– Ransom tinha alguma ideia de quem havia atacado a mulher dele?

– Nenhuma – respondeu o médico italiano. – Ele estava muito concentrado em tentar encontrá-la, e ficou chateado quando não consegui ajudar mais. Na minha opinião, ele deveria ficar feliz com o simples fato de ela estar viva. Uma mulher que perdeu tanto sangue assim não deveria ter sobrevivido a uma viagem de uma hora de ambulância até o hospital.

– É normal levar uma hora para chegar a um hospital em Roma?

– É claro que não – disse Lazio, ofendido. – Mas ela não foi atacada em Roma.

– Então onde foi?

– No litoral, mais ao norte. Não lembro o nome da cidade. Está escrito na ficha de registro.

– O senhor está com essa ficha aqui?

– Ransom a levou.

Kate correu uma das mãos pelo vinco da calça. Havia acabado o seu dever de casa em relação a Lazio. Antes de seu avião pousar, tinha entrado em contato com a Médicos sem Fronteiras, em Genebra, e falado com a supervisora da missão eritreia em que Lazio e Ransom haviam trabalhado juntos. Foi preciso insistir um pouco, mas a mulher acabou dando algumas informações surpreendentes sobre Lazio. Informações que muito contribuíam para explicar por que ele provavelmente havia tentado matar Ransom com a overdose de penicilina, em vez de simplesmente fazê-lo perder os sentidos, e por que não estava com a mínima vontade de ver Ransom ser capturado.

– O senhor deve ter uma cópia no seu computador – disse Kate. – Se quiser, podemos verificar daqui. – Ela encarou-o, dando-lhe a entender de forma inequívoca que sabia tudo sobre ele.

– Civitavecchia – disse Luca Lazio. – Foi lá que a ambulância buscou a mulher. É tudo o que eu sei.

♦♦♦

Dez minutos depois, Kate Ford estava sentada no banco dianteiro de um Alfa Romeo de propriedade dos *carabinieri*, acelerando pela autoestrada. A empresa de ambulâncias havia fornecido o endereço onde Emma Ransom, ou Lara, tinha sido buscada. Via Porta, 89. Havia informado também o estabelecimento mais próximo. Um lugar chamado Hotel Rondo.

– A viagem vai levar meia hora – disse o tenente-coronel, um homem

moreno, atraente, de 35 anos. – Talvez uma hora, dependendo do tráfego. É verão. Nunca se sabe.

– Mande seus homens chegarem lá antes de nós – disse Kate. – Bloqueiem todas as ruas que levam ao hotel. Não se esqueça de dar a eles a descrição de Ransom.

– Esse homem é perigoso? Ele está armado, não?

Perigoso. Era uma forma abreviada de perguntar se ele deveria dar ordens para seus homens atirarem em Ransom quando o vissem.

– Preferimos que seja capturado vivo – disse Kate. – Ele talvez tenha informações que podem salvar vidas.

O tenente-coronel deu um telefonema para seu colega em Civitavecchia e avisou-lhe que o homem responsável pelo carro-bomba de Londres dois dias antes poderia naquele momento estar no Hotel Rondo ou próximo a ele.

– Estamos mobilizando a nossa brigada local – anunciou, confiante, depois de desligar. – Dentro de meia hora colocaremos 100 homens na rua. Vamos isolar a área. Se Ransom estiver lá, nós vamos pegá-lo.

Kate não disse nada. Ficou observando a espuma branca e os barcos a vela que singravam a água azul. A estrada logo se estreitou e se transformou em duas pistas. O Alfa Romeo diminuiu a velocidade e parou. O tráfego estava congestionado nas duas direções. Tamborilando os dedos, ela olhou para fora da janela. Do outro lado da rua havia uma área murada com um portão na frente em que se lia "Caserna Regional Ladispali. XX Batalhão de Artilharia. Departamento de Defesa Italiano". Kate se sobressaltou ao reconhecer o nome. Era daquela caserna que Emma havia roubado o carregamento de Semtex três meses antes.

Nessa hora, o carro acelerou e eles logo recomeçaram a viajar em alta velocidade.

Kate abaixou a mão ao lado do corpo e cruzou os dedos para dar sorte.

Ransom estava perto.

Ela podia sentir.

51

O HOTEL RONDO ESTAVA FECHADO.

Jonathan ficou parado em frente à porta de entrada, olhando para o lobby no qual tinha visto Emma oito anos antes. A cabine telefônica inglesa vermelha havia sumido, assim como os móveis e os vasos de plantas. Até mesmo o balcão da recepção havia sido arrancado. O hotel era uma casca vazia.

Mesmo assim ele tentou abrir a porta. Estava trancada.

Decepcionado, ele se virou e tornou a descer a rua. Na esquina, um café abria as portas. Jonathan escolheu uma mesa perto de uma janela e, quando o gerente chegou, mostrou-lhe uma fotografia em que aparecia junto com Emma e perguntou-lhe se por acaso ele a tinha visto alguns meses atrás. O homem estudou a fotografia por tempo suficiente para ser educado, depois se desculpou e respondeu que não.

– Um café com brioches – pediu Jonathan.

– *Subito*.

Um garçom veio trazer o café da manhã poucos minutos depois. Jonathan pôs a fotografia em cima da mesa e ficou encarando-a enquanto tomava o café. A foto fora tirada cinco meses antes em Arosa, na Suíça, na véspera da escalada que tivera um fim tão desastroso. Ele e Emma estavam bem juntinhos em uma pista de esqui. Ela sorria, radiante, com a cabeça pousada no ombro dele. Por mais que a encarasse, Jonathan não conseguia detectar o fingimento. Correu o dedo pela imagem da mulher. Ali estava uma mulher que, naquele momento, havia assumido a responsabilidade de impedir a destruição de um avião de passageiros e, por causa disso, o início de uma guerra, e parecia tão livre e descontraída quanto uma adolescente tirando férias para esquiar.

Ele se deu conta, então, de que havia sido derrotado. Não era páreo para a astúcia dela. Tinha sido um bobo por tentar encontrá-la. Pior ainda, Emma também sabia disso. *Soubera o tempo todo.*

Seus dedos se fecharam em torno da fotografia e a amassaram. Era o fim da busca. Ele não tinha mais para onde ir. Não tinha mais pistas a seguir, nenhum rasto – por mais apagado que fosse – a investigar. Emma havia conseguido o que queria. Havia desaparecido.

Jonathan pagou a conta e saiu pela rua, sem rumo. Ergueu os olhos para o céu, pensando que direção tomar. Voltar para a Médicos sem Fronteiras estava fora de cogitação; tampouco podia retornar ao campo de refugiados no Quênia. De repente, ocorreu-lhe que ele talvez nunca mais conseguisse praticar medicina. Teria que se reinventar. Mas como o quê? E em que lugar? Deu de ombros e saiu andando.

– *Signore, per favore.*

Por reflexo, Jonathan apressou o passo.

– Sim, o senhor mesmo, *signore*!

Jonathan olhou por cima do ombro e viu que era o garçom do café, o rapaz que havia lhe servido o café da manhã. Parou e virou-se de frente para ele.

– A mulher sobre quem o senhor perguntou. A moça dos cabelos bonitos. Eu vi.

Jonathan tirou a foto amassada do bolso.

– Ela? – perguntou, alisando os vincos. – Tem certeza?

– Ela esteve aqui em abril. Vinha tomar café todo dia de manhã. Era alemã, eu acho, mas falava muito bem italiano.

– Você lembra quanto tempo ela ficou aqui?

– Três ou quatro dias.

– Estava com alguém?

– Não, ela comia sempre sozinha. O senhor é marido dela ou alguma coisa do tipo?

– Alguma coisa do tipo – respondeu Jonathan. – Preciso encontrá-la.

– O senhor perguntou no hotel dela? Ela ficou no De la Ville. A alguns quarteirões daqui, subindo a rua. – O garçom sorriu, envergonhado. – Eu a segui um dia depois de ela ir embora. Queria convidá-la para tomar um drinque. – Ele baixou os olhos, admitindo a derrota. – Não tive coragem de perguntar o nome dela.

Jonathan deu um tapinha no ombro do rapaz.

– Não precisa se desculpar. Obrigado pela ajuda.

– Ela era gentil. Decente, sabe? Dava para ver pelos olhos. A primeira garota sincera que eu encontrei em muito tempo. Antes de ir embora, pode me dizer uma coisa?

– Se eu souber, claro que posso – respondeu Jonathan.

– Qual é o nome dela?

– Lara.

◆◆◆

– É claro que eu me lembro da Sra. Bach – disse o gerente do Hotel de la Ville, estudando a fotografia de Emma e Jonathan na pista de esqui. Era um homem baixo, impertinente, vestido com um terno cinza impecável que contrastava com a decoração deteriorada do lobby. – Mas quem é o senhor?

– Marido dela.

– Marido dela? – retrucou, cético. – Sr. Bach?

Bach. Outro nome, correspondente a outra identidade.

– Sim, sou o Sr. Bach.

– Da França?

– Não – respondeu Jonathan, espantado. – Eu sou americano, mas minha mulher e eu moramos em vários lugares. Nossa última casa foi em Genebra.

O gerente passou mais alguns segundos olhando para ele, em seguida andou atrás do balcão da recepção e digitou uma série de comandos no computador.

– A sua mulher chegou ao hotel no dia 15 de abril. Ficou quatro dias aqui, depois sumiu. Nenhuma palavra. Nenhum telefonema. Eu liguei para a Polícia, mas ninguém ouviu falar nela. Ela está bem?

– Está, sim. Ela teve um acidente enquanto estava aqui e teve que passar algum tempo no hospital. O senhor guardou as coisas dela?

– Sinto muito, mas eu entreguei para o outro homem que esteve aqui perguntando por ela.

Outro homem? Sem dúvida, a mesma pessoa que havia assinado a alta do hospital.

– Um cara alto – tentou Jonathan, chutando. – De cabelos escuros.

– Não, na verdade ele era da minha altura. E mais velho, grisalho. Ele também disse que era marido dela, mas eu não acreditei. A Sra. Bach é bonita demais para um homem tão grosseiro.

– Como assim, grosseiro?

– Ele não foi educado. Era estrangeiro, mas não como o senhor. Pagou a conta. Em dinheiro vivo.

O gerente cruzou os braços, com as sobrancelhas arqueadas, em um misto de pedido de desculpas, empatia e camaradagem. *Mulheres*, ele parecia dizer. *Não se pode confiar nelas.*

– O senhor sabe de onde ele era?

– Não falava italiano, só inglês, mas com sotaque. Talvez fosse inglês. Talvez alemão. Na verdade, eu não saberia dizer.

Jonathan deu um suspiro, profundamente decepcionado.

– Bem, obrigado mesmo assim – disse, apertando a mão do gerente, depois sentindo-se bobo por tê-lo feito. Por algum motivo, precisava daquele contato. Colocando os óculos, tomou o rumo da porta.

– Mas eu tenho um endereço – disse o gerente.

Jonathan girou nos calcanhares e voltou ao balcão.

– Tem mesmo?

– O homem estava muito preocupado com a sua mulher. Pensou que poderia aparecer mais gente perguntando por ela. Tive a sensação de que não confiava muito nela. Talvez "desconfiado" fosse uma palavra melhor. Ele me pediu para entrar em contato caso isso acontecesse.

– E o senhor disse que faria isso?

– Por 500 euros, o senhor também não diria? – O gerente ficou sério. – Não se preocupe. Não vou contar sobre o senhor.

– Obrigado – disse Jonathan, sem acreditar nele nem por um segundo.

O gerente foi até o monitor e imprimiu uma página com um número de telefone e o endereço Route de La Turbie, 4, Eze, França.

Eze. Um minúsculo vilarejo medieval encravado na encosta da montanha, com vista para o Mediterrâneo, na Côte d'Azur, a poucos quilômetros de Mônaco. Jonathan já havia passado por lá, mas não visitara o lugar. Não parecia provável que servisse de quartel-general a algum serviço clandestino de Emma. No entanto, afinal de contas, nada mais o surpreendia.

Acima do endereço estava impresso o nome de uma empresa: VOR S.A.

O mesmo nome informado na conta do hospital.

52

– ACHAMOS O CELULAR.

– Tem certeza? – perguntou Den Baxter, da Equipe de Coleta de Indícios.

– Ah, tenho. Achamos, sim. E tem mais, chefe. É melhor o senhor vir para cá assim que puder.

Baxter verificou o relógio de pulso enquanto subia correndo a escada do laboratório de criminalística da London Metropolitan Police. Faltavam poucos minutos para as 9 horas. A equipe de peritos da Met tinha levado menos de um dia para juntar os fragmentos da placa de circuito recolhida no número 1 da Victoria Street e identificar o fabricante e o modelo do celular usado para detonar o carro-bomba destinado a matar o ministro do Interior russo Igor Ivanov.

Vinte e uma horas e 41 minutos, para ser exato.

Baxter prestava atenção nesse tipo de coisa.

Alastair McKenzie estava esperando na porta do laboratório. Com orgulho, Baxter observou que o homem usava as mesmas roupas da véspera. Tinha o mesmo cheiro do lixo da semana passada, mas e daí? Limpeza podia até ser uma coisa boa, mas não contribuía em nada para solucionar uma investigação.

– Quase me matei para chegar aqui – disse Baxter, apertando a mão de McKenzie como se quisesse esmagá-la. – É melhor valer a pena.

A resposta de McKenzie foi um sorriso contraído e um gesto para que ele o seguisse.

Baxter entrou em uma sala de reunião e se deparou com uma equipe de peritos de jaleco branco à sua espera.

– Está certo – disse ele. – Podem falar.

– Lembre-se de que não tínhamos porra nenhuma para começar – disse Evans, chefe da equipe de criminalística. – Dois pedacinhos ridículos da placa de circuito que o Sr. McKenzie teve a gentileza de nos trazer, e mais nada. Usamos um pouco de epóxi para reconstruir a placa, pusemos para endurecer na autoclave e o resultado foi isto aqui. – Evans entregou a Baxter um pedaço retorcido de plástico azul-celeste no formato de uma minúscula pistola. – Dá para ver o lugar da tela, e o microfone se encaixa aqui. O que entregou o modelo

foi a placa de alimentação da antena. Só a Nokia põe a placa nesse lugar. Demos uma olhada nos manuais deles e logo vimos que era um modelo 9500S.

– Modelo básico – entoou um dos assistentes de Evans.

– Vem de graça com um plano de assinatura de dois anos – disse outro.

– Mas o mais importante – continuou Evans – é que o 9500S acabou de sair do forno. – Ele tornou a pegar o pedaço de placa de circuito reconstruído e ergueu-o em direção à luz para examinar melhor. – O problema era que não tínhamos o número de série completo. Hoje em dia, cada placa de circuito vem com um número. Custa um pouco mais para o fabricante, mas evita a pirataria e, de lambuja, ajuda as forças de segurança pública. Essa placa específica apresentava uma série 4-5-7-1 e um 3. Nós comparamos com o protótipo e vimos que os números que faltavam eram os dois primeiros. Foi aí que tivemos sorte. Eu liguei para o colega que exerce o mesmo cargo que eu em Helsinque e fizemos uma conferência telefônica com o pessoal da Nokia. Até agora foram vendidos muito poucos telefones com essas novas placas de circuito. Na verdade, o único comprador foi a Vodafone. Os caras da empresa ficaram felizes em ajudar, contanto que não deixássemos vazar que foi um dos clientes deles quem pôs a bomba.

Baxter disse que faria o possível para manter o nome da empresa fora da imprensa, mas, se houvesse um julgamento, a placa de circuito teria de ser apresentada como prova.

– É justo – disse Evans. – É agora que a história começa a ficar interessante. Durante as últimas duas semanas, a Vodafone vendeu esse telefone com exclusividade no Reino Unido. Segundo os registros deles, os telefones fabricados com uma placa de circuito terminada em 4571 foram vendidos em três áreas metropolitanas: Manchester, Liverpool e Londres. Os meus rapazes passaram metade do dia e a noite inteira de ontem ligando para todos os pontos de venda e verificando quem tinha e quem não tinha telefones com os números de série em questão. Descobrimos que nem Manchester nem Liverpool puseram os aparelhos à venda. Sobrou Londres, onde foram entregues as remessas dos que começavam entre 12 e 42. Como é um modelo novo, o pessoal da Vodafone estava fazendo o que chamam de "lançamento *soft*", ou seja, colocando alguns aqui e ali nas prateleiras para ver se alguém se interessava. O gerente do depósito deu uma olhada e verificou que as remessas dos aparelhos que começavam entre 28 e 42 ainda estavam lá. Ou seja, apenas os que iniciavam entre 12 e 27 tinham sido distribuídos. Resumindo, nós continuamos a ligar e concluímos que o telefone usado para detonar a bomba só poderia ter sido vendido em três lugares: no

Terminal Cinco do Aeroporto de Heathrow, na loja da Vodafone em Oxford Circus ou na estação ferroviária de Waterloo, por intermédio de algum revendedor independente.

– Eles ainda têm o aparelho? – perguntou Baxter, que a essa altura estava pendurado na beirada da cadeira, quase enlouquecido com a espera.

– A loja de Oxford Circus ainda tem todos os aparelhos com o número de série em questão, assim como o revendedor de Waterloo.

– Então nosso telefone foi vendido em Heathrow – disse Baxter.

– Cinco dias atrás, para ser exato – disse Evans. – A compra foi em dinheiro vivo, infelizmente.

– E o nome? Tinha um nome?

Ele sabia a resposta. Tinha de haver um nome. A lei exigia que as pessoas apresentassem um nome e um documento de identidade ao comprar um telefone celular.

– Totalmente falso, assim como o endereço.

– Que droga. – Baxter desanimou.

– Mas ainda assim nós temos uma informação que pode ser útil – prosseguiu Evans.

– Um número de telefone? – disse Baxter, levantando-se da cadeira com os punhos cerrados. – Eles venderam a porcaria do telefone com um chip, não foi?

O chip era o cartão que atribuía o número a um telefone celular e que também armazenava todas as informações sobre ligações feitas daquele aparelho.

– Um, não, Sr. Baxter. Três chips. – Evans entregou-lhe uma folha impressa.

Den Baxter agarrou o papel como se aquilo fosse uma boia salva-vidas. Desdobrou-se em agradecimentos a Evans, depois voltou sua atenção para McKenzie. Em vez de fazer cara de contente, porém, Baxter franziu o rosto com repulsa.

– Já acabamos por aqui, rapaz. Agora vá para casa e tome um banho. Você está fedendo feito uma lixeira.

53

JONATHAN ABAIXOU-SE PARA ENTRAR na banca de jornais em frente ao Hotel de la Ville, do outro lado da rua, e comprou dois jornais, o *Corriere della Sera* e o *International Herald Tribune*. Na primeira página, o jornal de língua inglesa trazia a matéria de continuação sobre o atentado a bomba em Londres. Jonathan era citado como cúmplice do ataque, mas felizmente não havia foto. O jornal italiano trazia uma matéria menor sobre o atentado em uma das páginas internas. As últimas falcatruas políticas italianas já geravam escândalo suficiente para ocupar as manchetes. Depois de verificar os jornais, ele os jogou em uma cesta de lixo e começou a descer a rua principal, chamada Largo Plebiscito.

Durante o curto tempo que passara dentro do hotel, a cidadezinha de beira de praia havia ganhado vida. Além de atrair visitantes para admirar suas ruínas, Civitavecchia era o principal porto de parada para os cruzeiros mediterrâneos que chegavam a Roma. Mais cedo, ele havia contado nada menos de quatro navios grandes atracados no porto, e mais três fundeados no mar. Parecia que metade dos homens e mulheres que lotavam a rua carregava bolsas de viagem com o logotipo de alguma companhia de cruzeiros. Como ratos fugindo de um incêndio, eles saíam de hotéis, ônibus de turismo e táxis e andavam apressados em direção ao cais.

Esquivando-se por entre as pessoas, Jonathan prestava atenção para ver se via algum policial. Era provável que Lazio lhes houvesse fornecido uma cópia da ficha de registro de Emma no hospital. Um investigador perspicaz deduziria qual seria seu curso de ação e mandaria vasculharem a cidade. Jonathan fez uma pausa, observando a rua. Mas o movimento era demasiado grande para saber se havia alguma coisa estranha.

À frente, viu o letreiro do Hotel Rondo. Quando passou por ele, fechou os dedos em volta do papel com o endereço do homem da França que havia resgatado Emma do hospital romano e pago sua conta no hotel. VOR S.A., de Eze. Mas quem era esse homem? Seria a mesma pessoa que Jonathan vira de relance no Rondo oito anos atrás? Jonathan não tinha dúvida de que aquele relacionamento era profissional. Por que outro motivo ele iria pagar as contas astronômicas de Emma?

Afora o endereço na França, Jonathan não sabia mais nada sobre ele a não ser

que era mais velho, grisalho e falava inglês com sotaque britânico ou alemão. Seria ele a pessoa que havia contratado Emma para realizar o atentado com o carro-bomba? E, se fosse, será que a tentativa da Divisão de matá-la havia sido um esforço para detê-la? Jonathan podia supor que, se esse homem era o "amigo" que Emma tinha ido visitar, então ele também devia ser inimigo da Divisão.

Mas uma pergunta era a chave para todas as outras.

Quem era Lara?

Em algum lugar ao longe, ele ouviu um pneu cantar. Uma porta bateu. Jonathan parou no mesmo instante e olhou para um lado e para o outro da rua. Não viu nada que o perturbasse. Era nervosismo. Enxugou a testa. À frente, uma placa indicava o caminho da estação ferroviária. O terminal mais próximo de Eze era Nice, uma viagem de trem de sete horas. Ele não podia correr o risco de ficar confinado em um espaço fechado durante tanto tempo. Tinha de haver outro jeito.

Continuou descendo a encosta, esperando se perder na multidão junto ao cais. Alugar um carro estava fora de cogitação. Pedir carona era uma impossibilidade. O único jeito seria…

Foi então que ele ouviu a sirene se aproximando. Estava perto o suficiente para fazê-lo sobressaltar-se, mas, antes de ele conseguir avaliar melhor a distância, a sirene silenciou bruscamente. Ele olhou por cima do ombro e reparou em uma confusão numa rua lateral, dois quarteirões adiante. Um indivíduo de uniforme azul-escuro e botinas azul-marinho abria caminho entre os pedestres. Dois homens o seguiam segurando barreiras para bloquear a rua. Eram *carabinieri*. Atrás deles vinha um grupo de agentes policiais andando com ar de autoridade, com submetralhadoras presas ao peito com bandoleiras e capacetes pontudos bem enterrados na cabeça.

Jonathan desviou para a lateral da rua, parando perto de um café. Uma fila saía pela porta e ele se posicionou atrás dos clientes que aguardavam. Ficou olhando, impotente, enquanto os policiais montavam as barreiras fechando a passagem. O líder falava em um rádio, e era óbvio que estava coordenando suas ações com outra pessoa. Jonathan foi recuando pela rua, mantendo-se junto às fachadas das lojas.

Novamente os ouviu antes de vê-los: uma voz estridente de homem gritando ordens e, então, os uniformes azuis.

O pânico subiu por sua garganta. Jonathan hesitou, sem saber para onde ir. Por fim, virou-se e recomeçou a descer rapidamente a encosta. O instinto lhe

dizia para ir até o cais, onde talvez pudesse se perder no meio da multidão. Quando estava quase chegando ao final da descida, um Alfa Romeo azul-marinho com o escudo da Polícia parou 20 metros à frente. Vários outros carros da Polícia surgiram atrás do primeiro. Jonathan olhou de relance por cima do ombro e viu uma fileira de agentes uniformizados andando em sua direção. Recuar não era mais uma alternativa.

Tampouco havia outras ruas laterais saindo para a direita ou para a esquerda. Ele olhou para o pé da encosta. A autoestrada costeira principal passava bem atrás dos carros da Polícia. Depois da estrada de quatro pistas começava o embarcadouro, que margeava o mar até onde a vista alcançava, para o norte e para o sul. O tráfego congestionado era uma lenta procissão de carros e ônibus arrotando fumaça no ar úmido da manhã. Ele permaneceu congelado enquanto os policiais desciam do carro e se espalhavam. Durante esse tempo todo, a maré de turistas e pedestres continuava a fluir ao seu redor e a passar por ele.

O que Emma faria?

Jonathan soube imediatamente a resposta. Na verdade, não havia outra saída.

Respirando fundo, ele continuou a andar na direção da Polícia. Não abaixou a cabeça. Não desviou os olhos. Estava de óculos escuros, de boné e só. A porta da frente do Alfa Romeo se abriu e uma loura magra desceu do carro. Usava um terninho preto, uma blusa branca e óculos escuros de aviador, mas ele a reconheceu no mesmo instante em que a viu. Era a inspetora-chefe Ford.

Jonathan a observou correr os olhos pela multidão, passando direto por ele. Sua cabeça parou e voltou depressa. Ela tirou os óculos e, com menos de 20 metros a separá-los, cravou seus olhos nos dele.

Jonathan olhou de relance por cima do ombro e viu uma profusão de uniformes azuis, depois olhou para Kate Ford e começou a correr. Correu bem na sua direção, bem na direção do Alfa Romeo, onde ao menos três policiais estavam reunidos conversando, nenhum deles prestando a mínima atenção nele ou em Ford.

– Ransom – chamou ela, mas sua voz saiu fraca, surpresa demais para provocar choque, que dirá atenção.

Jonathan esbarrou nela ao passar e uma onda de raiva incontrolável brotou dentro de si. Sentiu-se furioso por vê-la ali, irado com sua presença inesperada, incapaz de entender o motivo da sua tenacidade. Ele já tinha lhe dito que não estava envolvido no atentado. Por que ela insistia em pensar o contrário? Com um gesto brusco, ele esticou um antebraço potente que a atingiu em cheio no

peito e a derrubou sobre o capô do automóvel.

Jonathan só podia *imaginar* o que aconteceria a seguir. Não iria parar para descobrir. Preocupados com o bem-estar dela, os outros policiais iriam cercá-la, solícitos, dando a Jonathan alguns preciosos segundos, alguns preciosos metros. O que ele sabia, isso sim, era que o soco havia lhe provocado uma sensação muito boa.

– Ransom! – A voz dessa vez foi mais alta.

Acelerando o passo, ele pulou por cima da barreira de concreto e correu para a autoestrada, esquivando-se dos veículos que se moviam lentamente, até chegar ao outro lado. Uma longa fila de carros e caminhões esperava para passar por um portão controlado por um vigia e poder entrar no grande complexo do cais. Ele dobrou à direita, margeando a fileira de carros e passando correndo por uma guarita. O apito de um navio soou, longo e alto. Cem metros à frente, um grupo de passageiros havia começado a desembarcar de um cruzeiro. Na doca seguinte, um pelotão de carros subia uma rampa e desaparecia nas entranhas de uma barca. Por toda parte, caminhões de entrega, mobiletes e táxis zuniam de um lado para outro.

A essa altura, as sirenes já ecoavam. Na sua frente. Atrás. Sua respiração estava acelerada demais para conseguir atinar onde se encontrava qualquer coisa, a não ser o coração que batia alucinado dentro de seu peito. Viu uma sombra atrás de si, uma centelha de movimento. Com o canto do olho, viu um policial correndo logo atrás dele. Um uniforme azul onde não deveria haver nenhum uniforme azul. Era um indivíduo mais jovem, mais magro e em melhor forma física – um corredor de velocidade, a julgar pelas bochechas encovadas e pelas passadas perfeitas. Jonathan acelerou o ritmo e, por alguns passos, conseguiu aumentar a distância entre os dois, mas aquilo não era uma solução. Mais cedo ou mais tarde, o homem mais veloz iria alcançá-lo.

Mais cedo era melhor.

Jonathan titubeou e o policial chegou por trás dele, com um dos braços esticados para agarrar sua gola. Jonathan se inclinou para a frente, como quem vai fugir, mas no instante seguinte arqueou as costas e lançou o cotovelo para trás, atingindo o italiano bem na garganta. O policial estacou, segurando o pescoço antes de desabar de cabeça no asfalto.

Ao longe, adiante, dois carros da Polícia subiram no meio-fio e entraram direto no embarcadouro. Os carros pararam, impedindo a passagem. Policiais desceram e ficaram em pé junto às portas, com as armas em punho. Jonathan se

esquivou para a esquerda, lançando pernas e braços, abrindo caminho pela calçada cheia de gente, até chegar a um largo cais que separava dois navios de cruzeiro. Como se fosse o olho de um furacão, ele havia chegado a uma área vazia das docas, onde havia pouca gente. Atrás, havia uma multidão de cerca de 100 pessoas. À frente, um número maior ainda. Mas ali, pela primeira vez, não havia nenhum uniforme azul à vista.

Se você andar, ninguém vai olhar duas vezes, dissera-lhe Emma. *Se correr, vai ser um alvo.*

Contrariando todos os seus instintos, Jonathan desacelerou o passo e começou a andar. À sua esquerda, uma rampa descia de um navio e homens e mulheres desembarcavam. À sua direta, estivadores retiravam bagagens do compartimento de carga e as dispunham em uma fileira bem arrumada. Um guindaste buzinou e passou sacolejando, carregando um caixote grande.

Jonathan foi até a borda do cais. Como imaginava, uma segunda plataforma uns 2 metros abaixo corria paralela ao cais, conectada a este por escadas dispostas a intervalos regulares. Sabia que essa plataforma era usada por estivadores e operários das docas para fazer a manutenção das embarcações. Apoiando-se com uma das mãos na doca, ele pulou para essa segunda plataforma e encolheu a cabeça lá embaixo. Uma estrutura de madeira sustentava o cais. A água lambia as vigas cobertas de moluscos. Em algum lugar da escuridão, um rato o encarou. Ele recomeçou a correr, sempre olhando para trás.

Foi então que as viu e soube que era daquilo que precisava. Para amortecer e proteger o casco dos navios de cruzeiro quando estavam atracados, havia grandes boias do tamanho de um homem, feitas da mesma borracha preta resistente usada em pneus de automóvel. As boias tinham 6 metros de comprimento, 3 de altura e eram perfeitamente redondas e ocas no centro. Jonathan agarrou uma das extremidades da mais próxima e pulou para dentro dela. Caminhando a passos hesitantes, avançou até chegar ao meio e ali ficou sentado durante a hora seguinte, ouvindo as sirenes irem e virem e as vozes de policiais frustrados ecoarem para dentro de seu esconderijo, até tudo de repente ficar silencioso.

Mesmo assim, ele não se atreveu a mostrar o rosto no cais.

Em vez disso, deslizou para fora da boia e entrou no mar.

A água estava morna e suja.

Ele inspirou fundo e mergulhou.

◆◆◆

Kate Ford estava em pé no cais, com as mãos nos quadris e os cotovelos voltados para fora. Trinta minutos haviam transcorrido desde que Ransom atravessara a autoestrada correndo feito um louco até o embarcadouro. Apesar dos esforços de mais de 50 policiais, nenhum sinal dele havia sido encontrado. As revistas ainda prosseguiam em todos os navios de cruzeiro atracados. Embarcações de patrulha ziguezagueavam pelo porto. Ela não tinha grandes esperanças.

– Ele fugiu – disse.

O tenente-coronel dos *carabinieri* sacudiu a cabeça.

– Não é possível – falou. – Nós o cercamos.

– Ele nadou – disse Kate.

– Mas os navios – disse o policial, erguendo os olhos para as superestruturas de quatro andares à sua esquerda e à sua direita. – É perigoso demais.

Não quando você não tem outra alternativa, pensou Kate.

Ela deu meia-volta e tomou novamente a direção da rua principal.

– Venha – disse ela. – Ransom esteve aqui antes de nós. Ele estava procurando a mulher. Alguém deve ter visto. Quem sabe alguém conversou com ele.

– Por onde começamos?

Kate desdobrou o papel com o registro de internação do hospital, correndo o dedo pelo campo que informava onde a ambulância havia pego a mulher ferida que dissera apenas se chamar Lara.

– Pelo Hotel Rondo – disse ela.

54

A SEDE DA CORPORAÇÃO INTERNACIONAL de Segurança Nuclear ficava no vigésimo sétimo andar de um arranha-céu em La Défense, o movimentado complexo executivo parisiense às margens do Sena. A empresa descrevia a si mesma como uma provedora de serviços completos, capaz de proporcionar a empresas privadas, instalações governamentais e bases militares "toda a gama de soluções de segurança". No entanto, como o nome sugeria, ela era especializada em uma área: salvaguarda e proteção de instalações nucleares.

No que dizia respeito a uma central de energia nuclear, a empresa supervisionava desde o conceito até a construção final, projetando e implementando medidas de segurança que controlavam tudo, desde a entrada e saída física de uma usina (alarmes, câmeras, pontos de verificação biométrica) até a *cybersegurança*, a localização dos funcionários dentro do complexo, a proteção estrutural e, finalmente, o monitoramento de todos os sistemas operacionais críticos, incluindo a armazenagem de combustível usado. Não era exagero afirmar que praticamente todos os grandes geradores de energia do mundo ocidental recorriam à CISN para garantir a operação segura e livre de acidentes de suas instalações nucleares. Até hoje, a confiança se justificava. Nenhuma usina certificada pela CISN jamais havia enfrentado nenhuma pane, fechamento ou acidente de qualquer tipo.

Emma Ransom ia pensando sobre isso enquanto atravessava o grande espaço aberto em frente ao prédio. Ao se aproximar da entrada, ajeitou o paletó e alisou a saia. O terninho preto era muito curto e decotado, e a etiqueta informava que era um Dior falsificado. Bem do estilo de Papi. Ele nunca tinha gostado de abordagens sutis; mas, afinal de contas, ele não vinha de um país sutil.

Emma havia alisado os cabelos, cortando-os retos na altura dos ombros e tingindo-os de preto. Usava lentes de contato castanhas e saltos de 10 centímetros, porque Anna Scholl tinha olhos castanhos e media 1,77m, sem sapatos. Quando Emma abriu as portas de vidro e entrou na recepção com ar condicionado, não teve medo de ser identificada como uma impostora. Teve medo, isso sim, de tropeçar nos saltos estratosféricos e cair de bunda no chão com aquela roupa vagabunda.

– Anna Scholl – disse, apresentando o crachá falso que a identificava como

um membro da equipe de proteção e inspeção da Agência Internacional de Energia Atômica. – Vim me encontrar com Pierre Bertels.

O guarda examinou seus peitos por tempo suficiente para ver se correspondiam ao crachá, em seguida anotou seu nome no livro de registro e ligou para o andar correspondente.

– Só um minuto. Ele já vai descer. Enquanto isso, use este crachá.

Emma passou a tira e o crachá preso a ela em volta do pescoço, em seguida afastou-se para o lado. Um minuto passou, depois outro, até 10 minutos terem transcorrido. Por fim, um homem alto de peito largo passou pela roleta.

– *Fräulein* Scholl, eu sou Pierre Bertels. Como vai?

Emma o avaliou com uma só olhada. Terno caro, azul-marinho. Sapatos marrons contrastando com a cor da roupa, tão engraxados que reluziam feito um espelho. Uma pulseira de ouro despontava de baixo de um punho duplo. Uma quantidade um pouco exagerada de gel para os cabelos cortados bem curtos, como era a moda. Estava 10 quilos acima do peso, em um físico outrora impressionante, mas ai de quem dissesse isso a ele. Um leve coxear que ele tentava esconder, provavelmente resultado de uma queda na quadra de squash, mas que ele tentaria explicar como um antigo ferimento de guerra. E havia também a marca recente ao redor da base do anular esquerdo, de onde Emma tinha certeza de que ele havia retirado a aliança depois de ter admirado a fotografia de Anna Scholl, enviada como parte de seu dossiê. O resultado de tudo isso era um garanhão 10 anos acima de sua fase áurea, querendo provar que ainda dava conta do recado. Tudo isso ela viu em um piscar de olhos.

– Estou com pressa – respondeu ela, despejando água fria na simpatia calculada do homem. – Preciso estar no Charles de Gaulle daqui a duas horas. Vamos?

O sorriso de Bertels desapareceu.

– Siga-me, por favor.

Dentro do elevador, ele fez uma segunda tentativa de puxar conversa.

– Soube que a senhorita vai passar algum tempo na França. Vai visitar alguma região específica?

– Essa informação é confidencial, como tenho certeza de que o senhor sabe. Nós não divulgamos nossas inspeções-relâmpago. Principalmente depois do incidente em Londres dois dias atrás.

– Em Londres?

Emma tossiu e desviou os olhos. Acabava de confirmar que a notícia sobre os

códigos roubados ainda não havia se espalhado. Como previsto, o roubo seria tratado como uma questão interna a ser resolvida entre a AIEA e os próprios prestadores de serviços de energia – no caso francês, a Électricité de France. Nenhuma empresa de fora seria informada. Era um segredo importante demais.

– O que aconteceu em Londres? – insistiu Bertels. – O atentado a Ivanov com o carro-bomba? Passei o dia inteiro recebendo telefonemas sobre isso.

– Não posso comentar a respeito. Se algum desdobramento estiver relacionado à sua empresa, o senhor será avisado rapidamente.

O elevador se abriu. Portas de vidro fumê davam acesso às salas. Bertels encostou a palma da mão em um leitor biométrico. Uma luzinha vermelha ficou verde. Ele disse seu nome. Uma segunda luzinha ficou verde. Houve um clique audível quando o trinco se abriu. Bertels abriu a porta.

– Por aqui.

Emma tomou nota das medidas de segurança reforçadas. Um leitor de palma da mão acoplado a uma análise de voz era novidade, e qualquer novidade era um problema. Ela seguiu Bertels por um corredor movimentado. A sala do executivo era grande e mobiliada com esmero, com uma vista para a Torre Eiffel e, mais adiante, para o Champ de Mars, Les Invalides e Notre-Dame.

– Recebi seus dados de Viena – disse Bertels, acomodando-se atrás da mesa de vidro e metal cromado. – Tomei a liberdade de preencher a papelada com antecedência. Se a senhorita quiser reler e verificar tudo para ter certeza de que não cometi nenhum erro…

Emma pôs óculos de leitura, pegou a pasta e colocou-a no colo. O formulário tinha o logotipo da Électricité de France, empresa que administrava as usinas nucleares francesas, e era intitulado "Solicitação de Crachá de Identificação de Funcionário Geral". Na indústria, o crachá era conhecido como passaporte nuclear. Com ele, uma pessoa podia entrar em qualquer instalação sem aviso prévio ou acompanhante. A indústria nuclear era altamente especializada. Os engenheiros muitas vezes viajavam de uma usina a outra para treinar suas habilidades específicas. Um engenheiro treinado para ligar e desligar uma central podia visitar 10 centrais por ano. Um engenheiro de software encarregado de tecnologia da informação, mais ainda. O custo era alto demais, em tempo e dinheiro, para cada unidade isolada conduzir suas próprias verificações de antecedentes sobre cada funcionário. Assim, qualquer pessoa que desejasse trabalhar na indústria nuclear francesa era investigada pela CISN e recebia uma autorização genérica que lhe permitia entrar em qualquer uma das usinas

nucleares do país. Daí o termo "passaporte".

Emma levou um dedo à têmpora e bateu de leve na haste dos óculos. A cada batida, uma câmera em miniatura disfarçada como parafuso tirava uma foto, que era transmitida por uma rede sem fio até um servidor, cuja localização nem mesmo ela sabia. Seus olhos foram descendo pela página, passando por seu nome, endereço residencial, telefone, número de Previdência Social e detalhes sobre sua aparência.

– Falta uma informação – disse Bertels. – Algo que acrescentamos há pouco tempo.

– Ah, é? – perguntou Emma sem erguer os olhos, enquanto seu coração parava de bater por um instante.

– O nome do seu pai e da sua mãe e o endereço atual deles.

– Eles já morreram – respondeu ela. – Tenho certeza de que isso está na minha ficha.

Bertels consultou seus documentos.

– Paul e Petra… Certo?

Emma ergueu os olhos bruscamente.

– Meus pais se chamavam Alice e Jan.

Bertels a encarou.

– De fato, *Fräulein* Scholl.

Emma havia ensaiado aquela conversa *ad infinitum* com seu controlador. Reconheceu a pergunta como algo improvisado, não uma parte formal da verificação de seus antecedentes. Era apenas Bertels querendo testar o terreno. Ela terminou de ler os documentos, depois os reuniu e depositou-os em uma pilha perfeita em cima da mesa dele.

– Podemos continuar? Como eu disse, estou com o horário apertado.

– Só preciso da sua assinatura.

– Claro. – Emma assinou, depois levantou-se e olhou para a sala em volta, impaciente.

Bertels primeiro a conduziu para que tirassem sua foto, depois para que mapeassem o contorno de sua mão. Por fim, coletaram uma série de impressões digitais. Emma perguntou sobre a análise vocal e foi informada de que o sistema havia sido instalado recentemente no escritório da CISN, e que todas as usinas usavam principalmente leitores de palma da mão.

Depois disso, voltaram para a sala de Bertels.

– O crachá vai levar alguns minutos para ficar pronto. Aceita um café?

Alguma coisa para forrar o estômago até chegar ao aeroporto?

– Não.

Emma deu as costas para Bertels e foi entreter-se examinando as fotografias dispostas sobre seu aparador. Várias delas mostravam Bertels de uniforme camuflado, segurando uma metralhadora ao lado do corpo, em diversos lugares tropicais. De repente, Emma soltou um arquejo.

– O senhor serviu em Katanga?

– Ora, servi, sim – respondeu Bertels.

– Meu irmão Jan também serviu lá. Na Legião Estrangeira. Sargento Jan Scholl. Ele serviu com o coronel Dupré.

Bertels andou depressa até o lado dela e recolheu a fotografia.

– É mesmo? Eu estive lá em 1991 e 1992 com os paraquedistas. Jan Scholl? Desculpe, mas não conheci. É claro que eu conheço o coronel Dupré. Seu irmão deve estar orgulhoso de ter lutado sob o seu comando.

– Jan morreu.

– No Congo?

Ela aquiesceu e deixou a cabeça pender, mas só um pouco.

– Eu sinto muito. – Bertels pousou uma das mãos em seu ombro e ela permitiu que ficasse ali.

– Quem sabe um café seria bom? – disse Emma. – E talvez alguma fruta fresca.

Bertels transmitiu o pedido à sua secretária. O café e a fruta chegaram logo depois. Os dois comeram em um clima amigável. Bertels falou bastante sobre seu verdadeiro trabalho na empresa, que era comandar simulações de ataque direto em usinas nucleares na França, Alemanha e Espanha. Outra das principais tarefas da CISN era treinar as tropas paramilitares estacionadas nas usinas para resistir a todo tipo de ataque. Para isso, Bertels fornecia as armas, o treinamento e as táticas.

Emma escutou com um ar de aprovação, mas manteve seu interesse no plano estritamente profissional. Quando Bertels tocou seu braço para enfatizar algum ponto, Emma o recolheu para afastar-se, deixando claro que ele devia desistir. Seu distanciamento só faria aumentar as atenções de um homem como Bertels. Ela sabia disso por experiência.

– Imagino que o seu trabalho não vá ficar nada mais fácil depois do que aconteceu – comentou ela.

– Como assim?

– Posso contar com a sua discrição?

– Eu serei como a Esfinge.

Emma avaliou a promessa dele.

– Está bem, então – continuou. – Depois que o carro-bomba de Londres explodiu, todos os prédios governamentais britânicos do bairro foram evacuados. Na ocasião, uma equipe nossa estava em reunião com funcionários públicos britânicos. Enquanto as pessoas estavam fora do prédio, alguém roubou vários dos nossos laptops. Não temos certeza se alguma coisa foi comprometida, mas não podemos nos dar ao luxo de correr riscos. Os laptops continham importantes códigos de substituição para comandos de emergência.

– Códigos de substituição…? Não está falando sério.

Emma assentiu, mostrando-se realmente muito séria.

– Estou contando ao senhor porque respeito o seu trabalho. – E então, pela primeira vez, ela o encarou. – Acredito que o senhor seja um homem em quem se pode confiar.

Bertels passou alguns segundos sem dizer nada, mas Emma reparou em como ele havia erguido o queixo um pouquinho e empurrado os ombros para trás como quem está encarregado de alguma incumbência para a rainha.

– Seu segredo está seguro comigo.

– É um desastre – confidenciou Emma. – Mas é algo que vamos ter que resolver depressa.

– Vocês vão precisar trocar todos os códigos.

– E reprogramar todos os sistemas de segurança. Felizmente, não vamos precisar desligar nenhuma central.

– Então é esse o motivo da viagem súbita – disse Bertels. – Vocês estão verificando se não houve nenhuma incursão.

– Não posso comentar sobre isso, Sr. Bertels – disse Emma, cujo tom agora se dirigia a ele como colega e, portanto, como igual. – Mas posso dizer que a viagem foi repentina o suficiente para que eu não pudesse entrar em contato com a Électricité de France para pedir os nomes dos chefes da segurança das usinas que vou visitar.

O protocolo mandava que os chefes da segurança fossem informados com antecedência sobre qualquer inspeção. A segurança funcionava como uma agência independente, um dos muitos dispositivos para impedir a complacência e garantir que as usinas funcionassem à risca como mandava a lei.

– Uma inspeção-surpresa, então? Eles vão ficar horrorizados.

Emma continuou a encará-lo, mas não disse nada.

Bertels aproveitou a deixa.

– Uma lista dos chefes da segurança das usinas? Isso não deveria ser um problema. – Em um segundo, ele já estava de pé. – De quais a senhorita precisa?

– Sem o aval da Électricité de France, o senhor poderia se encrencar.

– Me dê os nomes.

Emma listou os nomes de cinco usinas nucleares espalhadas pelo país.

– E também La Reine. Mas se alguém descobrir…

– Uma inspeção-relâmpago é o único jeito – disse Bertels, sem aceitar nenhuma crítica. – Posso prometer que as suas visitas vão ser totalmente inesperadas. Isso vai fazer bem a eles. Ser proativo é o único modo de fazer com que fiquem espertos.

– Que bom que nós concordamos – disse Emma.

Dez minutos depois, os nomes de todos os chefes da segurança das usinas, seus telefones comerciais, e-mails e informações domiciliares e pessoais foram reunidos em um CD recém-gravado.

– Algo mais? – perguntou Pierre Bertels.

– Meu crachá seria bom – disse ela, incisiva.

– Claro. – Bertels saiu da sala e voltou com um crachá preso a uma tira vermelha bordada com as iniciais CISN. – Agora a senhorita é oficial.

– Isso tudo foi mais eficiente do que eu havia imaginado – disse Emma. Verificou ostensivamente o relógio de pulso e fingiu aflição. – Tenho que correr. Mas vou voltar a Paris daqui a sete dias. Pode ser até que tenha uma noite livre. Gostaria de compartilhar com o senhor os resultados das minhas inspeções.

– Seria útil – disse Bertels.

– Muito – disse Emma. – Vou saber se o senhor avisou o seu pessoal antes da hora. Tenho um sexto sentido muito apurado.

Pierre Bertels jurou segredo, dizendo que perderia o emprego se a Électricité de France descobrisse que havia lhe fornecido informações sobre seus funcionários sem autorização prévia. Deu-lhe seu telefone pessoal e pediu a ela que ligasse na véspera de sua chegada. Emma prometeu que o faria.

– *Au revoir.*

– *A bientôt* – respondeu Bertels.

Ao sair do prédio, ela atravessou a grande esplanada de La Défense e parou no parapeito que dava para o Sena. Seu rosto adquiriu uma palidez cinzenta. A

lembrança do aperto de mão demorado de Bertels lhe dava náuseas. Ela se virou de frente para o sol, forçando-se a inspirar de forma profunda e lenta. Durante esse tempo todo, as palavras de Papi ecoavam em sua mente: *Afinal, é isso que vocês Rouxinóis sabem fazer melhor.*

Ajeitando a bolsa no ombro, ela partiu apressada em direção à Étoile. Conforme avançava, seus passos adquiriam um ritmo de marcha. Toda a hesitação desapareceu. Ela tornou a vestir a capa protetora de um agente treinado pelo governo.

Emma não havia roubado os códigos para interferir no funcionamento de uma central de energia nuclear. Era praticamente impossível derrotar a miríade de proteções que garantiam sua operação segura. Ela havia roubado os códigos para violar o sistema da AIEA e obter um passaporte nuclear.

Colocando a mão no bolso, tocou o crachá.

Entrar era a parte fácil.

55

O CINNAMON CLUB, NA GREAT SMITH STREET, era famoso por seus pratos de curry e por sua clientela. Localizado no prédio da Old Westminster Library, o restaurante era um oásis de toalhas de mesa engomadas e conversas em voz baixa, um mundo muito distante das atividades frenéticas do lado de fora de suas paredes. Por ser próximo de Whitehall, havia muito tempo que era um dos lugares prediletos de parlamentares, funcionários públicos donos de contas bancárias generosas e dignitários estrangeiros em visita.

– A localização não poderia ser melhor – disse Connor, enquanto afastava a cadeira da mesa para dar mais espaço à pança. Estava trajado como convinha à ocasião, vestindo seu melhor terno de lã penteada, com três anos de uso, sem apenas um botão. A camisa, no entanto, era novinha em folha. Azul-clara e feita de uma mescla de algodão e poliéster de primeira qualidade.

– Ainda dá para sentir o cheiro de cordite, ou seja lá o que for que estejam usando hoje em dia – disse *sir* Anthony Allam. – O número 1 da Victoria Street fica bem na esquina. Ainda está tudo uma bagunça. A bomba estilhaçou todas as janelas por três quarteirões. Por sorte, os terroristas usaram uma carga moldada, ou teria sido muito pior. Acho que devemos agradecer a eles por isso.

– É, talvez devêssemos fazer um desfile em homenagem a eles – disse Connor, com os olhos rodeados de bolsas espiando por cima da borda do cardápio.

O garçom anotou os pedidos. Gim-tônica para beber e um curry Madras de frango para Allam. Bem picante. Connor pediu a mesma coisa, sem entusiasmo.

– Obrigado por ter vindo, Tony, mesmo de última hora.

Allam sorriu, educado.

– O prazer é meu, mas tenho que admitir que este lugar aqui não teria sido a minha primeira opção. Tem olhos e ouvidos demais.

– Justamente. – Connor olhou para a direita e para a esquerda e pareceu insatisfeito com a escolha. – Mas não vejo nenhum rosto que não seja amigável.

– Não se preocupe, eles estão aqui. – Allam juntou as mãos sobre a mesa. Era um homem ocupado e seu olhar de aço deixava claro que estava na hora de ir direto ao assunto.

Connor abaixou a cabeça, chegando mais perto.

– Então Emma está dando trabalho a vocês.

– Pode-se dizer isso.

Connor deu uma versão resumida do que havia acontecido nos Alpes suíços cinco meses antes.

– E essa foi a primeira vez que vocês ouviram falar nela? – quis saber Allam.

– Temos ficado de olho no marido, na esperança de que ele nos leve até ela, mas até quatro dias atrás ele estava fazendo aquele trabalho de salvar o mundo lá na África. Um verdadeiro missionário.

– Está dizendo que vocês não sabem nada sobre as ações dela durante esse tempo todo? – insistiu Allam.

– Não exatamente – disse Connor com relutância.

Allam aproveitou aquele sinal de hesitação.

– Ah, é?

– Como eu disse, andamos de olho no marido. Alguns meses atrás, ele ligou para um dos antigos telefones de trabalho dela. Todo saudoso. Dizendo que tinham que se encontrar. – Connor deu de ombros. – Ele é um amador. O que você esperava? Enfim, nós rastreamos o telefonema até Roma e mandamos uma equipe para lá em tempo recorde. Ela conseguiu se safar. Matou o nosso cara. Desde então perdemos o rasto dela.

– Até agora.

Connor fez uma careta.

– É, até agora.

– Como vocês puderam deixá-la ficar tão fora de controle? – perguntou Allam, levantando a voz. – Isso está me cheirando a irresponsabilidade.

– Eu já disse a você, ela se rebelou. O que está fazendo agora é problema dela. Eu não tenho a menor ideia de para quem ela está trabalhando.

– Seja quem for, eles quiseram matar Ivanov e fizeram isso no meu terreno. Estou surpreso por você ter o topete de pedir a nossa ajuda. No que nos diz respeito, esse atentado está todo carimbado com as suas digitais.

– O quê? – retrucou Connor, com as bochechas coradas pelo álcool e pela raiva. – Você acha que isso foi uma operação americana? Ficou maluco?

– Olhe para você, Frank. Está fora de controle. O seu desejo de vingança o deixou tão cego que você está pondo em risco a si próprio e a sua organização. Primeiro entra no meu país sem ter a cortesia de me avisar, depois faz papel de idiota indo intimidar Prudence Meadows no hospital, e ontem à noite vai atrás daquele monstro do Danko e tenta chantageá-lo para que fizesse o seu trabalho

sujo. A notícia correu a cidade inteira antes de o dia amanhecer. Da forma como está agindo, parece que você seria capaz de qualquer coisa. Acho que está na hora de rompermos formalmente os vínculos entre as nossas organizações. Pelo que andei ouvindo, a Divisão não vai durar muito mesmo.

Connor lutou para encontrar as palavras certas, piscando descontroladamente.

– Quer dizer que não vai nos ajudar a encontrar Emma?

– Estou vendo que você finalmente aprendeu a falar inglês.

Connor jogou o guardanapo no chão e se levantou abruptamente, derrubando a cadeira.

– Eu deveria ter pensado melhor antes de pedir um favor aos nossos "primos" – disse ele, sacudindo um dedo no rosto de Allam para dar mais ênfase às palavras. – Seus ingleses de merda! Vocês não seriam capazes nem de tirar um carrapato do próprio rabo!

– Já vai tarde! – gritou Allam. Ele permaneceu completamente imóvel enquanto Frank Connor saía bufando do restaurante. Foi preciso muito controle para continuar sentado enquanto todas as cabeças no restaurante se viravam para olhar para ele. – Não se preocupe, Frank – disse para si mesmo. – Os rostos pouco amigáveis estão aqui, sim. Você não está vendo, só isso.

56

O AVIÃO ERA UM CIRRUS SR22, um monomotor turboélice, com capacidade para seis passageiros, velocidade máxima de 200 nós e autonomia de 900 quilômetros. Mikhail Borzoi, diretor e único proprietário da Rusalum – maior fabricante de alumínio da Rússia –, acionista majoritário de seis dos 10 maiores bancos comerciais do país, maior patrocinador público do balé Kirov (e patrocinador privado de três dos mais importantes bailarinos da companhia) e principal conselheiro do presidente, completou sua verificação pré-decolagem. O tubo *pitot* estava limpo e desimpedido. O *flap* funcionava bem. O nível do óleo era mais do que adequado e o tanque de combustível estava cheio até a boca.

– Podemos decolar – disse ele ao copiloto antes de entrar na cabine e de pôr o cinto de segurança do assento da esquerda.

Borzoi abriu o mapa sobre o joelho e digitou as coordenadas de seu plano de voo no computador Garmin. Tinha 55 anos de idade, estatura mediana e um físico mais franzino do que a média. Certa vez, muito tempo atrás, alguém lhe disse que seu corpo tinha o formato de uma pera, e a descrição ainda era válida. No entanto, se ele fosse uma pera, seria da variedade espinhosa. Mikhail Borzoi não era um homem agradável. Homens agradáveis não controlavam a maior fábrica mundial de alumínio. Homens agradáveis não acumulavam uma fortuna de cerca de 20 bilhões de dólares, e isso depois da queda da bolsa de valores. Homens agradáveis não superavam uma infância pobre para vir a aconselhar o presidente e vir a ser um dos três candidatos a substituí-lo nas próximas eleições. Não na Rússia. Na Rússia, homens agradáveis eram pisoteados, mastigados e cuspidos.

Borzoi mandou um rádio para a torre de comando e recebeu permissão para taxiar. Sempre sonhara ser piloto militar. Quando jovem, tinha assistido ao desfile anual do Dia do Trabalho na praça do Kremlin e admirado, com um arquejo, os MiGs, Sukhois e Tupolevs voando no céu. Tinha imaginado a si mesmo subindo bem alto na estratosfera e voltando ao solo em alta velocidade. Esses sonhos terminaram aos 10 anos, quando o oftalmologista pôs uns horrendos óculos de armação de chifre em cima do seu nariz. Se ele não podia ser piloto de caça, ficaria com a segunda melhor alternativa: seria espião.

Borzoi taxiou até o final da pista e virou a aeronave na direção do vento. O

plano de voo do dia indicava uma viagem rápida de 300 quilômetros do Aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, até a cidade de Norilsk, onde ele mantinha sua maior unidade de fusão. O tempo total de voo era estimado em uma hora e 33 minutos. O céu estava claro, com uma visibilidade de 10 quilômetros. Um dia perfeito para voar.

Borzoi ligou o motor, em seguida soltou o freio e começou a correr pela pista. A 120 nós, puxou o manche para trás. O nariz do Cirrus empinou e a pequena aeronave levantou voo de forma magnífica, erguendo-se qual uma folha levada pelo vento. Borzoi sorriu, olhou para o copiloto e disse:

– Este diabinho adora voar, não é?

O copiloto não respondeu.

Quando o Cirrus alcançou 1.000 metros de altitude, um artefato explosivo contendo 50 gramas de plástico de alta densidade instalado junto ao tanque de combustível detonou automaticamente.

O tanque do Cirrus tem capacidade para 190 litros de combustível de aviação ou de teste, de alta octanagem. Como Borzoi havia verificado anteriormente, o tanque estava cheio. A explosão que se seguiu foi monstruosa. Em um momento, o avião estava subindo à velocidade de 200 metros por minuto; no outro, era uma estrondosa bola de chamas.

O Cirrus rodopiou e despencou do céu.

Não houve sobreviventes.

A queda foi considerada um acidente e, mais tarde, classificada como "erro do piloto", embora nenhum detalhe jamais tenha sido fornecido.

Sergei Shvets ficou sabendo da morte de Borzoi menos de cinco minutos depois. O FSB tinha orgulho de sua rede de informantes, e Shvets gostava de se gabar de ser o homem mais bem informado do país. Ao receber a notícia, fez cara de tristeza e expressou o seu pesar. Borzoi era um amigo de longa data e, é claro, um espião como ele.

Em seu íntimo, Shvets sorriu.

Dois já tinham ido. Agora faltava um.

Entre ele e a Presidência restava apenas Igor Ivanov.

57

JONATHAN PASSOU UM BRAÇO por cima da borda do casco e ergueu-se para dentro do esquife. Durante duas horas, nadara sem parar. Seu pescoço doía. Seus ombros estavam queimando. Pior ainda, seu estômago se agitava com um princípio de náusea. Em duas ocasiões, ele havia subido para respirar e vira um barco de patrulha passando por perto. Em ambas, engolira um bocado de água do mar na pressa de sumir. Passou a mão pelo rosto, retirando uma camada de óleo, sal e fluidos de navegação. Descansando a cabeça sobre as tábuas mornas de madeira, deixou o sol bater em seu rosto. Precisava descansar, mas o descanso era um luxo que já não possuía.

Com um grunhido, Jonathan sentou-se e observou demoradamente a costa. Aqui e ali, um casal tomava sol, um homem passeava com o cachorro. Mais em cima, na praia, um trio de crianças fazia um castelo de areia. Pelos seus cálculos, ele havia nadado uns 6 ou 7 quilômetros, muitos deles abaixo da superfície. Em vez de se deixar levar pela correnteza dominante, havia subido a costa rumo ao norte, sempre na contracorrente de uma forte maré. Depois de sair do porto, havia atravessado a nado o bairro industrial da cidade e avançado mais ainda, até alcançar uma faixa de praia, com grama que chegava à cintura e modestas casas de veraneio escondidas entre pinheiros irregulares. Havia uma frota esparsa de barcos a motor fundeada a 50 metros da areia, mas todos estavam cobertos por toldos. Foi com uma alegria considerável que ele viu o esquife flutuando por perto.

Um espasmo fez seu estômago se contrair e Jonathan vomitou no mar. Sentindo-se melhor, voltou sua atenção para o motor de popa da embarcação. Era um Mercury 75 compacto, parecido com o motor auxiliar do Avalon de 16 pés no qual ele havia percorrido a costa leste de Maryland quando era jovem. Destampando o tanque de combustível, ele verificou que estava mais ou menos pela metade. Tornou a tampá-lo, em seguida ajustou o afogador. Seria melhor esperar o anoitecer antes de roubar o barco de alguém, mas esperar não era uma alternativa. Naquele mesmo instante, Kate Ford e seus colegas italianos estavam passando um pente fino no bairro turístico ao redor do Hotel Rondo, interrogando lojistas, donos de restaurante e gerentes de hotel para saber se o tinham visto ou conversado com ele. Era apenas uma questão de tempo para

chegarem ao Hotel de la Ville. A cautela o obrigava a supor que já houvessem chegado.

Movendo-se até a proa, Jonathan desamarrou o esquife, puxou a âncora, depois foi sentar-se junto ao motor. Deu um puxão na correia e o motor ganhou vida com uma série de engasgos. Para seus ouvidos de fugitivo, o barulho soou tão alto quanto uma granada. Ele guiou o esquife para fora da enseada, na perpendicular à costa em direção ao norte, mantendo um olho na praia. A qualquer momento, esperava que o dono do barco saísse correndo de uma das frágeis casinhas, gritando para que ele devolvesse a embarcação. Mas ninguém sequer olhou na sua direção.

Em poucos minutos, suas roupas estavam secas e o sol batia quente em seu rosto. Na proa havia uma rede lastreada com pesos, e ele usou os pedacinhos de chumbo para prender em cima do banco o dinheiro que lhe restava na carteira, para que este também secasse.

Aos poucos, o aspecto da costa foi mudando. A praia desapareceu e foi substituída por um píer interminável. A paisagem ficou montanhosa e as encostas desciam abruptas até o mar, em uma sucessão de penhascos rochosos curvados ao redor de pequenas enseadas de água muito azul.

Jonathan estudou a costa à procura de um lugar para atracar. Era fundamental que começasse a pensar de forma agressiva. O seu respeito pela lei e por aqueles que haviam jurado defendê-la não tinha mais cabimento. Para um homem na sua posição, a lei era um entrave. Fora ela – representada por Kate Ford, Charles Graves ou pelos *carabinieri* de uniforme azul – que o perseguira pelo porto de Civitavecchia e que tentara impedi-lo de encontrar Emma.

Ele fez uma careta, reconhecendo uma emoção nova e perturbadora. Não pensava mais em Emma como sua mulher, nem sequer como sua amiga. Os acontecimentos das últimas 48 horas o faziam vê-la sob uma luz fria e objetiva e, pela primeira vez, ele permitiu que suas ações a pintassem da forma como realmente era. O retrato não era lisonjeiro. Jonathan se forçou a olhar para esse retrato mental, a memorizar seus traços violentos e a dar a ela um nome adequado. Não Lara. Nem Eva. Nem mesmo Emma. Algo muito mais perigoso.

Ela era o inimigo. Precisava ser detida.

E depois?

Jonathan ainda não tinha resposta para isso.

Dando a volta na ponta seguinte, ele guiou o esquife para dentro de uma enseada em formato de meia-lua. Não havia praia, nem mesmo um píer, apenas

penhascos verticais acidentados que desciam 20 metros até a água. Em diversos pontos, escadas talhadas na pedra subiam de cais privativos. Uma sucessão de casas com vista para o mar podia ser vista no alto dos penhascos. Algumas pareciam *palazzos*, outras eram minimalistas e modernas, e umas poucas estavam tristemente malcuidadas e dilapidadas.

Jonathan deu meia-volta e guiou o esquife em direção a uma reentrância na rocha, onde largou a âncora. Juntando o dinheiro e a carteira, despiu-se até ficar só de cueca, fez uma bola com a carteira e as roupas e nadou até o cais com um dos braços esticado para cima, para manter secos os seus pertences.

Uma vez no cais, olhou para a casa 30 metros acima. Era uma residência antiga, de um andar só, com as janelas escondidas por traves de metal e um solitário mastro a servir de sentinela. A seus olhos, a casa parecia vazia, se não abandonada. Ele vestiu as roupas e subiu a escada. Em frente ao imóvel havia uma piscina vazia. Ele deu a volta na piscina, pulou por cima de um portão baixo e chegou à garagem. Janelas no alto das paredes ofereciam uma visão de dentro. A garagem estava vazia. Nenhum carro. Nenhuma bicicleta.

Jonathan subiu a estradinha correndo. Ao longe, podia ouvir o rugido de carros passando velozes. Em poucos minutos, chegou à autoestrada. Olhou para o norte e para o sul.

Correu para o norte.

◆◆◆

Era uma Ducati 350, amarela – uma moto esportiva de 10 anos de idade, com pneus grossos e um cano de descarga cromado reluzente –, e estava parada no meio do estacionamento lotado de um restaurante de beira de praia chamado Coney Island. *Vá entender*, pensou Jonathan consigo mesmo enquanto caminhava decidido entre os carros parados bem próximos uns dos outros sobre o asfalto fumegante. Nos Estados Unidos, um em cada dois restaurantes tinha o nome de alguma cidade italiana. Ele era incapaz de contar quantos cafés Roma, Portofino ou Florença já havia visitado. Agora os italianos estavam fazendo a mesma coisa.

Andou diretamente até a moto e ajoelhou-se junto a ela. O carro ao seu lado estava próximo o suficiente para que o tocasse. Ninguém no restaurante podia vê-lo. O dono da moto poderia aparecer ou não. Era simples assim. Jonathan não estava mais se preocupando com as consequências.

Sacando seu canivete suíço, ele usou o abridor de latas para destacar do chassi o compartimento cilíndrico da ignição, em seguida puxou os fios verde e

vermelho que conduziam às velas. A ignição de uma moto não era igual à de um carro. Em um modelo antigo como aquele, a chave simplesmente completava a conexão entre as velas de ignição e o alternador. Jonathan enrolou os dois fios juntos e apertou o botão para ligar. A moto ganhou vida com um rugido. Ele subiu, empurrou-a para trás, depois acelerou por entre os carros e entrou na autoestrada. Tempo total decorrido: dois minutos. Emma teria ficado orgulhosa.

Eram 12h15. Faltavam 580 quilômetros para a fronteira francesa. Jonathan entrou na pista de velocidade, abaixou a cabeça e acelerou a Ducati. A moto disparou feito um morcego saído dos infernos.

Ele planejava chegar a Eze às 7 da noite.

58

KATE FORD DEIXOU-SE CAIR em uma cadeira no terraço de um café.

– É impossível – disse ela, meio para si mesma. – Esse homem não é um fantasma. Não pode simplesmente ter desaparecido. Ele veio aqui por um motivo. Tem que ter conversado com alguém.

O tenente-coronel dos *carabinieri* sentou-se ao seu lado. Era bonito e afável, mas ela desconfiava que gostasse do uniforme vistoso um pouco mais do que do trabalho que o acompanhava.

– Nós procuramos por toda parte – disse ele, deixando cair os ombros elegantes.

– Por toda parte, não – disse Kate. – Deixamos de fora alguns quarteirões ali para cima.

– Aquela não é uma boa região – disse ele. – É mais para marinheiros. Tem muitos bares. É um lugar difícil. Vamos até lá depois. Antes, um café.

Kate tirou o paletó e se abanou.

– Não, obrigada – agradeceu. – Está um pouco quente demais para mim.

O tenente-coronel deu um sorriso resignado, em seguida chamou um garçom e pediu um *espresso*. Frustrada, Kate se levantou e começou a subir a rua.

Quatro horas haviam transcorrido desde que Ransom escapara. Durante esse tempo, nada menos de 60 policiais haviam passado um pente fino na área formada pelo quadrado de 16 quarteirões ao redor do endereço em que a ambulância havia ido buscar Emma Ransom. A polícia italiana era extremamente tenaz. Aos olhos de Kate, os agentes não haviam deixado passar uma única loja, hotel, bar ou café. Na sua opinião, nem em Londres ela poderia ter desejado um trabalho policial mais zeloso. Imaginou se Ransom teria se deparado com a mesma falta de sucesso.

Chegando ao topo da ladeira, ela prosseguiu por ruas ainda mais estreitas, com calçamento de pedra, admirando as sombras lançadas pelos prédios no caminho. Muitos eram velhos, de apartamentos gastos e maltratados. Ela tentou abrir as portas, mas constatou que estavam trancadas. Uma busca daquela área iria levar dias, não horas. Havia muitos bares, estabelecimentos sem nome e de aspecto suspeito. Àquela hora da manhã, eles também estavam trancados. Kate

parou dentro de um pequeno mercado e mostrou uma foto de Jonathan Ransom, em seguida uma foto granulada de Emma, tirada em Londres. A cada vez, a única reação que obtinha era um olhar inexpressivo.

Kate se apoiou em um muro e tirou um dos sapatos para massagear o pé dolorido. Deu um suspiro. Não havia mais quase nada que pudesse fazer. O jeito era deixar a busca a cargo da Polícia italiana e aguardar. Não estava otimista. A memória se desintegrava depressa e a visão de um rosto desconhecido era a que ia embora com mais rapidez. Recolocando o sapato, ela começou a voltar para a beira-mar. Enquanto andava, porém, viu um letreiro com o canto do olho. Estava suspenso acima de uma porta, talvez 30 metros adiante na ruela. Hotel de la Ville.

Ela sacudiu a cabeça e seguiu andando. De repente parou, com vergonha do próprio pessimismo. Com a energia renovada, deu meia-volta e abriu a porta do hotel com um empurrão.

Na recepção, mostrou ao gerente as fotos de Jonathan e Emma Ransom e perguntou se ele tinha visto algum dos dois. O homem não respondeu imediatamente, mas Kate pôde observar grande atividade por trás de seus olhos castanho-escuros.

– O senhor fala inglês? – perguntou ela.

– *Certo* – respondeu ele em italiano, como se estivesse ofendido. – Claro.

– O senhor os viu, não foi? – tentou ela.

O gerente começou a balançar a cabeça devagar para a frente e para trás. Segurou o queixo com a mão enquanto sua boca se curvava em uma expressão de desagrado.

– O que foi? – perguntou ela. – O senhor conhece este homem?

– Não tenho certeza.

Kate segurou seu pulso.

– Diga a verdade, ou dentro de 10 segundos os *carabinieri* vão estar aqui verificando os documentos de trabalho dos seus funcionários!

– Ele veio aqui hoje de manhã.

O coração de Kate parou por um instante. Ela aquiesceu, incentivando-o a prosseguir.

– Sim…

O gerente pôs a fotografia em cima da mesa com um tapa.

– Ele é marido dela – disse com ênfase, como se estivesse corrigindo um mal-entendido. – Ele *não é* da França!

♦♦♦

O helicóptero Écureuil, da Aérospatiale, levantou voo 60 minutos depois de uma base policial nas colinas acima de Civitavecchia. Kate havia ajeitado os fones de ouvido e se acomodado no banco do passageiro com o cinto de segurança bem apertado. Acenou para os *carabinieri* e enquanto o helicóptero se erguia no ar. O nariz apontou para baixo, a aeronave se inclinou com força para a esquerda e, em poucos segundos, estavam sobrevoando o mar.

Ela olhou para o piloto.

– Quanto tempo?

– Vamos voar em linha reta – explicou ele. – A distância é de 600 quilômetros. Acho que conseguimos chegar em três horas. Se o vento ajudar, talvez um pouco menos.

Kate entrou em contato com a Polícia Nacional Francesa e pediu que fosse montada uma vigilância discreta no endereço em Eze para o qual tinha certeza de que Ransom estava se dirigindo. Precisava dos melhores homens que tivessem. Não queria que Ransom entrasse em pânico caso chegasse lá antes dela.

– E se nós o virmos e em seguida ele partir?

– Nesse caso, podem detê-lo – disse Kate. – Mas não contem com isso. Ele não tem como chegar lá antes de mim.

Terminada a comunicação, ela ligou para Graves pelo celular.

– Charles – disse, com um otimismo exagerado –, pegamos o cara.

59

Charles graves parou o carro no portão e estendeu a mão para fora da janela para tocar o interfone. O portão era imenso e imponente, feito de barras maciças de ferro preto, com um ornamentado brasão no centro. Tinha todo o charme de uma porta levadiça medieval. Algo fabricado com grande cuidado e competência para manter os bárbaros do lado de fora. O portão estremeceu e se abriu deslizando, e ele sabia que em algum lugar em meio à espessa hera que cobria os muros de pedra estava escondida uma câmera, e que ele havia sido identificado e devidamente aprovado.

Graves acelerou por um caminho bem cuidado, margeado de ambos os lados por exuberantes canteiros de flores e extensos gramados. Fez uma curva e a casa apareceu. Ele estudou a gigantesca estrutura palaciana. "Casa" não era a palavra certa. "Palácio" era mais adequado. E, de fato, ele se lembrou de que o imóvel havia outrora servido como residência de verão da rainha Vitória. Os jornais tinham criado muito caso três anos atrás, quando ele fora vendido ao bilionário russo. Algo sobre um czar roubar uma propriedade da rainha.

Estacionado em uma esplanada de cascalho em frente à casa estava o Rolls-Royce Phantom que Graves tinha visto nos vídeos de segurança e, já descendo os degraus, com a mão erguida para cumprimentá-lo e o topete de cabelos louros platinados, que era a sua marca registrada, despenteado como de hábito, o homem em pessoa: Peter Chagall.

– Cuidado – tinham alertado os rapazes da seção russa. – Ele tem o sorriso largo feito o de um tubarão e os dentes igualmente afiados.

Mas Graves não precisava da seção russa para lhe fornecer a biografia de Chagall. Ele a conhecia de cor, e isso desde o dia em que Chagall havia comprado o Arsenal Futebol Clube, time do norte de Londres pelo qual Graves havia torcido todas as tardes de sábado, entre setembro e maio, desde os 5 anos.

Nascido na Sibéria 55 anos antes, Piotr Chagalinsky ficara órfão muito cedo e fora educado pela avó. Aluno brilhante, conseguira uma bolsa de estudos para a Universidade de Moscou e depois se formara como primeiro da turma. Depois do período obrigatório de serviço militar, fora trabalhar para um dos maiores produtores de petróleo da Rússia. Aos 27 anos já era vice-presidente, ascensão ainda mais inacreditável considerando sua recusa em filiar-se ao Partido

Comunista. Quando o Muro de Berlim caiu e o governo engessado da Rússia ruiu junto com ele, Chagalinsky – a essa altura já rebatizado Chagall – estava em situação perfeita para tirar vantagem da ocasião. Ele começou a modernizar a petrolífera, aumentando a produção enquanto engolia os rivais menores e garantia que a maior parte das ações da empresa recém-privatizada fosse parar no seu bolso. Foi essa propensão a engolir os rivais, aliada ao topete de cabelos louros, que lhe valeu seu apelido: Tubarão Branco.

Então, cinco anos antes, Chagall tinha vendido a empresa de volta para o governo russo por 10 bilhões de libras. Fez isso de repente e deixou muita gente coçando a cabeça tentando entender o verdadeiro motivo de sua partida. No dia seguinte, pegou um avião para a Grã-Bretanha. "Encerrei meu assunto com a Rússia e a Rússia encerrou seu assunto comigo", haviam sido suas palavras célebres. No entanto, assim como tantas outras coisas em relação a Chagall, isso era mentira. Chagall era russo até a medula. O seu assunto com a Rodina nunca iria se encerrar, e o seu envolvimento com Robert Russell era uma prova disso.

– Bem-vindo! – entoou Chagall com seu sotaque russo carregado, abrindo a porta do carro antes mesmo de Graves desligar o motor. – Capitão Graves. É um grande prazer.

– Foi muita gentileza sua me receber. – Graves deixou passar o rebaixamento intencional de sua patente. A reverência em si já era um primeiro indício de que Chagall tinha algo a esconder. Bilionários não faziam mesuras à Polícia, nem na Rússia nem na Grã-Bretanha.

– Como eu poderia recusar um pedido do Serviço de Segurança? Eu agora sou cidadão. Sou súdito da rainha.

– Meus parabéns. – Graves se perguntou quanto teria lhe custado um passaporte do Reino Unido. A casa saíra por 30 milhões de libras, o time de futebol por 200 milhões. Fosse qual fosse o preço, Chagall podia pagar.

– O senhor veio falar sobre meu amigo Robert – disse o russo, com ar pesaroso. – Isso eu sei. Para dizer a verdade, estava esperando o seu telefonema.

– Isso significa que o senhor tem algo para nos dizer? – Graves não tinha nenhum dispositivo legal para fazer Chagall cooperar. Não chegava a ser contra a lei encontrar-se com um homem duas horas antes de ele ser assassinado. Se Graves quisesse tirar alguma coisa de Chagall, teria de dar algo em troca.

– Talvez – disse Chagall. – Mas eu estava torcendo para o senhor ter algo a me dizer.

– Talvez eu tenha uma ou outra coisinha.

Chagall segurou seu braço e o conduziu até a lateral da casa.

– Como foi que eles chegaram até ele?

– Pelo subsolo – respondeu Graves.

– Mas ele morava no quinto andar. Tinha tanta segurança… alarmes, porteiros.

– Eles usaram o velho duto de roupa suja do prédio para subir sem serem detectados.

– Quem? Isso eu preciso saber.

– Não posso lhe dar essa informação. A investigação não terminou.

– É mesmo? – Chagall lhe lançou um olhar curioso que era quase um telegrama oferecendo um suborno. Quanto Graves queria? Dez mil libras? Cinquenta mil? Cem mil?

– O senhor vai saber assim que efetuarmos uma prisão – disse Graves.

– Então vai ser logo?

– Assim esperamos.

Chagall seguiu na frente, passando por arbustos meticulosamente podados no formato de bichos de circo: um elefante, um leão, um urso dançando. Aqui e ali, margeando o perímetro dos altos muros de tijolos que demarcavam a propriedade, guardas armados espreitavam das sombras, segurando submetralhadoras enquanto faziam suas rondas. No intervalo de cinco minutos, Graves contou três grupos de dois e seis câmeras de TV. Aquele palácio não era um lar, era uma fortaleza. Ele disse:

– Diga-me, Sr. Chagall, fazia muito tempo que o senhor era amigo de lorde Russell?

– Tempo suficiente. Ele era útil.

– Útil como?

– Ele não acreditava. Não se deixava enganar como vocês todos.

– Enganar pelo quê?

– Olhe em volta. Pode ver as armas. Meu pequeno exército. O que o senhor acha? Não se deixava enganar por *eles*.

Saíram do meio dos arbustos. À sua frente havia um grande galpão com enormes portas verdes. De algum lugar lá dentro vinha um barulho de motor.

– Temos imagens do seu carro em frente ao clube de lorde Russell na noite em que ele foi assassinado. Depois do seu encontro, Russell foi até Victoria Street, o local do atentado com um carro-bomba contra o ministro do Interior Ivanov. O

senhor tem alguma ideia do que poderia tê-lo feito ir até lá tão tarde da noite?

– Demônios – disse Chagall, com a voz cheia de fel. – Homens maus. O senhor não faz ideia. Eles usam ternos caros. Falam um inglês perfeito, então pensamos que são bons. Homens com quem se pode lidar, como a Sra. Thatcher disse sobre Gorbachov 20 anos atrás. Mas vocês são ingênuos. Esses homens não são assim. Não se pode lidar com eles. A Rússia nasceu de um pântano. Passamos 10 séculos lutando. Sempre os pobres da Europa. Ignorantes. Supersticiosos. E agora um milagre apareceu para nos salvar. O senhor sabe que milagre é esse?

– Petróleo? – arriscou Graves.

– Petróleo – repetiu Chagall. – A Rússia tem a segunda maior reserva do mundo. Duzentos bilhões de barris. Antigamente, nós extraíamos mais de 9 milhões de barris por dia. Mas hoje não mais. Os homens que controlam as petrolíferas preferem ficar com todo o lucro a dividir com os outros. Em vez de modernizar nossas plataformas com parceiros ocidentais, eles deixam as plataformas enferrujarem. Em vez de explorar novas jazidas, ficam sentados em cima das antigas, feito galinhas ciumentas. O problema é que os homens que assumiram o controle das reservas naturais do nosso país não são homens de negócios. São espiões, e espiões são paranoicos e burros. Estão sempre olhando por cima do ombro, mas nunca para a frente. Eles se dizem patriotas dispostos a dar o sangue pela Mãe Rússia. A minha conclusão, capitão Graves, é que não existe nada mais assustador do que um patriota.

Haviam chegado ao galpão. O barulho de motor agora estava mais alto. Alguém pisou no acelerador enquanto vozes davam instruções em russo. Chagall abriu uma porta lateral e entrou. O galpão tinha sido transformado em garagem. Graves contou pelo menos 20 carros estacionados sob uma profusão de luzes frias. Havia um Scaglietti da Ferrari e um Miura da Lamborghini. Um Maseratti Quattroporte e um Mercedes McLaren SLR. Um Porsche 911 GT e um DB12.

Chagall parou em frente a um elegante carro esportivo cinza de duas portas.

– Um Bugatti Veyron. O carro mais caro do mundo. Sabe quanto custa?

Graves sorriu, educado.

– Um pouco mais do que o meu salário, aposto.

– Dois milhões de dólares. Vou dizer uma coisa ao senhor. Se me contar quem matou Robert Russell, o carro é seu. Sem perguntas. Um presente meu. O que acha?

– É tentador.

– Então ele é seu! – declarou Chagall.

– Não posso aceitar. – Graves sacudiu a cabeça com educação, como se estivesse admirado diante de tamanha demonstração de generosidade.

– Ah! – exclamou Chagall. – Mais um patriota.

Graves ficou sério.

– Por que Russell foi até o número 1 da Victoria Street imediatamente depois de se encontrar com o senhor? O que o senhor sabe sobre o atentado que aconteceu lá?

Chagall estava entretido com uma flanela, esfregando o capô de um Daytona preto *vintage* da Ferrari.

– Assim como a sua, a nossa investigação também ainda não terminou – disse ele sem erguer os olhos. – Talvez nós avisemos o governo de Sua Majestade quando tivermos acumulado informações mais confiáveis.

Graves foi até o seu lado.

– O atentado ao ministro do Interior Ivanov foi uma distração para provocar uma evacuação obrigatória dos prédios governamentais das redondezas, para alguém poder entrar e roubar informações confidenciais.

– Que tipo de informações confidenciais?

– Muito confidenciais – respondeu Graves.

O ceticismo encobriu os traços de Chagall.

– Está querendo dizer que eles não queriam matar Ivanov? Que bobagem. Todo mundo quer que Ivanov morra.

– Só estou dizendo ao senhor o que os nossos indícios sugerem.

– Então que informações confidenciais são essas tão preciosas? – perguntou Chagall.

– Quer dizer que o senhor também não sabe?

– Por que eu iria arrastar meu bom amigo lorde Robby tão tarde da noite se eu soubesse? Sabíamos que alguma coisa estava sendo tramada. Sabíamos onde iria ser, mas não sabíamos o que era. Russell nos usa e nós usamos Russell. Muitas vezes os contatos dele no meu país são melhores do que os meus. Tínhamos certeza de que ele saberia. Tudo o que eu posso dizer ao senhor, capitão, é que eles estão por trás disso tudo. Os maus.

Graves sabia quem eram eles sem precisar perguntar. O FSB.

– Escute, capitão – prosseguiu Chagall. – Vou pôr o senhor em contato com a minha fonte. Ele também é um deles. Mas é um homem bom. Um encontro cara a cara. Ele vai contar o que sabe. O senhor não vai se decepcionar. Em troca, o senhor deve dar a ele indícios de quem matou Robert Russell.

– Ele está aqui em Londres?

– Está.

Chagall foi se encaminhando para os fundos da garagem, onde um carro estava sendo descarregado de um caminhão. Graves posicionou-se de um dos lados da rampa enquanto um Shelby Cobra 1964 azul metálico da Ford deslizava até o chão.

– Minha mais recente aquisição – disse Chagall. – O carro que derrotou Enzo Ferrari em Le Mans, em 1964. Minha primeira compra americana. O que acha?

Graves teve vontade de dizer que daria o braço direito para dirigir aquele carro, mas em vez disso contentou-se em comentar:

– É muito bonito.

– Então? – perguntou Chagall enquanto se sentava no banco do motorista do Cobra. – Posso dizer a ele que o senhor vai informar o nome?

Graves sentiu o cheiro do couro, da borracha novinha. Era o cheiro do poder, concluiu.

– Fechado.

A ansiedade de Chagall se dissipou no mesmo instante. Não havia mais nem sinal de seu comportamento aflito, quase bajulador. Ele voltou a adotar sua postura arrogante.

– É melhor o senhor ouvir da fonte. Senão acho que não vai acreditar. Vou dar o telefonema agora mesmo. Está livre hoje à noite?

– Vou liberar minha agenda.

– Excelente. – Chagall ergueu os olhos. – Tenho uma última pergunta, capitão. O senhor disse que o assassino de Russell entrou no apartamento dele pelo subsolo. Mas o prédio também tem segurança. Eu sei. Quase comprei um apartamento lá. Diga-me, por favor, como eles entraram?

Graves deu a volta no Shelby Cobra, tamborilando com os dedos na porta.

– Escondidos na mala do carro.

Os olhos de Peter Chagall se arregalaram.

60

FRONTIÈRE FRANÇAISE – 2 KM.

Jonathan diminuiu a velocidade da moto ao aproximar-se da fronteira francesa. A autoestrada se dividia em duas, com as pistas em direção ao oeste subindo um leve declive na colina e as outras se mantendo paralelas à faixa de terreno plano adjacente ao litoral. O tráfego do início da noite estava pesado e 1 quilômetro adiante ele teve de parar. Apoiando a moto com a perna esquerda, Jonathan olhou para o mar. O mar havia sido seu companheiro durante aquelas sete horas, uma vastidão azul acolhedora que conduzia a seu destino. Atrás dele, o terreno subia, íngreme. Havia casas e jardins construídos na encosta e varais pendurados entre oliveiras. Uma brisa soprava do mar, e ele sentiu gosto de sal e de gás carbônico e o aroma pungente de pinheiros aquecidos pelo sol.

A fila de veículos avançou um pouco. Ele fez uma curva e viu o grande prédio arredondado que abrigava os escritórios da Alfândega e da Imigração. Agentes de uniforme azul-claro e quepe de legionário andavam para lá e para cá junto à fila de veículos, fazendo uma rápida verificação de passaportes e documentos de identidade e acenando para que os carros passassem. Jonathan já havia atravessado fronteiras dentro da Comunidade Europeia centenas de vezes. Aos seus olhos preocupados, tudo parecia calmo, sem pressa. Movimento normal. Ele viu uma van branca sem nenhuma característica especial ser conduzida até uma pista auxiliar para ser inspecionada. O agente de fronteira gesticulou para que o veículo parasse. Instantes depois, uma equipe de homens e mulheres se materializou como se viesse do nada e o cercou completamente.

Que movimento normal, que nada.

Apressado, ele olhou em volta tentando achar uma saída da autoestrada. Não havia nenhuma. A última ficava 1 quilômetro atrás. Jonathan olhou por cima do ombro e só então percebeu um carro da Polícia escondido atrás da placa de saída. Acelerou um pouco a moto e avançou mais 20 metros. Não havia escapatória.

Menos de um minuto depois, entrou debaixo da sombra do pórtico. Estava com a identidade na mão. Era a identidade do Dr. Luca Lazio. A foto havia sido tirada sete anos antes, e estava arranhada e desbotada. Um agente se aproximou, examinando Jonathan dos pés à cabeça. Em seguida, levantou um dedo e gesticulou para que ele chegasse mais perto.

– O senhor aí – disse ele. – Parado.

Jonathan estendeu a identidade e o agente a arrancou de sua mão.

– De onde o senhor está vindo?

– Milão – respondeu Jonathan, porque a placa da moto era dessa cidade industrial no norte da Itália.

– Motivo da visita?

Jonathan não tinha malas nem roupas, com exceção das que estava vestindo.

– Vou visitar um amigo em Mônaco – disse ele.

O guarda de fronteira estudou o rosto de Jonathan, depois deu outra olhada na identidade.

– Lazio, hein?

– Sim.

– Médico?

Novamente, Jonathan respondeu:

– Sim.

O guarda sacudiu a cabeça e devolveu-lhe a identidade.

– Claro. Só mesmo um médico seria maluco o suficiente para dirigir na autoestrada sem capacete. Não está nem de botas. – Ele acenou para que Jonathan passasse. – Da próxima vez, tome mais cuidado.

Jonathan ergueu o polegar para ele e acelerou na direção da França.

– Próximo! – gritou o guarda de fronteira.

61

MAIS UMA NOITE. Mais uma lista.

Emma espalhou sobre a cama seu kit de trabalho.

Faca Ka-Bar.

Silver tape.

Spray de pimenta.

Pistola de eletrochoque.

Algemas de plástico (duas).

Gaze (uma caixa, hipoalergênica).

Pistola Sig Sauer 9mm com silenciador.

Dois pentes de munição.

Recuou para examinar as ferramentas de que iria precisar nessa noite. Viu na mesma hora o que estava faltando. Vasculhou dentro da bolsa até seus dedos tocarem o objeto metálico retangular.

Arrombador de fechadura.

Pronto. Estava tudo ali.

Ela se sentou e segurou cada um dos objetos, certificando-se de que estavam todos funcionando.

Afiou a faca.

Dobrou a ponta da *silver tape* para facilitar na hora de usar.

Retirou o invólucro de plástico que protegia a lata de spray de pimenta e pressionou a válvula. Uma fina nuvem de vapor surgiu. Ela a cheirou e seus olhos se encheram de lágrimas. Pôs a lata em cima da cama.

Ajustou a pistola de eletrochoque para 10 mil volts e verificou se as pilhas estavam carregadas.

As algemas de plástico estavam perfeitas. A gaze também.

Ela enroscou o silenciador na Sig Sauer, enfiou um pente no carregador e pôs uma bala na câmara. Deixou a mão se acostumar ao peso da arma, mirando em alvos imaginários ao redor do aposento. Então, ejetou a bala, retirou o pente e desatarraxou o silenciador.

O arrombador estava devidamente lubrificado e afiado.

Sentou-se ereta na cama e se olhou no espelho. Passou um minuto sem piscar os olhos nem respirar. Havia passado em mais um teste.

As portas da varanda estavam abertas. Uma brisa fresca cheia de sal e maresia soprava do mar, agitando seus cabelos. Ela se levantou e saiu para a varanda. O quarto no terceiro andar do Hotel Bel-Air, em Bricquebec, perto do litoral normando, tinha uma vista panorâmica para pastos e sebes e, mais além, estendendo-se até o horizonte, para o canal da Mancha.

Ela voltou para dentro, tornou a guardar todos os objetos em seu kit de trabalho e o pôs embaixo da cama. Da bolsa, tirou um mapa do *département* e estudou a região entre Bricquebec e La Reine. Passando a unha pelo mapa, localizou a rue Sainte-Martine. O logradouro era classificado como uma estrada rural que percorria 4 quilômetros em linha reta de Bricquebec até o vilarejo vizinho de Brédonchel.

Emma pegou o laptop na escrivaninha e o pôs sobre a cama. Acessou o CD que Pierre Bertels, da Corporação Internacional de Segurança Nuclear, havia lhe dado antes e localizou rapidamente o endereço do Sr. Jean Grégoire, chefe da segurança de La Reine. Entrou no site Google Maps e digitou o endereço rue Sainte-Martine, número 12, Brédonchel, França. A imagem de uma zona rural luxuriante apareceu. Ela a ampliou até 100 metros de altitude. Embora a imagem estivesse fora de foco, era possível ver que a casa era uma típica propriedade rural da Normandia, com telhado de ardósia, duas chaminés e uma quadra de *bocce* de terracota nos fundos. Passou para o modo *street view* e pôde admirar uma fotografia da casa, de nitidez perfeita, tirada da entrada de carros.

Voltou para o modo satélite e viu que não havia outras casas em um raio de 200 metros do número 12 da rue Sainte-Martine. Isso a deixou satisfeita. Duzentos metros eram definidos oficialmente como "a distância que um grito alcança".

Emma trocou a roupa que estava vestindo por um jeans e uma camiseta e lavou o rosto. Antes de descer, cobriu os cabelos com um lenço e pôs uns óculos escuros grandes. A caminho da porta, pegou a máquina fotográfica e acoplou a teleobjetiva. O funcionário da recepção nem sequer a olhou duas vezes quando ela saiu.

♦♦♦

Chegar à rue Sainte-Martine levou 20 minutos de carro. Placas apontavam para lugares históricos como Bayeux e Caen e, mais de uma vez, ela passou por pequenos e muito bem cuidados cemitérios com centenas de lápides brancas,

todas com uma bandeira norte-americana na base. Pouco sabia sobre aqueles lugares, ou sobre as batalhas travadas naqueles campos. O seu conhecimento da Segunda Guerra Mundial se limitava a cidades com nomes como Stalingrado, Leningrado e Volgogrado.

Não havia nomes de estradas ou placas de ruas em lugar algum. Ela se fiava no sistema de navegação embutido no carro para guiá-la. Ao chegar à bifurcação da rue Sainte-Martine, desacelerou para 30 quilômetros por hora e abriu as duas janelas. Havia apenas uma casa na rua. Era a mesma que ela vira no computador. A porta da frente havia sido repintada, mas, fora isso, a casa era idêntica. Ao passar, ela ergueu a câmera e tirou uma dúzia de fotos em rápida sucessão. Prosseguiu por mais 1 quilômetro antes de dar meia-volta e retornar pelo mesmo caminho. Com certeza não era a primeira turista a se perder naquelas ruas sem sinalização.

Ela dirigiu mais depressa. Ao aproximar-se, observou que havia atividade em frente à residência. Uma menina de cabelos ruivos desceu da bicicleta e jogou-a sobre o gramado enquanto corria na direção da porta da frente. Um menino louro, cuja idade não chegava a 3 anos, seguiu-a gritando animadamente.

Emma não diminuiu a velocidade. Manteve os olhos fixos à frente enquanto sua garganta se contraía. Não sabia que haveria crianças. Uma voz lembrou-lhe quem ela era e por que estava ali. Era a voz de Papi, e encheu seu coração de aço.

Dois indivíduos a mais, observou ela com uma insensibilidade que deixaria Papi orgulhoso.

Iria precisar de quatro pares de algemas de plástico.

62

A NOITE CAÍA E O AR LITORÂNEO continuava morno e recendendo a pinho e jasmim. Jonathan deslizou encosta abaixo, espalhando terra e cascalho e indo refugiar-se atrás de um montinho de pedras e rochedos. Abaixo dele, a cidade medieval de Eze se agarrava ao flanco da montanha, uma colagem de telhas de terracota e alvenaria rústica. A torre do campanário de uma igreja despontava no meio delas como uma adaga de ponta-cabeça. Abaixo, percorrendo a encosta da colina como uma fita, estava a Moyenne Corniche, que prosseguia em direção a Cap Ferrat e à baía de Villefranche. Um sino de igreja badalou as 9 horas.

Jonathan largou sua mochila no chão e a revirou em busca de um binóculo. Havia comprado o instrumento, junto com um telefone celular, água e outros artigos de primeira necessidade, no supermercado Hypermarché de Menton, cortesia do cartão de crédito de Luca Lazio. Aproximando o binóculo dos olhos, estudou uma *villa* encarapitada no penhasco em frente. Era pequena e antiga, feita de blocos de pedra branca, e seu telhado de telhas lascadas tinha o mesmo tom ocre descorado pelo sol de qualquer outro telhado da Côte d'Azur. Em um dos lados ficava um terraço rodeado por um parapeito de metal. Na estrada mais embaixo havia uma caixa de correio diante da *villa*, com "58 Route de la Turbie" escrito em letras brancas.

Alguma coisa apareceu no terraço. Duas portas francesas estavam abertas, quando instantes antes estavam fechadas. Uma sombra flutuava dentro da casa. Um homem ou uma mulher. Instintivamente, Jonathan pressionou o corpo contra as pedras. Ficou imóvel, com os olhos cravados na cortina transparente flutuando pelas portas abertas. Um gato laranja grande saiu da casa e se deixou cair debaixo de uma mesa de ferro fundido. Vários minutos se passaram e não houve mais sinal da pessoa.

Jonathan tirou o celular novo do bolso. Havia um único número gravado na memória. Ele apertou a tecla de discagem rápida e levou o telefone ao ouvido. A ligação se completou e começou a chamar.

Nesse momento, um homem apareceu no terraço. Um homem da idade de Jonathan. Esbelto, de estatura mediana, cabelos pretos e uma tez que clamava por sol. Vestia um terno escuro e uma camisa de colarinho aberto. Tanto suas roupas quanto sua atitude eram demasiado formais para uma noite de verão na Riviera

francesa. Ele estava a trabalho.

– *Allô* – atendeu. Falava francês com sotaque de estrangeiro.

– É da VOR S.A.? – perguntou Jonathan, também em francês. – Eu gostaria de falar com Serge Simenon.

Jonathan havia encontrado a VOR S.A. listada em um dos catálogos de empresas domiciliadas nos Alpes-Maritimes. O registro citava o nome do único diretor, além de informações segundo as quais a empresa havia sido fundada 10 anos antes, com um modesto capital de 100 mil euros, e tinha escritórios em Paris e Berlim. A principal atividade profissional da VOR S.A. estava listada como "comércio internacional". *Um termo adequadamente genérico para espionagem*, concluiu Jonathan.

– Quem está falando?

– Meu nome é Jonathan Ransom. O Sr. Simenon sabe quem eu sou.

– Um instante, por favor. – O sotaque traía o *t* fraco e o *s* áspero da Europa Central. Mas de onde? Alemanha? Polônia? Hungria? Ainda olhando pelo binóculo, Jonathan viu o homem pôr sua chamada em espera e ligar para outro número. Disse algumas palavras e, em seguida, sua voz voltou. – O Sr. Simenon disse que não o conhece.

– Diga a ele que eu acabei de chegar de Roma e sei que ele pagou a conta do hospital de Emma Ransom.

Silêncio.

– E diga a ele que eu sei exatamente o que Emma está planejando fazer – acrescentou Jonathan com certa temeridade, como um homem que joga sua última ficha na mesa.

Houve outro clique enquanto Jonathan era colocado em espera. Mais conversas enquanto o homem no terraço começava a andar de um lado para outro, mais rígido do que no minuto anterior. Então a voz apareceu:

– Posso saber onde está, Sr. Ransom?

– Estou em Mônaco. Me encontre daqui a 15 minutos no Café de Paris da Place du Casino. Vou estar sentado em uma das mesas do lado de fora. Estou usando jeans e camiseta azul.

– Não precisa. Nós sabemos quem o senhor é.

– Espere – disse Jonathan. – Quem é você?

– Alex.

A ligação foi interrompida. Jonathan ficou olhando enquanto o homem pálido e de cabelos pretos chamado Alex continuava sua conversa com Simenon.

O diálogo foi breve mas, mesmo de longe, eloquente. Alex meneou a cabeça várias vezes com uma obediência pavloviana. Um homem recebendo ordens. Concluiu a ligação e guardou o telefone.

Fascinado, Jonathan o viu tirar uma pistola das dobras do paletó, inserir um pente no carregador e tornar a guardá-la. O homem se curvou para acariciar o gato, em seguida se levantou e desapareceu dentro da casa.

Um minuto depois, a porta da garagem, que ficava meio escondida entre os rochedos e arbustos 50 metros abaixo da entrada da *villa*, se abriu. Um Peugeot branco cupê deu ré para a estrada e desceu a encosta rugindo.

Jonathan esperou até o carro sumir de vista e, depois disso, aguardou mais dois minutos. Convencido de que "Alex" pretendia comparecer a seu encontro, subiu o declive depressa e enfiou a mochila e seu conteúdo nas bolsas laterais da moto, montou nela e desceu a estrada sinuosa até a *villa*. Estacionou um pouco adiante, logo depois de uma curva. Não usou a escada. Deu uma corridinha até o muro em frente ao terraço e escalou com agilidade as pedras salientes. Cinco minutos depois de desligar o telefone, estava em pé no terraço do homem.

Alheio ao complexo sistema de sensores de movimento instalado em toda a *villa*, Jonathan entrou na casa. Sua presença ativou um alarme silencioso. O sinal não acionou a Polícia francesa. Em vez disso, mandou uma mensagem para o telefone de Alex e para outra localidade a mais de 1.000 quilômetros dali.

A *villa* era maior do que parecia do outro lado da colina. À primeira vista, era a casa de um homem. Os móveis eram poucos e modestos. Um aparelho de som de última geração ocupava o lugar de honra na sala. Havia uma TV de plasma, uma espreguiçadeira de couro e um cartaz emoldurado da Copa do Mundo de 2010. A cozinha estava tão impecável que parecia nunca ser usada.

Jonathan foi avançando de cômodo em cômodo, puxando gavetas, examinando prateleiras e abrindo armários metodicamente. Ao chegar no final do corredor, encontrou uma porta que estava trancada. Sem hesitar, recuou um ou dois passos e, então, desferiu um chute sem dó abaixo da maçaneta. A porta não se mexeu. Voltando para a cozinha, ele vasculhou as gavetas em busca de algo útil e acabou escolhendo um martelo de carne, de aço inox. Tornou a descer correndo o corredor e atacou a fechadura com golpes precisos, brutais. A maçaneta se dobrou, depois quebrou. O batente cedeu e a porta se abriu.

Era um escritório, decorado em estilo proletário. Gaveteiros metálicos para guardar arquivos margeavam uma das paredes. Acima da escrivaninha havia um mapa da Europa e um velho rádio de ondas curtas Revox sobre uma mesinha

lateral. O MacBook Pro sobre a escrivaninha, porém, era decididamente mais moderno. O laptop estava aberto e o protetor de tela exibia uma foto da Terra flutuando serenamente no espaço.

Jonathan sentou-se e apertou uma tecla. O monitor ganhou vida, mostrando uma área de trabalho coalhada de ícones. Ele notou imediatamente que os caracteres não eram latinos, mas cirílicos. O sotaque de Alex não era húngaro nem polonês. Era russo.

No início, os símbolos foram incompreensíveis. Jonathan falava apenas o russo rudimentar de um turista, aprendido durante um curso de seis semanas que dera certa vez em Cabul, no Afeganistão, pouco depois da invasão americana no inverno de 2003. Como muitos médicos afegãos haviam estudado durante a ocupação russa 25 anos antes, ele podia escolher entre russo e pashto. Escolhera o primeiro.

Já o sistema operacional Mac OS X Jonathan conseguiu entender melhor. Movendo o cursor para a caixa chamada Spotlight, que examinava o conteúdo do disco rígido em busca de palavras-chave determinadas, digitou "Lara", "Emma" e "Ransom".

Uma janela se abriu e foi preenchida com os nomes de todos os arquivos contendo uma ou mais palavras-chave. Vários deles tinham títulos misteriosos, como "Relatório 15" ou "Comunicação – 12 de fevereiro". Mas o quinto arquivo que apareceu exibia o nome Larissa Alexandrovna Antonova em letras maiúsculas.

Jonathan clicou duas vezes no arquivo.

O monitor se acendeu com a cópia escaneada de um relatório pessoal datilografado. O nome Larissa Alexandrovna Antonova apareceu no alto da página. "Nascida em 2 de agosto de 1976". Uma fotografia em preto e branco estava presa ao canto superior direito. Mostrava uma jovem que devia ter uns 18 anos, com uma pele de porcelana e olhos que desafiavam a câmera a chegar mais perto. Tinha os cabelos presos em um coque e a gola de um uniforme militar subia até o alto de seu pescoço.

Era Emma.

Jonathan não sentiu nada, o que era ainda pior do que ficar desapontado.

No alto da página estava gravado um cabeçalho estilizado. As palavras pareciam conhecidas. Mesmo assim, ele levou quase um minuto para articular seu som.

Federalnoya Sluzhba Bezopasnosti.

Serviço de Segurança Federal.

O FSB.

Jonathan continuou a ler, perdendo-se no texto denso e monótono. Foi incapaz de decifrar muitas das palavras, mas aquelas que compreendeu bastaram. Continuou a ler enquanto o relógio de carrilhão soava os quinze minutos de uma hora qualquer. Continuou a ler enquanto o Peugeot entrava na garagem escavada na encosta da colina mais abaixo e passos subiam uma escada interna. Não escutou nada. Não reparou em nada. O presente havia deixado de existir. Ele estava perdido no horror da descoberta. Havia desaparecido no passado.

Continuou a ler, página após página, conforme cada artifício ia sendo desfeito, cada mentira exposta, cada falsidade revelada. Aquela era a história secreta de Emma e, de certa forma, a sua própria. A simples quantidade de detalhes era acachapante. Datas, lugares, nomes, escolas, diretores, aulas, provas, recomendações. Então, a mudança do universo escolar para o militar. Mais escolas, cursos, unidades, relatórios de condicionamento físico, confiabilidade política, relatórios de vigilância, promoções e, por fim, o mais interessante de tudo, operações.

Havia fotografias também.

Emma em idade escolar, magra feito um varapau, com o pior eczema que Jonathan já tinha visto e um dos braços engessado. Emma de uniforme, uma fotografia de alistamento. Mas qual seria a sua idade? Quinze? Dezesseis anos? Ela com certeza era jovem demais para entrar para o Exército. Emma novamente de uniforme, agora com uma patente no ombro, a pele limpa, o queixo erguido com orgulho. Mais velha agora, talvez uns 18 anos, o rosto mais cheio, os olhos mais confiantes.

Emma em trajes civis recebendo um diploma, apertando a mão de seu superior, um homem corpulento de cabelos grisalhos 20 anos mais velho do que ela e com terríveis olheiras. Na parede havia uma placa com uma espada e um escudo, o símbolo da FSB, e na foto estava carimbada uma data. Dia 1º de junho de 1994.

Depois outras fotos, tiradas sem Emma perceber.

Emma durante um desfile, sendo inspecionada junto com uma divisão de cadetes do sexo feminino, com um rifle no ombro.

Emma e uma amiga fazendo compras na movimentada rua de uma cidade.

Emma em seu apartamento, com um copo de vinho junto à boca.

E mais fotos ainda. Fotos íntimas. Fotos tiradas durante o cumprimento do

dever para fins de extorsão. Fotos que o deixaram enjoado. Todas com o carimbo "Rouxinol" estampado no canto inferior, em letras pretas miúdas.

Rouxinol. Este também era o codinome dela na Divisão.

– Está surpreso? – perguntou uma voz baixa, refinada.

Jonathan sobressaltou-se na cadeira. Virou-se e viu Alex à porta, segurando uma pistola com a mão direita.

– Para quem achou que ela trabalhasse?

– Não sei – disse Jonathan. – Não para vocês, em todo caso.

– Ela é siberiana. Para quem mais iria trabalhar? – Alex acenou com a pistola. – Levante-se. Venha comigo. Não se preocupe. Não queremos fazer mal ao senhor. O senhor foi bom com Lara. Nós não somos do tipo que não demonstra gratidão.

– Se o senhor quiser demonstrar sua gratidão, pode começar guardando essa arma.

– É uma precaução.

Alex revistou Jonathan e, quando não encontrou nenhuma arma, acenou para que ele descesse o corredor.

– Quer um copo d'água, talvez? Um pouco de queijo?

– Estou bem – disse Jonathan. – O senhor pode me informar uma coisa? O que estão mandando Emma fazer?

– Lara, o senhor quer dizer? Pensei que soubesse. Não foi por isso que me arrastou até Mônaco? – Alex acenou em direção à sala. – Está cheia de alarmes. Eu tinha saído não havia nem 10 minutos quando fui notificado.

– Vocês pagaram 25 mil euros para tirá-la do hospital. Não foi a troco de nada.

Alex respondeu com um sorriso indecifrável.

Na cozinha, deu um telefonema. Falou depressa. Jonathan não conseguiu entender nenhuma palavra. Quando ele desligou, sua expressão estava mais dura.

– O que o senhor leu no computador?

Mas Jonathan também tinha uma pergunta.

– Onde está Simenon?

– Por favor, Dr. Ransom. O senhor está na minha casa. É a minha vez de fazer perguntas. O que o senhor leu?

– Nada. Eu não falo russo.

– É mesmo? Me diga uma coisa, então: como foi que deu aulas para os

médicos de Cabul?

É claro que eles sabiam sobre ele, pensou Jonathan. A sua vigilância não se limitava às fotografias tiradas em Oxford.

– O dossiê pessoal dela – confessou. – Eu só vi algumas fotos.

– Só isso? Tem certeza?

– Foi o suficiente.

– Nesse caso, não temos nada com que nos preocupar. Tem certeza de que não quer nada? Aceite uma laranja. São laranjas sanguíneas de Israel. Temos que dar um passeio de carro agora. – O russo tirou as chaves do bolso. – A escada fica no final do corredor. Pode ir na frente…

– *Gendarmerie. Ouvrez la porte*. – A voz autoritária foi seguida por uma série de batidas violentas na porta.

– Fique aqui – disse Alex enquanto avançava na direção da entrada.

A Polícia tornou a bater. Dessa vez mais alto.

Olhando para a cozinha em volta, Jonathan pegou a primeira coisa que pudesse lhe servir de arma. Era uma grande fruteira de vidro bisotado. Ele se lançou para a frente e, com um movimento lateral e amplo do braço, golpeou a cabeça do russo. O agente cambaleou e caiu em cima da bancada. Jonathan bateu com a fruteira na parte de trás de seu crânio, fazendo Alex desabar no chão. Então, possuído por uma fúria animal, tornou a bater no russo. Alex expirou. Seu corpo estremeceu e ficou parado. O russo estava morto.

– *Police! Ouvrez la porte! Maintenant!* – As batidas ficaram mais urgentes e as vozes exigiam que a porta fosse aberta.

Jonathan olhou para a pistola. Havia deixado a arma de Prudence Meadows em Roma e jurado nunca mais tocar em nenhuma. Fora uma promessa precipitada, concluiu. Pegou a pistola do chão e saiu em disparada pelo corredor. A porta da escada estava aberta. Um lance íngreme levava a um subsolo mal iluminado. Ele desceu vários degraus correndo, então parou abruptamente. Olhou para cima. De onde estava, podia ver a porta do escritório entreaberta e, depois dela, o laptop.

– *Police! Ouvrez!*

Jonathan hesitou por mais um instante e, então, agiu.

63

KATE FORD SALTOU DO HELICÓPTERO ÉCUREUIL assim que o trem de pouso tocou o chão. Com a cabeça abaixada, correu até um pequeno grupo de policiais reunidos do outro lado da rua.

– Onde está todo mundo? – perguntou.

– Na casa – respondeu um dos homens por cima do ombro, enquanto a conduzia na direção de um Renault pintado de branco com as listras fluorescentes cor de laranja da Polícia Nacional Francesa.

– A senhora está atrasada. Venha comigo. Eu a levo até lá. Meu nome é Claude Martin.

Kate apertou a mão do homem e se apresentou.

– Como assim, atrasada? Vocês deveriam ter me esperado.

– *Monsieur le Commissaire* ficou nervoso. Ele não vai permitir que Ransom fuja de nós.

A provocação foi direto ao ponto. Ransom havia escapado dos ingleses. Havia escapado dos italianos. *Monsieur le Commissaire* pretendia mostrar que os franceses, pelo menos, eram competentes. Os pequenos detalhes eram os mais importantes.

– Então Ransom está aqui?

– Não temos certeza, mas encontramos uma moto estacionada mais acima na rua.

Kate aquiesceu e desviou os olhos, lutando para esconder seu desapontamento. O voo da Itália havia transcorrido em uma azáfama de negociações diplomáticas. Ligações haviam sido feitas da Met para a Polícia Nacional Francesa, do Five para a DST – Direção de Segurança Territorial, a força especial interna francesa –, e depois se cruzado entre os quatro. Os franceses estavam cautelosos para dar início ao que chamavam de perseguição inútil para capturar um fugitivo estrangeiro que muito provavelmente não estava nem perto de suas fronteiras. Uma hora inteira havia sido gasta debatendo-se a probabilidade de que Ransom pudesse ter percorrido uma distância tão longa em tão pouco tempo. Mais uma hora se passara em discussões sobre quem iria bancar a operação, Inglaterra ou França. Finalmente ficou decidido que a Polícia

dos Alpes-Maritimes iria coordenar as operações com a brigada local da DST, que viria de avião de Marselha. A conta seria resolvida mais tarde.

– Quantos homens vocês têm aqui? – quis saber Kate, sentindo se apertar o nó que tinha feito seu estômago se contrair durante todo o voo da Itália.

– Mandamos dois dos nossos melhores homens para a casa, cinco minutos atrás – respondeu Martin, que, a julgar pela patente em seus ombros, era cabo e, a julgar pela penugem clara e pelas costas largas, mal havia acabado de sair da universidade. – Temos uma dúzia de outros montando um cerco.

Kate não teve certeza de ter escutado direito.

– Solicitei uma equipe tática da DST. Pensei que isso estivesse resolvido.

– Eu não saberia dizer. Só chegamos há 15 minutos.

– Então é uma operação local?

– Até agora, sim.

Kate não entendeu a própria surpresa. Não estava em Londres montando um cerco a um suposto assalto a banco. Aquilo ali era internacional e, nesse nível, as coisas raramente corriam de forma fácil e rápida.

– A casa fica a que distância daqui? – perguntou ela.

– Cinco minutos, mas levo a senhora até lá mais depressa.

Kate sentou no banco do carona. Martin deixou 1 metro de borracha no asfalto ao dar a partida e pegar a estrada como se fosse uma pista de Fórmula 1.

– O senhor disse que havia uma moto estacionada mais em cima na rua, mas alguém chegou a ver Ransom?

– Não tenho certeza, mas acho que não. Estamos montando um posto de vigilância do outro lado da colina, mas já está escurecendo.

O carro fez uma última curva fechada e parou abruptamente. Havia diversos veículos estacionados em um trecho inclinado de asfalto à sua frente – uma van, duas viaturas da Polícia e um sedã sem insígnia –, mas nada que parecesse nem de longe pertencer à DST.

Kate desceu do carro e andou apressada até um círculo de policiais uniformizados. Foi rapidamente apresentada ao chefe da Polícia Nacional e seus agentes. Não havia uma só mulher no grupo.

– Mandamos dois homens até a porta da frente cinco minutos atrás – explicou o *commissaire*. – Ninguém veio atender.

– Alguém viu Ransom?

– Não – respondeu o *commissaire*. – Mas isso não importa. A residência está cercada. Se ele estiver lá, nós vamos pegá-lo.

Kate não respondeu nada. Ela própria tinha dito a mesma coisa mais de uma vez, e estava ali tendo que fazer tudo de novo.

– Vocês têm uma linha telefônica conectada com a casa? Vamos ligar e ver se alguém atende.

O *commissaire* lançou-lhe um olhar.

– É tarde demais para isso. – Ele gesticulou em direção à encosta da colina, onde seis policiais uniformizados usando coletes à prova de balas cercavam a casa. Quatro deles estavam posicionados junto à porta da frente; os outros dois haviam subido para o terraço.

Nesse instante, ouviu-se um assobio agudo e a equipe começou sua investida. Os homens na escada atacaram a porta da frente. Os outros entraram pelas portas do terraço. Segundos depois, escutaram-se os baques das explosões de um Wingmaster detonando as dobradiças da porta da frente. Seguiram-se duas explosões abafadas: granadas paralisantes, destinadas a imobilizar qualquer ocupante. A fumaça começou a se erguer em círculos do terraço.

Três minutos depois, um policial apareceu junto ao parapeito.

– *Il n'y a personne là-dedans* – gritou ele para baixo.

– O que foi que ele disse? – indagou Kate, olhando de um rosto para outro. – Não estou entendendo.

– Não tem ninguém lá dentro – traduziu o *commissaire*. – *Merde!* Isso a senhora entende?

Kate virou-lhe as costas, mordendo o lábio até deixá-lo branco. Já tinha aprendido que Ransom era um homem de muitos recursos. Escapara por entre os dedos de Graves em Londres, conseguira fugir da Inglaterra e percorrer o continente europeu a seu bel-prazer, mesmo sendo objeto de uma perseguição internacional. Mas aquilo era demais. Ransom por acaso era um fantasma?

– *Attention!* Tem alguém saindo! – gritou um dos homens.

Cinquenta metros mais embaixo na rua, bem atrás do conjunto de carros estacionados, a porta de uma garagem discreta estava aberta. Kate se virou a tempo de ver um Peugeot branco surgir na estrada de supetão e fazer uma curva fechada para descer a encosta. Teve apenas alguns segundos para ver o motorista. Era um homem de cabelos escuros curtos e rosto bronzeado, usando uma camiseta escura.

Por uma fração de segundo, ele olhou diretamente para ela.

Ransom.

Kate correu até o carro mais próximo e pulou no banco dianteiro. A chave

estava na ignição e ela deu a partida no motor. Martin, o cabo de faces coradas, sentou-se ao seu lado.

– A senhora sabe dirigir? – perguntou ele.

Sim, ela sabia dirigir. E tinha dois anos de trabalho na Sweeney para provar isso.

– Nós vamos descobrir, não é?

Ela passou a marcha e fez o carro dar um giro fechado de 180º. Era um sedã Renault com um motor V6 padrão. Talvez uns 250 cavalos. Se ela forçasse o motor ao máximo, poderia ter uma chance de alcançá-lo. Ransom tinha 500 metros de frente e estava ganhando terreno. Ela viu suas luzes de freio piscarem antes de ele desaparecer depois de uma curva.

– Você conhece estas estradas? – perguntou ela.

– Fui criado em Beaulieu-sur-Mer.

– Onde fica isso?

Nesse exato momento, fizeram uma curva. Kate estava indo depressa demais. A roda de trás derrapou no asfalto até o acostamento estreitíssimo. Não havia mureta de segurança. Mais alguns centímetros e teria sido uma queda livre de 200 metros até a estrada costeira.

– Por ali – disse Martin, apontando pela janela, e ela se perguntou se ele era sempre assim tão pálido.

– Aonde ele pode ir?

Martin explicou que a estrada seguia para o leste, em direção a Mônaco, e que até lá havia muito poucas estradas secundárias. Se Ransom escolhesse uma delas, iria se deparar com um beco sem saída 1 quilômetro adiante. Se continuasse na estrada principal – se é que alguém podia chamar assim uma faixa de asfalto que mal tinha largura suficiente para comportar dois Fuscas –, chegaria a um cruzamento onde poderia escolher entre a autoestrada, uma estrada que conduzia ao interior montanhoso ou à principal rua de entrada em Monte Carlo.

– Quanto falta para esse cruzamento? – perguntou Kate.

– Oito quilômetros.

Ela viu uma luz piscar em seu retrovisor. Virou-se e espiou por cima do ombro. Uma frota de carros da Polícia a estava seguindo, com as luzes piscando e girando. Dois policiais de motocicleta se separaram do grupo e entraram na pista contrária, acelerando para ultrapassá-la.

– Não, nada disso – disse ela para si mesma, jogando o carro para a esquerda e pondo o braço para fora da janela de modo a sinalizar para que os policiais

excessivamente afoitos ficassem para trás.

– Avise alguém lá na frente. Mande fechar a estrada.

– Não dá tempo.

– Como assim?

– O cruzamento fica no Principado de Mônaco. Eu teria que falar com o capitão da Polícia deles. Vai levar pelo menos uma hora.

– Então mande porem o helicóptero lá. Diga para ele bloquear o acesso das estradas ao norte. Não podemos deixar Ransom entrar na autoestrada.

Martin usou o rádio para transmitir a solicitação a seu superior.

– O helicóptero está a caminho.

Jonathan Ransom continuava meio quilômetro à frente. A estrada ficou plana e ela pôde ver a extensão de asfalto aparecendo e desaparecendo por entre os contornos da montanha. Pela primeira vez, a vantagem era sua. Ela pisou no acelerador até fazê-lo encostar no fundo. O velocímetro chegou a 140 quilômetros por hora. A distância entre os dois carros diminuiu.

Ransom freou, depois fez uma curva e sumiu de vista. O cabo levou as mãos ao painel.

– Mais devagar! – gritou.

Kate pisou no freio e girou o volante para a esquerda. A curva não terminava nunca e ela sentiu a traseira do carro escapar ao seu controle. Um safanão fez o carro se sacudir enquanto os pneus traseiros saíam do asfalto e derrapavam pelo acostamento de cascalho. O ar se encheu de poeira.

– Droga – disse ela, passando a segunda e erguendo o pé do acelerador. O carro entrou no prumo. A borracha aderiu ao asfalto e o automóvel disparou para a frente. Martin, que já estava pálido, ficou transparente.

– Ali – disse ele, apontando para o cruzamento no cume da montanha.

– A entrada para a autoestrada fica ali.

Com o pé colado no fundo, Kate se inclinou para a frente, como se quisesse obrigar o carro a andar mais depressa. Ransom tinha muitos recursos, não havia dúvida quanto a isso. Mas ele não era melhor motorista do que ela, e não tinha a vantagem de um copiloto criado na região. Com uma determinação inabalável, ela foi diminuindo a distância entre o seu Renault e o Peugeot branco.

O tráfego na direção oposta estava fraco. Sempre que Ransom encontrava algum carro, passava por ele sem tomar o menor cuidado. Kate seguiu seu exemplo. Em determinado momento, decidiu que não iria diminuir a velocidade, qualquer que fosse o motivo. Fez outra curva e viu as ruínas de um antigo templo

romano no alto da colina. No instante seguinte, estava passando pelo vilarejo de La Turie, com uma das mãos colada na buzina para manter todo mundo na calçada.

Já podia ver as placas verdes e brancas no cruzamento à frente. Quando Ransom chegasse à autoestrada, praticamente qualquer coisa poderia acontecer. O risco de ele e outras pessoas se machucarem aumentaria muito. Ela ouviu o barulho das hélices do helicóptero por cima deles. Alguns segundos depois, viu a aeronave pousar no cume da colina. No entanto, mesmo daquela distância dava para ver que ele havia deixado a pista da direita desobstruída. Ransom não podia entrar na autoestrada, mas tinha livre acesso à estrada que descia a encosta em direção a Mônaco.

Kate diminuiu a distância para o comprimento de quatro carros. Estava perto o suficiente para ver sua nuca, para cruzar olhares com ele no espelho retrovisor. Ransom atravessou o cume a toda, aproximando-se do cruzamento. Suas luzes de freio piscaram e o Peugeot diminuiu a velocidade enquanto ele rodeava o helicóptero. Então, com a mesma rapidez, o carro acelerou, iniciando a ampla curva para a direita que descia o flanco da montanha até as ruas estreitas e sinuosas de Monte Carlo, alguns quilômetros abaixo.

Kate passou pelo cruzamento segundos depois. Olhando pela janela, viu o teto do Peugeot passar na curva logo abaixo. Os nós de seus dedos se retesaram no volante.

– Você sabe atirar? – perguntou ela a Claude Martin.

– Um pouco.

– Mire nos pneus. Vou chegar perto.

O cabo sacou a pistola e pôs o corpo para fora da janela, usando duas mãos para firmar a mira. Disparou quatro vezes sucessivas. Kate viu uma nuvenzinha de fumaça brotar do pneu traseiro esquerdo de Ransom. O Peugeot puxou para a direita, aproximando-se perigosamente da borda da estrada antes de corrigir o curso. Martin retornou ao seu lugar.

– Tudo bem?

– Tudo bem.

A estrada mudou de aspecto. Sua superfície era mais lisa, bem conservada. Muretas a margeavam à medida que se iniciava uma série de curvas fechadas, em declive, cada qual pontuada por um ângulo de 180 graus. Lá embaixo, os prédios de Mônaco coalhavam a encosta até o mar.

– Posso atirar nele da próxima vez que passar – ofereceu-se o cabo. – Quando

ele entrar na cidade, podemos perdê-lo de vista.

Kate avaliou suas opções. Parte dela havia se convencido de que Jonathan sabia mais sobre as atividades de Emma Ransom do que havia revelado. Talvez soubesse até como ela planejava atacar a rede nuclear europeia. Se ele morresse, essa informação iria com ele. Apesar disso, no fim das contas, Ransom era um fugitivo. E um fugitivo perigoso, ainda por cima. Tinha tido todas as chances de se render, mas decidira fazer o contrário.

– Atire – disse ela.

Kate fez a curva seguinte depressa e pressionou o pé no acelerador, pois precisava ganhar alguns metros preciosos. Viu Ransom fazer a curva logo adiante. Durante um longo trecho, o Peugeot sumiu de vista e ela prendeu a respiração. O carro tornou a aparecer 10 segundos depois, chispando pela reta abaixo deles.

– Pare aqui – disse Martin.

Kate freou, o carro derrapou um pouco e parou. O cabo saltou do carro. Já estava disparando, aproximando-se da mureta, e as cápsulas usadas tilintavam no asfalto. O para-brisa de Ransom se estilhaçou em mil pedacinhos e desabou para dentro do carro. Um dos pneus dianteiros explodiu. O carro ziguezagueou, depois se endireitou. Kate deu a volta pela frente do Renault.

– Acertou ele?

Martin baixou a pistola.

– Não sei.

– Meu Deus, não.

– O que houve?

Kate apontou.

O Peugeot estava ganhando velocidade, acelerando em direção à curva fechada, quando deveria estar freando. O carro começou a ziguezaguear muito, como se um bêbado estivesse dirigindo. Ou alguém gravemente ferido.

– Mais devagar – sussurrou Kate.

O Peugeot bateu na mureta a mais de 100 quilômetros por hora. Atravessou a barreira metálica como se esta fosse uma fita em uma maratona. De onde Kate estava, o carro pareceu descrever uma trajetória interminável no espaço. Então, como quem acrescenta um comentário de última hora, sua parte da frente se inclinou e ele despencou sobre a encosta pedregosa. O carro aterrissou sobre o teto e capotou várias vezes antes de parar em pé, no fundo da ravina.

As chamas começaram devagar, discretas, uma língua que brotava do chassi,

uma coluna de fumaça inócua.

– Entre. – Kate pulou no banco do motorista e desceu a estrada em disparada, tomando cuidado ao fazer cada curva até chegar ao local onde Ransom havia atravessado a mureta. Foi deslizando encosta abaixo, com os olhos a buscar algum sinal de vida. De repente houve um clarão, um barulho ensurdecedor quando o tanque de combustível explodiu. Ela caiu no chão, atingida pela onda de calor.

Levantou-se devagar e se aproximou do carro, parando onde o calor a impedia de chegar mais perto. Já era perto o suficiente. De onde estava, ela podia ver claramente o homem caído sobre o volante. A essa altura, ele já estava gravemente queimado, mas a camiseta escura e os cabelos curtos eram inconfundíveis.

Kate deu as costas para as chamas e subiu a encosta. Olhando para os destroços lá embaixo, tirou o celular do bolso e ligou para Graves.

– Oi – atendeu ele. – Quais as novas?

– Jonathan Ransom morreu.

64

O FIM DA GUERRA FRIA NÃO PÔS FIM à espionagem entre Oriente e Ocidente. Após uma trégua inicial, as relações entre os Estados Unidos e seus aliados na OTAN e a ex-União Soviética ficaram mais estremecidas do que nunca. Os esforços para promover uma reforma democrática na Rússia fracassaram. Os planos de reestruturar sua economia se revelaram desastrosos, e resultaram na desvalorização do rublo no final do verão de 1998. Humilhada, falida e ressentida com a perda de seu poder internacional, a Rússia jurou vingança. Um novo presidente foi eleito, um homem do serviço de segurança que buscou inspiração na história. A Rússia sempre havia precisado de alguém com mão firme, e ele era o homem certo para isso. No nível doméstico, esmagou qualquer oposição. No exterior, tentou recuperar o prestígio de seu país. Mas dessa vez havia algo diferente, um viés amargo outrora ausente naquelas relações. Para citar uma expressão norte-americana, "dessa vez o assunto era pessoal".

Ninguém percebeu isso melhor do que Charles Graves e seus colegas do MI5. Em 1988, a embaixada russa registrava 200 funcionários. Segundo as estimativas do Five, 70 deles eram formados na academia do FSB em Yasenevo. "Capangas do Centro de Moscou", segundo o jargão. Em 2009, o número de funcionários da nova embaixada russa em Kensington Gardens havia se multiplicado para mais de 800, dos quais mais de 400 eram tidos como espiões treinados. Sua quantidade tornava difícil, quase impossível, identificar quais deles eram oficiais graduados e, apesar de o seu próprio contingente ter praticamente triplicado durante o mesmo período, a mudança interna de foco do Five em direção a operações domésticas de contraterrorismo o impedia de realizar uma vigilância suficientemente intensa para monitorar os movimentos de seu ex-inimigo.

Assim, Graves não ficou surpreso com o fato de nunca ter escutado o nome de David Kempa, listado como segundo-secretário de assuntos culturais na embaixada russa, nem ao descobrir que ele na verdade era o oficial mais graduado do FSB lotado na estação de Londres. Outra notícia foi que a extravagante residência localizada no número 131 da Princess Mews era na verdade um aparelho do FSB.

– Aceita uma bebida? – ofereceu o russo.

– Não – respondeu Graves. – Estou com um pouco de pressa.

Kempa se serviu de uma dose de Stolichnaya, que estragou ao acrescentar meia latinha de Red Bull. Era um homem jovial, enérgico, com um olhar direto e cabelos castanhos desgrenhados. Vestido com uma camiseta *vintage* dos Sex Pistols e uma calça jeans bem justa nas pernas, parecia mais um roqueiro da pesada do que um agente do governo. Erguendo o copo em um brinde, ele disse:

– Chagalinsky me disse que o senhor sabe quem detonou a bomba.

Chagalinsky. Pelo menos o antissemitismo do antigo regime estava firmemente restabelecido.

– Isso mesmo – disse Graves.

– Um nome seria bom.

– Tudo em seu devido tempo. Por que o senhor transmitiu a Russell a mensagem sobre Victoria Street? "Victoria Bear" veio do senhor, não veio? O que o senhor sabe?

– Não muito mais do que o senhor. "Victoria Bear" veio de algumas anotações rabiscadas em um papel que tiramos do lixo de Shvets. Esse mesmo papel continha uma lista de usinas nucleares em atividade na Europa Ocidental. A partir dessa informação, e de outras que captamos no ar entre Shvets e seus soldados, supusemos que ele estava planejando algum tipo de ataque contra uma central nuclear. Segundo todas as indicações, esse ataque vai acontecer em breve. Na verdade, acho que chegamos tarde. Se tivéssemos conseguido detê-los antes do atentado a Ivanov, poderíamos ter tido uma chance.

– Deter quem? O senhor acabou de dizer que o responsável foi Shvets, e acredito que o senhor mesmo se enquadre nessa categoria.

– Sim e não. Eu sou do FSB, mas não tive nada a ver com a operação. É uma iniciativa de Shvets. Executada por uma facção dissidente que ele próprio controla. Algo chamado Diretoria S.

– Nunca ouvi falar.

– É essa a ideia.

– O senhor sabe onde vai ser o ataque?

– Se eu tivesse que dar um palpite, diria que vai ser na França. Tem havido bastante atividade em Paris nesses últimos dias. Dinheiro. Veículos. Residências saindo de circulação. Fiz algumas perguntas, mas os soldados de Shvets não quiseram me dizer nada. – Kempa tomou outro gole da bebida e mastigou a pedra de gelo. – Mas se eu fosse Shvets tentaria atacar alguma coisa nova. Um lugar que todos julgassem impenetrável. Faria algo para deixar o mundo inteiro apavorado.

– Qual o objetivo? – indagou Graves.

– Para Shvets? Todo mundo sabe que ele está de olho na Presidência. Me parece que ele está dando o bote. Lev Timken morreu ontem. Disseram que teve um infarto enquanto trepava com a amante. O avião de Mikhail Borzoi caiu hoje à tarde. Os únicos candidatos sérios ao trono agora são Ivanov e Shvets.

– Esse pode ser o objetivo de Shvets a longo prazo, mas estou perguntando agora. Hoje. O que ele espera conseguir com isso?

– Proteger a galinha dos ovos de ouro.

– Petróleo?

– Os preços do petróleo. Eles já estão baixos, e todo mundo está temendo que o Ocidente torne a adotar a energia nuclear. Shvets quer deter esse movimento. Basta um único acidente. O Ocidente nunca mais vai construir outra usina nuclear.

– Outro Chernobyl?

– Se tivermos sorte – disse Kempa. – Se não, algo pior. Muito pior.

– O senhor é mesmo um poço de boas-novas, não? – comentou Graves.

– Ninguém nunca procurou um russo para ouvir boas-novas. – Kempa deu de ombros, um gesto cansado, antes de gesticular para que Graves chegasse mais perto. – Se eu fosse vocês, tentaria descobrir como eles poderiam entrar. Para causar um acidente, vai ser preciso entrar fisicamente em uma das usinas.

– O senhor quer dizer colocar um agente lá dentro?

– Exatamente.

– Mas o motivo para atacar a comitiva de Ivanov foi justamente encontrar um jeito de roubar os códigos de substituição.

A sugestão fez Kempa dar um muxoxo.

– Os códigos não servem para nada, principalmente se as usinas estiverem em estado de alerta. Mesmo que Shvets pudesse manipular os controles dos reatores, levaria uma hora para gerar um acidente. A sala de controle iria se acender feito uma árvore de Natal. Haveria tempo mais do que suficiente para reassumir o controle dos comandos.

– O que o senhor está sugerindo? – perguntou Graves.

– Se fosse eu, pegaria um caminho mais curto. Usaria uma bomba. É mais limpo desse jeito: fica tudo bem amarrado. Quando a central explodisse, ninguém iria conseguir chegar perto o suficiente para olhar nada por uns 20 anos.

– Mas ninguém consegue chegar nem perto de uma central com explosivos de

alta potência. Eles seriam detectados a mais de 1 quilômetro de distância.

O russo sacudiu a cabeça. Não acreditava naquilo.

– Sempre existe um jeito.

Graves sabia que ele estava certo. O sistema de segurança impossível de tapear ainda estava para ser criado. Emma Ransom havia burlado o sistema de Russell, depois arrumado uma forma de entrar no número 1 da Victoria Street. Só aí já eram dois exemplos. Graves fez uma anotação mental para verificar como eram checados os antecedentes dos funcionários de uma central nuclear. Se Kempa estivesse certo, tinha de haver alguma coisa nos discos rígidos dos laptops roubados capaz de tornar uma entrada discreta desse tipo não apenas possível, mas indetectável.

– Agora é a sua vez – disse Kempa. – Quem detonou o carro-bomba?

– O nome dela é Emma Ransom. Era uma agente dos americanos. De uma unidade chamada Divisão. – Graves lhe entregou as fotografias de Emma Ransom em pé na esquina da Victoria Street com Storey's Gate. – Foi ela quem matou Russell, também. Conhece?

– É claro que não.

Graves não soube dizer se o russo estava mentindo ou dizendo a verdade. O que pôde detectar foi que a menção do nome Divisão o deixara perturbado.

– Russell acreditava que o ataque iria acontecer em sete dias. O senhor não sabe mais nada?

– Se soubesse, não teria mandado Chagall entrar em contato com Russell – respondeu Kempa, exaltado. – Russell me decepcionou. Ouvi dizer que ele tinha excelentes contatos próximos a Shvets. Eu estava errado.

Graves sorriu, desanimado. Um agente de inteligência russo entrando em contato com um civil inglês para espionar o chefe do russo, ninguém menos do que o diretor do FSB. Antes de a Cortina de Ferro cair, as coisas eram mais simples.

– E Ivanov? – perguntou ele. – Não foi coincidência ele estar justamente no lugar em que a bomba explodiu.

– Tenho que concordar. O escritório de Shvets monitora as visitas diplomáticas. Ele pode até ter participado da vinda de Ivanov. Deve ter achado que poderia matar dois coelhos com uma só cajadada.

Graves passou uma das mãos pela boca. Um ataque a uma central nuclear na França. Atividades em Paris. Uma equipe posicionada. Ele tinha a sensação de ter dado dois pequenos passos para a frente e um passo gigante para trás. Estava

inacreditavelmente perto de conhecer o alvo, mas em termos práticos – que eram os únicos a ter alguma importância – não havia avançado nem um pouco em relação a uma hora antes. Agradeceu a Kempa e pediu que mantivessem contato.

– Boa sorte, coronel – disse o russo. – Por favor, aja depressa. E lembre-se: faz seis dias que eu me comuniquei com Russell.

65

MEIA-NOITE.

A casa na rue Sainte-Martine estava às escuras, exceto por uma luz fraca em uma das janelas do andar de cima. *Uma luzinha noturna*, adivinhou Emma; *o quarto das crianças*. Agachada atrás do muro de pedra que rodeava a casa de Jean Grégoire, ela pôs o gorro para cobrir o rosto e se demorou ajeitando os olhos e a boca. Seus joelhos doíam.

Já fazia uma hora que estava na mesma posição, montando guarda enquanto as luzes iam se apagando uma de cada vez e Grégoire dava uma última volta pelo jardim, recolhendo um ancinho jogado e endireitando a bicicleta da filha antes de fumar um cigarro nos degraus dos fundos. Era um homem compacto, de ombros estreitos e com um prenúncio de barriga. Um homem de aspecto banal a não ser pela postura, que era muito ereta e dava indícios de um passado militar. Ela avaliou que ele fosse um lutador e fez uma anotação mental para neutralizá-lo primeiro. O canto dos grilos enchia o ar. Em algum lugar ali perto corria um riacho veloz. Apesar disso, Emma ouviu com clareza a porta dos fundos se fechar e ouviu até mesmo a fechadura ser trancada. Instantes depois, Grégoire abriu uma janela lateral para deixar o ar da noite refrescar o velho chalé.

Emma verificou o relógio. Quarenta minutos haviam transcorrido desde que a última luz fora apagada. Tudo agora era um jogo de adivinhação. Algumas pessoas tinham o sono mais profundo logo depois de adormecer. Outras levavam muito tempo para pegar no sono. Ela podia entrar agora ou mais tarde. Os riscos eram os mesmos.

Com um só movimento fluido, levantou-se e pulou por cima do muro. Não havia vivalma em um raio de 1 quilômetro, mas mesmo assim ela correu até a casa e pressionou as costas contra o muro. Treinamento. Uma volta ao redor do chalé não revelou nenhum sinal de sistema de segurança. A porta dos fundos estava trancada. Em vez de correr o risco de usar seu arrombador de fechadura, ela rodeou a casa até a janela aberta. O peitoril ficava na altura do ombro. Emma soltou a tela, apoiou-a sobre o reboco pedregoso que revestia o chalé e espiou lá para dentro.

O térreo parecia ser um único cômodo grande e ininterrupto, com grupos de móveis definindo diferentes ambientes. Mais perto havia uma televisão, um sofá

e duas cadeiras. À esquerda, a mesa de jantar com suas cadeiras. A escada partia do centro do aposento, atrapalhando sua visão. Ela imaginou que a cozinha ficasse atrás da escada e que o acesso fosse pela porta dos fundos, pela qual Grégoire havia entrado depois de fumar o seu cigarro.

Emma prendeu a respiração, à escuta.

A casa estava silenciosa.

Respirando fundo, ela se apoiou no peitoril e passou as pernas para o lado de dentro. O piso era de madeira, antigo e ondulado. Ela passou o peso do pé esquerdo para o direito. As tábuas rangeram. Tirando os sapatos, deixou-os ao lado da janela. O segredo era mover-se depressa. Tudo precisava acontecer rápido. Não havia tempo para hesitação. Nem lugar para dúvidas.

Ela atravessou a sala e subiu os degraus de dois em dois, tomando cuidado para apoiar-se nos calcanhares. Na mão direita segurava a pistola de eletrochoque. Na esquerda, as algemas de plástico. Pedaços já cortados de *silver tape* estavam presos a seu antebraço; sua bolsa de trabalho estava presa às costas, bem ajustada.

Ela chegou ao alto da escada e não parou. O pé-direito era baixo, e o corredor, curto e estreito. Havia uma porta aberta de cada lado. Ela se lembrou que a luz noturna estava do lado leste da casa – o lado direito do corredor. Grégoire e a mulher dormiam no quarto à esquerda.

Esticou a cabeça para dentro do quarto. Grégoire dormia profundamente, deitado de costas, roncando baixinho, com a boca bem aberta. Sua mulher estava deitada de lado, separada do marido por vários centímetros. Emma foi até o lado da cama onde ele dormia, encostou a pistola de eletrochoque em seu peito nu e disparou a carga de 10 mil volts. Grégoire teve um espasmo, depois se imobilizou. O ar foi tomado pelo cheiro de carne queimada. Antes de ele se aquietar, ela já havia tapado sua boca com um pedaço de *silver tape*. Com a mão esquerda, ela baixou as cobertas. Soltou a pistola e, usando as duas mãos, segurou-o pelos braços inertes tentando colocar as algemas de plástico. Um dos braços estava preso debaixo dele. Ela se esforçou para levantá-lo. A mulher de Grégoire acordou e sentou-se na cama de supetão. Emma largou os braços do marido e estendeu a mão para pegar a pistola. A arma de eletrochoque não estava onde ela a havia deixado. Emma viu que pusera o edredom por cima. A mulher começou a gritar. Emma deu-lhe um tapa na boca com as costas da mão. Pulando em cima da cama, imobilizou a mulher de Grégoire e também tapou sua boca com *silver tape*. A mulher era magra e atlética. Um medo de mãe aumentava sua força. Ela deu um violento empurrão em Emma, fazendo-a

desabar no chão. Emma se levantou num pulo, com a visão borrada e a cabeça latejando. A mulher de Grégoire estava descendo da cama, tentando arrancar o *silver tape* da boca.

Mate-a.

Emma mergulhou a mão dentro da bolsa. Seus dedos se fecharam em torno da pistola enquanto seu polegar soltava a trava de segurança. Ela pensou na menininha e soltou a arma. Com a agilidade de um gato, esticou um dos braços e agarrou os cabelos da mulher. Deu um único puxão, brutal, e a mulher se estatelou no chão. Emma se abaixou apoiada em um dos joelhos e golpeou o nariz da mulher com o cotovelo, imobilizando-a.

Então levantou-se. Estava ofegante agora.

Emma encontrou a pistola de eletrochoque e a pressionou com força no ombro da mulher. Ela estremeceu, revirando os olhos para trás, com saliva a escorrer da boca.

Ofegando, Emma se pôs de pé, com suor descendo pelas costas. Olhou para Grégoire. Felizmente, ele continuava inconsciente. Ela foi até o seu lado da cama e algemou os pulsos dele. Prendeu seus tornozelos juntos com mais *silver tape*. Foi novamente até a mulher de Grégoire e a imobilizou da mesma forma.

Em seu quarto, as crianças continuavam a dormir. Emma avançou na direção do menino, então parou. A luzinha noturna iluminava seu rosto, e ela observou seus longos e graciosos cílios, suas bochechas lisinhas. *Cabelos de anjo*, pensou, olhando para seus cachos louros. Três anos de idade. Ele iria esquecer.

Então Emma ouviu um barulho vindo do quarto dos pais. Um grunhido. Os esforços de um homem lutando para se libertar. Uma fração de segundo depois, houve um baque quando Grégoire rolou para fora da cama e bateu no chão.

Ela voltou sua atenção para o menino. Agiu depressa. *Silver tape*. Algemas. Não olhou para seus olhos aterrorizados.

A menina estava acordada. Sentou-se na cama, encarando Emma. Uma visão saída de seus piores pesadelos. Um espectro vestido de preto. Lágrimas escorriam de seus olhos.

Quantos anos?, perguntou-se Emma. *Seis? Sete? Idade suficiente para se lembrar. Idade suficiente para nunca mais esquecer.* Ela quis dizer alguma coisa, quis dizer-lhe para não ter medo, que tudo ficaria bem. Foi um pensamento idiota.

Destacando um pedaço de *silver tape*, ela tapou a boca da menina e algemou seus pulsos.

Então Emma saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.
Entrou no quarto dos pais e viu Grégoire se levantando com dificuldade.
Não havia tempo para cometer erros.
Sem fazer barulho, ela fechou a porta e estendeu a mão para pegar a pistola.

66

CHARLES GRAVES VOLTOU PARA SUA sala bastante agitado. Sentou-se atrás da escrivaninha e ligou para seu assistente.

– Ligue para Delacroix, em Paris – falou, pedindo que fosse posto em contato com o homem que ocupava o cargo equivalente ao seu no SDEC. – Se ele estiver em casa, mande acordar. É uma emergência.

– Agora mesmo, senhor.

Graves largou o telefone e afrouxou a gravata. Sentia-se pouco à vontade e um tanto constrangido por ter que acordar o colega com tão poucas informações. Seria a mesma coisa que gritar que um tsunami estava para acontecer, mas ele não sabia exatamente em que parte do litoral francês.

Havia mais de 70 centrais nucleares na França. Kempa desconfiava que o ataque pudesse ser contra um dos estabelecimentos mais recentes. Isso reduzia o número para 10 – caso não estivesse enganado. Uma ordem de evacuação iria causar pânico. A França jamais iria desativar suas usinas com base em boatos. Tanto o orgulho quanto o pragmatismo forçariam os franceses a enfrentar o risco.

O telefone tocou e Graves atendeu.

– *Bonsoir*, Bertrand – disse.

– Desculpe, senhor, mas quem está falando é Den Baxter, da ERT.

– Sim, Sr. Baxter, como posso ajudar?

– Encontramos uma coisa. Uma coisa bem grande, na verdade. Achamos um pedaço da placa de circuito do telefone usado para detonar a bomba. Meus homens e eu conseguimos identificar o fabricante e o modelo e rastrear o local onde foi vendido.

– Vocês têm um número? – perguntou Graves.

– Na verdade, senhor, nós temos três. O comprador adquiriu três chips no ponto de venda.

– Continue, inspetor Baxter. – Com o coração entalado na garganta, Graves anotou devidamente cada número.

◆◆◆

Três números. Eles constituíam seu principal indício e também sua última chance. Graves passou os olhos pelos números, desejando sentir-se mais confiante. Era apenas uma questão de rastreá-los, de ir pulando de um número para outro a partir do histórico de chamadas. No melhor dos casos, isso produziria uma rede de cúmplices que conduziria à pessoa que havia planejado a operação, fosse ela Sergei Shvets ou um de seus asseclas. No pior (e mais provável) dos casos, os números formariam um circuito fechado, e cada um deles teria telefonado apenas para os outros dois que Graves já tinha.

Graves ligou para o escritório da segurança da Vodafone. Conhecia vários dos homens que trabalhavam lá e ficou satisfeito quando um ex-colega da SAS atendeu. Graves deu ao seu amigo os três números e solicitou um histórico de chamadas completo para cada um, com um pedido específico para verificar se algum deles havia feito ou recebido uma ligação dois dias antes, às 11h12 GMT.

A resposta veio depressa. O primeiro número havia recebido apenas uma chamada durante todo o seu período de funcionamento. Essa ligação estava registrada exatamente às 11h12 GMT. Além disso, o número havia desde então sido declarado tecnicamente fora de uso. "Tecnicamente fora de uso" significava feito em pedacinhos. Graves marcou um asterisco ao lado do número. Este pertencia ao telefone usado para detonar a bomba.

O segundo número da lista de Graves correspondia ao chip que tinha feito aquela ligação. Para colocá-lo em um contexto operacional, era o telefone de quem havia detonado a bomba. Era o telefone que as câmeras de TV de circuito interno da Victoria Street haviam filmado Emma Ransom segurando na hora da detonação.

– Quanta atividade nesse número? – perguntou Graves.

– Um bocado. Quarenta ou 50 ligações.

Graves ficou surpreso.

– Para onde?

– Londres. Roma. Dublin. Moscou. Nice. Sochi.

– Espere aí. Você disse Moscou?

– Várias ligações para a Rússia. Algumas para um celular de Moscou quatro dias atrás. Outra para Sochi, no dia do atentado.

Pronto. Ali estava a confirmação de que David Kempa estava dizendo a verdade. Graves não tinha dúvida de que Emma estava entrando em contato com o homem que a controlava, ou seja, Sergei Shvets ou algum outro capanga graduado do FSB.

– Você tem como me arrumar as coordenadas GPS, tanto de quem fez como de quem recebeu essas ligações?

– Posso arrumar até o quarteirão exato.

– Faça isso. Alguma ligação para Paris?

– Estou vendo aqui quatro para um número fixo dentro do código de área de Paris.

– Número fixo? Tem certeza?

– Espere aí enquanto eu pego o endereço – respondeu sucintamente. Graves ficou tamborilando com os dedos na mesa, perplexo. Continuar dando telefonemas com um chip usado em um atentado a bomba – um chip comprado justamente por ser praticamente impossível de rastrear – era uma quebra de protocolo flagrante. Cheirava a descuido e amadorismo, e não se encaixava em nada na sofisticada operação montada para roubar os códigos de computador da AIEA.

– O número está registrado no nome de G. Bahrani, na rue Jean Mathieu, 84. – Houve uma pausa, e então a voz do homem subiu um tom e praticamente se eriçou de ansiedade. – Charles, você está na linha? Espere um instante. Meu Deus… Pronto, está aqui.

– O que foi? – quis saber Graves.

– Estamos com uma ligação em tempo real sendo feita para esse endereço de um dos chips que você mencionou. As duas pessoas estão conectadas agora mesmo.

Tinha de ser Emma Ransom, pensou Graves.

– Você consegue escutar?

– Negativo. Não tenho como fazer isso.

Graves engoliu a frustração.

– De onde está vindo a chamada?

– Também não consigo ver isso. A ligação está passando pelas torres da France Telecom, então o sinal de chegada deve estar localizado em Paris ou em algum lugar lá perto. Espere um instante… A chamada foi encerrada. Duração: 31 segundos.

– Ligue para a France Telecom. Peça a eles que providenciem uma lista completa de todas as chamadas feitas para esse número e veja com que rapidez eles conseguem identificar a localização de quem ligou. Vou estar com um mandado assinado na hora do almoço. Tem a ver com o atentado a bomba em Victoria. Prioridade máxima.

– É para já.

– Ah, e o último número que eu dei para você?

– O terceiro? Virgem. Nunca foi usado.

De repente, Graves teve uma premonição terrível. *Não foi usado ainda.*

– Você pode bloquear esse número? Desativar, quero dizer, para que não funcione?

– Tenho quase certeza de que os rapazes dos serviços técnicos conseguem. Mas vai levar algum tempo para procurar o número no sistema.

– Quanto tempo?

– Até o meio-dia, no máximo.

Mais 12 horas. Não era bom, mas era melhor do que nada.

– Muito obrigado. Fico lhe devendo essa. – Graves desligou e ligou para Kate Ford. – Onde você está? – perguntou ele.

– Em Eze. Revistando a casa para onde Ransom correu.

– De quem é a casa?

– Oficialmente, pertence a uma pequena empresa chamada VOR S.A. O registro da empresa cita um único diretor. O nome dele é Serge Simenon.

– Serge Simenon. Sergei Shvets. Mesmas iniciais, nome parecido. O que você acha?

– Que história é essa?

Graves relatou a Kate Ford seu encontro com o espião russo Kempa, bem como as informações que havia recebido da Vodafone.

– O celular está ativo e a base de operações é Paris.

– Meu Deus.

– Encontrou alguma coisa aí ligada à Rússia?

– No escritório há milhares de papéis escritos em cirílico e alguns CDs de cantores russos. Será coincidência?

– De jeito nenhum. Você ainda está com o jatinho?

– Está lá na pista de Nice.

– Em quanto tempo consegue chegar a Paris?

– Umas três, quatro horas, se andar depressa. O que você esta planejando?

– Uma batida – disse Graves. – Assim que amanhecer.

67

O SOL NASCEU EM PARIS ÀS 5H42. Quando entrava na cidade, vinda do Aeroporto Charles de Gaulle, Kate Ford viu os primeiros raios de luz baterem na cúpula do Sacré-Cœur, bem no alto da colina de Montmartre. Seu carro atravessou a Pont Neuf sacolejando. O cheiro fresco e agradável do Sena invadiu o interior do veículo e ela pôde ver de relance a Notre-Dame adiante, na beira do rio. Segundos depois, sua vista foi obscurecida e ela se viu passando depressa por um labirinto de ruas sujas, maltratadas. Aquela era uma Paris diferente, não a Paris do Louvre e do Arco do Triunfo, mas um posto colonial avançado, dilapidado, coalhado de restaurantes argelinos, cafés do Oriente Médio e lojas transbordando de roupas da África Ocidental. Conforme ela ia avançando mais para dentro da *banlieue*, a cidade escurecia e adquiria uma fachada hostil. Tambores de gasolina negros de fuligem, ainda com a fumaça da fogueira da noite anterior a erguer-se rumo ao céu em espiral, não eram raros. Um carro carbonizado deitado de lado ocupava uma das calçadas. Mais de uma ruela exibia lixeiras transbordando de detritos. Por toda parte, pichações agrediam o olhar.

O carro fez uma curva e parou de repente. À frente, a rua estava interditada por carros da Polícia. Uma dúzia de homens andava a passos decididos de um lado para outro, vestindo coletes e colocando capacetes, inserindo pentes de munição e verificando armas. Seu motorista, um sargento do distrito de Paris, conduziu-a até um café de esquina, onde o posto de comando móvel havia sido montado. Ela encontrou Graves em pé ao lado de uma mesa, estudando um conjunto de plantas, ladeado por vários homens de uniforme preto.

Os policiais pertenciam aos Panteras Negras, apelido da RAID – Recherche Assistance Intervention et Dissuasion, esquadrão nacional de elite composto por 24 homens de plantão sete dias por semana, 24 horas por dia, exatamente para aquele tipo de situação.

– Eles estão operando a partir de um quarto e sala no décimo andar – explicou um dos homens em traje de combate preto, usando a ponta da faca Ka-Bar para indicar o local. – No final do corredor. Tem apartamentos dos dois lados. Uma entrada, uma saída. O prédio tem dois elevadores, mas só um está funcionando. O outro está parado entre o quarto e o quinto andares. Há duas escadas. Podemos pôr uma equipe no telhado, mas o helicóptero talvez assuste a presa.

– Fiquem nas escadas – disse Graves. – Queremos pegá-los vivos. Eles podem ter informações vitais.

– *Entendu.*

Graves viu Kate e se afastou da mesa.

– Você conseguiu.

– Tive que gritar com o controle aéreo, mas eles cederam. Está parecendo que você conseguiu convocar as tropas.

– Fiz *sir* Tony pegar no telefone. Ele estava chateado depois da confusão lá nas suas bandas. Acho que dava para ouvir a voz dele do outro lado da Mancha sem ajuda.

– Ela está aí dentro?

– Pode olhar você mesma. – Graves a conduziu até uma van que não era da Polícia, estacionada do lado de fora. Dentro do compartimento traseiro havia dois policiais sentados em frente a um painel de monitores e instrumentos.

– Montamos um posto de vigilância dentro de um prédio do outro lado da rua. Eles têm algumas câmeras de infravermelho e um microfone de laser nas janelas. Identificamos dois agentes lá dentro. Os dois estão acordados e andando pelo apartamento.

– Madrugadores, hein? – Kate estudou o maior dos monitores. Nele, contra um fundo cinza granulado, as silhuetas de duas pessoas podiam ser vistas andando de um cômodo para outro. – São eles?

Graves cerrou os olhos, como se pudesse com a simples força da vontade obrigar os vultos desenhados pela temperatura corporal daquelas pessoas a entrar em foco.

– Ainda não deu para ver ninguém. A persiana de metal está fechada. Mas pode ser ela. Ele está na cidade. Ela também.

– Shvets está em Paris? – perguntou Kate, que havia sido informada de toda a situação e recebido uma promoção temporária para o nível de confidencialidade "Eyes Only" no caminho de Nice.

– Eles o chamam de Papi. Eu não sabia. Uma figura paterna e tanto. Segundo os boatos, ele manifesta um interesse pessoal pelas agentes mais jeitosas.

Ao saber que Shvets estava por trás do carro-bomba no número 1 da Victoria Street e do roubo dos laptops da AIEA, a primeira providência de Graves fora compartilhar a informação com Anthony Allam. Foi aberto um dossiê diplomático reunindo todos os fatos que ligavam Shvets ao crime. Além do primeiro-ministro, do ministro de Relações Exteriores e dos chefes do MI6 e da

London Metropolitan Police, a informação foi transmitida para a Seção R, conhecida dentro do MI5 como Casa Vermelha.

– A Seção R monitora a localização de Shvets dia e noite – prosseguiu Graves. – Ontem à noite, eles identificaram o número da cauda de seu avião em Orly. Escute só isso: o mesmo avião pousou no Aeroporto de Luton, nos arredores de Londres, na noite anterior ao atentado.

– Então ele está supervisionando isso pessoalmente – disse Kate.

– Ah, sim. Essa operação é dele, não há dúvida. Ele está comandando tudo a partir de um departamento chamado Diretoria S. Os lugares em que ele esteve correspondem a chamadas feitas do telefone de Emma Ransom. Moscou, Sochi, Paris. O jatinho de Shvets estava em Roma dois dias antes de Emma Ransom ser esfaqueada. Estamos mandando rastrear agora mesmo o cartão de crédito usado para pagar a conta do hospital.

– O nome verdadeiro dela é Lara – disse Kate. – Ela é russa também.

– Imagino que sim.

– Você acha que Ransom sabia? – perguntou ela.

– Estou pouco me lixando.

Kate apontou para os monitores.

– E o som? Podemos escutar?

– A persiana de metal está cortando o laser. Não conseguimos achar um trecho de vidro grande o suficiente para uma boa leitura. – Graves deu um tapinha no ombro do técnico. – Tente o som outra vez.

O policial acendeu um interruptor e a van foi tomada pela algaravia de um noticiário televisivo, mas as palavras eram incompreensíveis. Ele brincou com os botões e o barulho do noticiário diminuiu, sendo substituído por uma música clássica intermitente. Manuseou mais um pouco e uma voz de mulher pôde ser ouvida gritando alguma coisa, depois uma voz de homem respondendo.

– Que língua eles estão falando? – perguntou Kate. – Russo?

– Não tenho a menor ideia. Pode ser qualquer coisa.

Nesse instante, o capitão da Polícia francesa apareceu na porta da van.

– Estamos prontos. – Ele olhou para Kate. – A senhora vem conosco?

Kate aquiesceu. O francês disparou uma série de ordens e num instante um assistente apareceu trazendo um colete à prova de balas. Kate tirou o blazer e vestiu o colete em seu lugar. Graves se posicionou atrás dela, ajudando-a a prender as correias.

– Você pode ficar aqui, se quiser. É mais seguro.

– Ah, tá – falou Kate, querendo dizer que não havia a menor chance de isso acontecer.

– Está direito? – perguntou ele, dando um último puxão e um tapinha em suas costas.

– Está ótimo, coronel.

À sua volta, os Panteras Negras concluíam seus últimos preparativos, uma equipe de ninjas armados até os dentes. Graves ajeitou seu próprio colete à prova de balas, em seguida tirou a pistola do coldre no ombro e pôs uma bala na câmara.

– Sabe de uma coisa? – disse. – Eu nunca disparei isto aqui com raiva.

– Nem quando estava no Exército?

– Não.

Kate também preparou uma bala e soltou a trava de segurança de sua pistola.

– Nessa eu ganhei de você. Já atirei em dois bandidos.

– Eles morreram?

– Ficaram feridos.

Graves olhou para ela com uma admiração renovada.

O capitão da Polícia reuniu seus homens.

– Todo mundo pronto?

68

EMMA RANSOM SAIU DA CASA na rue Saint-Martine exatamente às 5h45. Percorreu a estrada rural devagar, com as janelas abertas, sentindo o ar carregado com o cheiro de terra fértil e grama cortada. Tinha vestido uma roupa sóbria para o dia de trabalho: calça grafite, blazer preto e blusa branca. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e ela usava pouca maquiagem. Não estava armada. Suas únicas concessões ao serviço que tinha pela frente eram o alicate de ponta fina, a chave de fenda Philips e a caixa de prendedores que trazia dentro da bolsa. Nenhum desses objetos seria considerado fora do normal para uma inspetora especializada da Agência Internacional de Energia Atômica.

Em cinco minutos, ela entrou na D23 e pegou a direção de Flamanville. O dia estava novamente ensolarado e ela rapidamente pôs uns óculos escuros. Ligou o rádio e escutou um pouco de rock, depois desligou.

Saiu da autoestrada pela D4/Rue de Valmanoir, entrando em uma via de acesso paralela à pista principal. À sua direita, um grande campo de trigo ondulava à brisa matinal. Ela continuou por mais 10 quilômetros, até ver uma placa que dizia "La Reine 1 & 2. Acesso Restrito. Somente Pessoas Autorizadas". Seguiu a placa até uma estrada de mão dupla estreita que conduzia diretamente à costa. Seus olhos subiram até a encosta da colina onde ela havia deixado o carro duas noites antes e refizeram seu percurso de então. À frente, ela viu a linha da cerca externa cortando o horizonte ao meio e a guarita no meio da estrada. Imediatamente reparou que havia alguma coisa errada, e seu pé se ergueu do acelerador. Estacionado de cada lado da estrada havia um veículo blindado usado para o transporte de tropas, com uma metralhadora calibre 50 montada sobre a torre. Dentro dos compartimentos, soldados sentados vigiavam a estrada feito gaviões.

Com uma disciplina adquirida a duras penas, ela listou as possíveis razões para a segurança reforçada. Pierre Bertels, da Corporação Internacional de Segurança Nuclear, havia descoberto que ela não era Anna Scholl e sim uma impostora. A Polícia britânica havia chegado ao contato de Russell. O plano de Papi fora descoberto dentro do Kremlin e ele confessara tudo. Todas essas possibilidades significavam a mesma coisa: a operação havia sido descoberta.

Aplicando a mesma lógica fria, ela dissecou cada possibilidade e as foi

descartando uma por uma. Considerando que Pierre Bertels queria levá-la para a cama, era pouco provável que tivesse questionado a sua identidade. Mesmo que por um segundo. Anna Scholl estava segura. Em segundo lugar, ainda que a Polícia britânica tivesse identificado o contato de Russell, não teria conseguido mais informações do que o próprio Russell. Um ataque era iminente, mas a localização era desconhecida. Poderia ser em qualquer lugar do mundo. E, mesmo que os inimigos de Papi em Moscou tivessem descoberto o plano, não saberiam muito bem como agir e, para todos os efeitos, ficariam paralisados.

Emma estudou os transportes militares e percebeu que estavam ali apenas por precaução, por causa dos laptops roubados. Pelo contrário: a presença de veículos blindados sem tropas a acompanhá-los era uma prova de que o plano estava intacto. Se alguém soubesse, ou sequer *suspeitasse*, aliás, que La Reine era o alvo, haveria 20 transportes de tropas blindados na guarita, não dois, e uma brigada inteira de soldados armados até os dentes.

Emma pisou no acelerador, agora com mais força.

Passou pelos veículos blindados e parou na guarita.

– Anna Scholl – falou, mostrando as credenciais. – AIEA.

– Veio se encontrar com quem?

– É uma inspeção-relâmpago. Ligue para o Sr. Grégoire, seu chefe de segurança.

– Espere aqui – disse o guarda, com mais hostilidade do que ela teria gostado. Ele levou o crachá emitido na véspera pela Corporação Internacional de Segurança Nuclear para dentro da guarita e telefonou para o prédio principal da segurança. Emma olhou de relance para a esquerda. O artilheiro da torre a olhava através de óculos escuros espelhados. Emma meneou a cabeça, mas não sorriu. O artilheiro não tirou os olhos dela.

Vários minutos se passaram. Emma ergueu a mão 2 ou 3 centímetros acima da alavanca de marchas e a manteve firme. Seus dedos ficaram suspensos sem o menor tremor. Por fim, o guarda voltou.

– Prossiga mais 300 metros e pare no estacionamento de visitantes à sua esquerda. Entre na unidade central de processamento. O Sr. Grégoire ainda não chegou, mas outra pessoa vai receber a senhora.

– Espero que sim. – Emma tornou a guardar o crachá na bolsa, esperou o portão se abrir e seguiu em velocidade reduzida até o estacionamento. No caminho, viu de relance a caserna militar à sua esquerda. Além dos jipes e caminhões, havia uma única viatura da Polícia pertencente à *gendarmerie* da

região. Mais uma prova de que ninguém fazia ideia de que La Reine era o seu alvo.

Ela estacionou e andou depressa até a unidade central de processamento. Uma vez lá dentro, mostrou o "passaporte" da CISN e pousou a mão sobre o escâner biométrico, para confirmar sua identidade. O escâner confirmou que era Anna Scholl e ela foi conduzida até um detector de metais, onde sua bolsa foi posta sobre uma esteira rolante e examinada por um raio X. Quando a bolsa saiu do outro lado, um guarda vasculhou seu conteúdo, examinando o alicate, a chave de fenda e os prendedores, assim como seu iPod, celular, batom e outros produtos de maquiagem.

– A senhora é engenheira? – perguntou ele, erguendo o alicate.

– Inspetora – retrucou Emma.

O guarda tornou a pôr o alicate no lugar, entregou-lhe a bolsa e lhe desejou um bom dia.

Um homem de meia-idade e aspecto sisudo, com óculos de lentes sem armação e um corte de cabelo à escovinha dos anos 1950, a estava esperando do outro lado do controle.

– Bom dia, Srta. Scholl. Meu nome é Alain Royale, sou assistente do Sr. Grégoire. Ele ainda não chegou, mas tenho certeza de que vai aparecer a qualquer momento. Ele nunca chega atrasado. Pode esperar na sala dele enquanto mando fazer seu crachá e seu cartão de chave da usina.

Emma seguiu o homem escada acima até a sala de Grégoire. Havia uma escrivaninha grande, algumas cadeiras para visitantes e um sofá. Atrás da mesa, um painel de monitores exibia duas dúzias de locais dentro da central. Emma reconheceu a entrada principal, a sala de controle, a cápsula do reator e, particularmente interessante, a piscina de combustível usado.

– Eu gostaria de começar logo – disse ela. – Estou certa de que o senhor sabe por quê.

Royale aquiesceu.

– Nós fomos alertados às 3 horas desta madrugada. Vocês souberam de mais alguma coisa?

– Nada. Naturalmente, vocês serão os primeiros a saber quando for o caso – retrucou Emma depressa. – Nossa equipe de segurança está cuidando disso. O importante é que cada central tome as medidas adequadas. Tenho uns documentos a preparar antes de começar minha inspeção física. O senhor se importa se eu usar a sala do Sr. Grégoire?

– Por favor.

Emma pôs a bolsa sobre a mesa de Grégoire.

– Para começar, eu gostaria de uma lista de entrega de todos os conjuntos de combustível que entraram na central e dos conjuntos de combustível usado que foram despachados durante o último ciclo de desativação. Também vou precisar de uma lista dos lugares para onde o combustível usado foi enviado e de comprovantes de recebimento assinados.

Royale tornou a aquiescer, sem tirar dela os olhos desconfiados.

– Café?

– Estou bem, obrigada.

Novamente o mesmo olhar duro.

– Vai demorar 10 minutos.

Emma meneou a cabeça e Royale saiu da sala. Ela se sentou na cadeira de visitantes de frente para a mesa e sacou o celular. Contou 30 segundos. Nesse momento exato, Royale abriu a porta e pôs a cabeça de cabelos à escovinha para dentro da sala.

– Se o combustível usado tiver sido despachado para fora do país, a senhora precisa dos formulários da alfândega?

– Não vai ser necessário. Basta o recibo com a hora e a data em que a entrega foi feita. Obrigada, Sr. Royale.

Emma voltou sua atenção para o telefone. Assim que a porta se fechou, ficou em pé e levou o aparelho ao ouvido, escutando os passos de Royale ecoarem pelo corredor. Abriu a bolsa, pegou o alicate, a chave de fenda e os cabos com os prendedores e saiu para o corredor. Na porta à sua direita estava escrito "Sécurité Visuelle". Ela retirou dos cabelos um pauzinho de grafite e forçou a porta.

Dentro da sala havia prateleiras e mais prateleiras de equipamento audiovisual e gravadores de DVD. A sala estava mais fria do que o normal, com uma corrente contínua de ar condicionado para impedir o superaquecimento dos aparelhos. Duas paredes estavam ocupadas por uma variedade de monitores que transmitiam imagens em tempo real de 150 pontos dentro do complexo da central. Um exame mais minucioso revelou que os monitores de cada parede transmitiam as mesmas imagens. Ou praticamente as mesmas. Na verdade, havia duas câmeras em cada ponto. Uma pertencia à Électricité de France, a empresa que administrava a central. A outra era propriedade da AIEA e servia como um backup independente. Como no caso de qualquer outro sistema que controlasse o funcionamento seguro de uma central nuclear, a palavra de ordem era

redundância.

Usando seu telefone, Emma acessou os diagramas que mostravam as transmissões de imagens da unidade central de processamento. Uma das fibras ópticas transmitia todas as imagens das câmeras da AIEA. Outra transmitia as imagens das câmeras da própria central. Era fundamental que ninguém a visse circular pelo complexo. Para isso, ela cortou os cabos que transmitiam as imagens das câmeras da central e conectou-os aos que transmitiam as imagens das câmeras da AIEA. Verificando os monitores, confirmou que as imagens eram perfeitamente idênticas.

Em seguida, ela congelou o processador de imagens, de modo que estas passassem a não ser mais transmitidas ao vivo, mas mostrassem apenas um único quadro estático. Emma correu os olhos pelos monitores, em busca de sinais que revelassem que as imagens eram fotografias. Apenas dois deles exibiam pessoas. Uma das câmeras estava apontada para o segurança da guarita junto à cerca externa. Como sempre, ele estava sentado dentro de seu cubículo. Podia passar longos períodos sentado assim. Não havia nada de estranho ali.

O outro monitor mostrava a sala de controle do reator, onde quatro homens estavam diante de um gigantesco painel de instrumentos. Aquela imagem era mais problemática. Bastava estudá-la durante 10 segundos para começar a sentir falta de movimento. Não era natural quatro indivíduos ficarem parados feito manequins. No entanto, havia outros 148 monitores para examinar.

Era tudo uma questão de tempo. Emma não podia correr o risco de recongelar as imagens. Aquelas teriam que servir.

Emma abriu a porta e voltou para a sala de Grégoire. Apressadamente, tornou a guardar as ferramentas na bolsa. Segundos depois, a porta se abriu e Alain Royale voltou, trazendo dois cadernos debaixo de um dos braços.

– A lista – disse ele.

– Ponha em cima da mesa – disse Emma.

Royale obedeceu.

– Nenhuma notícia do Sr. Grégoire ainda? – perguntou Emma.

Royale fez que não com a cabeça.

– Espero que o senhor entenda que eu não posso esperar – disse Emma com uma voz suficientemente firme. – Gosto que as minhas inspeções comecem logo depois da mudança de turno. A notícia de que estou aqui não pode vazar.

– Tenho certeza de que ele vai chegar a qualquer momento. Sei que gostaria de cumprimentar a senhora.

– Teremos oportunidades de sobra para conversar sobre os meus achados depois que eu concluir minha inspeção. Enquanto isso, se ele quiser me encontrar, tenho certeza de que sabe como fazer.

Alain Royale entregou a Emma seu crachá da usina, instruindo-a a usá-lo em volta do pescoço o tempo todo.

– E aqui está sua chave. É só passar o cartão sob a leitora, com um movimento rápido, e as portas vão se destrancar. Mais alguma coisa?

– Não, obrigada – disse Emma, guardando o cartão no bolso. Pela janela, tinha uma vista desimpedida da grande cúpula do reator e, adiante, do oceano Atlântico. – Está mais do que bom.

69

Em londres, o sol nasceu dois minutos antes, às 5h40 no Horário Oficial de Greenwich. No quarto 619 do Hospital Saint Catherine, o primeiro raio de luz se esquivou por entre as cortinas fechadas e foi bater bem na testa do paciente adormecido. Era um homem de feições duras, cabelos pretos desgrenhados, nariz ligeiramente aquilino e uma densa barba por fazer, que escurecia suas faces encovadas. Mesmo assim em repouso, continuava a ser uma presença imponente, irradiando uma tensão contida como a de um animal, dando a impressão de que a qualquer momento poderia pular da cama e atacar. Todos no andar conheciam aquele homem e sua reputação, por isso tinham o direito de ficar assustados.

Mas o paciente não se moveu. Mesmo quando os minutos transcorreram e a luz do sol ficou mais forte e começou a bater de viés em seus olhos, ele não se mexeu. Havia quase 96 horas que o ministro do Interior russo Igor Ivanov estava em coma. Todos os neurologistas que o haviam examinado concordavam que ele havia sofrido um trauma terrível causado pela onda de choque da bomba que matara vários compatriotas seus. A essa altura, os sinais vitais do paciente já tinham voltado ao normal. Sua pressão arterial era de admiráveis 12 por 7. Seu ritmo cardíaco parecia o de um atleta: 58 batidas por minuto. Seu hemograma mostrava uma taxa de colesterol abaixo da média e uma testosterona muito acima da média. Os mesmos médicos concordavam que o excelente estado físico do paciente fora o que lhe permitira sobreviver a tão horrível trauma e o mantivera vivo desde então.

Uma enfermeira entrou no quarto e iniciou seus cuidados diários. Abriu as cortinas, ergueu a cabeça do paciente e afofou seu travesseiro, em seguida verificou a bolsa de urina e certificou-se de que a sonda estava no devido lugar. Como de hábito, demorou-se nessa tarefa um ou dois segundos além do necessário. A moça era católica fervorosa e, embora já estivesse trabalhando no hospital há um ano, raras vezes tinha visto um paciente tão avantajado. Sorriu, sentindo vergonha de si mesma, mas só um pouquinho.

Foi então que o homem impressionantemente forte agarrou o seu braço e ela soltou um gritinho submisso.

– Da próxima vez – disse Igor Ivanov, com voz surpreendentemente forte

apesar das horas de sono –, por favor, bata antes de entrar. E, se quiser dar uma olhada, é só pedir.

A enfermeira cobriu a boca e saiu correndo do quarto.

Ivanov acomodou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. O leve esforço o havia deixado com dor de cabeça e bastante cansado. Mesmo assim, já podia sentir a força retornando a seus membros. Dentro de algumas horas, estaria quicando de impaciência. Decidiu que, às 6 horas daquela tarde, estaria em um avião para Moscou.

Os médicos estavam errados em relação ao que o havia mantido vivo e impedido de se perder para sempre no eterno mundo subterrâneo de um coma. Não era a sua condição física. Era sua raiva.

Igor Ivanov sabia muito bem quem lhe tinha feito aquilo.

E queria vingança.

70

ELES FORMARAM FILAS DE AMBOS os lados do corredor, cada qual com seis policiais vestindo roupas de ataque, de costas para a parede, com Graves e Ford na retaguarda. Os Panteras Negras podiam portar as armas que quisessem. O primeiro da fila segurava uma espingarda semiautomática Benelli, calibre 12. O segundo vinha atrás com uma submetralhadora MP5 Heckler & Koch. A estratégia era atirar para todos os lados e que Deus protegesse quem estivesse na frente. O restante dos homens segurava pistolas prontas para disparar em alvos mais precisos.

O capitão deu o sinal para avançar. Um policial com um Remington Wingmaster saiu correndo pelo corredor e apontou o rifle para a porta. O capitão ergueu a mão enluvada. Seus dedos foram contando: cinco… quatro… três… dois…

– Pronto? – sussurrou Kate.

Graves aquiesceu.

Um estrondo de estourar os tímpanos ecoou pelo corredor. A porta foi arrancada das dobradiças e desabou no chão. Houve um clarão e uma mudança na pressão do ar causada pela concussão das granadas paralisantes. Uma, depois outra. A fumaça encheu o corredor. A essa altura, Graves já estava correndo para dentro do apartamento, com a pistola erguida, os olhos lacrimejantes. Alguém gritou, primeiro em francês, depois em uma língua que ele não conseguiu entender.

– *Arrêtez! Arrêtez! Bougez pas!*

Tiros de espingarda foram disparados em rápida sucessão. Um assobio dolorido ecoou nos ouvidos de Graves. Ele registrou o apartamento em imagens estáticas. Uma cozinha em mau estado. Uma sala com móveis puídos. O caixote de metralhadoras. E, ao lado deste, outro caixote grande, com as palavras "Propriedade das Forças Armadas Italianas. Semtex-H. 50kg". Era o Semtex que Emma Ransom tinha roubado da caserna perto de Roma. Ele ouviu um grito. Fez uma curva e viu uma porção de uniformes pretos derrubando alguém no chão. Era um homem de cabelos grisalhos que se debatia com violência, gritando alguma coisa em uma língua que Graves reconheceu, mas que de início não

entendeu.

O pipocar de uma arma automática forçou Graves a se virar e olhar atrás de si. Pedaços do gesso das paredes se espalharam pelo ar, salpicando seu rosto e pescoço. Ele se abaixou instintivamente. O policial ao seu lado caiu, com metade do rosto dilacerado pelos tiros. Graves mirou a pistola em uma mulher de frente para ele com um AK-47 na mão. Apertou o gatilho, mas, antes de conseguir dar mais de um tiro, ouviu-se outro estrondo e um terceiro, e a mulher foi lançada até o outro lado do aposento e jogada contra uma parede. Graves olhou e viu o capitão da Polícia francesa com a espingarda Benelli pressionada contra a bochecha.

Em seguida, mais alto do que tudo que acontecera antes, o silêncio.

Sete segundos haviam se passado.

Graves andou até a mulher. Estava morta, literalmente serrada ao meio pela implacável saraivada de tiros da espingarda. Ele observou que uma única bala havia perfurado o centro de sua testa. Não era Emma Ransom.

Ele entrou no quarto.

Um homem estava deitado de bruços no chão, com as mãos algemadas nas costas. Vestia um terno cinza; seus cabelos tinham a cor da palha de aço. É *ele*, pensou Graves. *Shvets*.

– Virem-no de frente – ordenou.

Um policial rolou o corpo do homem e Graves soltou um palavrão bem alto.

À primeira vista, o indivíduo era de origem médio-oriental. Ele deu voz a seus pensamentos com um violento protesto em um idioma subitamente familiar. Era farsi.

– Ele está dizendo que eles são diplomatas iranianos – traduziu Graves. – Os passaportes estão no quarto.

Segundos depois, outro policial emergiu do quarto dos fundos segurando dois passaportes diplomáticos da República Islâmica do Irã. Graves abriu o primeiro. O documento identificava o portador como Pasha Gozhi e dizia que ele trabalhava no Ministério das Relações Exteriores.

– Sr. Gozhi – disse ele –, o que está fazendo com um caixote de metralhadoras e outro de explosivos plásticos no seu apartamento?

– Quero falar com o embaixador – disse ele. – Eu tenho imunidade diplomática. Vocês não têm o direito de invadir minha casa. Onde está minha mulher? Anisha! Você está bem?

Graves olhou para Kate.

– Não estou acreditando nisso – disse ele. – Estamos totalmente ferrados.

Kate pôs a mão em seu braço.

– Quem sabe conseguem nos dar a localização daquele telefonema que Emma Ransom deu ontem à noite?

– É – disse Graves, sem esperança. – Quem sabe?

71

DE SEU APARTAMENTO NO QUARTO ANDAR de um prédio a meio quarteirão dali, Sergei Shvets observou horrorizado os Panteras Negras do RAID francês se prepararem para invadir o seguro abrigo iraniano que ele havia usado duas noites antes. Não havia tempo para se perguntar como o haviam descoberto. Um vazamento. Um deslize. Um espião de sua confiança. Uma revisão da operação iria localizar a fonte. Agora, porém, só havia tempo para agir. Tempo para garantir que todos os meses de cuidadoso planejamento não resultassem em um desastre total. Estendendo a mão para o telefone, ele ligou para o número destinado a ser usado por ele e só por ele.

– O que foi, Papi? – perguntou Emma Ransom.

– Onde você está?

– Dentro da UCP. Estamos por um fio. Havia mais segurança do que o normal no portão principal.

– Era de esperar, depois que os britânicos descobriram o verdadeiro motivo do atentado.

– Por que você está me ligando?

– Nada com que você deva se preocupar. Só ande logo e termine o trabalho o mais rápido possível. Vou esperá-la no aeroporto.

– Deixe os motores ligados.

– Prometo que vou deixar. Agora vá.

Shvets desligou o telefone e andou atabalhoadamente até o quarto, onde juntou as roupas e as enfiou dentro da bolsa de viagem. Usando um pano úmido, esfregou as luminárias, os interruptores de luz, o controle remoto da TV e todos os aparelhos da cozinha que pudesse ter tocado. Convencido de que o apartamento estava limpo, guardou a pistola no coldre da cintura e vestiu o casaco. Verificou o relógio. Eram quase 6h30.

Nesse instante, uma profusão de tiros soou do lado de fora, uma sucessão de estouros que pipocavam feito uma arma de brinquedo. Shvets correu até a janela. Não havia nenhum policial uniformizado à vista e uma multidão estava reunida na esquina. Houve uma rajada de tiros de metralhadora e uma janela se estilhaçou no décimo andar. Pessoas gritaram quando uma chuva de vidro caiu

lá de cima. Começou a sair fumaça pela janela. Pegando a bolsa com uma das mãos e o celular com a outra, ele se encaminhou para a porta da frente.

– Yuri – disse, ligando para o piloto. – Abasteça e prepare o avião para decolar. Chego dentro de uma hora… Sim, eu sei que é cedo. – Ele abriu a porta. – Houve uma mudança de… – Shvets parou a frase no meio. – Meu Deus do céu – falou, olhando para o homem parado a meio metro de distância, apontando uma pistola em cheio para o seu rosto. – O que você está fazendo aqui?

♦♦♦

– Desligue.

Jonathan Ransom pressionou a pistola contra a testa do homem corpulento e o empurrou de volta para dentro do apartamento.

O homem apertou a tecla para encerrar a chamada, com força suficiente para quebrá-la.

– Onde está Alex? – perguntou com um forte sotaque russo.

– Morto. – Jonathan fechou a porta e apoiou as costas nela. – Você é Shvets?

– Pode me chamar de Papi. Lara me chama assim. Ou talvez você prefira que eu a chame de Emma?

– Pode chamar como quiser. Eu vi o dossiê dela. Agora vire e entre na sala. Sente no sofá. Ponha as mãos em cima das pernas onde eu possa ver.

Shvets se virou e entrou em um cômodo lateral esparsamente mobiliado, com grandes janelas quadradas.

– Você virou um profissional e tanto – disse ele, olhando de relance por cima do ombro.

– É, aprendi com os melhores.

– Vou considerar isso um elogio. *Spacibo*.

– Vá se foder você também.

Shvets afundou no sofá, pondo as mãos bem em cima das pernas.

– Satisfeito?

– Ótimo – disse Jonathan, distraído, prestando atenção na quantidade de carros da Polícia que atravancavam a rua quatro andares abaixo e na profusão de homens uniformizados que se agitavam entre eles. Havia pulado da frigideira para o fogo. – Por que a Polícia está aqui? – perguntou.

– Eles acham que a sua mulher e eu estamos no prédio da esquina – disse Shvets.

– Onde ela está?

– Não aqui. Não precisa se preocupar.

Jonathan tornou a olhar para Shvets, fazendo uma careta ao sentir a dor se irradiar pela parte superior de suas costas e pescoço. Depois que a Polícia havia começado a esmurrar a porta em Eze, ele rapidamente chegara à conclusão de que não havia outro jeito senão forjar a própria morte. Havia funcionado para Emma, pensara. Por que não para ele também?

Prender o acelerador do Peugeot para fazê-lo andar sem ele não tinha sido um problema. Havia ajustado o piloto automático em 100 quilômetros por hora, puxado o corpo do russo morto para o seu banco e pulado pela porta. Aterrissar na estrada de asfalto foram outros quinhentos. Ele fizera o possível para cair rolando, mas em algum momento entre a queda e o rolamento batera em cheio com o ombro esquerdo, provocando um deslocamento parcial e, segundo suspeitava, uma fratura da clavícula. Fora a raiva, pura e muito intensa, que o levara a ficar em pé e possibilitara seus primeiros e cruciantes passos encosta abaixo. Acabou, tinha dito e repetido para si mesmo, enquanto seu ombro latejava e seu cotovelo sangrava. Estava farto de ser perseguido.

Meia hora depois, entrara mancando na estação ferroviária de Mônaco, onde se limpara no toalete antes de embarcar no trem local para Nice. De lá, tinha pego a conexão para Paris às 22h58, no TGV – *train à grande vitesse* –, e chegado à Gare de Lyon às 5h24.

– O que é La Reine? – perguntou. As palavras apareciam várias vezes em uma série de comunicados que ele havia encontrado no laptop, escritos por Shvets para um agente identificado apenas como "L". Os comunicados estavam escritos à mão em uma caligrafia furiosa, cheia de eufemismos e codinomes, poucos dos quais ele conseguiu identificar. Pôde decifrar o bastante, porém, para descobrir o endereço do apartamento de Shvets em Paris e saber que Emma estava envolvida em uma operação que consistia em explodir um estabelecimento bem vigiado, marcada para ocorrer naquele mesmo dia.

– La Reine – repetiu Jonathan. – O que é?

Shvets não respondeu. Ficou sentado massageando a mandíbula dolorida, com uma expressão confiante, quase alegre, a erguer as enormes bochechas.

– Se você não me contar, vou perguntar a eles. – Jonathan meneou a cabeça em direção à Polícia lá embaixo.

– Pode perguntar. Eles vão prendê-lo e jogá-lo na cadeia antes de você conseguir dizer duas palavras. Que eu saiba, você tem pela frente uma longa temporada em alguma prisão britânica. – Shvets falava com um tom neutro e

langoroso, como se já tivesse visto o pior que o mundo podia lhe infligir e não estivesse impressionado.

– Eu agora não estou pensando em mim. Quero saber de Emma.

– Se você quiser, posso organizar um encontro de vocês dois. Amanhã vocês podem estar juntos. Longe daqui.

– Amanhã, não. Hoje. Onde ela está agora?

– Você faria bem em pensar na minha proposta. Eu posso garantir que você saia daqui são e salvo. Livre. Sem o risco de uma longa pena de prisão. O que me diz?

– Não – respondeu Jonathan. – Eu passo.

Da rua lá embaixo subiu o barulho de uma sirene. Jonathan olhou de relance pela janela e viu duas ambulâncias abrindo caminho em meio ao mar de policiais e atendentes de primeiros-socorros. Tornou a olhar para Shvets, tentando imaginar se aquele homem grisalho e cansado, de terno amarrotado, era o diretor do FSB.

– Onde você a encontrou?

– Lara? Ela vem de uma cidade na Sibéria, na península de Kolymsky. Um lugar deprimente. O pai dela era ajudante de convés em um navio pesqueiro e passava 11 meses por ano fora. A mãe trabalhava em uma fábrica de processamento de peixe e bebia. Batia em Lara. Foi depois de quebrar o braço e a perna da filha que uma agência interveio. Lara tinha 7 anos. Nós temos uma unidade que procura pessoas como ela. Inteligentes, sem raízes, precisando da ajuda do Estado. Diamantes brutos, pode-se dizer. Quem chamou nossa atenção para Lara foi o diretor da sua escola. Aos 13 anos, ela já estava fazendo cálculo diferencial e tinha aprendido sozinha italiano, francês e alemão. Tinha um QI muito acima da média. – Shvets desviou o olhar, com os olhos subitamente acesos, iluminados pelo passado. – Eu mesmo a levei para Moscou. Você deveria ter visto como ela era. Quanto desejo. Quanta ambição. Quanta emoção. E, é claro, quanta beleza. Sem nenhum pingo de corrupção ocidental. Era um pouco magrinha, talvez, com um eczema horrível, mas um homem podia ver que com a alimentação adequada e cuidados médicos ela iria amadurecer e se transformar em algo especial.

– Vocês se deram ao trabalho de perguntar se ela queria entrar para a KGB?

– Não precisamos. A ideia foi dela desde o início. Ela nasceu para isso. É uma dessas pessoas raras. Ela parece um tubarão que vai morrer se parar de nadar. Só que, em vez de oxigênio, precisa de adrenalina. Não se engane, Dr. Ransom. Ela

nunca foi uma menina boazinha.

Jonathan chegou mais perto do russo. Sentiu o peso da pistola na mão. Apertando os dedos com mais força em volta do cabo, puxou o cão da pistola para a posição de disparar. Já havia matado antes. Já tinha posto o cano de uma arma na cabeça de um homem e puxado o gatilho. Não sentira nada. Nenhum remorso, nenhuma recriminação. Apenas um ronco abafado em algum lugar bem lá no fundo, dizendo-lhe que tinha feito o que era preciso. Decidiu que desprezava Shvets. Seria fácil matá-lo.

– Onde ela está?

Shvets sacudiu a cabeça, encarando Jonathan como se ele fosse um objeto digno de pena.

– Eu sei por que você está aqui. Acha que veio fazê-la parar, mas a verdade não é essa. A verdade é que você ainda a ama. Pensa que de alguma forma ela vai escutá-lo e abandonar a missão. Está errado.

– Calado.

– Deixe eu perguntar uma coisa.

– O quê?

Shvets encarou Jonathan.

– Você acha mesmo que ela traiu a Divisão só porque queria impedir que um jato cheio de civis fosse derrubado?

Jonathan não respondeu.

Shvets prosseguiu.

– A mesma mulher que sem a menor hesitação detonou uma bomba em uma rua movimentada do centro de Londres ao meio-dia? Eles contaram como ela matou Robert Russell? Ela quebrou o pescoço dele com as próprias mãos, depois jogou o corpo do quinto andar.

– O avião foi diferente – disse Jonathan. – Havia muitos passageiros lá dentro. Muitas vidas inocentes. Ela fazia distinção entre as pessoas da sua profissão e as de fora.

– E todos os outros no passado dela? Você ao menos sabe quantas operações ela realizou em nome da Divisão? Quantos inocentes ela matou?

Jonathan se esforçou para encontrar uma resposta, mas sua boca ficou subitamente seca.

– O que você está tentando dizer?

Shvets esfregou a bochecha e seu olhar direto transmitia uma compreensão amigável, uma espécie de laço fraterno, como se ele não quisesse que Jonathan

sofresse mais do que já havia sofrido.

– Não – disse Jonathan, tomando a iniciativa. – Não acredito em você.

– Com certeza você já desconfiava disso – disse Shvets. – É um homem esperto. Já deve ter se perguntado por que ela mudou de opinião de forma tão súbita.

– O avião estava cheio de civis inocentes. A Divisão tinha ido longe demais. Ela se recusou a permitir aquilo.

– Não, Jonathan, esse não é o motivo, e você sabe que não.

Jonathan sacudiu a cabeça, sem querer escutar o que sabia no fundo de seu coração que era verdade. Aquilo de que desconfiava desde que tinha encontrado Emma em Londres.

– Emma trabalha para mim há mais tempo do que você sabe – disse Shvets. – Fui eu quem ordenou que ela impedisse a Divisão de derrubar aquele jato.

– Você está mentindo. – As palavras saíram fracas, uma resposta automática para uma traição inimaginável. – Não acredito em você.

– Ah, acredita, sim, dá para ver que você acredita. Eu mandei que ela sabotasse o ataque ao jato da El Al, não porque me importasse com os passageiros, mas porque pretendia destruir a Divisão. – Shvets se arrastou até a borda do sofá. – E você, Jonathan, me ajudou. Foi você quem matou o brigadeiro Austen. Foi você quem deteve o MAV quando a sua preciosa Emma estava ferida demais para completar sua missão. Do meu ponto de vista, ela não é a única que está trabalhando para mim. Você também está, Jonathan.

Jonathan sentou-se. De repente, sentiu-se exausto, soterrado pelo peso de tantas horas acordado e de tão poucas horas de sono. Sabia que Shvets estava dizendo a verdade. Não porque o sentisse, nem porque pudesse ver isso nos olhos do outro homem. Mas porque nada mais fazia sentido. No fim das contas, não havia nenhuma outra explicação lógica para as ações de Emma.

Jonathan se virou e olhou pela janela. A Polícia havia tornado a descer do prédio, e ele viu alguém passando pela porta da frente carregado numa maca. Reconheceu um rosto familiar e olhou com mais atenção. Era Graves e, atrás dele, a inspetora-chefe Ford. Jonathan tinha ido tão longe. E agora descobrir isso…

Jonathan captou um movimento com o canto do olho. Virou-se a tempo de ver Shvets apontando uma pistola para ele. Atirou-se no chão, levantando a própria pistola e disparando. Viu uma pequena explosão de luz e sentiu alguma coisa passar zunindo rente à sua orelha. Caiu de lado e deu um grito quando seu

ombro machucado cedeu, mas, de alguma forma, continuou a puxar o gatilho, sentindo a pistola dar trancos em sua mão, disparando tiros desgovernados, a esmo. Rolou o corpo para se pôr de pé e ergueu a arma com a mira apontando bem para o meio do peito de Shvets. Puxou o gatilho, mas o pente estava vazio. O tiro não saiu.

Sergei Shvets, sentado no sofá, apertava a barriga com uma das mãos. A outra ainda segurava a arma, mas estava pousada sobre o colo, flácida.

– Muito bem – disse ele com o mesmo tom monocórdio, calmo. – Eu não sabia que tiro ao alvo era uma das suas habilidades.

Jonathan olhava desconfiado para o russo. Aproximou-se com cuidado, ajoelhou-se e afastou seus dedos da pistola, que, então, jogou no chão, fora de alcance.

– Deixe-me dar uma olhada.

Relutante, Shvets retirou a mão.

– Então? Eu vou viver?

Jonathan desabotoou sua camisa. A bala havia entrado logo abaixo do fígado. Muito pouco sangue saía do ferimento.

– Que tal o seguinte? Me fale sobre La Reine e Emma e eu salvo a sua vida.

– Você não é tão mercenário assim.

– Não – reconheceu Jonathan. – Não sou. – Foi pegar algumas toalhas no banheiro e limpou o sangue. – Dobre o corpo para a frente – disse.

Shvets grunhiu e fez o que ele mandava.

– Segure bem estas toalhas na frente da barriga e não se mexa. Vou chamar uma ambulância. Vou deixar que eles o salvem.

– Não precisa – disse uma voz britânica seca. – Nós vamos assumir a partir daqui.

Charles Graves estava em pé no vão da porta, ladeado por um esquadrão de homens vestidos com roupas pretas de combate.

– Ransom? Mas que…? Como é que você…? – Kate Ford surgiu de trás de Graves e entrou no apartamento, com os traços incisivos tomados pelo espanto e pela raiva.

– Fique onde está – ordenou Graves, com uma pistola apontada para Jonathan. – A sua missão terminou. – Ele gesticulou para um dos homens ao seu lado. – Prendam esse homem – disse. – E não se esqueçam de apertar bem as algemas.

72

SAINDO DA UNIDADE CENTRAL DE PROCESSAMENTO, Emma desceu um corredor protegido no meio de um pátio amplo e entrou no prédio principal da administração. Ali também havia um segurança atrás de uma mesa. Ela mostrou o crachá da usina e passou por uma porta de segurança giratória que ia do chão até o teto e regulava a entrada no complexo principal do reator. Do outro lado da porta de segurança, passou pela segunda vez por um detector de metais. Sua bolsa tornou a ser verificada e ela foi conduzida até uma cabine de detecção de explosivos. Um jato de ar cobriu seu corpo. Uma luz verde piscou e deixaram-na passar. Outra porta de segurança a aguardava. Emma passou por ela, em seguida atravessou um pequeno saguão em direção a portas que davam para o lado de fora. Passou sua chave pela leitora, esperou a fechadura se abrir e, então, saiu para o sol da manhã.

Permaneceu alguns segundos parada, olhando para o prédio da administração atrás dela e para a cerca encimada por fita cortante, que delimitava o perímetro do complexo do reator.

Entrar era a parte fácil.

O prédio do reator se erguia à sua frente: um bloco de concreto de quarto andares, sem janelas. Lá dentro ficavam a sala de controle e a cápsula do reator. Mas Emma não entrou. Não tinha interesse nenhum em sequer chegar perto da sala de controle. Em vez disso, pegou o celular e acessou um mapa do complexo. Dando a volta no prédio do reator, atravessou uma ampla área de armazenamento e caminhou na direção de um imenso galpão com a extensão de um campo de futebol. A caminhada levou cinco minutos e durante esse tempo todo ela viu apenas três ou quatro homens. Ninguém lhe deu a menor atenção.

Passando a chave por outra leitora, ela entrou no galpão. Imensas lâmpadas pendiam do teto. Contêineres de transporte empilhados de três em três estavam dispostos em fileiras bem arrumadas. Uma empilhadeira passou por ela, indo buscar sua carga. Mais ou menos no meio do galpão, à esquerda, portas gigantescas estavam abertas, e ela pôde ver o nariz rombudo de uma locomotiva entrando por elas, devagar.

A cada 12 meses era preciso que o reator fosse desligado e passasse algum tempo sem funcionar. Durante esse intervalo, as varetas de combustível usado

eram substituídas por varetas novas, "quentes"; todo o equipamento que estivesse ficando velho era trocado e, durante quatro a seis semanas, era feita uma manutenção geral da usina. Essa manutenção exigia que quase 100 contêineres de equipamentos novos fossem transportados para dentro da central.

O último desligamento fora concluído havia duas semanas.

Emma foi avançando pelo labirinto de contêineres até um espaço isolado, bem do lado norte do galpão. Em vez de contêineres, ali havia canos. Centenas e mais centenas de canos de chumbo de 40 centímetros de diâmetro empilhados. Ela prosseguiu até a parede. Verificou o celular e registrou suas coordenadas GPS atuais. Um pontinho vermelho apareceu no mapa. Ela olhou para o muro de canos. Então viu: um pedaço de fita adesiva verde preso em volta da extremidade de um dos canos. Contou quatro canos para baixo e olhou lá dentro. Não viu nada e ficou sem ar.

Arregaçando a manga do blazer, ela enfiou o braço dentro do cano, tateando em busca de um pacote embrulhado em papel encerado. Seus dedos só encontraram ar. Um arrepio de pânico foi subindo dentro dela.

Começar de novo.

Emma contou quatro canos para baixo a partir da fita verde. Dessa vez, verificou os canos à sua esquerda e à sua direita. Mais uma vez não encontrou nada.

Abaixou-se apoiada em um dos joelhos e começou a procurar em todos os canos próximos, enfiando a mão dentro de cada um deles e tateando, mas sem resultado. Imaginou se de alguma forma o cano já havia sido pego, mas não viu como isso poderia ser possível, uma vez que a fita verde continuava lá. Então parou. Se não estava embaixo, talvez estivesse em cima. Erguendo-se nas pontas dos pés, contou o quarto cano acima da fita verde e tateou lá dentro.

Seus dedos tocaram o chumbo frio. Outra pista falsa. Mas ela sabia que o embrulho tinha de estar em algum lugar. Papi tinha confirmado e, para ela, a palavra dele bastava. Apoiando um pé sobre um dos canos mais baixos, ela se ergueu e enfiou o braço mais fundo lá dentro. Seus dedos tocaram algo firme e escorregadio. Agarrando com as unhas, ela puxou o embrulho para fora do cano até este cair em seu colo.

Olhou em volta. O corredor estava deserto. Reparou que estava mais ofegante do que o esforço exigia. Fez uma pausa de alguns segundos e, então, desfez o embrulho com cuidado. Lá dentro havia dois artefatos explosivos, cada qual medindo 15 centímetros de altura por 15 de comprimento e 7,5 de largura,

embalados em fita isolante preta lustrosa. Por cima havia um mostrador de LED e teclas para programar a hora e iniciar a sequência de detonação. Ela programou a primeira bomba para 30 minutos e a segunda para 6, em seguida guardou-as dentro de um cano à altura dos olhos. Tornou a consultar o telefone para estudar a planta do complexo, repassando vezes sem conta seu percurso.

– O que a senhora tem aí?

Emma girou nos calcanhares. A 3 metros dela estava Alain Royale, subchefe de segurança da central. Ela estudou sua expressão, mas não conseguiu detectar se ele a vira programar os explosivos. Escolheu uma das bombas e disse:

– Sr. Royale, que bom que apareceu. O senhor tem ideia de quem pôs isto aqui dentro?

Royale deu mais um passo na sua direção, então parou.

– Não há nada para a senhora inspecionar dentro do galpão.

– Em geral, não, mas hoje é uma exceção. Foi o senhor quem pôs este adesivo verde no cano?

– É claro que não.

– Achei mesmo que não. O senhor tem um problema de contrabando. Drogas, eu diria. – Emma estendeu a bomba. – Dê uma olhada. Talvez possa me dizer o que é isto.

Royale pegou a bomba.

– Bem – prosseguiu ela –, o que é? Nunca vi nada igual a isto.

Royale sacudiu o embrulho quadrado, em seguida correu uma das unhas por cima do LED.

– Parece algum tipo de timer.

– Olhe embaixo – disse Emma em tom de ordem, não de pedido. – Tem marcas curiosas.

Intrigado, Royale levantou o embrulho bem alto e o examinou.

– Não estou vendo nada.

– Olhe mais de perto. Não há como não ver.

– Não… não tem nada…

Emma golpeou-lhe o maxilar com a palma da mão esticada, dando um passo à frente e jogando o peso do corpo na direção do golpe, de modo a esmagar seus molares e deixá-lo imediatamente inconsciente. Ela aparou sua queda no meio e o deitou no chão.

Nesse exato instante, o walkie talkie em seu cinto chiou.

– Sr. Royale, recebemos uma ligação urgente da Polícia Nacional. Por favor, entre em contato imediatamente. Emergência Código Nove.

Num instante, uma sirene disparou dentro do galpão. Luzes estroboscópicas posicionadas em cada saída puseram-se a piscar a intervalos de dois segundos.

Emma não ligou para a agitação. Ajoelhando-se, removeu o cartão de chave de Royale de uma correia retrátil. Então recolheu os explosivos, colocou-os dentro da bolsa e foi correndo para a saída mais próxima.

73

GRAVES SACUDIU SERGEI SHVETS pela gola.

– Que diabo você planejou? Vai contar agora ou eu juro por Deus que mato você com minhas próprias mãos.

– Ele está ferido – disse Ford. – Vá com calma.

– Irei com calma depois que ele falar. – Graves puxou a camisa de Shvets com tanta força que o russo deu um pulo do sofá. – Onde ela está? Onde está Emma Ransom?

Shvets fez uma careta.

– Vocês chegaram tarde – sussurrou ele. – Já está feito.

– Tarde para quê? – quis saber Graves.

– Vá para o inferno – disse o russo.

– Ah, eu vou, sim. Tenho certeza disso. Mas vou fazer o possível para você chegar lá antes de mim. – Graves cerrou o punho e pressionou-o com força em cima do ferimento no abdome de Shvets. – Onde… está… Emma… Ransom?

Os olhos de Shvets se esbugalharam e um gemido escapou de seus dentes cerrados.

– Chega! – Kate Ford segurou Graves por trás e separou-o à força de Shvets. – Deixe-o em paz.

Graves se desvencilhou dela e tornou a dar um passo em direção a Shvets, sem pensar duas vezes.

– Antes de eu terminar meu assunto com você, *tovarich*, eles vão espetar sua cabeça em um poste na Praça Vermelha.

Shvets não respondeu. Ficou sentado curvado sobre a barriga, sorvendo grandes lufadas de ar.

– Tirem-no daqui – disse Graves, desferindo um último golpe de raspão no topo da cabeça do russo. – E não saiam do lado dele. Quero guardas até na porta da sala de cirurgia. Estão me entendendo?

Uma equipe de paramédicos ergueu Shvets para cima de uma maca e levou-o embora. Nada menos de seis Panteras Negras acompanharam o diretor do FSB russo do térreo até o hospital.

– *La Reine* – disse Jonathan.

Graves olhou para onde Ransom estava no canto, contido por um policial.

– O que foi que o senhor disse? – perguntou Graves, enxugando a testa com um lenço, mal escutando.

– La Reine. É isso que Emma vai tentar explodir.

Graves lançou um olhar impaciente para Ford.

– Você faz alguma ideia do que ele está falando?

– Faço, sim – respondeu ela. – La Reine é a mais nova usina nuclear francesa. Fica no litoral da Normandia, perto de uma cidade chamada Flamanville.

– Pode soltá-lo – disse Graves com um aceno casual.

O policial soltou Ransom.

– Vai ser algum tipo de bomba – disse Jonathan. – Eu li sobre isso em um laptop que encontrei na casa de Shvets em Eze. Está marcado para hoje.

Graves lançou um olhar para Ford.

– Você viu esse laptop?

– Não.

– Estava no carro – disse Jonathan.

– É claro que estava. – Graves o fitou com um ar cético. – E por que deveríamos acreditar no senhor? – indagou, atravessando o aposento em direção ao americano.

– Pare com isso – disse Jonathan. – Não vê que estamos do mesmo lado? Eu quero deter Emma tanto quanto vocês.

Graves parou a cerca de meio metro de Jonathan.

– Tudo o que estou vendo é um fugitivo da justiça britânica procurado pelo atentado contra a comitiva de Igor Ivanov, assim como pelos assassinatos de um médico em Notting Hill e de um cadáver ainda não identificado, carbonizado a ponto de ficar irreconhecível, atualmente em um necrotério de Mônaco. É isso que estou vendo.

Jonathan recorreu a Ford.

– Ela vai pôr uma bomba em algum lugar dentro do reator.

– E como exatamente ela vai entrar lá? – interrompeu Graves.

– Ela está fingindo ser uma mulher chamada Anna School – disse Jonathan, lutando para extrair alguma informação útil das páginas e páginas que havia examinado. – Quero dizer, *Scholl*. É, é isso. Ela é algum tipo de investigadora.

– Continue – disse Ford em um tom menos hostil, que era um sinal para Graves ficar calmo.

– Todo o material estava escrito em russo – explicou Ransom. – Não me lembro da maior parte. Mas me lembro de alguns detalhes. Emma deve pegar alguma coisa no canto nordeste de algo chamado G-4. Talvez se eu pudesse conversar com os engenheiros ou com o administrador da usina conseguisse entender melhor.

– Sem chance – disse Graves. – A sua alegre fuga da justiça está oficialmente terminada. Daqui, o senhor vai ser transportado diretamente para uma das prisões mais escuras e mais seguras da França e lá ficará até nós apresentarmos todos os documentos diplomáticos em triplicata e garantirmos que a sua extradição para a Inglaterra corra sem problemas.

– Não seja bobo – disse Jonathan. – Eu posso ajudar.

– E o senhor é um mentiroso e, até onde eu saiba, um agente com extenso treinamento e experiência, que trabalha para um governo estrangeiro ainda a ser definido. Essa bobajada sobre ser apenas um médico para por aqui.

– Não – disse Kate Ford. – Ele tem que vir.

Graves relanceou os olhos para ela por uma fração de segundo.

– Você não está falando sério, está?

Mas Ford manteve os olhos cravados em Ransom.

– Ligue para a central – disse ela. – Veja se alguém chamado Anna Scholl está fazendo uma visita, ou se houve alguma inspeção da AIEA.

Graves hesitou.

– Ligue, Charles.

Primeiro, Graves consultou o capitão da *gendarmerie* de Paris, que lhe deu sua autorização e o telefone de emergência da central. Levou mais cinco minutos falando com o administrador da usina e outros cinco explicando, em seu francês escolar perfeito, quem ele era e por que estava ligando.

– Ela está lá – disse Graves, abaixando o celular até o lado do corpo. – Chegou na hora da mudança de turno. A segurança verificou. Ela passou com nota 10. Inclusive no escâner da mão.

– Meu Deus – disse Kate Ford. – É isso.

Graves tornou a levar o telefone ao ouvido.

– O senhor sabe onde ela está agora? – indagou em francês. E então sua expressão desmoronou. – Ela está em algum lugar dentro do complexo principal. São 15 prédios. Ela tem um cartão de acesso livre.

Kate se virou para o capitão da Polícia francesa.

– Qual a distância daqui até Flamanville?

– Trezentos quilômetros. Um dos meus helicópteros pode levar vocês até lá em 50 minutos.

– Por favor, mande o helicóptero para cá o mais rápido possível – disse ela, antes de se virar para Jonathan. – Dr. Ransom, o senhor vem conosco.

– Isolem a central – disse Graves. – Vamos enviar a eles uma foto e uma descrição de Emma Ransom daqui a cinco minutos. E diga ao seu pessoal que ela está armada e é perigosa, e que muito provavelmente está portando explosivos. Não corram nenhum risco. Atirem para matar.

♦♦♦

Jonathan se agarrou ao cinto de segurança quando o helicóptero da Aérospatiale embicou e começou a descer em direção ao litoral normando. Olhando pela janela, teve uma visão desimpedida do complexo nuclear de La Reine. Para um olhar casual, a região parecia calma, como se nada estivesse fora do normal, e isso era proposital. Era fundamental que a notícia da ameaça não vazasse para o grande público. Qualquer pânico, mesmo leve, teria consequências duradouras. Foi somente depois de olhar com atenção que ele detectou os carros civis bloqueando a estrada de acesso, os transportes blindados estacionados junto às guaritas e as grandes vans pretas do GIGN – Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale, a força de elite treinada para lidar com ameaças à infraestrutura nuclear do país – estacionados ao lado do prédio principal da administração. No céu acima, ele vislumbrou um brilho metálico à luz da manhã. Eram os jatos Mirage da Força Aérea francesa pairando em uma formação cúbica para bloquear o tráfego aéreo acima da área.

Durante os 50 minutos de voo, eles haviam mantido um canal de comunicação aberto com La Reine: uma atualização dos acontecimentos em tempo real, feita em estilo telegráfico e urgente.

– Ela manipulou as transmissões de vídeo de circuito interno para não conseguirmos vê-la – informou o administrador da central, logo após a decolagem. – O Sr. Royale descobriu o que ela fez e está tentando encontrá-la. Ele a viu no galpão, mas ela poderia estar em qualquer lugar.

– Esse galpão também é chamado de G-4? – perguntou Kate, fazendo referência às informações de Jonathan.

– É, sim.

– O que vocês guardam lá?

– Canos, equipamentos, material de manutenção.

– Um cano de chumbo seria capaz de esconder um explosivo de alta potência de qualquer sistema de detecção – disse Graves. – Talvez ela tenha ido ao galpão pegar a bomba.

Kate aquiesceu, em seguida perguntou:

– Quem é Royale?

– O subchefe de segurança. Ele recebeu a Sra. Scholl porque o Sr. Grégoire, nosso chefe de segurança, não veio trabalhar hoje.

– Vocês falaram com Grégoire?

– Ele não está atendendo o telefone.

Nesse ponto, Graves pediu ao piloto que entrasse em contato com a Polícia pelo rádio e a instruísse a mandar uma viatura para a casa de Grégoire o mais rápido possível. Em seguida, disse para o administrador da central:

– Entre em contato com o Sr. Royale e pergunte se ele já encontrou a Sra. Scholl.

Os minutos foram passando e as notícias se tornando mais urgentes.

– Royale não está atendendo – disse o administrador da central. – Ele nunca larga o telefone. Há alguma coisa errada.

– Descubra onde ele está – ordenou Kate com uma voz de sargento, o que fez todos olharem apreensivos para ela.

Dez minutos se passaram. O primeiro a entrar em contato não foi o administrador da central, mas um policial da região enviado para acordar Grégoire.

– Encontrei ele e a família em casa, amarrados na cama. A mulher estava com o nariz quebrado e Grégoire está em choque. Disse que foi uma mulher. Ela usou uma pistola de eletrochoque.

– E as crianças? – perguntou Kate.

– Estão bem.

Mais dois minutos se passaram antes de o administrador da central finalmente entrar em contato.

– Localizamos Royale. Ele estava no galpão. Está inconsciente e com o maxilar quebrado. O que fazemos?

Sentado atrás do piloto, com os olhos cansados escondidos atrás de óculos escuros e os ouvidos bem tampados por fones, Jonathan acompanhava tudo.

O helicóptero deu alguns giros, aprumando o nariz, e pousou aos solavancos. Graves abriu a porta de correr e pulou para o chão. Jonathan desceu em seguida e, atrás dele, Kate Ford e vários representantes da DST francesa.

O administrador da central estava esperando ali perto, com o rosto úmido de suor.

– Ela está dentro do prédio do reator – disse ele, conduzindo-os até o prédio administrativo. – Eu mesmo a vi no monitor.

– Está sozinha? – perguntou Graves.

– Sim, carregando apenas uma bolsa grande.

– Ela consegue entrar na sala de controle?

– De jeito nenhum. A sala é trancada por dentro. Meus homens têm ordens para ficar onde estão.

Alguns metros adiante, as portas traseiras das vans estavam abertas. Soldados do GIGN usando roupas pretas de combate estavam sentados de costas para as laterais, com metralhadoras no colo, parecendo paraquedistas prontos para um salto.

Graves se apresentou para o chefe do esquadrão de contraterrorismo, que se juntou a eles enquanto entravam na sala do administrador. Havia um mapa da usina pendurado na parede. Cada prédio estava assinalado por iniciais, com uma legenda no canto inferior esquerdo.

– Alguma coisa parece familiar? – perguntou Graves. – Está na hora de dizer a que veio.

Jonathan apontou para o complexo principal do reator, um grupo de quatro prédios dentro de um perímetro demarcado por uma cerca.

– Onde fica o prédio de contenção?

– Aqui – respondeu o administrador, apontando para o maior dos quatro prédios.

– Vocês guardam combustível lá?

– Claro, antes de colocar no reator.

– É isso – disse Jonathan. – Foi sobre isso que eu li.

Graves falou com o chefe das tropas de choque.

– Mande seus homens para o prédio de contenção. Ou ela está carregando explosivos dentro daquela bolsa ou está carregando algo para detonar algum artefato que já está lá dentro. Não corram nenhum risco.

Jonathan se adiantou e foi postar-se entre os dois homens.

– Me deixem falar com ela – pediu. – Me deem um minuto para tentar convencê-la.

– Isso adiantou muito em Londres – disse Graves. – Saia do meu caminho.

Jonathan pôs uma das mãos sobre seu peito.

– Agora é diferente – disse. – Emma não faria isso. – Ele olhou para Kate Ford. – Eu a conheço. Me deixem tentar.

– De jeito nenhum – respondeu ela.

Graves afastou o braço de Jonathan.

– Cuidem para que o Dr. Ransom fique aqui até termos resolvido a situação. Ah, e ponham as algemas nele de novo. Não queremos mais problemas.

74

EMMA RANSOM NÃO ESTAVA NEM PERTO do prédio de contenção. A 200 metros dali, estava agachada junto à parede externa da piscina de resfriamento de combustível usado. As paredes eram feitas de concreto armado comum e tinham 45 centímetros de espessura. Ao contrário do prédio de contenção, projetado não apenas para impedir a penetração de projéteis – fossem eles munições guiadas a laser, mísseis ar-terra ou aeronaves supersônicas –, mas também para evitar o vazamento de gases radioativos em caso de acidente, o prédio de combustível usado não era considerado nem um "ambiente de risco" nem um alvo prioritário. Posicionada no canto sudoeste do prédio, ela revirou a bolsa para pegar um dos artefatos explosivos que fora buscar no galpão. Destacando uma tira de fita adesiva na parte de trás, colou a bomba à parede, mais ou menos 20 centímetros acima do chão. Conforme indicado pelo teodolito portátil duas noites antes, o lugar exato correspondia a um ponto situado 5 metros abaixo da superfície da gigantesca piscina de resfriamento que ficava do outro lado da parede.

Abrindo o painel de controle, ela ajustou o timer para 10 minutos. Papi a instruíra a ajustá-lo para 30 minutos, garantindo-lhe assim tempo suficiente para fugir. Mas os planos haviam mudado. Ela não tinha dúvida de que em 30 minutos a bomba seria descoberta. Dez minutos lhe davam tempo suficiente para armar a segunda bomba e chegar ao seu ponto de fuga antes da detonação. Isso se não fosse capturada. Era a única eventualidade para a qual ela não havia planejado nada.

Sem demora, Emma ativou a bomba.

Os números vermelhos no mostrados de LED iniciaram a contagem regressiva.

9:59

9:58

9:57

Emma verificou que o segundo artefato explosivo estava dentro da bolsa, olhou para a direita e para esquerda, então partiu rumo a seu alvo final.

75

JONATHAN FOI POSTO DENTRO DA SALA do administrador, com um policial para vigiá-lo e outro para ficar de guarda do lado de fora. As algemas estavam apertadas demais, mas ele podia sentar-se onde quisesse e andar em volta da mesa e, nesse caso, estudar o painel de monitores coloridos que ocupava uma parede inteira da sala.

Com uma angústia crescente, ele acompanhou o progresso dos homens da tropa de choque pelo complexo, vendo as imagens passarem de um monitor para outro. Viu-os de cima, quando se reuniram em frente ao prédio principal da administração para checar as armas, e depois os viu chegar correndo ao prédio do reator, mantendo-se colados às paredes, como se Emma estivesse prestes a abrir fogo contra eles. A tropa de choque então dobrou uma esquina e sumiu de vista, e durante alguns segundos frenéticos Jonathan pensou que a tivesse perdido. Mas então viu os soldados vestidos de preto, seguidos por Graves e Ford, em um monitor algumas fileiras abaixo. O líder deu um sinal e eles entraram no prédio principal do reator, revezando-se para dar cobertura uns aos outros enquanto avançavam por um corredor. Durante toda a operação, Jonathan ficou escutando um comentário em tempo real, graças ao walkie talkie do policial, ligado no volume máximo para que ele pudesse acompanhar cada passo do avanço dos companheiros.

No entanto, ao mesmo tempo que ficava de olho na tropa de choque, Jonathan vasculhava a miríade de outros monitores, em busca de um sinal de sua mulher. Ele havia mentido sobre o prédio de contenção. Nunca tinha lido nada a respeito. Apenas uma sigla estava impressa em sua mente: PRCU, que, segundo as letras maiúsculas impressas no mapa, correspondia a uma estrutura construída na encosta junto ao mar chamada Prédio de Resfriamento de Combustível Usado.

O relógio na parede indicava que três minutos haviam transcorrido.

No monitor, os soldados invadiram uma sala de reunião e uma dúzia de funcionários da central levantou as mãos.

Jonathan não conseguiu esperar mais.

De repente, dobrou o corpo, soltou um grunhido aterrorizante e caiu no chão.

O policial veio ajudá-lo imediatamente, ajoelhando-se ao seu lado.

– Ç*a va?* – perguntou ele. – O que houve?

– Não consigo… respirar – disse Jonathan.

O policial chegou mais perto para poder verificar sua respiração. Conforme Jonathan imaginava, ele tinha treinamento em primeiros socorros. Sua primeira providência foi erguer a cabeça dele para desobstruir a traqueia. Quando o policial se inclinou mais um pouco a fim de ouvir sua respiração, Jonathan passou as mãos algemadas para a frente do corpo e golpeou-o na lateral da cabeça. O policial caiu de lado. Antes que ele conseguisse gritar, Jonathan tornou a golpeá-lo, e ele próprio quase desmaiou por causa da dor no ombro. O policial ficou inerte.

Jonathan encontrou as chaves das algemas e, depois de se contorcer por um minuto, conseguiu se soltar. Pegou a arma do policial, verificou que a trava de segurança estava presa, então segurou-a pelo cano e bateu na porta.

– *Viens vite* – falou. – *J'ai besoin de ton aide*. – Venha depressa. Preciso da sua ajuda.

A porta se abriu imediatamente e o guarda entrou correndo na sala. Jonathan o golpeou por trás, na nuca. O policial desabou no chão. Jonathan olhou para um dos homens, depois para o outro, à procura do cartão de acesso necessário para circular entre os prédios, como aqueles que vira o administrador da central distribuir para vários dos soldados da tropa de choque. Depois de vasculhar seus bolsos, acabou encontrando o cartão gravado com as iniciais da Électricité de France e o segurou firme.

Pondo-se de pé, Jonathan tornou a olhar para o mapa, vendo qual era o caminho até o prédio de combustível usado. Então abriu a porta do corredor e saiu correndo.

♦♦♦

– Pare – disse ele.

Emma estava ajoelhada na outra ponta da piscina. Ao seu lado, em contraste com os ladrilhos de cerâmica branca, havia uma caixa metálica. Mesmo da distância em que estava, Jonathan pôde ver que a tampa da caixa preta estava aberta e soube, instintivamente, que era uma bomba.

– Vá embora – disse Emma, olhando para ele por um breve instante, antes de tornar a voltar sua atenção para a caixa. – Saia daqui. Você não precisa estar aqui.

– As autoridades francesas prenderam Shvets – disse Jonathan, com a voz

ecoando por cima da água e reverberando nas imensas paredes. – Acabou, Emma. Você tem que se entregar. É sua única chance. Há policiais por toda parte. Eu disse a eles que você estava no prédio do reator, mas a qualquer momento eles vão descobrir que eu estava mentindo. Eles têm ordens para atirar sem fazer perguntas.

Jonathan avançou pela passarela estreita que margeava a piscina. O reservatório de combustível usado tinha 50 metros de comprimento e 25 de largura. Feito de aço inoxidável, o tanque tinha uma água cristalina, mais limpa do que qualquer outra que ele jamais vira. Abaixo da superfície havia fileiras e mais fileiras de varetas de combustível usado, reunidas em quadrados com 17 varetas de largura e contidas por estruturas de titânio. As varetas pulsavam com um brilho azul-escuro que se refletia nas paredes e no teto e preenchia o pé-direito alto e cavernoso com uma luz sinistra e ameaçadora.

– Foi por isso que você veio? – perguntou Emma. – Para me salvar?

– Não – respondeu Jonathan. – Não foi. – Ele pronunciou as palavras sem pensar e percebeu, então, que sua relação com Emma havia terminado. – Eu vim porque não vou deixar você matar milhares de pessoas.

Pela primeira vez, Emma ergueu os olhos da caixa preta.

– Você não tem ideia do que está fazendo – falou.

– Shvets me contou tudo.

– Mesmo assim, você não entende.

– Por que, Emma? Por que você voltou para ele? Eu vi a sua ficha. Sei o que ele a obrigou a fazer.

– Porque eu odeio a Divisão mais do que odeio Shvets. Odeio a forma como ela manipula o mundo; como qualquer coisa é válida desde que considerada interesse do país. Você acha que a criminosa sou eu. Está errado. Eu só apertei o gatilho. Alguém muito mais acima escolheu o alvo, carregou a arma e a entregou para mim.

– E em que isso difere do que você está fazendo agora?

– Eu agora estou ajudando meu país. Meu país de verdade. – Ela olhou para cima. – Meu Deus, é uma arma isso que você está carregando?

Jonathan baixou os olhos para a pistola, em seguida jogou-a dentro da piscina. Ameaças eram inúteis. Ele não podia atirar na própria mulher.

– E eu?

– O que tem você?

– Algum dia foi para valer?

– Não – respondeu ela, indignada. – Não foi para valer. Você foi uma ferramenta. Nada mais. Você me levou a lugares aos quais eu nunca poderia ter ido sozinha. Fachada, Jonathan. É isso que você foi.

– Então por que você foi me encontrar em Londres?

– Porque eu gosto de você. Porque estava precisando de uma boa trepada. Tá bom?

– Me diga a verdade, droga! É só isso que eu sempre quis.

Emma o encarou com os olhos semicerrados.

– A verdade? – disse, sacudindo a cabeça. – O que significa isso? – Ela acionou um interruptor, fechou a tampa da caixa e se levantou. – Quatro minutos. Você ainda tem tempo.

Jonathan não se mexeu.

– Você não precisava ir a Londres só para me dizer que não iríamos poder nos ver de novo. Poderia ter feito isso de uma centena de outras maneiras. Um telefonema, por exemplo. Não faz sentido, Emma. Você quebrou todas as suas próprias regras.

– Você agora por acaso é especialista no assunto? Você foi uma distração. Só isso. Fui eu que convenci aquele bando de médicos de Londres a chamá-lo para dar uma palestra. Eu deixei você me seguir. Sabia que não poderia detonar o carro-bomba sem ser vista. Precisava de alguma coisa para desviar a Polícia inglesa do meu rasto. Se eles gastassem os recursos deles seguindo você, isso tornaria as coisas mais fáceis para mim. – Ela verificou o relógio de pulso. – Agora saia da…

Nesse exato instante, ouviu-se uma terrível explosão. O prédio inteiro estremeceu por vários segundos e uma das imensas lâmpadas do teto se soltou e caiu na piscina de resfriamento. Jonathan se desequilibrou sobre um dos joelhos, quase mergulhando dentro d'água. As luzes piscaram. Bolhas gigantescas subiram até a superfície da água. Uma sirene começou a tocar. Jonathan se levantou, trêmulo, observando as bolhas que continuavam a subir até a superfície. Observou alarmado que o nível da água da piscina estava baixando rapidamente. Bem lá no fundo, pôde ver um rombo na parede por onde a água estava escoando.

Recuperando o equilíbrio, ele correu até o outro canto do prédio, onde Emma estava se pondo de pé.

– Levante-se – disse ele, agarrando seus braços e puxando-a. – Desligue a bomba.

Emma se contorceu para se livrar dele.

– Não posso fazer isso – disse ela, empurrando-o para longe.

– Não pode ou não quer?

– Você decide.

Jonathan a encarou, vendo-a pela primeira vez como ela realmente era.

– Que tipo de monstro você é?

As palavras não tiveram nenhum efeito sobre Emma e, apesar de uma súbita contração involuntária nos cantos da boca, ela poderia muito bem não tê-las escutado.

– Saia daqui. Você ainda tem tempo. Sabe o que vai acontecer quando o nível da água baixar o suficiente para deixar as varetas descobertas? No mesmo segundo em que o urânio for exposto, vai esquentar e bombardear tudo isto aqui com raios gama. Você vai ficar assado feito um peru de Natal em um minuto.

– E aquela ali? – perguntou Jonathan, apontando para a caixa aos pés de Emma.

– Aquela ali leva tudo junto. As varetas expostas, o prédio. Tudo. Agora saia daqui.

Mas Jonathan ficou onde estava. Olhou para sua mulher e percebeu que ela era uma desconhecida.

– Me ajude, Emma. Você pode desligar aquela bomba. Eu conheço você. Sei que não tem a intenção de fazer isso.

– Não, Jonathan, você não me conhece.

E então Emma se virou e saiu correndo para longe dele, empurrando a porta

mais próxima para abri-la. Por um instante, ele pôde ver a silhueta dela iluminada pela luz do sol; logo depois, sem olhar para trás, ela sumiu.

Jonathan se ajoelhou ao lado da caixa preta. Um timer de LED na tampa indicava 1:26, 1:25. Ele correu os dedos pelas laterais, mas não conseguiu sentir qualquer dobradiça nem ver qualquer parafuso. Ninguém havia se dado ao trabalho de revistá-lo desde que saíra de Paris, então ele ainda estava com o canivete suíço, o qual já fazia 20 anos que carregava no bolso esquerdo. Soltando a lâmina principal, tentou inseri-la por baixo do mostrador de LED. No início, a peça resistiu, mas ele deu um empurrão violento na faca e a lâmina entrou. Jonathan começou a forçar a lâmina mais para dentro, usando o punho fechado, mas, em vez de se abrir para revelar os controles, o mostrador de LED se destacou inteiramente da caixa, expondo três fios – um vermelho, um azul, um verde – que desapareciam no interior do artefato.

Anos antes, ele havia acompanhado uma equipe da ONU em uma operação para desativar minas em Angola. Prestara muita atenção em como os engenheiros localizavam as minas, limpavam a terra e depois desatarraxavam cuidadosamente a base. Eram minas antipessoais russas, e os engenheiros sempre as desarmavam simplesmente cortando o fio amarelo que conectava o sensor de pressão ao detonador. Mas a bomba de Emma não tinha nada disso. Nenhum fio amarelo, nenhum sensor de pressão, nenhum detonador.

Seus olhos se ergueram em direção à piscina. A água havia descido 2 metros abaixo da borda. Outros 2 metros, no máximo, cobriam as pontas das varetas de combustível. O brilho azul estava mais forte, mais maligno do que nunca.

Ele tornou a olhar para a bomba.

:45

Jonathan sacou a tesourinha do corpo do canivete. Tocou cada um dos três fios, sem saber ao certo o que iria acontecer se cortasse algum deles. Detonadores funcionavam fazendo explodir uma pequena cápsula que, por sua vez, detonava o explosivo, causando uma explosão maior. A ideia era cortar o fio que causava essa primeira explosão, neutralizando, portanto, a cápsula. Ele não sabia se cortar algum dos outros fios resultaria em uma detonação instantânea.

:20

Jonathan pôs a tesourinha em volta do fio azul, depois mudou de ideia e posicionou-a em volta do fio vermelho.

:10

Acionou a tesourinha, mas o fio não se rompeu. Usou mais força, mas mesmo assim as lâminas não rompiam o revestimento de plástico.

:05

Usando as duas mãos, tornou a tentar, reunindo toda a sua força nos dedos. O fio começou a ceder. Ele ficou olhando os números decrescerem, apertando a tesou rinha com mais força até o metal duro penetrar em seus dedos. Pôde ver um filamento de cobre e fez um último esforço.

:00

A tesourinha cortou o fio.

Jonathan desabou sobre os calcanhares, olhando fixamente para os dígitos vermelhos berrantes do LED, para a caixa metálica preta que não havia explodido. Ou será que ele havia de fato derrotado o relógio? Estava atordoado demais para saber ao certo.

Olhou para a piscina. A água cristalina havia descido abaixo do nível dos

suportes de titânio até a ponta das varetas de combustível. Como se pudessem sentir a presença do oxigênio, as varetas pareciam pulsar.

E ali a água parou.

O nível da água caíra abaixo do buraco irregular aberto pela primeira bomba e 30 centímetros, não mais que isso, cobriam as varetas de urânio, mas 30 centímetros bastavam. A água não podia mais escoar para fora da piscina.

A porta pela qual Emma tinha fugido se abriu. O coronel Graves e a inspetora-chefe Ford entraram no prédio, seguidos por uma dúzia de soldados da tropa de choque e pelo administrador da central. Jonathan contou pelo menos 10 metralhadoras apontadas diretamente para ele e concluiu que talvez fosse melhor ficar onde estava.

Graves olhou para Jonathan, para suas mãos ensanguentadas e para a bomba semidesmantelada entre seus joelhos. Então estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar.

– Nós vimos tudo pelos monitores da sala de controle do reator.

– Pensei que fosse conseguir convencê-la a desistir – disse Jonathan.

Graves refletiu sobre isso, mas não fez nenhum comentário.

Kate Ford deu um passo à frente, passou um dos braços em volta das costas de Jonathan e o conduziu em direção à saída.

– Venha, vamos limpar essas feridas – disse ela.

Jonathan estacou.

– Onde ela está? – perguntou ele.

Graves olhou para Ford, em seguida de volta para Jonathan, que se preparou para a notícia. Mas Graves só fez balançar a cabeça.

– Ainda não a encontramos. Mas não se preocupe. Estamos vasculhando o complexo. Ela não pode ter ido muito longe.

Jonathan aquiesceu. Ela fugira, e todos eles sabiam disso. Ele olhou por cima do ombro para o rombo aberto na parede da piscina de aço inox.

– Não baixou o suficiente – disse ele, quase para si mesmo. – A água não chegou a expor as varetas.

– O que foi? – perguntou Graves. – Não ouvi o que o senhor disse.

Mas Jonathan não respondeu. De repente, sentiu-se cansado demais para responder.

– Vamos – disse Kate. – Temos que pegar um avião de volta para a Inglaterra.

– Eu tenho escolha? – perguntou Jonathan.

– Não mesmo – respondeu Graves. – Se o senhor acha que isso o livrou de alguma coisa, está muito enganado.

76

UMA HORA DEPOIS, *SIR* ANTHONY ALLAM, diretor-geral do MI5, pegou o telefone e ligou para Frank Connor.

– Sua garota acabou de aparecer.

– Onde?

– Central nuclear de La Reine, na Normandia. Ela tentou causar algum tipo de acidente para paralisar a rede nuclear do país. Queria explodir a usina inteira. E quase conseguiu.

– Vocês estão com ela?

– Não – respondeu Allam. – Ela fugiu.

– Droga – disse Connor.

– A Polícia francesa emitiu um alerta nacional para a prisão dela. A Interpol também está cooperando.

– Não vai adiantar nada. Ela parece um fantasma. Ninguém jamais irá encontrá-la.

– Pode ser – disse Allam. – Mas nós sabemos que ela estava trabalhando para Sergei Shvets, do FSB. Na verdade, ela é russa, mas você devia saber disso desde o começo.

– É claro que eu sabia. Eu a fiz mudar de lado oito anos atrás. É difícil acreditar que ela tenha voltado para eles. – Connor deu um suspiro. – Isso tudo é culpa minha. Se ao menos os meus homens não tivessem fracassado em Roma… Não gosto de deixar bagunça para trás.

– A Inteligência francesa deteve Shvets. Parece que ele estava supervisionando a operação pessoalmente. Conseguimos encontrá-lo em um aparelho em Paris e foi lá que ele foi preso. Estamos segurando a notícia até o primeiro-ministro falar com o Kremlin.

– Eu não apostaria dois vinténs nas chances de ele voltar à Rússia.

– Seja como for – continuou Allam –, as suas ações em Londres nestes últimos dias foram no mínimo pouco corteses.

– Emma Ransom traiu a Divisão – disse Connor. – Eu fiz o que precisava ser feito. Desculpe se pisei em algum calo. Não precisa mais se preocupar. Estou pegando o avião de volta hoje à noite.

– Boa viagem. Darei notícias sobre as coisas lá na França. – Allam fez uma pausa, olhando para o relógio na parede. Já fazia dois minutos que ele estava falando em uma linha não protegida. Torceu para que fosse suficiente. – Ah, Frank, alguma ideia de para onde ela teria ido?

– Quem pode saber? Como eu disse, ela parece um fantasma.

◆◆◆

Frank Connor desligou. A conexão não estava ruim, considerando o fato de ele estar muitos quilômetros distante da torre mais próxima. Uma onda levantou a escuna e ele se segurou no leme para se equilibrar. *Uma das mãos é do barco*, havia lhe ensinado o pai. A regra primordial da vela. Do lado esquerdo da proa, ainda se via o litoral francês e ao longe, em meio à bruma, a imensa cúpula branca de La Reine.

– Então – disse ele, estendendo uma toalha para Emma Ransom. – *Para onde* você está indo?

– Ainda não sei – respondeu ela, secando os cabelos. – Tudo depende do que acontecer agora, não é?

Connor lhe deu um tapinha nas costas.

– É, Lara. Acho que sim.

– Meu nome é Emma – disse ela. – Emma Ransom.

Connor aquiesceu. Sabia que era melhor não discutir. Era natural que os agentes ficassem emotivos ao final de uma missão, e aquela havia sido especialmente difícil.

– Você não vai tentar entrar em contato com ele.

Emma olhou para Connor, depois desviou os olhos depressa.

– Não, não vou.

– Ele nunca pode saber.

– Entendo.

Connor sorriu e disse algumas palavras sobre dever, pátria e o preço que eles, naquela profissão, precisavam pagar. Eram banais e ele já tinha dito a mesma coisa uma centena de vezes, mas ainda acreditava nelas. Acreditava em cada palavra.

Emma Ransom balançou a cabeça e fitou o litoral distante.

– Ei, Frank, cale essa boca e pilote o barco.

77

ERA FINAL DE SETEMBRO e um vento gelado soprava do Círculo Polar Ártico, cobrindo Moscou e fazendo as temperaturas despencarem até em torno de zero grau. Por toda parte, as pessoas vestiam casacos pesados e tinham o pescoço enrolado em cachecóis de lã. No Parque Gorky, o rinque de patinação congelou e foi aberto duas semanas antes do previsto. Os meteorologistas rapidamente previram mais um inverno longo e rigoroso. Mas em nenhum lugar fazia mais frio do que no subsolo da Lubyanka, a secular fortaleza de granito que abrigava os prisioneiros políticos mais notórios do país.

– Você nos deixou em uma situação constrangedora, Sergei – disse o presidente russo. – As provas são irrefutáveis, e isso sem levar em conta a sua captura em Paris.

Shvets estava sentado diante da mesa de madeira nua, com a cabeça erguida.

– Imagino que sejam – disse ele. – Afinal de contas, foram eles que forjaram essas provas.

– Ridículo – disse Igor Ivanov. – Daqui a pouco você vai alegar que foram os americanos que planejaram a operação. Me diga uma coisa, foi Frank Connor quem sugeriu a você me matar?

– Foi ideia minha – respondeu Shvets em tom desafiador.

Os três homens estavam sentados em uma sala pequena e úmida, dois andares abaixo do nível do solo. Não havia janelas. As paredes, o teto e o piso eram feitos do mais rudimentar concreto e não tinham qualquer adorno. Uma lâmpada fluorescente que piscava era a única fonte de iluminação.

Uma pasta de couro impecável com o brasão do MI5 ocupava o centro da mesa. Cerimoniosamente, o presidente a abriu e examinou os documentos um a um.

– Uma conta de hospital de 25 mil euros paga para um de seus agentes e rastreada até a empresa fantasma do FSB. Cinco quilos de Semtex encontrados em um apartamento de Paris emprestados ao FSB pelos seus aliados iranianos, idêntico ao que foi usado no atentado com o carro-bomba em Londres. E o mais importante: um laptop contendo arquivos confidenciais indicando vínculos com o mesmo agente, bem como um detalhamento da operação passo a passo. A lista

continua. – O presidente guardou os documentos e fechou meticulosamente a pasta. Unindo as mãos, tornou a falar. – Você não deixa outra escolha ao nosso governo a não ser confessar tudo.

Ivanov fitou Shvets com seu olhar mais raivoso.

– Por causa disso vamos ter que passar uma década puxando o saco dos britânicos.

– Você está do lado deles – disse Shvets, sustentando o olhar de Ivanov. – Isso tudo foi um plano para me eliminar. Uma armação. Perguntem a ela. Ela vai dizer.

– Nós já perguntamos. Muitas vezes – disse o presidente. – Eu, pelo menos, estou convencido de que Larissa Alexandrovna Antonova está dizendo a verdade, e que ela é uma cidadã altruísta e corajosa. Considerando as circunstâncias do seu recrutamento, ela não teve escolha senão demonstrar lealdade a você. Nós a perdoamos e esperamos usar os seus muitos talentos no futuro.

Shvets abaixou a cabeça.

– Meu Deus – disse. – Eles conseguiram.

– Já chega – disse o presidente. – Levante-se. Vamos acompanhá-lo de volta até sua cela.

Shvets levantou-se, mantendo os joelhos firmes, com a postura do soldado que um dia tinha sido. Afastou-se da mesa e abriu a porta do corredor. Enquanto caminhava, manteve a cabeça erguida.

Não sentiu o cano da pistola encostar em sua nuca nem a bala penetrar seu crânio. Viu um breve clarão e depois mais nada.

♦♦♦

O presidente abaixou a arma.

– Eu disse a ele que se descobrisse que um russo tinha tentado matar você, iria executar esse homem pessoalmente.

Ivanov olhou para o cadáver.

– Já vai tarde.

De repente, o presidente inclinou a cabeça, olhando desconfiado para Ivanov.

– Você não é, é?

– O quê? – perguntou Ivanov.

– Um agente americano.

Ivanov olhou para o presidente. Um sorriso surgiu em seus lábios e ele

começou a rir. Instantes depois, o presidente pôs-se a rir com ele e, por muito tempo, suas risadas ecoaram pelas frias paredes de pedra.

– Sabe – disse o presidente, recuperando o fôlego –, acabei de me lembrar que nós temos uma vaga inesperada que precisa ser preenchida. Você teria interesse em assumir a diretoria do FSB?

Igor Ivanov engoliu em seco.

– Seria uma honra.

78

O TELEFONE TOCOU ÀS 6 DA MANHÃ, horário da Costa Leste dos Estados Unidos. Sozinho na cama, Frank Connor tirou o celular de baixo do travesseiro e examinou o número que estava chamando. Sentou-se na mesma hora, totalmente desperto.

– Oi – atendeu. – O que foi?

– Sou eu – respondeu Igor Ivanov. – Estou dentro.

Epílogo

Helmatyar, Vale do Swat
Afeganistão

O SOL ESTAVA QUASE SE PONDO quando a caminhonete surrada chegou. Antes de a poeira baixar, meia dúzia de crianças saiu correndo de dentro de casebres de barro e sólidas construções de pedra e cercou a caminhonete. Massoud, o vira-lata de três pernas do vilarejo, comandou a investida, latindo enlouquecido e mostrando os dentes. Massoud pertencia ao Exército dos Estados Unidos, mas os soldados o haviam deixado para trás depois de uma granada arrancar sua pata e o vale deixar de ser seguro.

Nenhum dos cerca de 20 homens sentados em volta da fogueira coletiva esboçou qualquer movimento em direção à caminhonete. Continuaram a mascar folhas de bétel enquanto mantinham os olhos grudados no bode que assava lentamente no fogo. Era a primeira carne que comiam em uma semana e uma boa refeição era mais importante do que uma visita. Ninguém importante chegava ao anoitecer e sem aviso prévio.

Apenas Khan, o ancião do vilarejo, se levantou para receber o desconhecido alto que saltou da caçamba da caminhonete. O visitante usava roupas de nativo, com o xale branco típico da região enrolado na cabeça. Uma barba preta áspera salpicada de fios brancos cobria boa parte de seu rosto, mas mesmo com a luz fraca não era possível deixar de notar os olhos escuros, atentos. O homem trazia uma bolsa de couro a tiracolo. Olhou para o ancião e aproximou-se de forma respeitosa.

– Quem é você? – perguntou Khan em pashto, de afegão para afegão.

– Um médico.

Khan identificou o sotaque na mesma hora, mas escondeu a surpresa. Fazia mais de um ano desde a última vez que os cruzados haviam ousado aventurar-se tão ao sul. Bastaria uma palavra para aquele homem ser executado. Mas havia algo em seu olhar que clamava por atenção.

– Qual o seu nome, amigo?

– Jonathan.

Khan apertou a mão do visitante e a segurou por tempo suficiente para saber que ele era um homem bom e digno de confiança.

– Minha neta está doente, Dr. Jonathan – disse Khan. – Pode ajudar?

Jonathan Ransom olhou para os casebres de barro, para a fogueira e para os rostos das crianças erguidos em sua direção, ansiosos. Bem no alto da montanha, os últimos raios de sol lançavam uma luz roxa tranquilizadora sobre a paisagem acidentada. Ele estava em casa.

– Vou tentar.

Agradecimentos

Como sempre, tenho dívidas com várias pessoas por seu esforço e ajuda no processo de dar vida a este livro.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao delegado superintendente Charlie McMurdie, da London Metropolitan Police.

Além disso, na New Scotland Yard, gostaria de agradecer ao inspetor-chefe Chris Nolan.

Em Londres, quem também me ajudou foram David Cleak e Ken Laxton, bem como um ex-funcionário do MI5 que deseja permanecer anônimo. Ai de quem o contrariar!

Obrigado a meu amigo Thomas Sloan por fazer as apresentações.

Nos Estados Unidos, meus agradecimentos ao Dr. Douglas Fischer, agente especial do Departamento de Justiça da Califórnia; ao Dr. Andrew Kuchin, do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, por seus conhecimentos sobre todos os assuntos relacionados à Rússia; e ao Dr. Jon Shafqat, por seus conhecimentos médicos e subsequente leitura atenta do manuscrito. E a Tom Rouse, da Qualcomm, que me ajudou a desmontar um telefone celular e explicou o que havia lá dentro.

Uma determinada pessoa dedicou uma quantidade enorme de seu tempo a me dar uma aula introdutória sobre a indústria de energia nuclear. Saí convencido de que ela representa uma solução segura, sustentável e limpa para a autonomia energética. Pelas muitas horas que passamos juntos, e pelas incontáveis xícaras de chocolate quente da Starbucks, sou-lhe grato.

Na Doubleday, meus sinceros agradecimentos a todos os membros da equipe do *A vingança*: Bill Thomas, John Pitts, Todd Doughty, John Fontana, Alison Rich, Bette Alexander e, principalmente, minha brilhante editora, Stacy Creamer. E esta é uma boa hora para dar as boas-vindas a meu novo editor, Jason Kaufman. Por último, mas não menos importante, um agradecimento especial ao incomparável Steve Rubin. É um privilégio trabalhar com um grupo de profissionais tão incrível.

Reservo um agradecimento especial a meu agente, Richard Pine, e a seus talentosos e batalhadores colegas da Inkwell Management, em especial Michael

Carlisle, Elisa Petrini, Masie Cochran e Charlie Olsen. Ao longo dos anos, nosso relacionamento deixou de ser profissional para se tornar pessoal. A Inkwell é minha família. Richard, você é meu irmão.

Em um registro mais pessoal, gostaria de agradecer à equipe da academia Body Refinery em Encinitas, na Califórnia, e em especial a meu personal trainer, Michael Barbanti, que sempre move mundos e fundos para encontrar maneiras novas e originais de me libertar das minhas angústias criativas. *Res firma, mitescere nescit.*

Por fim, gostaria de dar vivas à minha família, que me inspira a dar o melhor de mim um dia sim e o outro também: a Noelle e Katja, a quem amo mais a cada dia, e a minha mulher, Sue, sempre minha primeira e melhor crítica.

♦♦♦

Este livro é dedicado a James F. Sloan. Conheci Jim quando estava fazendo a pesquisa para *The Devil's Banker* [O banqueiro do diabo, inédito no Brasil]. Na época, Jim cuidava da Rede de Combate a Crimes Financeiros (FinCEN, na sigla em inglês). Ele e sua equipe não pouparam esforços para ilustrar os diversos métodos usados para rastrear as finanças dos terroristas. Quando encontrei Jim em sua sala pela primeira vez, percebi na mesma hora que estava diante de um indivíduo extraordinário. Jim tem a segurança tranquila e a sólida competência de um líder nato. Antes de trabalhar na FinCEN, ele passou 20 anos no Serviço Secreto e se aposentou como agente especial responsável pelo escritório de Baltimore. Nunca vou me esquecer do sorriso em seu rosto quando ele me mostrou uma foto sua ao volante do papamóvel durante a visita de João Paulo II aos Estados Unidos em 1979. O menino católico irlandês de Springfield, Massachusetts, tinha chegado lá!

Ao longo dos anos, nunca passei por Washington sem fazer uma visita a Jim. Acompanhei a evolução incessante de sua carreira quando ele saiu da FinCEN e entrou para a Guarda Costeira como o primeiro civil no cargo de comandante assistente da Inteligência. Na época, ele teve várias oportunidades para trocar o trabalho no governo pelas searas bem mais abastadas da segurança privada. Recusou todas as propostas, sentindo (e nisso estava certo) que poderia contribuir mais para o país e para a nossa sociedade caso continuasse a trabalhar para o governo.

Dois anos atrás, Jim contraiu esclerose lateral amiotrófica, mais conhecida como "doença de Lou Gehrig". Foi um golpe duro e incompreensível. Isso não deveria acontecer com um homem saudável, cheio de vida, que ainda tinha tanta

coisa a realizar, tantos motivos para continuar no mundo. Minhas primeiras reações foram incredulidade e tristeza. Depois fiquei furioso. Como essa doença tinha o topete de atingir um homem que exemplifica o melhor do espírito humano?

Enquanto este livro é finalizado, Jim prossegue em sua corajosa luta contra essa terrível enfermidade. Está enfraquecido no corpo, mas não na mente. Ele até hoje conserva a mesma segurança, o mesmo carisma e a mesma retidão de espírito que observei na primeira vez em que nos encontramos.

E irá conservá-los para sempre.



BIBLIOTECA
DO EXILADO

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

A farsa

Christopher Reich

Durante uma escalada nos Alpes Suíços, o cirurgião Jonathan Ransom e sua bela esposa, Emma, são surpreendidos por uma avalanche. Na tentativa de buscar um abrigo contra uma tempestade iminente, ela fratura a perna, cai em uma greta e morre.

Vinte e quatro horas depois, Jonathan recebe um misterioso envelope endereçado à mulher, contendo dois recibos de bagagem de uma longínqua estação de trem. Ao resgatar as malas, é surpreendido por dois homens que tentam tirá-las de suas mãos. Durante a briga, o médico acaba matando um deles e deixando o outro gravemente ferido e só então descobre que eram policiais.

No meio desse turbilhão de acontecimentos, ele jamais poderia imaginar que a situação ficaria ainda pior. Ao abrir as malas, Jonathan descobre estranhos objetos que revelam a verdadeira identidade de Emma: uma agente secreta envolvida em atos terroristas e espionagem internacional.

Procurando desesperadamente compreender os fatos, ele se torna alvo de uma perseguição implacável, tomando parte em uma conspiração que coloca em risco a humanidade.

Com uma narrativa ágil e repleta de aventura, intriga e suspense, *A farsa* é pura adrenalina do início ao fim.

Confie em mim

Harlan Coben

Preocupados com o comportamento cada vez mais distante de seu filho Adam – principalmente depois do suicídio do melhor amigo, Spencer Hill –, o Dr. Mike Baye e sua esposa, Tia, decidem instalar um programa de monitoração no computador do garoto. Os primeiros relatórios não revelam nada de importante. Porém, quando eles já começavam a se sentir mais tranquilos, uma estranha mensagem muda completamente o rumo dos acontecimentos: "Fica de bico calado que a gente se safa."

Perto dali, a mãe de Spencer, Betsy, encontra uma foto que levanta suspeitas sobre as circunstâncias da morte de seu filho. Ao contrário do que todos pensavam, ele não estava sozinho naquela noite fatídica. Teria sido mesmo suicídio?

Confie em mim é um suspense eletrizante, mas também um convite à reflexão sobre temas mais profundos. Nesse livro, Harlan Coben aborda assuntos atuais, como a facilidade de acesso às informações na era da internet, e questiona os limites no relacionamento entre pais e filhos: quando é hora de intervir? Quando o melhor é simplesmente *confiar*? Até onde você iria para proteger as pessoas que mais ama na vida?

Não conte a ninguém

Harlan Coben

Há oito anos, enquanto comemoravam o aniversário de seu primeiro beijo, o Dr. David Beck e sua esposa, Elizabeth, sofreram um terrível ataque. Ele foi golpeado e caiu no lago, inconsciente. Ela foi raptada e brutalmente assassinada por um *serial killer*.

O caso volta à tona quando a polícia encontra dois corpos enterrados perto do local do crime, junto com o taco de beisebol usado para nocautear David. Ao mesmo tempo, o médico recebe um misterioso e-mail, que, aparentemente, só pode ter sido enviado por sua esposa.

Na mira do FBI como principal suspeito da morte da esposa e caçado por um perigosíssimo assassino de aluguel, David Beck contará apenas com o apoio de sua melhor amiga, a modelo Shauna, da célebre advogada Hester Crimstein e de um traficante de drogas para descobrir toda a verdade e provar sua inocência.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett
Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben
A cabana, de William P. Young
A farsa, de Christopher Reich
Água para elefantes, de Sara Gruen
O símbolo perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown
Julieta, de Anne Fortier
O guardião de memórias, de Kim Edwards
O guia do mochileiro das galáxias, *O restaurante no fim do universo*, *A vida, o universo e tudo mais*, *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams
O nome do vento, de Patrick Rothfuss
A passagem, de Justin Cronin
A revolta de Atlas, de Ayn Rand
A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da Editora Arqueiro, basta cadastrar-se diretamente no site www.editoraarqueiro.com.br

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar seus comentários sobre este livro, visite o site www.editoraarqueiro.com.br ou mande um e-mail para atendimento@editoraarqueiro.com.br

EDITORA ARQUEIRO
Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa
São Paulo – SP – 05042-000 – Brasil
Telefone: (11) 3868-4412 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br